



COMPANHIA DAS LETRAS

20 Contos de

TRUMAN  
CAPOTE

Contos  
completos

## Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la.

Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.

A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](#)

<http://LeLivros.com>



TRUMAN CAPOTE

## 20 contos

*Tradução*

José Geraldo Couto

Hildegard Feist

Rubens Figueiredo

Sergio Flaksman

Alvaro Hattnher

Ivo Korytowski

Otacílio Nunes Jr.

Sergio Tellooli

Samuel Titan Jr.

*Introdução*

Reynolds Price



COMPANHIA DAS LETRAS

## Sumário

Introdução [*Respostas úteis* — Reynolds Price]

As paredes são frias

Um vison próprio

A forma das coisas

O jarro de prata

Miriam

Meu lado da questão

A lenda do Pregador

Uma árvore da noite

O falcão sem cabeça

Fechar a última porta

Crianças em seus aniversários

Senhor Desgraça

A pechincha

Um violão de diamante

Uma casa de flores

Memória de Natal

Entre os caminhos para o Éden

O convidado do Dia de Ação de Graças

Mojave

Um Natal

*Sobre o autor e o organizador*

*Créditos*

Os Estados Unidos nunca foram uma terra de leitores, não, pelo menos, daquilo que é chamado de ficção literária. E no século xx só dois escritores de ficção digna de nota conseguiram tornar-se nomes americanos familiares — Ernest Hemingway e Truman Capote. Cada um deles conquistou essa distinção dúbia por meios que quase não incluíam sua tão freqüentemente celebrada obra. Hemingway — robusto, barbado e sorrindo — chegou à maioria dos lares nas páginas das revistas *Look*, *Life* e *Esquire* com uma vara de pescar ou uma espingarda de caça na mão, ou ao lado de um infeliz touro espanhol prestes a ser morto. Depois da publicação do relato não ficcional de Capote sobre um assassinato coletivo no Kansas rural, ele (com seu físico minúsculo e sua voz aguda) se tornou o astro instantâneo de numerosos *talk shows* de televisão — fama que manteve mesmo quando o consumo de bebidas alcoólicas e drogas o transformou numa sombra inchada de seu eu anterior. E mesmo agora — com a morte de Hemingway por um tiro de espingarda auto-infligido em 1961 e a de Capote, em 84, pela autodestruição implacável — suas melhores obras continuam a ser gravemente denegridas por críticos e leitores compreensivelmente insatisfeitos. Mas muitos dos contos e pelo menos três dos romances de Hemingway chegam o mais perto da perfeição que a prosa consegue chegar, e Capote deixou não só uma irresistível narrativa de crime como uma quantidade de ficção inicial (três romances curtos e um punhado de contos) que aguarda a atenção detida e a admiração comedida que ele conquistou há muito.

Aqui estão reunidos os contos de Capote; e eles cobrem a maior parte de sua vida criativa até o devastador sucesso de *A sangue frio*, publicado em 1965, quando ele tinha pouco mais de quarenta anos. Com a abundância de publicidade brilhantemente auto-administrada dessa irresistível história de crime, Capote não só aterrissou em milhões de mesas de centro americanas e em todas as telas de tv; conseguiu também granjear a afeição dos habitantes do café-soçaito e das

subnutridas rainhas da moda que buscara com tanta frustração em anos anteriores.

Logo ele anunciaria sua intenção de publicar um romance longo que examinaria a sociedade americana de forma tão impiedosa quanto aquela como Marcel Proust retratara a alta sociedade francesa no fim do século XIX e início do XX. Mas uma consideração que Capote aparentemente nunca discutiu, e a respeito da qual não o questionaram em público, foi decisiva para o colapso final de sua visão (se é que ele tinha uma). A sociedade de Proust era baseada no *sangue*, firmemente fundada em posições de eminência social francesa havia séculos erigidas sobre dinheiro, propriedade e poder real sobre a vida de outros seres humanos. A sociedade de Capote apenas oscilava sobre as bases insubstanciais e finalmente inconseqüentes da riqueza financeira; roupas, casas e iates elegantes e beleza física ocasional (as mulheres eram com freqüência belas, os homens, muito raramente). Qualquer estudo ficcional longo de um mundo como esse provavelmente implodiria em razão da trivialidade final de seu tema.

Quando Capote emergiu de exaustivas rodadas de atividade social e sexual e começou a publicar excertos de seu romance — menos de duzentas páginas —, viu-se abandonado da noite para o dia por praticamente todos os seus amigos ricos; e refugiou-se num túnel de pesadelo de drogas, bebida e práticas sexuais do tipo psiquicamente mais danoso. Apesar das numerosas tentativas de recuperação, seus vícios só pioraram; e, quando ele morreu, uma alma desgraçada muito aquém da velhice, deixou apenas algumas páginas da alta pilha de manuscritos que afirmava ter escrito de seu grande romance. Se chegou a haver mais, ele destruiu as páginas antes de morrer (e seus amigos mais íntimos discordavam da probabilidade de existir uma quantidade significativa de trabalho).

Um arco tão trágico instiga qualquer observador a arriscar um palpite sobre sua causa, e o que sabemos do começo da vida de Capote fornece um gráfico quase perfeito para qualquer estudioso de Freud que presuma ser uma vida adulta desastrosa o resultado inevitável de uma infância infeliz. E a cuidadosa biografia de Capote de autoria de Gerald Clarke mapeia a infância, a adolescência e a idade adulta inicial de Capote como deslocadas, solitárias e privadas de emoção. O jovem Truman foi, em essência, abandonado por uma mãe jovem demais e sexualmente aventureira e um pai vigarista que o deixaram numa cidadezinha do Alabama com um punhado de primos solteiros (primos e vizinhos que pelo menos o recompensaram com um útil suprimento de boas histórias).

Quando a mãe enfim casou outra vez e chamou o adolescente Truman para suas casas em Connecticut e Nova York, mudou o sobrenome dele de Persons para o do segundo marido, Joe Capote, um cubano de charme

considerável e fidelidade escassa. O garoto fisicamente estranho — cuja voz e cujos modos afeminados, de uma obviedade chocante, angustiavam profundamente a mãe — freqüentou boas escolas do Norte, onde teve um mau desempenho em quase todas as matérias exceto leitura e escrita. Então, determinado a seguir a carreira de escritor, ele decidiu não fazer faculdade, conseguiu um emprego menor no departamento de arte da *New Yorker*, lançou-se em alguns dos círculos sociais mutuamente exclusivos da escrita e das farras noturnas da cidade grande e começou o trabalho sério na ficção que lhe traria a fama prematura.

As primeiras narrativas aqui reunidas refletem claramente a leitura de Capote da ficção de seus contemporâneos, em especial histórias muito recentes de seus amigos sulistas Carson McCullers, da Geórgia, e Eudora Welty, do Mississippi. “Miriam”, com sua lugubridade talvez demasiado fácil, e “O jarro de prata”, com sua afetada espirituosidade provinciana, podem sugerir as primeiras histórias de McCullers. E “A forma das coisas”, “Meu lado da questão” e “Crianças em seus aniversários” podem ser vistas de imediato como narrativas não-exatamente-acabadas de Welty, em particular “Meu lado da questão”, com sua extrema semelhança com a famosa “Why I live at the P. O.” [Por que eu moro no correio], de Welty.

Mas a infância de Capote, passada num mundo de classe média branca tão próximo do de Welty e McCullers — e num lar estranhamente parecido com aquele descrito nos monólogos cômicos de Welty —, pode muito bem ter extraído tais histórias de um jovem escritor de talento, ainda que ele nunca tenha se deparado com uma narrativa de Welty ou McCullers (Welty me contou que, quando foi entrevistada para a *Paris Review* em 1972, George Plimpton sugeriu que o entrevistador levantasse a questão de sua influência na obra inicial de Capote; e ela se recusou a discutir o assunto, pois não desejava alimentar nenhuma reivindicação da dependência de outro escritor em relação a ela).

Em geral, todavia, no fim dos anos 40, a voz ficcional de Capote era claramente a dele próprio. Seu estranhamente potente primeiro romance — *Other voices, other rooms* [Outras vozes, outros lugares], de 1948 —, erigido como é sobre as bases convencionais do gótico moderno do Sul, termina como uma estrutura inquestionavelmente original que, mesmo agora, é uma afirmação poderosa da dor da solidão inicial de Capote e do seu desnorteamento em face dos mistérios sexuais e familiares que tinham começado a violar a confiança dele e acabariam contribuindo muito para seu colapso final numa vergonha agoniada, mesmo em meio a tanto sucesso posterior, artístico, social e financeiro. Os mesmos dilemas aparecem em parte em contos como “O falcão sem cabeça”, “Fechar a última porta” e “Uma árvore da noite”.

Mas, dado que a homossexualidade era então uma realidade cotidiana problemática para Capote e que as revistas americanas ainda eram avessas a

publicar retratos sinceros do problema, talvez possamos compreender agora por que falta a essas primeiras histórias um centro emocional claro. Tivesse ele escrito contos tão sinceros em suas visões da homossexualidade quanto seu primeiro romance conseguiu ser, eles quase certamente não teriam sido publicados, por certo não nas revistas femininas amplamente lidas que eram os centros de boa parte da melhor ficção em forma de conto da época. Foi em seu segundo romance — *The grass harp* [A harpa de ervas], de 1951 — que ele descobriu um meio maduro de empregar áreas importantes de seu passado para dar força a uma ficção que soaria com verdade pessoal convincente. Essas áreas estavam centradas não na sexualidade, mas na dedicação profundamente encorajadora que ele recebia de uma determinada prima na infância e de lugares que ele e essa amiga freqüentavam em suas brincadeiras e preces. A prima era a srta. Sook Faulk, uma mulher de preocupações tão leves e de tão poucos afetos que muitos a julgavam simplória, embora ela fosse apenas (e admiravelmente) simples; e, nos anos em que ela e o jovem Truman viveram na mesma casa, ela lhe deu o enorme presente de um amor digno — um presente que ele não recebera de nenhum parente mais próximo.

Entre essas narrativas, essa profundidade de sentimento e sua externação magistral na prosa memoravelmente clara que marcaria o restante da obra de Capote são visíveis acima de tudo em sua famosa história “Memória de Natal”, na menos conhecida “O convidado do Dia de Ação de Graças” e em “Um Natal”, e este último talvez seja um pouco doce para gostos contemporâneos, mas, sendo tão verdadeiro, é quase igualmente comovente em suas revelações de mais uma ferida inicial — esta ministrada por um pai irresponsável e distante. É provável que mais americanos conheçam “Memória de Natal” por meio de um excelente filme para televisão, com um desempenho extraordinário de Geraldine Page; mas quem ler o conto terá encontrado um fato mais raro do que qualquer desempenho na tela. Pela simples clareza de sua prosa e por uma brilhante economia de ritmo narrativo permanente, Capote limpa de toda possível sentimentalidade um pequeno rol de personagens, ações e emoções que poderiam ter se tornado abominavelmente doces em mãos menos observadoras e habilidosas. Só é possível pensar em Tchêkhov como suficientemente talentoso no tratamento de assunto semelhante.

Mas, uma vez de posse das habilidades para expressar a amplitude de emoções que desejava, Capote não se limitava a contar lembranças de infância, mais ou menos reais ou inteiramente inventadas. Como muitos escritores de ficção, com o passar do tempo ele escreveu cada vez menos contos — a vida freqüentemente se torna mais intrincada do que aquilo que as formas breves podem conter com facilidade. Mas uma história, “Mojave”, de 1975, encarna de modo brilhante e terrível os *insights* adquiridos por Capote nos primeiros anos que passou entre os ricos. Se ele tivesse vivido para escrever mais desses rápidos



vislumbres angulados do mundo odioso dos ricos, nunca teria nos deixado com a sensação de incompletude provocada pelos rumores de um romance longo.

E, se as décadas que ele passou longe da fonte sulista de sua melhor ficção — curta e longa — não o tivessem desinteressado ou tornado incapaz de escrever mais sobre aquele mundo primal, teríamos igualmente mais motivos para ser gratos por sua obra. Na verdade, no entanto, se pusermos a ficção de Capote no topo da pilha que inclui *A sangue frio* e um punhado vigoroso de ensaios de não-ficção, teremos reunido um corpo variado de obras que só é igualado por poucos de seus contemporâneos nos Estados Unidos da segunda metade do século xx.

Esse homem, que personificou um palhaço exótico nos primeiros e mais reservados anos de sua carreira e depois — pressionado pelo pesado fardo de seu passado — se tornou o palhaço público demente de seu fim, deixou, não obstante, obras de primeira classe suficientes para situá-lo agora — poucas décadas após sua morte — muito mais alto do que seu corpo pequeno e desdenhado jamais pressagiou. Em 1966, quando começou a anunciar que estava trabalhando num romance longo — e a receber por ele enormes adiantamentos do editor —, disse que intitularia o livro *Answered prayers*. E afirmou que *answered prayers* [súplicas atendidas] era uma expressão que encontrara entre os ditos de santa Teresa de Ávila — “Mais lágrimas foram derramadas por súplicas atendidas do que por súplicas sem resposta”. Há poucos sinais de que as preces a Deus ou a algum santo intercessor — digamos, um místico espanhol com apoplexia ou a prima Sook de Capote — tenham sido uma preocupação regular da vida de Truman Capote, mas sua busca de vida inteira por ampla atenção e riqueza foi espantosamente bem-sucedida. Antes de completar quarenta anos, ele alcançara os dois objetivos, em profusão torrencial e completo sofrimento.

Em sua ruína final, esta esguia coletânea de contos pode ter parecido a Capote a menor de suas realizações; mas, na arena da expressão dos sentimentos humanos, eles representam sua vitória mais impressionante. Do tormento de uma vida a ele imposta, primeiro, por um pai perversamente negligente e uma mãe que nunca devia ter dado à luz e, depois, por sua própria recusa a subjugar seus desejos ardentes, ele não obstante conquistou no campo de batalha da prosa inglesa estas histórias, que, nos seus melhores casos, deviam permanecer por longos anos vindouros como preces calmas duradouras e bênçãos consumadas — livres para que qualquer leitor use.

*Tradução de Otacilio Nunes Jr.*

20 contos de truman capote

As paredes são frias

“... então Grant disse a eles para virem conosco a uma festa maravilhosa, e, bom, foi fácil assim. Realmente, eu acho que foi genial trazê-los, Deus sabe que eles são capazes de nos ressuscitar do túmulo.” A garota que falava bateu a cinza do cigarro no tapete persa e olhou com cara de desculpa para sua anfitriã.

A anfitriã arrumou o elegante vestido preto e apertou os lábios, nervosa. Era muito jovem e pequena e perfeita. Seu rosto era claro e emoldurado pelo cabelo preto liso, e o batom era um pouquinho escuro demais. Passava das duas, e ela estava cansada e queria que todos fossem embora, mas não era tarefa fácil se livrar de umas trinta pessoas, particularmente quando a maioria estava encharcada do scotch de seu pai. O ascensorista tinha subido duas vezes para reclamar do barulho; então ela lhe dera um highball, que de qualquer modo é só o que ele quer. E agora os marinheiros... ah, eles que se danem.

“Está tudo bem, Mildred, de verdade. Que são alguns marinheiros a mais ou a menos? Deus, espero que eles não quebrem nada. Você pode ir à cozinha pegar gelo, por favor? Vou ver o que posso fazer com seus novos amigos.”

“Realmente, querida, não acho que isso seja necessário. Pelo que vi, eles se aclimatam com muita facilidade.”

A anfitriã caminhou na direção de seus convidados inesperados. Eles estavam apinhados num canto da sala de estar, apenas olhando e não parecendo muito à vontade.

O mais bem-apegoado do grupo de seis virou nervosamente o boné e disse: “Nós não sabíamos que era uma festa como esta, senhorita. Quer dizer, a senhorita não nos quer aqui, não é?”

“É claro que vocês são bem-vindos. O que estariam fazendo aqui se eu não os quisesse?”

O marinheiro estava constrangido.

“Aquele garoto, aquela Mildred e o amigo dela nos pegaram num bar, e nós não tínhamos idéia de que vínhamos para uma casa como esta.”

“Que absurdo, totalmente absurdo”, disse a anfitriã. “Você é do Sul, não é?”

Ele pôs o boné debaixo do braço e pareceu mais à vontade. “Sou do Mississippi. Imagino que nunca estive lá, estive, senhorita?”

Ela olhou para a janela e passou a língua nos lábios. Estava cansada, terrivelmente cansada daquilo. “Ah, sim”, mentiu. “Um belo estado.”

Ele deu um sorriso forçado. “A senhorita deve estar confundindo com algum outro lugar. Não há nada que chame a atenção no Mississippi, a não ser talvez na região de Natchez.”

“Natchez, claro. Eu estudei com uma garota de Natchez. Elizabeth Kimberly, conhece?”

“Não, não posso dizer que conheço.”

De repente, ela percebeu que estava sozinha com o marinheiro; todos os amigos dele tinham ido para perto do piano, onde Les tocava Porter. Mildred estava certa sobre a aclimatação.

“Venha”, disse ela. “Vou preparar um drinque para você. Eles podem se virar sozinhos. Meu nome é Louise, então, por favor, não me chame de senhorita.”

“O nome de minha irmã é Louise, eu me chamo Jake.”

“É mesmo? Que coisa adorável! Eu falo da coincidência.” Ela alisou o cabelo e sorriu com seus lábios escuros demais.

Entraram no vestibulo, e ela sabia que o marinheiro observava o modo como seu vestido balançava em volta dos quadris. Abaixou-se para passar pela porta atrás do bar.

“Bem”, disse, “o que vai ser? Eu esqueci, temos scotch e uísque de centeio e rum; que tal um belo rum com Coca?”

“Se você acha bom”, ele sorriu, passando a mão sobre a superfície espelhada do bar, “sabe, eu nunca vi um lugar como este. Parece coisa de cinema.”

Com um bastão misturador ela girou vigorosamente o gelo num copo. “Se você quiser, eu o levo para um passeio de quatro centavos. É muito grande, quer dizer, para um apartamento. Temos uma casa de campo que é muito, muito maior.”

Isso não pareceu certo. Era muito arrogante. Ela se virou e pôs a garrafa de rum de volta no nicho. Podia ver pelo espelho que ele olhava fixamente para ela, talvez através dela.

“Quantos anos você tem?”, ele perguntou.

Ela precisou pensar por um minuto, realmente pensar. Mentia com tanta frequência sobre a idade que às vezes ela mesma esquecia a verdade. Que diferença fazia ele saber ou não sua verdadeira idade? Então ela lhe contou.

“Dezesseis.”

“E nunca foi beijada...?”

Ela riu, não do clichê, da resposta que deu.

“Estuprada, você quer dizer.”

Estava de frente para ele, e viu que ele ficou chocado e depois alegre e depois alguma outra coisa.

“Ah, pelo amor de Deus, não me olhe assim, eu não sou uma menina má.”

Ele corou, e ela passou pela porta, voltando, e pegou a mão dele. “Venha, vou lhe mostrar o apartamento.”

Conduziu-o por um longo corredor revestido descontinuamente de espelhos, e mostrou a ele aposento por aposento. Ele admirava os tapetes macios em tom pastel e a mistura harmoniosa de móveis modernistas com móveis de época.

“Este é o meu quarto”, ela disse, segurando a porta aberta para ele, “não repare na bagunça, não é toda minha, a maioria das garotas se arrumou aqui.”

Não havia nada para ele reparar, o quarto estava em perfeita ordem. A cama, as mesas, o abajur eram todos brancos, mas as paredes e o tapete eram de um frio verde-escuro.

“Bem, Jake... o que acha, combina comigo?”

“Eu nunca vi nada assim, minha irmã nem acreditaria se eu contasse a ela... mas eu não gosto das paredes, me desculpe falar assim... esse verde... elas parecem muito frias.”

Ela pareceu desnorteada, e, sem saber bem por quê, estendeu a mão e tocou a parede atrás da penteadeira.

“Você tem razão, as paredes, quero dizer, elas são frias.” Olhou para ele, e por um momento seu rosto assumiu uma expressão tal que ele não soube ao certo se ela ia rir ou chorar.

“Eu não falei nesse sentido. Ah, eu não sei exatamente o que quis dizer!”

“Não sabe ou está só sendo eufemístico?” Não houve resposta, então ela sentou na beira de sua cama branca.

“Aqui”, disse, “sente-se e fume um cigarro, o que aconteceu com seu drinque?”

Ele sentou ao lado dela. “Eu deixei no bar. Parece bem calmo aqui depois de toda aquela algazarra lá na frente.”

“Há quanto tempo está na Marinha?”

“Oito meses.”

“Você gosta?”

“Não importa muito se a gente gosta ou não... Eu vi muitos lugares que não teria visto se não estivesse lá.”

“Então por que se alistou?”

“Ah, eu ia ser convocado, e a Marinha me pareceu mais conveniente.”

“E é?”

“Bom, vou dizer uma coisa para você, eu não me dou bem com esse tipo de vida, não gosto de outros homens mandando em mim. Você gostaria?”

Em vez de responder, ela pôs um cigarro na boca. Ele segurou o fósforo para ela, e ela deixou a mão roçar na dele. A mão dele tremia, e a chama não estava muito firme. Ela tragou e disse: “Você quer me beijar, não quer?”

Olhou atentamente para ele e viu o rubor se espalhar lentamente por seu

rosto.

“Por que não quer?”

“Você não é esse tipo de garota. Eu teria medo de beijar uma garota como você, além disso você só está caçoando de mim.”

Ela riu e soprou uma nuvem de fumaça em direção ao teto. “Pare, isso parece coisa tirada de um melodrama do tempo da iluminação a gás. Aliás, o que é ‘esse tipo de garota’? Só uma idéia. Você me beijar ou não não tem a mínima importância. Eu poderia explicar, mas para que me preocupar? Você provavelmente acabaria achando que eu sou ninfomaníaca.”

“Eu nem sei o que é isso.”

“Diabos, é justo isso que quero dizer. Você é um homem, um homem de verdade, e eu estou tão cansada desses rapazes fracotes e afeminados como o Les. Eu só queria saber como seria, é isso.”

Ele se inclinou sobre ela. “Você é uma garota engraçada”, disse, e ela estava nos seus braços. Beijou-a, deslizou a mão pelo ombro dela e pressionou seu seio.

Ela se virou e o empurrou com violência, e ele se estatelou no tapete verde e frio.

Ela se levantou e ficou parada diante dele, e eles se encararam. “Seu sujo”, ela disse. Depois deu um tapa no rosto perplexo dele.

Ela abriu a porta, hesitou, arrumou o vestido e voltou para a festa. Ele ficou sentado no chão por um momento, depois se levantou e foi para o vestibulo, e então lembrou que tinha deixado o boné no quarto branco, mas não se importou, só queria sair dali.

A anfitriã olhou para a sala de estar e acenou para que Mildred viesse.

“Pelo amor de Deus, Mildred, tire essas pessoas daqui; aqueles marinheiros, o que eles pensam que é aqui... a uso?”<sup>1</sup>

“Que houve, aquele sujeito a estava importunando?”

“Não, não, ele é só um idiota provinciano que nunca viu nada como isto e acabou se achando o máximo, de um jeito desrespeitoso. É só um grande aborrecimento, e eu estou com dor de cabeça. Você pode mandá-los embora por mim, por favor... todos?”

Ela assentiu com a cabeça, e a anfitriã voltou pelo corredor e entrou no quarto da mãe. Deitou na chaise longue de veludo e olhou para a pintura abstrata de Picasso. Pegou um travesseirinho rendado e o pressionou contra o rosto com toda a força. Ia dormir ali naquela noite, ali onde as paredes eram de um tom claro de rosa e quentes.

[1943]

---

1- uso: sigla de United Service Organizations, entidade privada sem fins lucrativos, criada em 1941, a pedido do presidente Frankin Delano Roosevelt, com o objetivo de reforçar o moral dos militares americanos e fornecer-lhes serviços de recreação. Conta atualmente com 120 centros espalhados pelo mundo. (N. T.)

## Um vison próprio

A sra. Munson acabou de entrançar uma rosa de linho no cabelo castanho avermelhado e recuou do espelho para avaliar o efeito. Então correu as mãos até os quadris... o vestido era justo demais, esse era o problema. “Uma mudança não vai salvá-lo”, ela pensou, irritada. Com um último olhar depreciativo para seu reflexo, virou-se e foi para a sala de estar.

As janelas estavam abertas, e a sala, cheia de gritos estridentes altos, pavorosos. A sra. Munson morava no terceiro andar, e do outro lado da rua ficava o playground de uma escola pública. No final da tarde o barulho era quase insuportável. Deus, se ela soubesse disso antes de assinar o contrato de aluguel! Com um pequeno grunhido fechou as duas janelas, e em sua opinião elas podiam ficar assim pelos dois anos seguintes.

Mas a sra. Munson estava excitada demais para ficar realmente aborrecida. Vini Rondo vinha visitá-la, imagine, Vini Rondo... e esta tarde! Quando ela pensou nisso, sentiu asas adejantes no estômago. Fazia quase cinco anos, e Vini tinha estado na Europa todo esse tempo. Sempre que a sra. Munson se encontrava num grupo discutindo a guerra, invariavelmente anunciava: “Bem, vocês sabem que eu tenho uma amiga muito querida em Paris neste exato minuto, Vini Rondo, ela estava lá quando os alemães chegaram! Eu tenho verdadeiros pesadelos quando penso no que ela deve ter passado!”. A sra. Munson dizia isso como se o que estivesse em jogo fosse seu próprio destino.

Se houvesse alguém na festa que ainda não tivesse ouvido a história, ela se apressava a dar explicações sobre a amiga. “Sabe”, começava, “Vini era a mais talentosa das garotas, interessada em arte e todo esse tipo de coisa. Bem, tinha um bocado de dinheiro, então ia à Europa pelo menos uma vez por ano. Por fim, quando seu pai morreu, ela empacotou suas coisas e foi de vez. Oh, mas ela teve um caso passageiro, e então casou com um conde ou barão ou coisa parecida. Talvez você tenha ouvido alguma coisa sobre ela... Vini Rondo... Cholly Knickerbocker<sup>1</sup> costumava falar dela o tempo todo.” E assim continuava, como numa aula de história.

“Vini, de volta à América”, ela pensou, sem parar de se deleitar com a maravilha daquilo. Afofou as almofadinhas verdes no sofá e sentou-se. Com olhos penetrantes, examinou a sala. É engraçado como nunca vemos de fato nosso ambiente até o momento em que esperamos uma visita. Bem, a sra. Munson suspirou de contentamento, aquela nova criada, para variar, tinha



restaurado os padrões anteriores à guerra.

A campainha soou abruptamente. Tocou duas vezes antes que a sra. Munson conseguisse se mover, de tão excitada. Por fim ela se compôs e foi atender.

De início a sra. Munson não a reconheceu. A mulher que a confrontava não usava nenhum penteado armado chique... na verdade seu cabelo pendia um tanto frouxo e parecia despenteado. Um vestido estampado em janeiro? A sra. Munson tentou evitar que a decepção aparecesse em sua voz quando disse: “Vini, querida, eu a reconheceria em qualquer lugar”.

A mulher ainda estava na soleira. Debaixo do braço, carregava uma grande caixa cor-de-rosa, e seus olhos cinza olhavam curiosos para a sra. Munson.

“Reconheceria, Bertha?” Sua voz era apenas um sussurro. “Que bom, muito bom. Eu também a teria reconhecido, embora você tenha engordado um pouco, não é?” Então ela aceitou a mão estendida da sra. Munson e entrou.

A sra. Munson estava constrangida e não sabia exatamente o que dizer. De braço dado, elas entraram na sala de estar e sentaram-se.

“Que tal um sherry?”

Vini balançou sua cabecinha escura: “Não, obrigada”.

“Bem, e que tal um scotch ou alguma outra coisa?”, perguntou, desesperada, a sra. Munson. O relógio-estatueta no falso consolo de lareira repicou suavemente. A sra. Munson nunca notara como ele soava alto.

“Não”, disse Vini com firmeza, “nada, obrigada.”

Resignada, a sra. Munson voltou a sentar no sofá. “Agora, querida, me conte. Quando chegou aos Estados Unidos?” Gostava do som daquilo. “Estados Unidos.”

Vini colocou a grande caixa cor-de-rosa entre as pernas e entrelaçou os dedos das mãos. “Estou aqui há quase um ano”, fez uma pausa, depois, percebendo a expressão de surpresa da anfitriã, se apressou, “mas não estive em Nova York Naturalmente eu teria entrado em contato com você antes, mas eu estava na Califórnia.”

“Ah, a Califórnia, eu adoro a Califórnia!”, exclamou a sra. Munson, embora, na verdade, em suas viagens para o Oeste ela nunca tivesse ido além de Chicago.

Vini sorriu, e a sra. Munson percebeu como seus dentes eram irregulares e decidiu que eles precisavam de uma boa escovada.

“Então”, continuou Vini, “quando eu voltei para Nova York na semana passada, logo pensei em você. Tive uma enorme dificuldade para encontrá-la, porque não conseguia lembrar do primeiro nome de seu marido...”

“Albert”, disse a sra. Munson, sem necessidade.

“... mas por fim lembrei, e aqui estou. Sabe, Bertha, eu realmente comecei

a pensar em você quando decidi me desfazer do meu casaco de vison.”

A sra. Munson viu um rubor repentino no rosto de Vini.

“Seu casaco de vison?”

“É”, disse Vini, erguendo a caixa cor-de-rosa. “Você se lembra do meu casaco de vison. Você sempre o admirou tanto. Sempre dizia que era o casaco mais adorável que já tinha visto.” Começou a desamarrar a fita de seda puida que prendia a caixa.

“É claro, sim, é claro”, disse a sra. Munson, deixando o “claro” vibrar suavemente.

“Eu disse comigo mesma: ‘Vini Rondo, para que você precisa desse casaco? Por que não deixar que Bertha o possua?’. Sabe, Bertha, eu comprei uma zibelina magnífica em Paris, e você deve entender que realmente não preciso de dois casacos de pele. Além disso, tenho minha jaqueta de pele de raposa prateada.”

A sra. Munson observou-a abrir o papel de seda na caixa, viu o esmalte lascado em suas unhas, viu que seus dedos não tinham jóias, e de repente percebeu muitas outras coisas.

“Então pensei em você, e, a menos que você o queira, vou simplesmente guardá-lo, porque não suportaria pensar em outra pessoa como dona dele.” Segurou o casaco e o virou para um lado e para outro. Era um belo casaco; a pele brilhava, viva e muito uniforme. A sra. Munson estendeu o braço e passou os dedos nele do jeito errado, eriçando os pêlos minúsculos. Sem pensar, disse: “Quanto?”.

A sra. Munson recolheu rapidamente a mão, como se tivesse tocado em fogo, e então ouviu a voz de Vini, baixa e cansada.

“Eu paguei quase mil por ele. Mil é demais?”

Na rua, a sra. Munson podia ouvir o rugido ensurdecido do playground, e por uma vez se sentiu agradecida. Ele dava a ela algo mais em que se concentrar, algo para diminuir a intensidade de seus sentimentos.

“Infelizmente, sim. Eu realmente não posso pagar isso”, disse a sra. Munson, distraída, ainda olhando para o casaco, com medo de erguer os olhos e ver o rosto da outra mulher.

Vini pôs o casaco no sofá. “Bem, eu quero que você fique com ele. Não é tanto pelo dinheiro, mas penso que devo ter algo em troca de meu investimento... Quanto você pode pagar?”

A sra. Munson fechou os olhos. Oh, Deus, isso era horrível! Tão horrível!

“Talvez quatrocentos”, respondeu debilmente.

Vini pegou de novo o casaco e disse, animada: “Então vamos ver como fica em você”.

Elas foram para o quarto, e a sra. Munson experimentou o casaco na frente do espelho de corpo inteiro de seu guarda-roupa. Apenas alguns ajustes,

encurtar as mangas, e talvez ela mandasse poli-lo de novo. Sim, certamente ele caía muito bem nela.

“Oh, eu acho que está lindo, Vini. Foi tão amável de sua parte ter pensado em mim.”

Vini encostou-se na parede, o rosto pálido parecendo severo à luz do sol magnificada das grandes janelas do quarto.

“Pode fazer o cheque para mim”, disse desinteressadamente.

“Sim, é claro”, disse a sra. Munson, voltando a si de repente. Imagine Bertha Munson com seu próprio vison!

Elas voltaram para a sala de estar, e ela preencheu o cheque para Vini. Depois de dobrá-lo cuidadosamente, Vini o guardou em sua bolsinha de contas.

A sra. Munson se esforçou para manter a conversa, mas a cada nova tentativa esbarrava numa parede fria. Uma vez perguntou: “Onde está seu marido, Vini? Você deve trazê-lo para conversar com Albert”. E Vini respondeu: “Ah, ele! Faz zilhões de anos que não o vejo. Pelo que sei, ainda está em Lisboa”. E foi isso.

Por fim, depois de prometer telefonar no dia seguinte, Vini foi embora. Assim que ela saiu, a sra. Munson pensou: “Ora essa, pobre Vini, não passa de uma refugiada!”. Então pegou seu novo casaco e foi para o quarto. Não podia contar a Albert como o conseguira, isso estava fora de questão. Meu Deus, mas ele ficaria louco por causa do dinheiro! Ela decidiu escondê-lo no canto mais inacessível do guarda-roupa, e então, um dia, ela o pegaria e diria: “Albert, olhe o vison divino que eu comprei num leilão. Paguei quase nada por ele”.

Tateando no escuro do guarda-roupa, ela pôs o casaco num cabide. Deu um puxãozinho e ficou aterrorizada ao ouvir o som de esgarçar. Acendeu depressa a luz e viu que a manga estava rasgada. Segurou o rasgo e puxou de leve. Ele se abriu mais, e mais. Sentindo um vazio pesaroso, ela soube que estava tudo péssimo. “Oh, meu Deus”, disse, agarrando a rosa de linho em seu cabelo. “Oh, meu Deus, eu fui lesada e bem lesada, não há nada neste mundo que eu possa fazer, absolutamente nada!” Porque de repente a sra. Munson se deu conta de que Vini não telefonaria nem no dia seguinte nem nunca mais.

[1944]

*Tradução de Otacilio Nunes Jr.*

escrita sucessivamente por vários jornalistas — do *New York Journal American*, vespertino de Nova York, de propriedade de William Randolph Hearst, publicado de 1919 a 1966. (N. T.)

## A forma das coisas

Uma mulher branca pequena e frágil, com o cabelo penteado à Pompadour, veio sacolejando pelo corredor do vagão-restaurante e se enfiou num assento ao lado de uma janela. Anotou seu pedido e então olhou de soslaio por cima da mesa para um fuzileiro naval e uma garota com rosto em forma de coração. De um só golpe, percebeu um anel de ouro no dedo da garota e um cordão de tecido vermelho enrolado em seu cabelo, e decidiu que ela era vulgar; mentalmente, rotulou-a de noiva de guerra. Sorriu timidamente, convidando à conversa.

A garota sorriu de volta: “A senhora deu sorte de chegar tão cedo, porque isto aqui está lotado. Nós nem conseguimos almoçar, pois havia soldados comendo... russos, ou coisa parecida. Nossa, a senhora devia tê-los visto, pareciam Boris Karloff, juro!”

A voz dela soava como um apito de chaleira, o que fez a mulher limpar a garganta. “Sim, com certeza”, ela disse. “Antes desta viagem eu nunca sequer sonhei que houvesse tantos no mundo, eu me refiro aos soldados. A gente nunca percebe até entrar num trem. Eu me pergunto: de onde vêm todos eles?”

“Dos comitês de recrutamento”, disse a garota, depois deu uma risadinha ridícula.

O marido dela corou, constrangido. “A senhora vai até o fim da linha?”

“Presumivelmente, mas este trem é lento como... como...”

“Melaço!”, exclamou a garota, e continuou, no mesmo fôlego: “Nossa, estou tão excitada, a senhora nem imagina. Passei o dia todo praticamente grudada na paisagem. Lá onde eu nasci, no Arkansas, é tudo meio achatado, então eu sinto um calafrio desde a ponta dos dedos do pé quando vejo essas montanhas”. E, virando-se para o marido: “Bem, você acha que estamos na Carolina?”

Ele olhou para fora pela janela, onde o lusco-fusco se espessava na vidraça. Captando prontamente a luz azul e as corcovas das colinas, que se fundiam e ecoavam umas às outras. Apertando os olhos, ele encarou de novo o brilho do vagão-restaurante. “Deve ser a Virgínia”, arriscou, e deu de ombros.

De repente, do lado dos vagões de passageiros, um soldado veio cambaleando na direção deles e desabou como um trapo no lugar vazio à mesa. Era pequeno, e o uniforme se derramava sobre ele num amontoado de dobras. O rosto, magro e anguloso, contrastava palidamente com o do fuzileiro, e o cabelo preto à escovinha brilhava sob a luz como um gorro de pele de foca. Com olhos

cansados estudando nebulosamente os três, como se separado deles por uma tela, ele tocou nervoso as duas divisas costuradas em sua manga.

A mulher, contrafeita, se deslocou e se apertou junto à janela. Depois de pensar um pouco, rotulou-o de bêbado, e, ao ver a garota franzir o nariz, soube que ela compartilhava o veredito.

Enquanto o negro de roupa branca descarregava a bandeja, o cabo disse: “O que eu quero é café, um bule grande, e uma dose dupla de creme”.

A garota afundou o garfo no frango com creme. “Bem, você não acha um horror o que esse pessoal cobra pela comida?”

E então começou. A cabeça do cabo passou a bambolear em contorções curtas incontroláveis. Uma pausa indolente com a cabeça caída de forma grotesca para a frente; uma convulsão muscular sacudindo o pescoço para os lados. A boca esticada de maneira asquerosa e as veias do pescoço retesadas.

“Oh, meu Deus”, gritou a garota, e a mulher deixou cair a faca de manteiga e automaticamente cobriu os olhos com uma mão suscetível. O fuzileiro olhou sem expressão por um momento, e então, recuperando-se depressa, sacou um maço de cigarros.

“Ei, amigo”, disse, “acho melhor você pegar um.”

“Por favor, obrigado... muito gentil”, murmurou o soldado, depois bateu o punho esbranquiçado na mesa. Os talheres estremeceram, a água se derramou dos copos. Um silêncio pairou no ar por um instante, e uma explosão de gargalhadas ecoou pelo vagão.

Então a garota, consciente da cortesia, esticou um cacho de cabelo atrás da orelha. A mulher ergueu os olhos e mordeu o lábio quando viu o cabo tentando acender o cigarro.

“Aqui, permita-me”, ela se ofereceu.

Sua mão tremia tanto que o primeiro fósforo apagou. Quando a segunda tentativa atingiu o alvo, ela conseguiu dar um sorriso banal. Passado algum tempo, ele se acalmou. “Estou tão envergonhado... por favor, me desculpem.”

“Ah, nós entendemos”, disse a mulher. “Entendemos perfeitamente.”

“Doeu?”, perguntou a garota.

“Não, não, não dói.”

“Eu fiquei assustada porque pensei que doesse. Dá a impressão que dói. Imagino que é meio como um soluço, não é?” Sobressaltou-se, como se alguém a tivesse chutado.

O cabo passou o dedo pela borda da mesa e disse: “Eu estava ótimo até entrar no trem. Eles disseram que eu ficaria bem. Disseram: ‘Você está cem por cento, soldado’. Mas é a excitação, você saber que está nos Estados Unidos e livre e que a maldita espera acabou”. Esfregou o olho. “Desculpem”, disse.

O garçom começou a servir o café, e a mulher tentou ajudá-lo. Com um empurrão irritado ele afastou a mão dela. “Pode deixar, por favor. Eu sei como

fazer!” Constrangida e confusa, ela se virou para a janela e viu seu rosto espelhado ali. O rosto era calmo, e isso a surpreendeu, porque ela sentia uma irrealidade desnorteante, como se oscilasse entre dois momentos de um sonho. Canalizando os pensamentos para outro lugar, ela acompanhou a solene viagem do garfo do fuzileiro do prato à boca. A garota agora comia muito vorazmente, mas a comida da mulher estava esfriando.

Então começou de novo, não de modo tão violento quanto antes. No clarão bruto do farol de um trem vindo em direção contrária o reflexo distorcido se embotou, e a mulher deu um suspiro.

Ele praguejava baixinho, e parecia mais que estava rezando. Então agarrou freneticamente os lados da cabeça, comprimindo-a com força.

“Escute, amigo, é melhor você arranjar um médico”, sugeriu o fuzileiro.

A mulher estendeu a mão e a pôs no braço dele. “Há algo que eu possa fazer?”, disse.

“O que eles costumavam fazer para parar isso era olhar nos meus olhos... enquanto estou olhando para os olhos de alguém, passa.”

Ela inclinou o rosto para perto do dele. “Isso”, disse ele, acalmando-se instantaneamente, “isso, muito bem. Você é um doce.”

“Onde foi?”, disse ela.

Ele franziu o cenho e disse: “Houve muitos lugares... são meus nervos. Estão estraçalhados”.

“E para onde você está indo agora?”

“Para a Virgínia.”

“E lá é sua casa, não é?”

“É, é lá que fica minha casa.”

A mulher sentiu os dedos doerem e afrouxou o aperto repentinamente intenso no braço dele. “É lá que é sua casa, e você deve se lembrar que a outra não tem importância.”

“Sabe de uma coisa?”, ele murmurou. “Eu te amo. Eu te amo porque você é muito tola e muito inocente e porque você nunca vai saber nada além do que vê nas fotografias. Eu te amo porque estamos na Virgínia e eu estou quase em casa.” Abruptamente a mulher desviou os olhos. Uma tensão ofendida impregnou o silêncio.

“Então você acha que é só isso?”, disse ele. Inclinou-se sobre a mesa e passou preguiçosamente a mão no rosto. “Tem isso, mas também tem a dignidade. E quando acontece com pessoas que a gente sempre conheceu? Você acha que eu quero sentar a uma mesa com elas ou com alguém como você e deixá-las enjoadas? Acha que eu quero assustar uma criança como esta aqui e pôr idéias na cabeça dela sobre o homem dela! Estou esperando há meses, e eles me dizem que estou bem, mas na primeira vez...” Parou, e suas sobrancelhas se juntaram.

A mulher pôs furtivamente duas notas sobre sua conta e empurrou a cadeira para trás. “Agora você me deixaria passar, por favor?”, disse.

O cabo se levantou e ficou ali olhando para o prato intocado da mulher. “Coma, desgraçada”, disse. “Você tem de comer!” E então, sem olhar para trás, desapareceu na direção dos vagões de passageiros.

A mulher pagou o café.

[1944]

*Tradução de Otacilio Nunes Jr.*



## O jarro de prata

Depois da escola, eu ia trabalhar no Valhalla, uma drugstore. O estabelecimento era de propriedade do meu tio, sr. Ed Marshall. Eu o chamo de sr. Marshall porque todo mundo, até mesmo sua esposa, o chamava assim. Na verdade, era um bom homem.

A loja talvez fosse antiquada, mas era grande, escura e fresca: durante os meses do verão, não havia lugar mais agradável na cidade. Na entrada, à esquerda, ficava o balcão de revistas e tabaco, atrás do qual, na maioria das vezes, sentava-se o sr. Marshall — um homem atarracado, de cara quadrada e pele rosada, com seu bigode curvo nas pontas, másculo e grisalho. Mais adiante, ficava o belo balcão das sodas. Era uma peça muito antiga, feita de um elegante mármore amarelado, suave ao toque e sem um único traço de esmalte barato. O sr. Marshall a tinha comprado em 1910, num leilão em Nova Orleans, e sentia grande orgulho dela. Quem sentasse naqueles bancos altos, delicados, e olhasse além do sifão, via a própria imagem refletida suavemente, como à luz de velas, numa fileira de antigos espelhos emoldurados em mogno. As mercadorias em geral ficavam expostas em armários com portas de vidro, como antiguidades, fechados com chaves de bronze. O ar estava sempre impregnado do cheiro de xarope de fruta, noz-moscada e outras delícias.

O Valhalla era o ponto de encontro de Wachata County, até que um certo Rufus McPherson chegou à cidade e abriu um estabelecimento semelhante, bem do outro lado da praça do fórum. Esse Rufus McPherson era um bandido; — quer dizer, roubou o comércio do meu tio. Instalou equipamentos bacanas na sua loja, como ventilador elétrico e luzes coloridas; atendia na calçada aos clientes que não desejassem descer do carro e fazia sanduíches de queijo quente. É claro que, embora alguns fregueses tenham permanecido fiéis ao sr. Marshall, a maioria não resistiu a Rufus McPherson.

Durante algum tempo, o sr. Marshall optou por ignorar o concorrente; à menção do nome McPherson, ele bufava, passava os dedos pelo bigode e fingia que não era com ele. Mas dava para ver que estava louco da vida. E cada vez mais. Então, um dia, lá por meados de outubro, entrei no Valhalla e o encontrei sentado junto do sifão, jogando dominó e bebendo vinho com o Hamurabi.

O Hamurabi era egípcio, uma espécie de dentista, embora não tivesse muito trabalho, já que, em geral, as pessoas por aqui têm dentes extremamente fortes, por causa de um componente na água. Boa parte do tempo, ele ficava à

toa no Valhalla e era o principal companheiro do meu tio. Era um homem bonito esse Hamurabi, de pele escura e uns dois metros de altura; as senhoras da cidade trancavam as filhas com cadeado e flertavam elas próprias com ele. Sotaque de estrangeiro, não tinha nenhum, e sempre achei que era tão egípcio quanto eu.

De todo modo, lá estavam eles, bebendo vinho tinto italiano diretamente de um jarro de quatro litros. Era uma visão preocupante, porque o sr. Marshall era notório abstinente. Portanto, claro, pensei comigo: “Ah, meu Deus, agora o Rufus McPherson deu nos nervos dele de vez”. Mas não era o caso.

“Tome, filho”, o sr. Marshall me disse, “beba um copo de vinho.”

“Isso mesmo”, completou o Hamurabi, “ajude a gente a acabar com ele. É vinho comprado, não podemos desperdiçar nem uma gota.”

Bem mais tarde, quando o jarro já estava seco, o sr. Marshall o apanhou e disse: “Muito bem, agora é que eu quero ver!”. E desapareceu no meio da tarde.

“Aonde ele foi?”, perguntei.

“Ah...”, foi tudo o que ouvi do Hamurabi, que gostava de me atormentar.

Meia hora depois meu tio voltou. Estava vergado e grunhia sob o peso que carregava. Depositou o jarro no balcão de mármore e deu alguns passos para trás, sorrindo e esfregando as mãos. “Bom, e aí, o que vocês acham?”

“Ah...”, ronronou o Hamurabi.

“Minha nossa...”, disse eu.

Deus é testemunha de que era o mesmo jarro de vinho, mas havia uma grande e maravilhosa diferença: ele agora estava cheio até a borda de moedinhas de cinco e dez centavos, rebrilhando foscas através do vidro grosso.

“Bonito, não é?”, comentou meu tio. “Pedi para encherem no banco. Não deu para enfiar moedas maiores, mas, ainda assim, tem um bocado de dinheiro aí dentro, podem acreditar.”

“Mas para que isso, sr. Marshall?”, perguntei. “Quer dizer, que idéia é essa?”

O sorriso do sr. Marshall expandiu-se, arreganhando os dentes. “Isto aqui é um jarro de prata, pode-se dizer...”

“O pote no fim do arco-íris”, atalhou o Hamurabi.

“... e a idéia, como diz você, é que as pessoas tentem adivinhar quanto dinheiro tem aí dentro. O cliente que fizer uma comprinha a partir de, digamos, vinte e cinco centavos vai poder arriscar um palpite. Quanto mais comprar, mais palpites poderá dar. Vou anotar todos os palpites num livro, até a véspera do Natal. Aí, quem tiver dado o palpite mais próximo da soma correta leva tudo.”

Solene, o Hamurabi assentiu com a cabeça. “Ele está brincando de Papai Noel — e um Papai Noel bem matreiro...”, disse. “Vou para casa, escrever um livro: *O hábil assassinato de Rufus McPherson*.” Para falar a verdade, o Hamurabi às vezes escreve contos e os envia para revistas. Até hoje, sempre os mandaram de volta.

Foi surpreendente, um verdadeiro milagre como Wachata County gostou dessa história do jarro. O próprio Valhalla não via tanto movimento assim desde que o chefe de estação, Tully, pobre homem, endoidou de vez, dizendo que tinha encontrado petróleo nos fundos da estação ferroviária, o que provocou uma invasão de aventureiros, todos vindos para tentar a sorte na cidade. Até mesmo os vagabundos do bilhar, que jamais gastavam um centavo em nada que não tivesse a ver com uísque ou mulheres, começaram a investir suas economias em milkshakes. Algumas senhoras mais velhas desaprovaram de público a iniciativa do sr. Marshall, considerando-a uma espécie de jogo de azar, mas não criaram nenhum problema: algumas até tiveram oportunidade de, numa ou noutra ocasião, nos visitar e arriscar um palpite. As crianças da escola ficaram loucas com a coisa toda, e eu me tornei muito popular, porque elas achavam que eu sabia a resposta.

“Vou explicar por que isso está acontecendo”, disse o Hamurabi, acendendo um daqueles cigarros egípcios que ele comprava por correio de uma firma de Nova York “Não é pelo motivo que se imagina; em outras palavras, não é avidez. Não. O que encanta é o mistério. O sujeito olha para as moedas todas, e o que ele pensa? Tem tanto? Não, não é assim. Ele pensa: *quanto* será que tem? E essa é, de fato, uma questão profunda. Entende?”

Quanto ao Rufus McPherson, ah, esse ficou bravo, e como! No comércio, conta-se com o Natal para faturar boa parte do lucro anual, e Rufus andava com dificuldade para encontrar clientes. Por isso, tentou imitar a idéia do jarro. Mas, pão-duro como era, encheu o dele de moedas de um centavo. Além disso, escreveu uma carta para o editor do *Banner*, nosso jornal semanal, dizendo que o sr. Marshall devia ser “coberto de alcatrão e penas e enforcado, por transformar crianças pequenas e inocentes em jogadores inveterados, pondo-as no caminho da perdição!”. Dá muito bem para imaginar o tipo ridículo que era esse McPherson. Ninguém lhe dedicava outra coisa senão escárnio. Assim, lá por meados de novembro, ele só podia postar-se na calçada defronte à loja e contemplar com amargura a festança do outro lado da praça.

Foi por essa época que Applesseed e sua irmã apareceram pela primeira vez.

Ele era um estranho na cidade. Pelo menos, ninguém se lembrava de tê-lo visto antes. Dizia que morava numa fazenda um quilômetro e meio adiante de Indian Branches, contou que sua mãe pesava só trinta e quatro quilos e que tinha um irmão mais velho que, por cinqüenta centavos, tocava rabeça em casamentos. Afirmava que aquele, Applesseed, era seu único nome e que tinha

doze anos de idade. Mas a irmã, Middy, contou que ele tinha oito. O cabelo era liso, de um louro escuro. O rosto, miúdo e tenso, curtido pelas intempéries, com olhos verdes ansiosos que lhe davam um aspecto sagaz de quem sabia das coisas. Era pequeno, franzino, nervoso e vestia sempre a mesma roupa: suéter vermelho e calça azul de brim, além das botas de homem adulto, que faziam clópi, clópi a cada passo que ele dava.

Estava chovendo quando dessa primeira aparição de Appleseed no Valhalla; os cabelos grudavam-se à cabeça como um boné, e as botas exibiam uma capa de barro vermelho das estradas de terra do campo. Middy seguiu-lhe os passos enquanto ele avançava com ares de vaqueiro em direção ao balcão das sodas, onde eu enxugava alguns copos.

“Ouvi dizer que vocês têm aí um garrafão cheio de dinheiro que vão dar para alguém”, disse, me olhando bem nos olhos. “E, já que estão dando mesmo, a gente ficaria muito contente de receber o dinheiro. Meu nome é Appleseed, e esta é minha irmã, Middy.”

Middy parecia uma menina muito triste. Era bem mais alta e parecia muito mais velha que o irmão, aquele tipo de garota que a gente costuma chamar de varapau. Tinha cabelos cor de estopa, cortados bem curtos, e uma carinha pálida de dar pena. Usava um vestidinho gasto de algodão, que acabava bem acima dos joelhos pontudos. Havia algo de errado com seus dentes, que ela tentava esconder franzindo os lábios, como uma velha.

“Me desculpe”, eu disse, “mas você vai ter de falar com o sr. Marshall.”

E foi o que ele fez. Pude ouvir meu tio explicando o que ele precisaria fazer para ganhar o dinheiro todo. Appleseed ouvia com atenção, assentindo com a cabeça de vez em quando. Depois, voltou, postou-se bem defronte ao jarro e, tocando-o de leve com a mão, disse: “Não é uma belezinha, Middy?”.

Middy respondeu: “Vão dar para a gente?”.

“Vão nada... Para ganhar, precisa descobrir quanto dinheiro tem aí dentro. E ainda tem de comprar alguma coisa de vinte e cinco centavos, para pelo menos poder dar um palpite.”

“Mas a gente não tem esse dinheiro. Onde você acha que vai conseguir vinte e cinco centavos?”

Appleseed franziu a testa e coçou o queixo. “Isso é o mais fácil, deixa comigo. O problema é que eu não posso só arriscar um palpite... Preciso *saber*.”

Bom, alguns dias depois, eles tornaram a aparecer. Appleseed empregou-se num banco junto do balcão de mármore e, confiante, pediu dois copos de água — um para ele, outro para Middy. Foi nessa ocasião que contou um pouquinho sobre sua família: “... e tem também o ‘papa’, o pai da minha mãe, que veio daqueles franceses lá da Louisiana, por isso não fala inglês direito. Meu irmão, o que toca rabeça, já foi em cana três vezes... Foi por causa dele que a gente teve de sair da Louisiana. Cortou lá um sujeito numa briga de faca, por causa de uma

mulher dez anos mais velha que ele. Era loura”.

Middy, logo atrás dele, disse, nervosa: “Você não devia ficar falando desses assuntos particulares de família desse jeito, Appleaseed”.

“Quietinha, Middy”, ele disse, e ela se calou. “É uma boa menina”, acrescentou ele, voltando-se para dar uns tapinhas na cabeça dela, “mas a gente não pode dar moleza. Vá olhar os livros com figurinhas, gracinha, e pare de ranger os dentes assim. O Appleaseed aqui precisa pensar um pouco.”

“Pensar” significava ficar olhando fixo para o jarro, como se tentasse comê-lo com os olhos. Com o queixo apoiado na mão, ele ficou ali, estudando o objeto por um bom tempo, sem nem piscar. “Uma senhora na Louisiana me disse que eu podia ver coisas que os outros não vêem, porque nasci empelicado.”

“Está na cara que você não vai conseguir ver quanto tem aí dentro”, eu disse a ele. “Por que não pensa num número e quem sabe você acerta?”

“Naaaa...”, resmungou ele, “é arriscado demais. Não posso correr um risco desses, não eu. Olhe aqui, o que eu penso é que só tem um jeito certo, seguro, que é contar as moedas todas.”

“Contar?!”

“Contar o quê?”, perguntou o Hamurabi, que acabara de entrar e se acomodava agora junto ao balcão.

“Este garoto diz que vai contar quanto tem no jarro”, expliquei.

O Hamurabi dirigiu um olhar interessado para Appleaseed. “Como é que você planeja fazer isso, filho?”

“Ora, contando, ué”, respondeu Appleaseed, como se não fosse nada.

Hamurabi riu. “Só se tiver olhos de raios X, filho, é o que eu posso dizer a você.”

“Não, que nada! Basta nascer empelicado. Foi o que uma senhora me disse na Louisiana. Ela era uma bruxa e me amava. Quando minha mãe não quis me dar para ela, ela pôs um feitiço na minha mãe, que agora pesa só trinta e quatro quilos.”

“Mui-to in-te-res-sante”, comentou o Hamurabi, lançando um olhar esquisito para Appleaseed.

Middy passeava pela loja, segurando um número de uma revista de cinema, a *Screen Secrets*. Apontou uma foto para Appleaseed e disse: “Olha só se esta dama não é a mulher mais bonita do mundo. Está vendo, Appleaseed, está vendo como são bonitos os dentes dela? Não tem nenhum fora do lugar”.

“Viu? Então pare de ranger os seus”, disse ele.

Depois que os dois foram embora, o Hamurabi pediu uma soda laranja, que bebeu devagar, enquanto fumava um cigarro. “Você acha que esse garoto bate bem da cabeça?”, perguntou, num tom intrigado.

Cidades pequenas são as melhores para se passar o Natal, eu acho. Elas entram logo no clima, mudam, animam-se, enfeitadas pela ocasião. Na primeira semana de dezembro, as portas das casas estavam enfeitadas com coroas de flores, e as vitrines das lojas reluziam com sinos de papel vermelho e flocos de neve de mica brilhante. As crianças faziam longas caminhadas até o bosque, de onde voltavam arrastando belos pinheiros. As mulheres dedicavam-se já a confeccionar os bolos de frutas, a abrir seus potes de passas e frutas cristalizadas e as garrafas de amora-preta e vinho moscatel. Na praça do fórum, uma árvore enorme foi adornada com lantejoulas prateadas e luzes coloridas, acesas ao pôr-do-sol. No fim da tarde, podia-se ouvir o coro da igreja presbiteriana ensaiando canções natalinas para seu espetáculo anual. Pela cidade inteira, os marmeleiros-da-china floresciam a toda.

A única pessoa que parecia absolutamente indiferente a essa atmosfera calorosa era Appleseed. Ele seguia dedicando-se à atividade já anunciada, ou seja, a de contar o dinheiro no jarro, o que fazia com grande e persistente cuidado. Agora, vinha todo dia ao Valhalla e se concentrava naquilo, franzindo as sobranceiras e balbuciando consigo mesmo. De início, ficamos todos fascinados, mas, passado algum tempo, aquela história começou a cansar, e ninguém mais prestava atenção nenhuma nele. De resto, ele não comprava nada; ao que parecia, não tinha conseguido arranjar os vinte e cinco centavos. Às vezes, Appleseed conversava com o Hamurabi, que se enternecera do garoto e volta e meia lhe pagava um quebra-queixo ou uma balinha de alçaçuz.

“Você ainda acha que ele é maluco?”, perguntei.

“Não tenho muita certeza”, disse o Hamurabi. “Se descobrir, eu conto. Ele não come direito. Vou levá-lo até o Café Arco-Íris e pagar um churrasquinho para ele.”

“Ele ia preferir ganhar uma moedinha de vinte e cinco centavos.”

“Não. O que ele precisa é de um churrasquinho no prato. Além disso, melhor seria que ele nunca arriscasse palpite nenhum. Um garoto nervoso assim, tão diferente — eu é que não ia querer ser o responsável, se ele arriscar e perder. Deus do céu, seria de cortar o coração.”

Eu, de minha parte, tenho de admitir que, naquele momento, Appleseed só me parecia uma figura engraçada. O sr. Marshall tinha pena dele, e as crianças tentavam provocá-lo, mas desistiam, porque ele se recusava a reagir. E lá ficava ele, todo santo dia, sentado no banco do balcão das sodas, com a testa franzida e os olhos sempre fixos no jarro. Era tão retraído que, às vezes, tinha-se a sensação arrepiante de que, bem, talvez ele não existisse. Mas aí, quando já se estava quase convencido disso, ele acordava e dizia algo como: “Quer saber? Espero que tenha uma daquelas moedinhas de 1913 aí dentro, com a figura do búfalo. Um conhecido viu e me disse que uma moeda dessas de 1913, com o búfalo, vale cinqüenta dólares”. Ou então: “Middy vai ser uma grande dama do cinema.

Ganham uma montanha de dinheiro, essas estrelas de cinema, e aí nunca mais vamos precisar comer outra folha de couve na vida. Só que a Middy diz que não pode trabalhar no cinema se não tiver dentes bonitos”.

A Middy nem sempre acompanhava o irmão. Mas, quando ela não vinha, Appleseed nem parecia o mesmo: ficava tímido e ia embora logo.

O Hamurabi manteve a promessa e pagou para ele o tal churrasquinho no prato. “Seu Hamurabi é legal, sim”, contou Appleseed depois, “mas ele tem umas idéias esquisitas. Acha que, se morasse num lugar chamado Egito, seria rei ou coisa parecida.”

O Hamurabi, por sua vez, disse: “Esse garoto tem uma fé comovente. É bonito de ver. Mas estou começando a sentir desprezo por essa coisa toda”. Apontou para o jarro. “Esperança desse tipo é uma coisa cruel de se dar a uma pessoa, e fico muito chateado de ter participado disso.”

No Valhalla, o passatempo mais popular entre os fregueses era decidir o que iriam comprar caso ganhassem o jarro. Entre os que tomavam parte nas especulações estavam: Solomon Katz, Phoebe Jones, Carl Kuhnhardt, Puly Simmons, Addie Foxcroft, Marvin Finkle, Trudy Edwards e um homem de cor chamado Erskine Washington. E eis aqui algumas de suas escolhas: uma viagem para Birmingham, para fazer uma permanente lá; um piano usado; um pônei Shetland; um bracelete de ouro; uma coleção de livros dos *Rover Boys*, e uma apólice de seguro de vida.

Uma vez, o sr. Marshall perguntou a Appleseed o que ele iria comprar. “É segredo”, foi a resposta, e não houve bisbilhotice capaz de fazê-lo contar o que seria. Concluímos que, fosse o que fosse, era alguma coisa que ele queria muito.

Em geral, não existe inverno sério nesta nossa região do país até final de janeiro, e, mesmo quando chega, ele é ameno e só dura pouco tempo. Mas, nesse ano sobre o qual escrevo, fomos abençoados com uma singular onda de frio na semana anterior ao Natal. Alguns falam disso até hoje, porque o frio era terrível: os canos de água congelaram; muitas pessoas tiveram de passar aqueles dias na cama, aninhadas debaixo dos acolchoados, porque não haviam se dignado ir buscar lenha suficiente para a lareira; o céu se tingiu daquele estranho cinza opaco que aparece antes das tempestades, e o sol brilhava pálido como lua minguante. O vento cortava: as folhas velhas e secas do outono caíam no chão gelado, e a grande árvore da praça do fórum foi despida duas vezes de seus trajes natalinos. Quando a gente respirava, saíam nuvens de fumaça. Lá para os lados da fiação de seda, onde moravam os bem pobres, as famílias se juntavam no escuro, à noite, e contavam histórias para espantar o frio. No campo, os fazendeiros recobriam suas plantas delicadas com sacos de aniagem e rezavam; alguns aproveitaram o frio para matar os porcos e vender lingüiça fresca. O sr. R. C. Judkins, o bêbado da cidade, se paramentou com um traje vermelho de gaze de algodão e foi trabalhar de Papai Noel na loja de artigos populares. Era

pai de uma família grande, e todo mundo ficou feliz de vê-lo sóbrio a ponto de poder ganhar uns trocados. Houve várias reuniões sociais na igreja, e numa delas o sr. Marshall ficou cara a cara com Rufus McPherson: trocaram palavras duras, mas nenhum soco.

Bom, como mencionei antes, Appleseed morava numa fazenda um quilômetro e meio para baixo de Indian Branches, o que significava uma distância de mais de quatro quilômetros da cidade — uma bela e solitária caminhada. Ainda assim, e apesar do frio, ele ia todo dia ao Valhalla e ficava até a hora de fechar, o que, com os dias mais curtos, acontecia depois do anoitecer. De vez em quando, pegava uma carona até parte do caminho com o capataz da fição, mas isso não acontecia com muita frequência. Parecia cansado, exibia rugas de preocupação em torno da boca. Estava sempre com muito frio e tremia um bocado. Não creio que vestisse camiseta e ceroula por baixo do suéter vermelho e da calça de brim, para se aquecer.

De repente, três dias antes do Natal, e absolutamente do nada, Appleseed anunciou: “Bom, acabei. Quer dizer, já sei quanto dinheiro tem dentro do garrafão”. Afirmou isso com certeza tão grave e solene que era difícil duvidar do que acabara de dizer.

“Ora, mas espere aí, filho”, disse o Hamurabi, também presente. “Não é possível que você saiba uma coisa dessas. É ruim pensar assim: você só vai se decepcionar.”

“O senhor não precisa me passar um sermão, seu Hamurabi. Eu sei o que estou fazendo. Uma senhora na Louisiana me disse que...”

“Sei, sei, eu já sei... Mas você precisa esquecer isso. Se eu fosse você, iria para casa, ficaria quietinho e esqueceria essa história do maldito jarro.”

“Meu irmão vai tocar rabeca num casamento em Cherokee esta noite, e vai me dar os vinte e cinco centavos”, teimou o Appleseed. “Amanhã, dou meu palpite.”

Assim, no dia seguinte, me senti meio alvoroçado quando Appleseed e Middy chegaram. E, claro, ele trazia consigo os vinte e cinco centavos: por segurança, amarrados na ponta de um grande lenço vermelho.

Os dois caminharam de mãos dadas por entre os armários de vidro, confabulando aos sussurros sobre o que comprar. Por fim, decidiram-se por um vidrinho de uma colônia de gardênia, do tamanho de um dedal, que Middy abriu de pronto, despejando parte do conteúdo nos cabelos. “Estou cheirosa como... Virgem Maria, nunca cheirei tão bem assim. Tome, Appleseed, me deixe derramar um pouquinho no seu cabelo.” Mas ele não quis saber.

O sr. Marshall apanhou o livro em que anotava os palpites, enquanto Appleseed se dirigia para perto do balcão de mármore, onde tomou o jarro nas



palmas das mãos e o acariciou com gentileza. Seus olhos brilhavam, as maçãs do rosto coraram de excitação. Diversas pessoas que se encontravam no estabelecimento àquela hora se juntaram para observar. Middy, mais afastada, coçava a perna e cheirava sua colônia, quietinha. O Hamurabi não estava.

O sr. Marshall lambeu a ponta do lápis e sorriu. “E então, filho, o que você me diz?”

Appleseed respirou fundo. “Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos”, respondeu, de um jorro.

Ao escolher um número tão quebrado, decerto demonstrava originalidade, já que o palpite mais comum das pessoas era um número redondo. Solene, o sr. Marshall repetiu a soma ao anotá-la.

“Quando vou saber se ganhei?”

“Na véspera do Natal”, alguém disse.

“É amanhã, então?”

“Claro, isso mesmo”, confirmou o sr. Marshall, nada surpreso. “Esteja aqui às quatro.”

Durante a noite, os termômetros caíram ainda mais, e, perto do amanhecer, despencou um daqueles temporais rápidos, como os do verão, de tal modo que o dia nasceu claro e gélido. A cidade parecia um postal retratando uma cena do Norte, com pingentes de gelo de um branco resplandecente nas árvores e os desenhos floridos que o frio pinta em todas as janelas. O sr. R. C. Judkins levantou cedo, e, sem nenhum motivo aparente, percorria as ruas badalando um daqueles sinos de chamar as pessoas para o jantar; parava aqui e ali para tomar um trago de uísque da garrafinha de meio litro que levava no bolso da calça. Como não soprava vento algum, a fumaça das chaminés subia preguiçosa e retilínea em direção ao céu calmo e gélido. No meio da manhã, ouvia-se já o coro presbiteriano em plena atividade, e os garotos da cidade (usando máscaras de horror, como no Halloween) corriam um no encalço do outro em torno da praça, fazendo um tremendo rebulição.

O Hamurabi apareceu ao meio-dia, para ajudar a preparar o Valhalla. Trouxe consigo um belo saco de tangerinas, que, juntos, comemos até a última, jogando as cascas numa gorda estufa situada bem no meio do salão (presente do sr. Marshall a si mesmo). Então, meu tio retirou o jarro do balcão de mármore, lustrou-o e o acomodou sobre uma mesa posicionada num ponto privilegiado. Depois disso, ele pouco ajudou, porque sentou numa cadeira e passou um bom tempo atando e reatando uma fita adesiva verde em torno do jarro. Assim sendo, o Hamurabi e eu tivemos de fazer o resto do trabalho sozinhos: varremos o chão, lavamos os espelhos, espanamos os armários de vidro e estendemos bandeirolas verdes e vermelhas de papel crepom de uma parede a outra. Quando

terminamos, estava tudo muito bonito e elegante.

O Hamurabi, porém, lançou um olhar tristonho para nossa obra, dizendo: “Bom, agora acho melhor eu ir andando”.

“Mas você não vai ficar?”, perguntou, chocado, o sr. Marshall.

“Ah, não, não vou, não”, respondeu o Hamurabi, balançando lentamente a cabeça. “Não quero ver o rosto daquele garoto. É Natal, e eu quero muita alegria. E alegria é o que não vou ter com uma coisa dessas na consciência. Ora, eu nem conseguiria dormir.”

“Você é quem sabe”, disse o sr. Marshall. Deu de ombros, mas dava para ver que tinha ficado magoado. “A vida é assim mesmo. Além disso, quem é que sabe? Ele pode até ganhar.”

O Hamurabi suspirou, sombrio. “Qual foi o palpite dele?”

“Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos”, eu disse.

“Ora, pois eu pergunto: não é uma coisa fantástica?”, disse ele. Depois, sentou-se numa cadeira ao lado do sr. Marshall, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. “Se você tem aqueles chocolatinhos Baby Ruths aí, acho que vou querer um. Estou com a boca azeda.”

A tarde avançava, e nós três ficamos sentados ali, em torno da mesa, sentindo uma profunda tristeza. Quase não trocamos nenhuma palavra, e, como as crianças haviam abandonado a praça, o único som que se ouvia era o do relógio batendo as horas no campanário do fórum. O Valhalla estava fechado, mas as pessoas continuavam passando e espiando pela janela. Às três horas, o sr. Marshall me mandou destrancar a porta.

Em vinte minutos, o lugar estava superlotado; todos vestiam sua melhor roupa dominical, e o ar tinha um cheiro doce, porque a maioria das meninas da fiação se perfumara com essência de baunilha. Os presentes se espremiavam ao longo das paredes, empoleiravam-se junto do balcão de mármore, enfiavam-se onde pudessem; logo a multidão tinha se esparramado até a calçada e avançado para a rua. Na praça, enfileiravam-se as carroças puxadas por animais e os Fords T que haviam trazido os fazendeiros e suas famílias para a cidade. As pessoas riam, gritavam, gracejavam um bocado — ofendidas, muitas senhoras reclamaram dos palavrões e dos modos rudes e dos empurrões dos mais jovens, mas ninguém foi embora. Na entrada lateral, formara-se um grupo de pessoas de cor, e eram os que mais se divertiam. Todos aproveitavam a ocasião tão propícia. Normalmente, é tão quieto aqui: quase nunca acontece nada. Posso dizer com segurança que quase toda Wachata County comparecera, à exceção dos aleijados e de Rufus McPherson. Olhei em torno à procura de Applesed, mas não o vi em lugar nenhum.

O sr. Marshall pigarreou ostensivamente e bateu palmas para chamar a atenção de todos. Quando as coisas se acalmaram e o clima de tensão era satisfatório, ele ergueu a voz feito um leiloeiro e proclamou: “Muito bem,

escutem todos! Neste envelope que vocês vêem na minha mão” — ele segurava o envelope pardo acima da cabeça —, “bem, nele está a *resposta*, que até este momento ninguém conhece, a não ser Deus e o banco, ha, ha, ha. E neste livro aqui” — ele ergueu o livro com a outra mão — “anotei os palpites de todos vocês. Alguma pergunta?”. Todos ficaram em silêncio. “Ótimo. Agora, preciso de um voluntário...”

Nenhuma criatura se moveu sequer um centímetro: era como se uma terrível timidez tivesse tomado conta da multidão, e mesmo aqueles que normalmente gostavam de aparecer ficaram olhando para os pés, envergonhados. Então, uma voz — a de Appleseed — gritou: “Me deixem passar... Dá licença, madame, por favor”. Trotando atrás dele, que avançava, vinham Middy e um sujeito magricela e sonolento, que só podia ser o irmão tocador de rabeca. Appleseed vestia a roupa de sempre, mas tinha esfregado o rosto até deixá-lo rosado de tão limpo, engraxara as botas e penteara os cabelos bem para trás, rente à cabeça, com brilhantina. “Chegamos na hora certa?”, resfolegou.

E o sr. Marshall emendou: “Então você quer ser nosso voluntário?”.

Appleseed pareceu perplexo, mas logo fez que sim, assentindo com todo o vigor.

“Alguém tem alguma objeção a que seja este jovem?”

O silêncio seguiu reinando, sepulcral. O sr. Marshall entregou, então, o envelope a Appleseed, que o recebeu com tranquilidade. Em seguida, o garoto mastigou o lábio inferior por um instante, estudando o envelope antes de rasgá-lo.

Em toda aquela assembléia não se ouvia um único som, a não ser um tossido ocasional ou o suave tilintar do tal sino do sr. R. C. Judkins. O Hamurabi estava encostado no balcão de mármore, junto do sifão, olhando para o teto; Middy contemplava o nada por sobre o ombro do irmão, e, quando ele começou a rasgar o envelope, ela deixou escapar um minúsculo arquejo de aflição.

Appleseed retirou um pedacinho de papel cor-de-rosa e, segurando-o como se se tratasse de coisa muito frágil, balbuciou para si mesmo o que estava escrito ali. De repente, seu rosto empalideceu, e lágrimas começaram a cintilar em seus olhos.

“Ei, diga lá, garoto!”, alguém gritou.

O Hamurabi avançou e praticamente arrancou dele o pedaço de papel. Depois, pigarreou, e ia começar a ler, quando sua expressão mudou de um jeito muito cômico. “Nossa Senhora Mãe de Deus...”, ele disse.

“Mais alto! Mais alto!”, um coro raivoso exigiu.

“Cambada de vigaristas!”, gritou o sr. R. C. Judkins, que, a essa altura, já enchera a cara. “Isto está me cheirando a tramóia. E tramóia das boas!” Uma tempestade de vaias e assobios rasgou o ar.

O irmão do Appleseed rodopiou nos calcanhares, e chacoalhava o punho.

“Cala a boca! Cala a boca todo mundo, antes que eu comece a bater cabeça contra cabeça e a distribuir galos do tamanho de um melão, estão me ouvindo?”

“Cidadãos...”, apelou o prefeito Mawes, “cidadãos, é Natal... É Natal, cidadãos...”

Foi aí que o sr. Marshall subiu numa cadeira e começou a bater palmas e pés, até restabelecer um mínimo de ordem. Conviria assinalar aqui que, segundo descobrimos mais tarde, o sr. Rufus McPherson pagara ao sr. R. C. Judkins para que desse início à baderna. De todo modo, uma vez contida a explosão, quem estava de posse do pedacinho de papel? Eu mesmo... Sei lá como.

Sem pensar, gritei: “Setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos!”. Claro, graças à agitação toda, nem percebi de imediato o que aquilo significava; era só um número. Então, o irmão do Appleaseed soltou seu potente grito de alegria, e eu compreendi. O nome do vencedor se espalhou com rapidez, e os sussurros murmurados de admiração soavam feito um aguaceiro.

O Appleaseed era uma visão de dar dó. Chorava como se tivesse sido ferido de morte, mas, quando o Hamurabi o ergueu nos ombros, para que a multidão pudesse dar uma olhadinha, ele enxugou as lágrimas nos punhos do suéter e começou a sorrir. O sr. R. C. Judkins gritou: “Trapaça! Pura trapaça!”, mas suas palavras foram abafadas por uma ensurdecadora salva de palmas.

Middy agarrou meu braço. “Meus dentes!”, guinchou. “Agora vou poder ter meus dentes!”

“Dentes?”, perguntei, meio atordoado.

“Dentes postiços”, ela disse. “É o que nós vamos comprar com o dinheiro: lindos dentes postiços branquinhos.”

Naquele momento, porém, meu único interesse era saber como Appleaseed tinha descoberto o número. “Ei, me conta”, supliquei a ela, “diz para mim como, em nome de Deus, ele sabia que eram exatos setenta e sete dólares e trinta e cinco centavos.”

E a Middy me dirigiu *aquele* olhar. “Ora, eu pensei que você já soubesse”, disse, com toda a seriedade. “Ele contou as moedas.”

“Está bem, mas como, contou como?”

“Minha nossa, você não sabe nem contar?”

“E foi só isso que ele fez?”

“Bom”, disse ela, depois de pensar por um instante, “ele rezou um pouquinho também.” Então, fez menção de se afastar, mas voltou-se e completou: “Além disso, ele nasceu empelicado”.

E foi o mais próximo que alguém jamais conseguiu chegar de resolver o mistério. Daí em diante, se se perguntasse a Appleaseed: “Como assim?”, ele abria um estranho sorriso e mudava de assunto. Muitos anos depois, ele e a família se mudaram para algum lugar da Flórida, e nunca mais se ouviu falar deles.

Em nossa cidade, contudo, a lenda do Appleseed segue firme e forte. Até morrer, um ano atrás, em abril passado, o sr. Marshall era convidado todo Natal a contar a história do Appleseed nas aulas de leitura da Bíblia dos batistas. Uma vez, o Hamurabi datilografou um relato e o enviou para diversas revistas. Nunca publicaram. A resposta de um editor dizia que, “se a menina tivesse mesmo se tornado artista de cinema, aí a história teria algum interesse”. Mas, se não foi isso que aconteceu, por que mentir?

[1945]

*Tradução de Sergio Tellaroli*

Durante muitos anos, a sra. H. T. Miller havia morado sozinha num apartamento confortável (dois quartos com quitinete) num prédio de arenito pardo, já reformado, perto do East River. Era viúva: a sra. H. T. Miller tinha uma pensão de valor bastante razoável. Sua renda era reduzida, não tinha amigas para conversar e raras vezes ia além da mercearia da esquina. Os demais moradores do prédio nunca pareciam perceber a presença dela: suas roupas eram comuns, o cabelo era cinza-escuro, preso e com ondulações naturais; ela não usava cosméticos, suas feições eram simples e discretas, e no último aniversário fizera sessenta e um anos. Suas atividades raramente eram espontâneas: conservava os dois quartos imaculados, fumava um cigarro de vez em quando, fazia a própria comida e cuidava de um canário.

Então conheceu Miriam. Nevava naquela noite. A sra. Miller tinha terminado de enxugar a louça do jantar e passava os olhos num jornal vespertino quando viu o anúncio de um filme que estava sendo exibido num cinema ali perto. O título soava bem, então ela se enfiou no seu casaco de pele de castor, amarrou as galochas e saiu do apartamento, deixando uma luz acesa no vestibulo: nada a perturbava mais que a sensação de escuridão.

A neve estava fina, caía de leve, nem deixava marcas na calçada. O vento que vinha do rio só batia nos cruzamentos. A sra. Miller se apressava, a cabeça curvada, distraída como uma toupeira que cava uma trilha que não sabe onde vai dar. Parou numa drugstore e comprou um pacotinho de balas de hortelã.

Uma fila comprida se estendia na frente da bilheteria; ela tomou seu lugar no fim da fila. Todos iam ter de esperar um pouco (uma voz cansada resmungou). A sra. Miller vasculhou sua bolsa de couro até juntar exatamente o dinheiro trocado para pagar o ingresso. A fila parecia não ter pressa nenhuma, e ela, olhando em volta para se distrair, de repente notou uma garotinha parada embaixo da marquise.

Tinha o cabelo mais comprido e mais estranho que a sra. Miller já vira; totalmente branco-prata, como o de um albino. Descia até a cintura em fios lisos e soltos. Era magra e de físico frágil. Havia uma elegância simples, especial, no seu jeito de se postar, com os polegares metidos nos bolsos de um casaco bem justo de veludo cor de ameixa.

A sra. Miller sentiu-se estranhamente agitada e, quando a garotinha lançou um olhar na sua direção, sorriu com simpatia. A garotinha aproximou-se e disse:

“A senhora se importa de me fazer um favor?”.

“Com todo o prazer, se eu puder”, respondeu a sra. Miller.

“Ah, é muito fácil. Eu só queria que a senhora comprasse um ingresso para mim; senão eles não me deixam entrar. Olhe aqui, tenho o dinheiro.” E graciosamente entregou à sra. Miller duas moedas de dez centavos e uma de cinco.

Entraram juntas para ver o filme. O lanterninha levou-as até a sala de espera; o filme ia terminar dali a vinte minutos.

“Eu me sinto como um criminoso de verdade”, disse com alegria a sra. Miller, enquanto sentava. “Sabe, a gente está fazendo uma coisa contra a lei, não é? Tomara que eu não tenha feito nada de errado. Sua mãe sabe que você está aqui, querida? Sabe, não sabe?”

A garotinha não disse nada. Desabotoou o casaco e dobrou-o no colo. Seu vestido era chique e azul-escuro. Uma correntinha dourada pendia sobre o pescoço, e os dedos, delicados e harmoniosos, brincavam com ela. Enquanto a examinava com mais atenção, a sra. Miller concluiu que o traço verdadeiramente distintivo não era o cabelo, mas os olhos; eram castanhos, firmes, nada tinham de infantil e, por causa do tamanho, pareciam engolir o rosto miúdo.

A sra. Miller ofereceu uma bala de hortelã. “Qual é o seu nome, querida?”

“Miriam”, respondeu ela, como se, de um modo curioso, já se tratasse de uma informação familiar.

“Puxa, não é engraçado?... Meu nome também é Miriam. E nem é um nome tão comum assim. Mas não vá me dizer que seu sobrenome é Miller!”

“Só Miriam.”

“Mas não é engraçado?”

“Moderadamente”, respondeu Miriam, e girou a bala de hortelã na língua.

A sra. Miller corou e remexeu-se com desconforto. “Você tem um vocabulário bem vasto para uma garotinha.”

“É mesmo?”

“Bem, é, sim”, respondeu a sra. Miller, mudando apressadamente de assunto: “Gosta de ir ao cinema?”.

“Na verdade não sei”, respondeu Miriam. “Nunca vim ao cinema antes.”

Mulheres começaram a encher a sala de espera; o estrondo das bombas do cinejornal ressoava ao longe. A sra. Miller levantou-se, apertando a bolsa debaixo do braço. “Acho melhor me apressar se quiser pegar um bom lugar”, disse. “Foi bom conhecer você.”

Miriam respondeu com um levíssimo aceno da cabeça.

Nevou a semana inteira. Rodas e passos não faziam ruído na rua, como se

a atividade de viver prosseguisse em segredo detrás de uma cortina embaçada mas impenetrável. No silêncio que caía lá fora, não havia céu nem terra, só neve pairando no vento, congelando no vidro da janela, resfriando os quartos, amortecendo e silenciando a cidade. Em todas as horas era necessário manter uma lâmpada acesa, e a sra. Miller perdeu a conta dos dias: sexta-feira não foi diferente de sábado, e no domingo ela foi à mercearia: fechada, é claro.

Naquela noite, fez ovos mexidos e sopa de tomate. Em seguida, depois de vestir um roupão de flanela e passar creme no rosto, enfiou-se na cama com uma bolsa de água quente sob os pés. Estava lendo o *Times* quando a campainha tocou. No início, pensou que devia ser engano e quem quer que fosse iria embora. Mas tocou de novo várias vezes e virou um zumbido insistente. Ela olhou para o relógio: passava um pouco das onze horas; não parecia possível, ela sempre dormia às dez.

Saiu da cama, atravessou depressa a sala, descalça. “Já vou, por favor, tenha paciência.” O trinco estava fechado; ela o girou para um lado e para o outro, e a campainha não parava nem um instante. “Pare”, gritou. A lingüeta cedeu, e ela abriu a porta dois centímetros. “Que foi, pelo amor de Deus?”

“Olá”, disse Miriam.

“Ah... puxa, olá”, respondeu a sra. Miller, avançando hesitante para o vestibulo. “Você é aquela garotinha.”

“Pensei que não fosse atender nunca mais, mas não tirei o dedo do botão; sabia que estava em casa. Não está contente de me ver?”

A sra. Miller não sabia o que dizer. Viu que Miriam vestia o mesmo casaco de veludo cor de ameixa e agora usava também uma boina para combinar; o cabelo branco estava preso em duas tranças reluzentes e enlaçadas na ponta com duas fitas brancas enormes.

“Já que esperei tanto tempo, a senhora podia pelo menos me deixar entrar”, disse a garotinha.

“É muito tarde...”

Miriam fitou-a com ar inexpressivo. “Que diferença isso faz? Deixe-me entrar. Está frio aqui fora, e estou com um vestido de seda por baixo.” Depois, com um gesto delicado, afastou a sra. Miller do caminho e entrou no apartamento.

Largou o casaco e a boina numa cadeira. Usava de fato um vestido de seda. Seda branca. Seda branca em fevereiro. A saia era lindamente pregueada, e as mangas eram compridas; a seda fazia um rumor suave enquanto ela andava pela sala. “Gostei da sua casa”, disse. “Gosto do tapete, azul é minha cor favorita.” Tocou numa rosa de papel num vaso sobre a mesinha de café. “Imitação”, comentou, desanimada. “Que triste. As imitações não são tristes?” Sentou-se no sofá, desdobrando a saia com capricho.

“O que você quer?”, perguntou a sra. Miller.



“Sente-se”, pediu Miriam. “Ver pessoas em pé me deixa nervosa.”

A sra. Miller afundou-se num tamborete acolchoado. “O que você quer?”, repetiu.

“Sabe, acho que não está contente por eu ter vindo.”

Pela segunda vez, a sra. Miller não teve o que responder; sua mão se mexeu vagamente. Miriam deu uma risadinha e recostou-se num monte de almofadas de algodão estampado. A sra. Miller observou que a garota estava menos pálida do que lembrava; as faces estavam coradas.

“Como soube onde eu morava?”

Miriam franziu as sobrancelhas. “Isso não está em questão. Qual é o seu nome? Qual é o meu?”

“Mas não estou na lista telefônica.”

“Ah, vamos falar de outra coisa.”

A sra. Miller disse: “Sua mãe deve ser louca para deixar uma criança como você sair na rua a esta hora da noite, e ainda por cima com roupas tão ridículas. Ela deve estar doida”.

Miriam levantou-se e caminhou até um canto onde uma gaiola de passarinho coberta por uma capa pendia do teto numa corrente. Deu uma espiada por baixo da capa. “É um canário”, disse. “A senhora se importa se eu o acordar? Queria ouvi-lo cantar.”

“Deixe o Tommy em paz”, respondeu a sra. Miller, aflita. “Não se atreva a acordá-lo.”

“Claro”, respondeu Miriam. “Mas não vejo por que motivo não posso ouvi-lo cantar.” E depois: “Tem alguma coisa para comer? Estou morrendo de fome! Podia ser leite e um sanduíche de geléia, já estava bom”.

“Olhe”, disse a sra. Miller, erguendo-se do tamborete, “olhe, se eu fizer uns sanduíches bem gostosos, você vai ser boazinha e vai embora para casa? Já passa de meia-noite, tenho certeza.”

“Está nevando”, censurou-a Miriam. “Está frio e escuro.”

“Bem, você não devia ter vindo aqui, para começo de conversa”, respondeu a sra. Miller, fazendo força para manter a voz sob controle. “Não posso fazer nada quanto ao tempo lá fora. Se quer algo para comer, vai ter de me prometer que vai embora.”

Miriam esfregou uma trança na bochecha. Os olhos ficaram pensativos, como se ponderassem a proposta. Ela se virou para a gaiola. “Muito bem”, disse, “prometo.”

*Quantos anos ela tem? Dez? Onze?* A sra. Miller, na cozinha, abriu um frasco de geléia de morango e cortou quatro fatias de pão. Serviu um copo de leite e parou a fim de acender um cigarro. *E por que veio aqui?* A mão tremeu

quando ela segurou o fósforo, fascinada, até que queimou o dedo. O canário começou a cantar; cantar como cantava de manhã e em nenhuma outra hora. “Miriam”, ela chamou. “Miriam, eu falei para não perturbar o Tommy.” Não houve resposta. Chamou de novo; só ouviu o canário. Tragou o cigarro e descobriu que tinha acendido a ponta do filtro e — ah, puxa, não podia perder a calma.

Levou a comida numa bandeja, que pôs em cima da mesinha de café. Primeiro viu que a gaiola continuava coberta com a capa. E Tommy cantava. Teve uma sensação esquisita. E não havia ninguém na sala. A sra. Miller atravessou uma ante-sala que ia dar no quarto de dormir; na porta, ela quase ficou sem ar.

“O que está fazendo?”, perguntou.

Miriam ergueu os olhos para ela, e no seu olhar havia algo que não era comum. Estava de pé junto à escrivaninha, uma caixa de jóias aberta diante dela. Por um minuto, observou a sra. Miller, forçou seus olhos a se encontrarem e sorriu. “Não tem nada que preste aqui”, disse. “Mas gostei disto.” A mão suspendeu um broche de camafeu. “É chique.”

“Eu acho... talvez fosse melhor pôr isso de volta no lugar”, disse a sra. Miller, sentindo de repente a necessidade de algum apoio. Encostou-se na ombreira da porta; a cabeça ficou insuportavelmente pesada; uma pressão acelerou o ritmo dos batimentos cardíacos. A luz pareceu piscar, com defeito. “Por favor, criança... um presente do meu marido...”

“Mas é lindo, e eu o quero”, disse Miriam. “*Dê isso para mim.*”

Quando a sra. Miller se apurou, procurando formar uma frase capaz de salvar seu broche de algum jeito, ocorreu-lhe que não havia ninguém a quem pudesse recorrer; estava sozinha; um fato que havia muito não figurava entre seus pensamentos. Sua simples ênfase era atordoante. Mas ali no seu próprio quarto, na cidade silenciada pela neve, havia provas que ela não podia ignorar ou, sabia disso com uma clareza assombrosa, provas às quais não podia resistir.

Miriam comeu avidamente, e, quando os sanduíches e o leite acabaram, seus dedos fizeram movimentos de teia de aranha pelo prato, recolhendo as migalhas. O camafeu brilhava na sua blusa, o perfil louro parecia um reflexo jocoso daquela que o usava. “Isso estava muito bom”, suspirou ela, “se bem que agora um bolinho de amêndoas ou umas cerejas seriam o ideal. Doces são adoráveis, a senhora não acha?”

A sra. Miller estava precariamente empoleirada no tamborete, fumando um cigarro. Sua rede de cabelo deslizara para o lado, e fios soltos pendiam a esmo pelo rosto. Os olhos estavam tolamente concentrados em nada, e as faces tinham manchas vermelhas, como se um tapa furioso tivesse deixado marcas

permanentes.

“Tem aí um doce... um bolo?”

A sra. Miller bateu a cinza no tapete. Sua cabeça balançou de leve enquanto tentava ajustar o foco dos olhos. “Você prometeu ir embora se eu fizesse os sanduíches”, disse.

“Puxa, prometi, é?”

“Foi uma promessa, e eu estou cansada e não estou me sentindo nada bem.”

“Não precisa ficar chateada”, disse Miriam. “Estou só brincando.”

Pegou o casaco, pendurou-o no braço e ajeitou a boina na cabeça diante de um espelho. Em seguida se curvou bem perto da sra. Miller e sussurrou: “Me dê um beijo de boa-noite”.

“Por favor... prefiro não dar”, respondeu a sra. Miller.

Miriam ergueu um ombro, arqueou uma sobrancelha. “Como quiser”, disse, e seguiu direto para a mesinha de café, agarrou o vaso que continha as rosas de papel, levou-o até o local onde a superfície do chão estava vazia e arremessou-o para baixo. Vidros espalharam-se para todos os lados, e ela pisoteou o buquê.

Depois, lentamente, caminhou até a porta, mas, antes de fechá-la, olhou para trás na direção da sra. Miller com uma curiosidade marotamente ingênua.

A sra. Miller passou o dia seguinte na cama, levantou-se uma vez para dar comida para o canário e beber uma xícara de chá; tirou a temperatura e não tinha febre, ainda assim seus sonhos estavam febrilmente agitados; o caráter desequilibrado dos sonhos perdurava mesmo enquanto ela fitava o teto com os olhos bem abertos, deitada. Um sonho se mesclava aos outros, como um tema vagamente misterioso numa sinfonia complicada, e as cenas que retratava eram delineadas de forma incisiva, como que desenhadas por uma mão dotada de grande vigor: uma garotinha, com um vestido de noiva e uma grinalda de folhas, guiava um grande cortejo que descia a trilha de uma montanha, e no meio dessa gente reinava um silêncio fora do comum, até que uma mulher lá atrás perguntou: “Para onde ela está nos levando?”. “Ninguém sabe”, respondeu uma velha que marchava na frente. “Mas ela não é mesmo bonita?”, acrescentou uma terceira voz. “Não parece uma flor coberta pela geada?... Tão brilhante e branca.”

Terça-feira de manhã ela acordou sentindo-se melhor; fortes riscas de sol inclinando-se através das persianas lançavam uma luz estilhaçante sobre seus devaneios sadios. Abriu a janela para descobrir um dia de degelo, ameno como na primavera; uma leva de nuvens novas e limpas encolhiam-se contra um céu vasto e azul, fora de estação; e por cima da linha baixa dos telhados ela conseguia

avistar o rio e a fumaça que saía das chaminés dos rebocadores e se curvava ao vento morno. Um grande caminhão prateado arava a rua atravancada pela neve, seu motor ressoava no ar com um zumbido.

Depois de arrumar o apartamento, ela foi à mercearia descontar um cheque e seguiu até o Schrafft's, onde tomou o café-da-manhã e bateu um papo descontraído com a garçonete. Ah, fazia um dia lindo, mais parecia um feriado — e seria uma grande bobagem ir para casa.

Tomou um ônibus na avenida Lexington e foi até a rua 86; ali resolveu fazer umas comprinhas.

Não tinha a menor idéia do que queria ou do que precisava, mas andou sem rumo, atenta apenas aos passantes, enérgicos e preocupados, que lhe davam uma perturbadora sensação de isolamento.

Foi enquanto aguardava na esquina da Terceira Avenida que viu o homem: um velho, de pernas arqueadas e curvado debaixo de uma braçada de pacotes estufados; usava um casaco marrom surrado e um boné xadrez. De repente se deu conta de que os dois, ele e ela, estavam trocando um sorriso; nada havia de amistoso naquele sorriso, eram só dois frios tremores de reconhecimento. Mas ela teve a certeza de que nunca o tinha visto antes.

Ele estava parado junto a um poste, e, quando ela atravessou a rua, virou-se e a seguiu. Continuou bem perto; pelo canto do olho, ela observava o reflexo dele oscilando nas vitrines das lojas.

Então, no meio do quarteirão, parou e encarou-o. Ele também parou e inclinou a cabeça, sorrindo. Mas o que ela poderia dizer? Ou fazer? Ali, em plena luz do dia, na rua 86? Era inútil, e, com desprezo por seu próprio desamparo, acelerou o passo.

Agora a Segunda Avenida é uma rua desoladora, feita de restos e detritos; em parte paralelepípedo, em parte asfalto, em parte cimento; e sua atmosfera de abandono é permanente. A sra. Miller caminhou cinco quarteirões sem encontrar ninguém, e durante todo o tempo o constante esmigalhar das passadas dele na neve soou próximo. E, quando ela chegou a um florista, o ruído ainda estava perto. Entrou depressa e olhou através da vidraça da porta enquanto o velho passava lá fora; ele mantinha os olhos fixos em frente, e não reduziu o ritmo dos passos, mas fez uma coisa estranha e reveladora: deu um leve toque no boné.

“Seis brancas, a senhora disse?”, perguntou o florista. “Sim”, respondeu ela. “Rosas brancas.” De lá, foi para uma loja de artigos de vidro e escolheu um vaso, supostamente um substituto para o que Miriam quebrara, embora o preço fosse inaceitável e o vaso em si (pensou ela) fosse grotescamente vulgar. Mas uma série de compras inexplicáveis havia começado, como que segundo um plano preestabelecido: um plano do qual ela não tinha o menor conhecimento ou

controle.

Comprou um saco de cerejas carameladas e num lugar chamado Confeitaria Knickerbocker pagou quarenta centavos por seis bolinhos de amêndoa.

Ao longo da última hora, o tempo tinha esfriado outra vez como lentes embaçadas, nuvens de inverno lançavam uma sombra na frente do sol, e o esqueleto de um crepúsculo prematuro tingia o céu; uma névoa úmida misturada com o vento e com as vozes de algumas crianças que faziam algazarra em montes de neve acumulados nas sarjetas parecia solitária e triste. Logo caiu o primeiro floco, e, quando a sra. Miller chegou à casa de arenito pardo, a neve já caía numa tela ondulante e as pegadas sumiam logo depois de ser deixadas para trás.

As rosas brancas foram dispostas de forma decorativa no vaso. As cerejas carameladas reluziam numa travessa de cerâmica. Os bolinhos de amêndoa, polvilhados com açúcar, aguardavam bem à mão. O canário batia as asas em seu poleiro e bicava uma barra de sementes.

Exatamente às cinco horas, a campainha tocou. A sra. Miller *sabia* quem era. A batinha do seu roupão ondulou enquanto ela atravessava o piso. “É você?”, perguntou.

“Claro”, respondeu Miriam; a palavra soou estridente e forte no vestibulo. “Abra essa porta.”

“Vá embora”, disse a sra. Miller.

“Por favor, depressa... estou com um embrulho pesado.”

“Vá embora”, disse a sra. Miller. Voltou para a sala, acendeu um cigarro, sentou-se e calmamente ouviu a campainha; tocou, tocou, tocou. “É melhor ir embora. Não tenho a menor intenção de deixar você entrar.”

Dali a pouco a campainha parou. Durante talvez dez minutos a sra. Miller não se mexeu. Depois, sem ouvir nenhum barulho, concluiu que Miriam tinha ido embora. Foi até a porta na ponta dos pés e abriu uma frestinha; Miriam estava meio reclinada em cima de uma caixa de papelão com uma linda boneca francesa aninhada nos braços.

“Puxa, pensei que não viria nunca”, disse ela, em tom impaciente. “Tome, me ajude a levar isto para dentro, é terrivelmente pesado.”

Não foi um impulso semelhante a um encanto o que a sra. Miller sentiu, mas antes uma curiosa passividade; trouxe a caixa para dentro, e Miriam a boneca. Miriam se enroscou no sofá, sem se dar o trabalho de tirar o casaco e a boina, e ficou olhando desinteressada enquanto a sra. Miller largava a caixa no chão e se erguia, trêmula, tentando retomar o fôlego.

“Obrigada”, disse ela. Na luz do dia, parecia contraída e murcha, o cabelo

menos luminoso. A boneca francesa que ela acarinhava usava uma requintada peruca empoadada, e seus olhos de vidro apalermados procuravam consolo nos olhos de Miriam. “Tenho uma surpresa”, prosseguiu. “Olhe dentro da minha caixa.”

Ajoelhando, a sra. Miller separou as abas e tirou dali outra boneca; depois um vestido azul que ela lembrava ser aquele que Miriam usava na primeira noite em que se viram, no cinema; e do restante ela disse: “Tudo roupa. Por quê?”

“Porque vim morar com a senhora”, respondeu Miriam, torcendo uma haste de cereja. “Que gentileza a sua comprar cerejas para mim...”

“Mas você não pode! Pelo amor de Deus, vá embora, vá embora e me deixe sozinha!”

“... e rosas e bolinhos de amêndoa! Que generosidade maravilhosa! Sabe, estas cerejas estão uma delícia. O último lugar onde morei foi com um velho; ele era tremendamente pobre, e a gente nunca tinha coisas boas para comer. Mas acho que aqui vou ser feliz.” Parou um pouco para aconchegar melhor a boneca. “Agora a senhora podia me mostrar onde vou pôr minhas coisas...”

O rosto da sra. Miller dissolveu-se numa máscara de linhas vermelhas e feias; ela começou a chorar, e foi um choro anormal, sem lágrimas, como se, tendo ficado muito tempo sem chorar, houvesse esquecido como fazê-lo. Cuidadosamente, recuou até tocar a porta.

\* \* \*

Saiu tateante pelo vestibulo e desceu a escada até o patamar inferior. Bateu freneticamente na porta do primeiro apartamento que encontrou; um homem baixo, de cabelo vermelho, atendeu, e ela entrou, empurrando-o para o lado. “Ora, mas que diabo é isso?”, exclamou ele. “Algum problema, querido?”, perguntou uma jovem que veio da cozinha, enxugando as mãos. E foi a ela que a sra. Miller se dirigiu.

“Escute”, gritou, “estou com vergonha de agir deste jeito, mas... bem, sou a sra. H. T. Miller e moro no andar de cima e...” Apertou as mãos contra o rosto. “É uma coisa tão absurda...”

A mulher levou-a até uma cadeira, enquanto o homem fez tilintar moedas no bolso nervosamente. “E aí?”

“Moro no andar de cima, e tem uma garotinha que veio me visitar, e acho que estou com medo dela. Não quer ir embora, e eu não consigo obrigá-la a ir embora... ela vai fazer algo horrível. Já roubou meu camafeu, mas vai fazer algo pior... algo horrível!”

O homem perguntou: “É parente da senhora, é?”

A sra. Miller balançou a cabeça. “Não sei quem ela é. Seu nome é Miriam, mas não sei quem ela é.”

“Tem de se acalmar, meu bem”, disse a mulher, afagando o braço da sra. Miller. “O Harry está aqui e vai falar com essa menina. Vá lá, querido.” E a sra. Miller disse: “A porta está aberta... 5A”.

Depois que o homem saiu, a mulher trouxe uma toalha e lavou o rosto da sra. Miller. “Você é muito gentil”, disse a sra. Miller. “Desculpe por agir feito uma tola, mas é que essa menina malvada...”

“Claro, meu bem”, consolou a mulher. “Agora, é melhor se acalmar.”

A sra. Miller repousou a cabeça no meio do braço da mulher; ficou tão quieta que podia até dormir. A mulher virou o dial do rádio; um piano e uma voz rouca encheram o silêncio, e a mulher, batendo o pé no chão, marcava o ritmo muito bem. “Talvez a gente também devesse dar um pulo lá em cima”, disse.

“Não quero vê-la outra vez. Não quero nunca mais ficar perto dela.”

“Sei, mas o que a senhora devia ter feito era chamar a polícia.”

Logo ouviram o homem na escada. Ele entrou na sala com as sobranceiras franzidas e coçando a nuca. “Não tem ninguém lá”, disse, sinceramente embaraçado. “Ela deve ter dado no pé.”

“Harry, você é uma besta”, declarou a mulher. “Ficamos aqui o tempo todo, e a gente teria visto se ela...” Parou de repente, pois o olhar do homem era penetrante.

“Olhei tudo”, respondeu, “e acontece que não tem ninguém lá em cima. Ninguém, entendeu?”

“Diga-me uma coisa”, pediu a sra. Miller, levantando-se. “Viu uma caixa grande? Ou uma boneca?”

“Não, senhora, não vi.”

E a mulher, como se pronunciasse um veredicto, disse: “Puxa, quem diria...”.

A sra. Miller entrou com suavidade no seu apartamento; andou até o centro da sala e ficou ali absolutamente imóvel. Não, de certo modo, nada havia mudado: as rosas, os bolinhos e as cerejas estavam no mesmo lugar. Mas era uma sala vazia, mais vazia do que se a mobília e os objetos não estivessem presentes, sem vida e petrificados numa palidez fúnebre. O sofá avultava diante dela com uma estranheza nova: seu vazio tinha um significado que seria menos penetrante e aterrador se Miriam estivesse enroscada em cima dele. A sra. Miller olhou fixo para o espaço onde lembrava ter posto a caixa, e, por um momento, o tamborete rodopiou desesperadamente. E ela olhou pela janela; sem dúvida o rio era real, sem dúvida a neve estava caindo — só que ninguém podia ser testemunha fidedigna de coisa nenhuma: Miriam, ali, tão real — e, contudo, onde estava ela? Onde, onde?

Como que se movendo num sonho, afundou numa cadeira. A sala estava

perdendo a forma; estava escura e ficava mais escura ainda, e não se podia fazer nada; ela não conseguia erguer a mão para acender uma lâmpada.

De súbito, fechando os olhos, sentiu uma onda subir, como um mergulhador que emerge de uma profundidade maior, mais verde. Em horas de terror ou de imensa aflição, há momentos em que a mente aguarda como que uma revelação, enquanto uma meada de calma é urdida por cima do pensamento; é como o sono, ou um transe sobrenatural; e durante essa calmaria vem a consciência de uma força de raciocínio sereno: bem, e se ela nunca tiver mesmo conhecido uma garota chamada Miriam? E se ela ficou estupidamente assustada na rua? No fim, como tudo o mais, não tinha a menor importância. Pois a única coisa que perdeu para Miriam foi sua identidade, mas agora ela sabe que de novo encontrou a pessoa que morava nesses aposentos, que preparava suas próprias refeições, que tinha um canário, que era alguém em quem ela podia confiar e acreditar: a sra. H. T. Miller.

Enquanto ouvia atenta e satisfeita, percebeu um som duplo: uma gaveta de escrivaninha abriu e fechou; ela pareceu ter ouvido o barulho muito depois de ele terminar — o abrir e o fechar. Depois, aos poucos, a rispidez do som foi substituída pelo murmurar de um vestido de seda, e esse ruído, sutilmente suave, aproximava-se cada vez mais e crescia em intensidade, até que as paredes tremeram com a vibração e a sala começou a ruir debaixo de uma onda de sussurros. A sra. Miller contraiu-se e abriu os olhos num olhar fixo e abismado.

“Olá”, disse Miriam.

[1945]

*Tradução de Rubens Figueiredo*



## Meu lado da questão

Eu sei o que andam falando de mim, e você pode ficar do meu lado ou do lado delas, é problema seu. É minha palavra contra a da Eunice e a da Olivia-Ann, e só pode ficar muito claro para quem quer que tenha um bom par de olhos quem de nós está com a razão. Eu só quero que os cidadãos dos Estados Unidos da América saibam dos fatos, só isso.

E os fatos são os seguintes: no domingo, 12 de agosto deste ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, Eunice tentou me matar com a espada do pai dela, dos tempos da Guerra Civil, e Olivia-Ann saiu cortando tudo o que via pela frente com aquele seu facão de matar porco, de trinta e cinco centímetros. Isso para não mencionar uma série de outras coisas.

Tudo começou há seis meses, quando me casei com Marge. Essa foi minha primeira besteira. Nós nos casamos em Mobile, só quatro dias depois de termos nos conhecido. Tínhamos dezesseis anos, tanto ela como eu, e Marge tinha vindo visitar minha prima Georgia. Agora que tenho muito tempo para pensar no assunto, não consigo entender de jeito nenhum como fui me apaixonar por uma criatura assim. Não é bonita, não tem corpo nem tem cérebro nenhum. Mas Marge é louca de verdade, o que talvez explique a coisa toda. Bom, estávamos casados fazia três meses quando, de repente, ela engravida; foi minha segunda besteira. Depois, começa a reclamar que precisa ir para a casa da mãe dela — só que ela não tem mãe, apenas aquelas duas tias: Eunice e Olivia-Ann. Vai daí que me faz largar um belo posto de empregado de pegue-e-pague e me mudar para cá, para Admiral's Mill, que, por mais que você pense e repense, não passa de um buraco no meio da estrada.

No dia em que Marge e eu descemos do trem na estação ferroviária, chovia a cântaros, e você acha que alguém foi buscar a gente? E olhe que eu tinha gastado quarenta e um centavos num telegrama! Pois lá estava minha mulher, grávida, e nós dois tendo de andar a pé quase doze quilômetros debaixo de um aguaceiro. Não foi fácil para a Marge, já que eu não podia carregar quase nada, porque sofro de um problema terrível nas costas. Assim que vi a casa, confesso que fiquei impressionado. É uma casa grande, amarela, com colunas de verdade na frente e marmeleiros-da-china, vermelhos e brancos, demarcando o quintal.

Eunice e Olivia-Ann tinham nos visto chegar e esperavam por nós no vestibulo. Juro que gostaria que você pudesse dar uma olhada naquelas duas. Sem

brincadeira, você cairia morto! Eunice é uma velha enorme de gorda, com um traseiro que, sozinho, deve pesar uns cem quilos. Faça chuva ou faça sol, ela marcha pela casa numa camisola bem antiquada, que ela chama de quimono mas que não é nada mais do que uma camisola imunda de flanela. Além disso, masca fumo e se faz de grande dama, cuspidando às escondidas. Vive tagarelado sobre a fina educação que teve, na tentativa de fazer com que eu me sinta mal, embora, pessoalmente, isso não me incomode nem um pouco, porque eu sei que ela não consegue ler nem história em quadrinhos sem precisar soletrar cada palavra em voz alta. Mas uma coisa é certa: ela é capaz de adicionar e subtrair somas em dinheiro com tanta rapidez que podia muito bem estar trabalhando lá em Washington, onde eles fazem a grana. Não que ela não tenha dinheiro mais que suficiente! Diz que não tem, é claro, mas sei que tem porque um dia, por acaso, topei com quase mil dólares escondidos num vaso de flores, na varanda lateral. Não toquei num único centavo, mas Eunice diz que roubei uma nota de cem dólares, o que é uma mentira deslavada, pura maledicência. É lógico que tudo o que a Eunice diz é lei, porque não há rival em Admiral's Mill que possa se levantar e afirmar que não lhe deve dinheiro; portanto, se ela disser que Charlie Carson (um velho inválido e cego, de noventa anos, que não consegue dar um único passo desde 1896) a jogou no chão e estuprou, todo mundo nesta cidade será capaz de jurar sobre uma pilha de Bíblias que ele fez isso, sim.

Mas o fato é que Olivia-Ann é ainda pior, e essa é a mais pura verdade! A diferença é que ela não está tão ruim dos nervos como a Eunice, porque é uma imbecil de nascença que, na verdade, devia ser mantida no sótão de alguém, trancada. É pálida e magrela até não poder mais, e tem bigode. A maior parte do tempo, fica sentada de cócoras, descascando algum pau com o facão de trinta e cinco centímetros; quando não, é porque está fazendo alguma malvadeza, como a que fez com a sra. Harry Steller Smith. Jurei que nunca contaria isso a ninguém, mas, diante de um cruel atentado à vida de uma pessoa, danem-se as promessas.

A sra. Harry Steller Smith era o canário da Eunice, que recebeu esse nome por causa de uma mulher de Pensacola que faz lá uma panacéia que a Eunice toma para tratar da gota. Um dia, ouvi uma tremenda algazarra na sala de visitas e, ao investigar, não é que acabei descobrindo Olivia-Ann, com uma vassoura nas mãos, tocando a sra. Harry Steller Smith para fora de uma janela aberta, e a porta da gaiola escancarada? Se não tivesse entrado na sala naquele exato momento, talvez ela jamais fosse pega. Mas, com medo de que eu contasse tudo para a Eunice, foi logo dando com a língua nos dentes, disse que não era justo manter uma criatura de Deus presa daquele jeito, além disso não suportava o canto da sra. Harry Steller Smith. Bom, fiquei meio com pena dela, que me deu dois dólares, de modo que a ajudei a inventar uma história para contar para a Eunice. Claro que jamais teria aceitado o dinheiro se não

acreditasse que aquilo tranquilizaria a consciência dela.

As *primeiríssimas* palavras que Eunice disse quando pisei nesta casa foram: “Então foi com isso aí, Marge, que você fugiu, escondida de nós, e se casou?”.

A Marge respondeu: “Ele não é uma coisinha linda, tia Eunice?”.

A Eunice me olha de cima para baixo e diz: “Peça a ele para se virar um pouco”.

Enquanto estou de costas para ela, a Eunice dispara: “Na certa, você pegou o anão da ninhada. Isso lá é homem?”.

Eu nunca tinha sido tão destrutado na vida! É verdade, sou um pouco atarracado, mas, afinal, ainda nem terminei de crescer.

“É, sim”, Marge respondeu.

Olivia-Ann, sentada ali com a boca tão escancarada que os mosquitos podiam entrar e sair à vontade, emendou: “Você ouviu o que minha irmã disse. Isso não é homem coisa nenhuma. Não dá nem para imaginar esse nanico dizendo por aí que é homem! Ora, nem do sexo masculino isso aí é!”.

Marge retruca: “A senhora parece estar se esquecendo, tia Olivia-Ann, que este é meu marido, o pai do meu filho que vai nascer”.

Eunice produziu um som detestável, do tipo que só ela é capaz de produzir, e disse: “Bom, eu, de minha parte, não sairia por aí me gabando disso”.

Não foi uma acolhida e tanto? E isso depois de eu ter largado meu belo posto de empregado de pegue-e-pague.

Mas tudo isso é nada perto do que aconteceu depois, naquela mesma tarde. Assim que a Bluebell retirou os pratos do jantar, Marge perguntou com toda a gentileza se podíamos pegar o carro emprestado para ir ao cinema em Phoenix.

“Para mim, vocês não batem bem”, Eunice respondeu, e, juro por Deus, era como se tivéssemos pedido emprestado o quimono que ela vestia.

“Para mim, vocês não batem bem”, repetiu Olivia-Ann.

“São seis horas da tarde”, prosseguiu Eunice, “e, se vocês acham que eu deixaria esse anãozinho dirigir meu Chevrolet 1934, praticamente novinho em folha, vocês não batem bem. Mas nem que fosse só para ir até a latrina e voltar!”

Palavras como essas, é claro, fazem a Marge chorar.

“Não tem importância, amorzinho”, eu disse, “já dirigi muitos Cadillacs na vida.”

“Humpf...”, fez a Eunice.

“É”, disse eu.

E Eunice completou: “Se esse aí já conduziu um arado que seja, sou capaz de comer uma dúzia de ratos, fritos em agurrás”.

“Eu não admito que a senhora fale assim do meu marido”, disse Marge. “A senhora está agindo de um modo muito estranho! Ora, é como se eu tivesse escolhido um sujeito qualquer, num lugar qualquer.”

“Se a carapuça serviu...”, replicou a Eunice.

“Não pense que você engana a gente”, diz Olivia-Ann, naquele seu relincho tão parecido com o canto de acasalamento de um burro que mal dá para notar a diferença.

“Nós não nascemos ontem, você sabe”, emenda Eunice.

E Marge declara: “Informo às senhoras que me casei legalmente com este homem, até que a morte nos separe, em cerimônia realizada por juiz de paz reconhecido, faz três meses e meio. Podem perguntar para quem quiserem. Além disso, tia Eunice, ele é livre, branco e tem dezesseis anos. E além disso George Far Sylvester não gosta de ouvir seu pai ser tratado dessa maneira”.

George Far Sylvester é o nome que estamos pensando em dar ao bebê. Soa bem, não soa? Só que, do jeito que estão as coisas, eu nem sinto mais coisa nenhuma no tocante a essa questão.

“Como é que uma moça pode ter um filho com outra moça?”, Olivia-Ann pergunta, num ataque calculado a minha virilidade. “Bom, vivendo e aprendendo, não é?”

“Ora, cale a boca”, diz Eunice. “Não quero mais ouvir falar em cinema em Phoenix.”

Marge soluça: “Ah, mas é a Judy Garland!”.

“Não tem importância, amorzinho”, eu digo, “provavelmente já vi esse filme em Mobile, dez anos atrás.”

“Essa é uma grande mentira!”, grita Olivia-Ann. “Ah, mas você é mesmo um patife. Não faz dez anos que a Judy está no cinema!” Olivia-Ann nunca viu sequer um único filme em seus cinquenta e dois anos de vida (ela se recusa a dizer quantos anos tem, mas eu mandei uma cartinha para a Câmara Municipal de Montgomery, e eles, muito simpáticos, me responderam), mas assina oito revistas de cinema. De acordo com a sra. Delancey, a funcionária do correio, é a única correspondência que ela recebe, além do catálogo da Sears & Roebuck. Olivia-Ann tem uma paixão pelo Gary Cooper que só pode ser mórbida, guarda um baú inteiro e duas malas cheias de fotos dele.

Então, nós nos levantamos da mesa, Eunice se arrasta até a janela, olha lá para fora, para os cinamomos, e diz: “Os passarinhos já estão se empoleirando, é hora de ir para a cama. Você tem seu velho quarto, Marge, e eu arrumei um catre para este cavalheiro na varanda dos fundos”.

Levou um belo minuto até que eu compreendesse aquilo.

Depois, eu disse: “Se me permitem, qual o problema de eu dormir com minha legítima esposa?”.

Foi quando as duas começaram a berrar comigo.

A Marge teve um faniquito na mesma hora. “Agora chega, chega, chega disso! Eu não agüento mais. Vá, benzinho, vá dormir onde quer que estejam mandando. Amanhã a gente vê...”

“Ora, se a menina não tem um pouco de juízo, afinal...”, diz a Eunice.

“Pobrezinha”, comenta Olivia-Ann, passando o braço em torno da cintura de Marge e levando-a consigo. “Pobrezinha, tão jovem, tão inocente. Vamos embora, chorar um pouquinho no ombro da Olivia-Ann, vamos.”

Passei maio, junho, julho e boa parte de agosto naquela maldita varanda dos fundos, acorçado e sufocando de calor, sem nem mesmo um centímetro de tela para me proteger. Quanto a Marge — não abriu a boca para protestar, nem ao menos uma única vez! Esta região do Alabama é pantanosa, cheia de mosquitos que, se tiverem alguma chance, são capazes de matar um búfalo, e isso para nem falar nas perigosas baratas voadoras e num bando de ratos grande o bastante para puxar um trem daqui até Timbuktu. Ah, se não fosse pelo George, que ainda nem nasceu, eu já estaria deixando minhas pegadas na poeira da estrada há muito tempo. O que estou dizendo é que não tive cinco segundos sozinho com Marge desde aquela primeira noite. Ela está sempre acompanhada de uma ou outra tia, e, semana passada, as duas quase enlouqueceram quando Marge se trancou no quarto e elas não conseguiram me achar em parte alguma. A verdade é que eu tinha ido ver os negros enfardar o algodão, mas, só de pirraça, dei a entender a Eunice que Marge e eu tínhamos aprontado. Depois disso, acrescentaram a Bluebell à vigilância.

E, todo esse tempo, eu aqui, sem nem mesmo um troquinho para o cigarro.

Eunice me atazana todo santo dia para que eu arrume um emprego. “Por que esse pagão em miniatura não sai em busca de um trabalho honesto?”, ela diz. Como você deve ter notado, ela nunca se dirige diretamente a mim, ainda que, na maioria das vezes, eu seja o único em presença de Sua Alteza. “Se fosse algum tipo de homem que se pudesse chamar de homem, estaria tentando pôr pelo menos uma migalha de pão na boca daquela moça, em vez de ficar se empanturrando da minha comida.” É bom que você saiba que, nos últimos três meses e treze dias, tenho vivido quase que exclusivamente de batata-doce gelada e das sobras de milho pilado, e que já fui duas vezes me consultar com o dr. A. N. Carter. Ele não sabe dizer ao certo se tenho ou não escorbuto.

Quanto ao fato de não trabalhar, eu gostaria de saber o que um homem com meus talentos, um homem que tinha um belo posto de empregado de pegue-e-pague, poderia encontrar para fazer num pulgueiro como Admiral’s Mill. A cidade só tem uma loja, e o sr. Tubberville, o proprietário, é tão preguiçoso que até lhe dói precisar vender alguma coisa. Tem também a igreja batista Estrela da Manhã, mas eles já têm um pastor, uma parcaria de um velhote horrível chamado Shell, que Eunice trouxe para casa um dia, para cuidar da salvação da minha alma. Com meus próprios ouvidos, eu o ouvi dizer a ela que eu não tinha mais jeito.

Mas o cúmulo mesmo é o que a Eunice fez com a Marge. Virou a garota contra mim de um jeito tão vil que palavras nem conseguiriam descrever. Ora, a Marge chegou ao ponto de responder para mim, mas eu lhe dei uns bons

safanões e acabei logo com essa história. Mulher minha jamais vai me desrespeitar, não nesta vida!

As linhas inimigas estão firmes: Bluebell, Olivia-Ann, Eunice, Marge e todo o resto de Admiral's Mill (população: trezentos e quarenta e dois habitantes). Aliados: nenhum. Era essa a situação no domingo, 12 de agosto, quando atentaram contra minha própria vida.

Ontem o dia estava calmo, fazia um calor de derreter pedra. O problema começou exatamente às duas horas. Sei disso porque Eunice tem um daqueles cucos idiotas, que vive me dando sustos. Eu cuidava da minha própria vida na sala de visitas, compondo uma música no piano de armário que Eunice comprou para Olivia-Ann, para quem paga um professor que vem lá de Columbus, na Geórgia, uma vez por semana. Delancey, a funcionária do correio — que era minha amiga, até decidir que isso talvez não fosse lá muito inteligente —, diz que, uma tarde, o tal professor bacana saiu correndo desta casa como se o próprio Adolf Hitler estivesse no seu encalço; pulou dentro do seu Ford cupê e nunca mais foi visto. Como eu disse, estava ali na sala de visitas, tentando manter minha calma, sem perturbar criatura nenhuma, quando chega a Olivia-Ann, o cabelo todo enrolado para cima com bobes, e guincha: “Pare com essa barulheira infernal agora mesmo! Você não pode dar sossego nem por um instante sequer? E saia já do meu piano! O piano não é seu, é meu, e, se você não sair já daí, a gente resolve isso depressinha num tribunal, na primeira segunda-feira de setembro”.

Ela está é com inveja, porque sou um músico nato e as músicas que invento da minha própria cabeça são uma verdadeira maravilha.

“E veja só o que você fez com minhas teclas de marfim legítimo, sr. Sylvester”, ela diz, trotando em direção ao piano, “arrancou quase todas pela raiz, de pura maldade, foi isso que fez!”

Ela sabe muito bem que o piano já estava pronto para ser jogado na pilha do lixo desde o momento em que cheguei a esta casa.

“Já que a senhora é muito sabichona, dona Olivia-Ann”, disse eu, “talvez esteja interessada em saber que também tenho umas histórias interessantes para contar. Umas coisinhas que outras pessoas ficariam muito agradecidas por saber. Como o que aconteceu à sra. Harry Steller Smith, por exemplo.”

Lembra da sra. Harry Steller Smith?

Ela fez uma pausa e olhou para a gaiola vazia. “O senhor me deu sua palavra”, disse, tingindo-se já do roxo mais terrível.

“Pode ser que sim, pode ser que não”, digo eu. “A senhora fez uma maldade ao trair a Eunice daquele jeito, mas, se certas pessoas deixarem certas pessoas em paz, talvez eu possa esquecer o acontecido.”

Pois olhe, meu senhor, ela saiu da sala tão *boazinha* e *quietinha* quanto possível. Eu, então, fui me esticar no sofá, a peça de mobília mais horrorosa que

já vi na vida, parte de um conjunto que a Eunice comprou em Atlanta, em 1912, por dois mil dólares, pagos em dinheiro — ou pelo menos ela diz que pagou. O conjunto é de pelúcia preta e verde-oliva, e cheira a pena molhada de galinha em dia úmido. Num canto da sala, há uma grande mesa com dois retratos em cima, mãe e papai das srts. E e O-A. O pai até que é bonito, mas, cá entre nós, estou convencido de que, de algum canto, ele tinha sangue negro nas veias. Foi capitão na Guerra Civil, disso não vou esquecer nunca, por causa da tal espada que, à mostra sobre o consolo da lareira, é figura de destaque nos acontecimentos que se seguiram. A mãe tem aquele olhar imbecil, de cachorrinho obediente, como o da Olivia-Ann, embora eu deva dizer que ele cai melhor na mãe do que na filha.

Eu, portanto, tirava uma soneca, quando ouvi a Eunice gritar: “Onde está ele? Onde está ele?”. Quando dei por mim, a porta a emoldurava, as mãos a prumo naqueles quadris de hipopótamo, e o bando todo atrás dela, encolhido: Bluebell, Olivia-Ann e Marge.

Vários segundos se passaram, enquanto Eunice batia no chão o pé descalço, enorme e velho, tão rápida e furiosamente quanto possível, abanando o rosto gordo com uma foto em papelão das cataratas do Niágara.

“Cadê?”, ela pergunta. “Cadê os cem dólares que ele roubou quando eu, na minha boa-fé, não estava olhando?”

“Isso é o fim da picada”, eu disse, mas estava muito cansado e com muito calor para me levantar.

“Não é só a picada que vai ter fim”, ameaçou ela, os olhos saltados, prestes a pular das órbitas. “Aquele era o dinheiro para o meu enterro, e eu o quero de volta. E já não era de esperar que esse aí roubasse até dos mortos?”

“Vai ver ele não pegou...”, a Marge diz.

“Você fique fora disso, mocinha”, ordenou Olivia-Ann.

“Tenho certeza que ele roubou meu dinheiro”, Eunice diz. “Basta olhar para os olhos dele — pretos de culpa!”

Depois de bocejar, emendei: “Como dizem nos tribunais, se a primeira parte interessada acusa injustamente a segunda parte interessada, então a primeira parte interessada pode ir parar na cadeia, mesmo que seu lugar de direito seja no manicômio, para a segurança de todas as partes envolvidas”.

“Deus há de castigar esse sujeito”, Eunice disse.

“Ora, minha irmã”, diz Olivia-Ann, “para que esperar por Deus?”

Ao que, então, Eunice avança em minha direção com um olhar estranhíssimo, a camisola imunda de flanela sacudindo pelo chão. Olivia-Ann gruda-se nela, e Bluebell solta um gemido que com certeza deu para ouvir até em Eufala, ao passo que a Marge fica ali, parada, esfregando as mãos e choramingando.

“Ooohh...”, ela soluça, “devolva o dinheiro para ela, benzinho, por favor.”

“Até tu, Brutus?”, digo eu, o que é Shakespeare.

“Vejam só essa criatura”, Eunice diz, “deitado aí o dia todo, incapaz até mesmo de lamber selo.”

“Deplorável”, Olivia-Ann cacareja.

“Parece até que é ele quem vai ter um bebê, e não a pobrezinha.” As palavras são de Eunice.

Bluebell dá seu palpite: “Mas não é?”.

“Ora, se não é o roto falando do rasgado”, retruco.

“Depois de três meses vadiando por aqui, esse nanico ainda ousa me caluniar?”, Eunice pergunta.

Eu me limitei a afastar um bocadinho de cinza que tinha na manga e, sem me alterar nem um pouco, disse: “O dr. A. N. Carter me informou que sofreu de um perigoso caso de escorbuto e não posso passar nervoso nenhum — senão, posso começar a espumar pela boca e acabar mordendo alguém”.

E a Bluebell diz: “Por que ele não volta para aquela porcaria de Mobile, dona Eunice? Eu já não agüento mais esvaziar aquele seu penico”.

É evidente que aquela negrinha-tição me deixou tão furioso que nem pude pensar direito.

Assim sendo, com toda a calma do mundo, eu me levantei, apanhei uma sombrinha da chapeleira e dei na cabeça dela até a sombrinha se partir em dois pedaços.

“Meu guarda-sol japonês de seda!”, guinchou Olivia-Ann.

Marge gritou: “Você matou a Bluebell, você matou a pobre da Bluebell!”.

E Eunice, empurrando Olivia, diz: “Ele não bate bem, minha irmã. Corra! Vá correndo buscar o sr. Tubberville!”.

“Eu não gosto do sr. Tubberville”, Olivia-Ann declara com firmeza. “Vou buscar meu facão de matar porco.” E dispara na direção da porta, mas, como estou pouco ligando para a morte, eu a derrubo de um salto. Aquilo me deslocou as costas de um jeito terrível.

“Ele vai matar ela!”, a Eunice berra, num volume capaz de botar a casa abaixo. “Ele vai matar todas nós! Eu avisei, Marge. Rápido, menina, pegue a espada do papai!”

Marge, então, pegou a espada do papai e a entregou a Eunice. Esposa devotada uma ova! E, como se não bastasse, Olivia-Ann me dá uma tremenda joelhada, que me obriga a soltá-la. Quando dei por mim outra vez, ela já estava lá fora, no quintal, urrando hinos.

*Meus olhos vêem a glória  
da vinda do Senhor,  
Que marcha pelos campos  
das vinhas da ira em flor...*



Enquanto isso, Eunice desfila pela sala, agitando feito doida a espada do pai, ao passo que eu, sabe-se lá como, dei um jeito de subir no piano. Eunice, por sua vez, sobe no banquinho do piano, e como foi que a frágil estrutura sobreviveu a um monstro como ela jamais vou saber dizer.

“Desce daí, seu covarde, antes que eu fure você!” , ela diz, e logo investe contra mim, que tenho aqui um corte de quase dois centímetros para provar.

A essa altura, Bluebell já tinha se recuperado e deslizado para junto de Olivia-Ann, que ministrava os bons ofícios no quintal da frente. Imagino que aguardassem pelo meu corpo, e bem sabe Deus que o teriam, caso a Marge não tivesse caído desmaiada.

É a única coisa boa que posso dizer sobre a Marge.

O que aconteceu depois, não lembro bem, a não ser que a Olivia-Ann reapareceu com seu facão de trinta e cinco centímetros e um punhado de vizinhos. Mas, de repente, a Marge se transformou na atração principal, e acho que a carregaram lá para o quarto dela. De todo modo, assim que todos se foram, montei uma barricada junto da porta da sala de visitas.

Encostei nela as poltronas de pelúcia preta e verde-oliva, a mesa enorme de mogno, que deve pesar umas duas toneladas, a chapeleira e um monte de outras coisas. Tranquei as janelas e baixe as persianas. Além disso, encontrei uma caixa de bombons de dois quilos, e, neste exato momento, estou mastigando um suculento e cremoso chocolate com cereja. De vez em quando, elas vêm até a porta, batem, gritam e protestam. Ah, sim, senhor, começaram a cantar uma cantiga bem diferente agora. Quanto a mim, às vezes toco uma musiquinha no piano, só para elas saberem que estou contente.

[1945]

*Tradução de Sergio Tellaroli*

## A lenda do Pregador

Uma nuvem que se deslocava para o sul deslizou na frente do sol, e uma faixa escura, uma ilha de sombra, rastejou sobre o campo, fluiu por cima do penhasco. Logo começou a chover: uma chuva de verão com sol, que só durou um breve tempo; o bastante para assentar a poeira, lustrar as folhas. Quando a chuva terminou, um velho homem de cor — Pregador era o nome dele — abriu a porta da sua cabana e olhou com atenção para o campo, onde as ervas daninhas cresciam em profusão no solo fértil; olhou para um jardim pedregoso, sombreado por pessegueiros, cornisos e cinamomos; olhou para uma imprestável estrada de barro vermelho que raramente via um automóvel, uma carroça, ou um ser humano; e para um anel de morros verdes que se estendia, talvez, até os confins do mundo.

Pregador era um homem pequeno, um pingo de gente, e seu rosto era um milhão de rugas. Tufos de lã cinzenta brotavam do seu crânio azulado, e os olhos eram tristonhos. Era tão curvado que parecia uma foice enferrujada, e sua pele tinha o tom castanho de um couro de alta qualidade. Enquanto ele examinava o que restava do seu sítio, a mão importunava o queixo com ar judicioso, mas, para dizer a verdade, ele não pensava em nada.

Estava tudo em silêncio, é claro, e a friagem o fazia tremer, portanto ele entrou em casa, sentou-se numa cadeira de balanço e cobriu as pernas com uma linda colcha surrada, com desenhos de rosas verdes e folhas vermelhas, e adormeceu na casa sossegada com todas as janelas abertas enquanto o vento agitava as páginas de vistosas folhinhas e de histórias em quadrinhos que ele havia colado nas paredes.

Em quinze minutos ele acordou, pois nunca dormia por muito tempo e o dia passava numa série de cochilos e de despertares, sono e luz, e quase não havia diferença entre um e outro. Embora não estivesse frio, ele acendeu a lareira, encheu o cachimbo e começou a balançar-se, enquanto o olhar vagava pelo quarto. A cama de casal de ferro era uma insolúvel barafunda de colchas e travesseiros, infestada por salpicos de tinta cor-de-rosa; um braço pendia desolado da cadeira onde ele estava sentado; um lindo pôster de uma garota de cabelos dourados segurando uma garrafa de ne-hi tinha um rasgo na boca, e assim o sorriso dela era safado e malicioso. Os olhos do Pregador detiveram-se

num fogão chamuscado e coberto de fuligem, acoradado no canto. Ele estava com fome, mas o fogão, com altas pilhas de panelas sujas, deixava Pregador cansado só de pensar. “Não posso fazer nada”, disse ele, do jeito como certos velhos discutem consigo mesmos. “Estou enjoado de couve e de tudo. Vou ficar aqui sentado e morrer de fome e pronto, é o meu destino... Aposto meu último dólar que ninguém vai ficar triste por causa disso, nem um pouco.” Evelina sempre foi muito limpa, arrumada e boa, mas tinha morrido, havia sido enterrada duas primaveras antes. E dos seus filhos só restara Anna-Jo, que tinha um emprego em Cypress City, onde dormia, e onde ia para a farra toda noite. Ou pelo menos era o que Pregador achava.

Ele era muito religioso e, enquanto a tarde se arrastava, pegava sua Bíblia no consolo da lareira e com o dedo paralisado seguia as linhas impressas. Gostava de fingir que podia ler e fazia isso durante um certo tempo: tramando suas próprias histórias e contemplando atentamente as ilustrações. Esse hábito sempre foi uma grande preocupação para Evelina. “Por que fica o tempo todo estudando o Livro Bom, Pregador? Garanto que você não tem nenhum juízo... Não sabe ler, assim como eu também não sei.”

“Puxa, meu bem”, explicava ele, “todo mundo pode ler o Livro Bom. Ele fez de um jeito que dá para ler.” Era um argumento que ouvira do pastor em Cypress City e o satisfazia plenamente.

Quando a luz do sol imprimiu na porta a silhueta exata da janela, Pregador fechou a Bíblia sobre o dedo e foi mancando até a varanda. Vasos azuis e brancos de samambaias pendiam do teto em fios de arame e floresciam até o piso, abrindo-se como caudas de pavão. Devagar, e com grande cuidado, ele desceu claudicante a escadinha, feita de troncos de árvore, e se postou no meio do jardim, frágil e corcunda, com seu macacão e sua camisa cáqui. “Aqui estou. Eu não esperava que fizesse... Não esperava que eu tivesse a força, hoje.”

Um cheiro de terra úmida pairava no ar, e o vento revirava as folhas de cinamomo. Um galo cantou, sua crista vermelha disparou no meio do capim alto e sumiu debaixo da casa. “É melhor correr, galo velho, senão eu pego uma machadinha, e aí é melhor você tomar cuidado. Aposto que você tem um gosto bom à beça!” O capim roçava por cima dos seus pés descalços, e ele parou e arrancou um punhado. “Não presta. Você só faz crescer e crescer sem gosto de nada, porcaria.”

Perto da estrada, o corniso estava em flor, e a chuva tinha espalhado pétalas que ele sentia macias debaixo dos pés e ficavam agarradas entre os dedos. Ele caminhava com a ajuda de uma bengala feita de sicômoro. Depois de atravessar a estrada e cruzar um bosque de nogueiras, tomou, como era seu costume, a trilha que atravessava a floresta e descia até o riacho, rumo ao *Lugar*.

A mesma caminhada, a mesma direção e na mesma hora: fim da tarde, porque assim ele tinha algo para esperar. As caminhadas haviam começado num

dia de novembro, quando ele chegara à sua *Decisão*, e prosseguiram durante todo o inverno, quando a terra ficava congelada e as folhas de pinheiro se agarravam geladas aos seus pés.

Agora, era o mês de maio. Seis meses tinham passado, e Pregador, nascido em maio e casado em maio, pensou que ali estava o mês que veria o fim da sua missão. Era sua superstição que um sinal marcaria esse dia em especial; assim, ele seguiu pela trilha mais depressa que de costume.

O sol formava feixes de setas, colhia o cabelo dele, mudava a cor do musgo, que se projetava mole e comprido como suíças sobre os galhos na beira da água, de cinzento passava para pérola, para azul e para cinzento. Uma cigarra cantou. Outra respondeu. “Calem a boca, insetos! Para que fazem toda essa algazarra? Estão muito sozinhos, é?”

A trilha era complicada e às vezes, por não ser na verdade mais que um fio de terra pisada, era difícil de seguir. A certa altura, descia uma ladeira rumo a uma várzea que tinha um cheiro de líquidâmbar, e ali começava um trecho onde as trepadeiras se adensavam, escuro como a noite, e onde a vegetação tremia ninguém sabia por quê. “Fora daqui, seus demônios! Não tem nenhum de vocês que consiga assustar o Pregador. Velhas assombrações e fantasmas, tomem cuidado comigo! O Pregador... vai quebrar a cabeça de vocês e vai arrancar o seu couro e vai furar seus olhos e vai pisar todo o bando de vocês na cinza da fogueira!” Mesmo assim seu coração batia mais depressa, a bengala batia tateante no caminho; a fera espreitava atrás dele; olhos terríveis brilhavam no inferno, vigiavam da sua toca!

Evelina, ele se lembrava, nunca acreditou nos Espíritos, e isso o deixava zangado. “Cale a boca, Pregador”, dizia ela. “Não quero mais saber de ouvir essa conversa de assombração. Puxa, homem, não existem assombrações a não ser dentro da sua cabeça.” Ah, ela não tinha juízo e agora, tão certo como há um Deus no céu, ela era um dos predadores e um dos olhos famintos à espreita lá no escuro. Ele parou um momento e chamou: “Evelina?... Evelina... me responde, meu bem”. E avançou depressa, de súbito temeroso de que ela um dia o ouvisse e, sem o reconhecer, o devorasse inteiro.

Lago veio o som do riacho; dali até o *Lugar* eram só uns poucos passos. Ele empurrou para o lado um ninho espinhento e, com uns grunhidos aflitos, desceu a rampa e atravessou o regato, uma pedra de cada vez, com precisão calculada. Cardumes de peixinhos nervosos faziam incursões alvoroçadas na beirada rasa de água clara, e libélulas de asa cor de esmeralda beliscavam a superfície. Na ribanceira do lado oposto, um beija-flor, tremulando suas asas invisíveis, devorava o cerne de um lírio gigante.

Então as árvores ficavam mais espaçadas, e a trilha se alargava numa clareira pequena e cúbica. O lugar do Pregador. Certa vez, antes de a fábrica de móveis fechar, ali fora o centro de lavagem de roupa das mulheres, mas isso

tinha sido muito tempo antes. Um bando de andorinhas disparou por cima dele, e, em algum lugar próximo, um pássaro desconhecido cantou uma canção estranha e persistente.

Pregador estava cansado e sem fôlego e caiu de joelhos, encostando a bengala num cepo de carvalho apodrecido onde cresciam cachos de cogumelos venenosos. Depois, abrindo sua Bíblia no ponto em que uma fita prateada jazia entre as páginas, uniu as mãos e ergueu a cabeça.

Vários momentos de silêncio, os olhos apertaram-se com força, concentrados no círculo de céu, nos fumarentos fios de nuvem, como laços extraviados de cabelo claro, que mal pareciam mover-se sobre a tela azul, mais pálidos que vidro leitoso.

Depois, apenas num sussurro:

“Sinhô Jesus? Sinhô Jesus?”

O vento sussurrou em resposta, desentranhando folhas enterradas pelo inverno, que faziam o ruído de furtivas rodas de carroça sobre o solo de musgo verde.

“Estou de volta outra vez, Sinhô Jesus, fiel até o fim. Por favor, Sinhô, dê uma atenção ao velho Pregador.”

Seguro do seu público, ele sorriu com tristeza e acenou. Era hora de falar o que tinha a dizer. Disse que estava velho; não sabia a idade, noventa ou cem, talvez. Seu trabalho estava acabado, e toda a sua gente tinha ido embora. Se a família ainda existisse, as coisas poderiam ser diferentes. Hosana! Mas Evelina havia morrido, e o que acontecera com os filhos? Billy Boy, Jasmine, Landis, Le Roy e Anna-Jo e o Lindo Amor? Uns foram para Memphis, para Mobile, para Birmingham, uns foram para a sepultura. De todo modo, não estavam com ele; tinham deixado a terra em que ele trabalhara tanto, e os campos estavam arruinados, ele vivia assustado de noite na casa velha, sem nada para lhe fazer companhia exceto o curiango. E assim era muito feio mantê-lo aqui, quando ele gostaria de estar com os outros, onde quer que estivessem. “Glória a mim, Sinhô Jesus, que eu sou tão antigo que nem a mais antiga tartaruga e mais antigo ainda que isso...”

Ultimamente, pegara o costume de pedir em seu favor muitas vezes, e, quanto mais tempo ele falasse, mais esganiçada e ansiosa se tornava sua voz, até que ela crescia e ficava furiosa e exigente, e os gaios que espiavam nos galhos dos pinheiros esvoaçavam enraivecidos e apavorados.

Pregador parou de repente, inclinou a cabeça e escutou. Repetiu-se: um som estranho, perturbador. Ele olhou para um lado e para o outro, e então viu um milagre: uma cabeça flamejante, balançando acima da vegetação cerrada, flutuava na direção dele; seu cabelo era crespo e vermelho; uma barba reluzente escorria pelo rosto. Pior ainda, outra aparição, mais pálida e mais luminosa, surgiu atrás dela.

Um forte pânico e uma confusão deixaram rígido o rosto do Pregador, e ele gemeu. Nunca na história do condado de Calupa foi ouvido um som tão funesto. Um cachorro de orelhas aparadas, cor de azeviche, irrompeu na clareira, olhou de modo feroz e rosnou, com cordões de saliva pendentes da boca. E dois homens, dois desconhecidos, saíram da sombra, camisas verdes abertas no pescoço, suspensórios de couro de cobra segurando as calças de veludo cotelê amarradas abaixo do joelho. Os dois eram baixos, mas tinham um físico magnífico, e um deles tinha cabelo crespo e ostentava uma barba de um tom alaranjado de vermelho, o outro tinha cabelo amarelo e bochechas lisas. Um gato-do-mato abatido pendia entre ambos, preso a um bambu, e rifles compridos estavam erguidos no flanco dos dois homens.

Era só o que faltava para o Pregador, ele gemeu outra vez e se levantou de um salto, disparou feito um coelho para dentro da floresta e para a trilha. Tamanha era sua pressa que ele deixou a bengala encostada no cepo de carvalho e a Bíblia aberta sobre o musgo. O cão avançou, farejou as páginas e deu início à caçada.

“Que diabo será isso?”, disse Cabeça Crespa, pegando o livro e a bengala.

“Que coisa mais maluca”, disse Cabelo Amarelo.

Ajeitaram sobre os ombros largos o corpo do felino, que balançava na vara onde as patas estavam amarradas com cordas de palha, e Cabeça Crespa disse: “Acho melhor a gente ir atrás desse cachorro; pelo menos dar um carão nele”.

“Era bom”, disse Cabelo Amarelo. “Só que eu até pagaria para poder descansar um pouco... Estou com uma bolha do tamanho de meio dólar, e ela está me matando.”

Oscilando sob o peso do rifle e da caça, eles começaram a entoar uma música, avançaram rumo aos pinheiros escuros, e os olhos dourados do gato-do-mato fitavam fixamente, muito abertos, captavam e refletiam o último sol, rebatiam seu fogo.

Enquanto isso, Pregador tinha percorrido uma distância razoável. Na verdade não corria tão rapidamente desde o dia em que uma cobra o perseguira dali até Kingdom Come. Não era mais um velho decrépito, e sim um velocista que se movia com toda a agilidade. Suas pernas disparavam vigorosas e seguras pela trilha, e deve-se destacar que uma cãibra miserável nas suas costas, da qual ele sofria havia vinte anos, desapareceu naquela tarde e nunca mais voltou. A várzea escura passou depressa, sem que ele notasse, e, enquanto atravessava o riacho a pé, seu macacão se sacudia loucamente. Ah, ele estava abalado pelo medo, e as batidas dos seus pés ligeiros eram um tambor feroz.

Então, na hora em que chegou ao pé de corniso, teve um pensamento

tremendo. Foi tão grave e assombroso que ele tropeçou e caiu de encontro à árvore, que borrifou uma chuva em cima dele e o assustou seriamente. Ele esfregou o ombro ferido, passou a língua nos lábios e balançou a cabeça. “Deus do céu”, disse. “Que foi feito de mim?” Sim. Sim, ele sabia. Sabia quem eram aqueles estranhos — sabia por causa do Livro Bom —, mas isso era um consolo menor do que seria de esperar.

Então se levantou aos poucos, fugiu através do jardim e subiu a escadinha.

Na varanda, voltou-se e olhou para trás. Quietamente, parado: nada se mexia a não ser as sombras. A penumbra se alastrava em leque por cima do penhasco; campos e árvores, moitas e trepadeiras, enredavam-se em cores que se fundiam; púrpura e rosa, e os pequenos pessegueiros passavam para um verde prateado. E, não distante dali, o cão latia atrás da caça. Por um momento, Pregador pensou em correr os quilômetros que o separavam de Cypress City, mas isso, ele sabia, jamais iria salvá-lo. “Nunca na vida.”

Feche a porta, tranque bem; isso, assim está bom! Agora, as janelas. Mas, ah, as persianas estão quebradas e não têm jeito!

Ele se sentiu indefeso e derrotado fitando os quadrados ociosos onde as damas-da-noite subiam pelo morro. Que era aquilo? “Evelina? Evelina! Evelina!” Unhas de ratos dentro das paredes, só o vento fazendo tremer a folha de um calendário ilustrado.

Assim, murmurando com violência, andou às tontas pela cabana, arrumando, tirando o pó, ameaçando. “Espíritos e fantasmas, tratem de se esconder, tenham vergonha na cara... Uma turma grande e poderosa está vindo aí para ajudar.” Acendeu um lampião de querosene feito de latão (presente de Evelina, Natal de 1918) e, quando a chama avivou, colocou-o sobre o consolo da lareira ao lado de uma foto borrada (tirada pelo fotógrafo itinerante que passava ali uma vez por ano) de um rosto bochechudo e com cor de quem tomou muita bebida, Evelina, sorrindo, com as marcas de uma rede branca no cabelo. Em seguida, afogou uma almofada de cetim (Primeiro Prêmio em Costura com Retalhos, ganho por Amor Maravilhoso, na Feira de Diversões de Cypress de 1910) e jogou-a com orgulho na cadeira de balanço. Nada havia a fazer; assim, atçou as chamas da lareira, pôs mais um punhado de gravetos no fogo e sentou-se para esperar.

Não demorou muito. Pois logo ouviu uma cantoria; vozes graves cantavam melodias que ecoavam e ecoavam com uma força imensa e um poder brinçalhão: “Eu trabalhei na ferrovia, o dia todo, o dia inteiro...”

Pregador, de olhos fechados, as mãos cruzadas em atitude solene, media o avanço alegre deles pela trilha: no bosque de nogueiras, na estrada, debaixo dos cinamomos...

(Na véspera da morte do seu pai, diziam, um enorme pássaro de asas vermelhas, com um bico assustador, entrou de repente na sala, vindo do nada,

deu duas voltas em redor da cama do velho e, diante dos olhos dos presentes, desapareceu.)

Pregador estava um pouco à espera de um símbolo desse tipo, agora.

Eles subiram até a varanda, as botas batiam pesadamente nas tábuas empenadas. Ele suspirou quando bateram à porta; tinha de deixá-los entrar. Sorriu para Evelina, pensou por um breve instante na vergonha que eram seus filhos e, movendo-se ainda mais lentamente, chegou à porta, retirou a tábua e abriu-a de todo.

Cabeça Crespa, o que tinha barba comprida e de um tom alaranjado de vermelho, avançou primeiro, esfregando o rosto quadrado, queimado, com um lenço de peçoço. Cumprimentou como se tocasse com a mão num chapéu invisível.

“Boa tarde, Sinhô Jesus”, disse Pregador, curvando-se o mais baixo que podia.

“Boa tarde”, respondeu Cabeça Crespa.

Cabelo Amarelo seguiu-o, com um jeito folgado e assobiando, um bamboleio arrogante no modo de andar e as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos da calça de veludo cotelê. Lançou um olhar mal-humorado para Pregador, dos pés à cabeça.

“Boa tarde, Sinhô Santo”, disse Pregador, distinguindo-os de maneira arbitrária.

“Oi.”

E Pregador seguiu-os ansioso até que os dois estivessem bem aninhados diante da lareira. “Como estão passando os nobres?”, perguntou.

“Não podemos reclamar”, respondeu Cabeça Crespa, enquanto admirava as páginas de histórias em quadrinhos e as fotos de garotas das folhinhas. “Tem um bom olho para garotas, vovô.”

“Não, sinhô”, respondeu Pregador. “Não sei nada dessas garotas velhas, não sinhô!” E balançou a cabeça para enfatizar. “Sou cristão, Sinhô Jesus: um batista fiel, membro ativo da igreja Estrela da Manhã de Cypress City.”

“Não quis ofender”, disse Cabeça Crespa. “Qual é o seu nome, vovô?”

“Nome? Puxa, Sinhô Jesus, o sinhô sabe que sou o Pregador. Pregador, o que anda conversando com o sinhô faz seis meses, não sabe?”

“Claro que sei”, respondeu Cabeça Crespa, e lhe deu um vigoroso tapa nas costas. “Claro que sei.”

“Que é isso?”, perguntou Cabelo Amarelo. “De que diabo estão falando?”

“Sei lá”, respondeu Cabeça Crespa, e deu de ombros. “Olhe, Pregador, a gente teve um dia duro e está com uma certa sede... Será que dava para ajudar a gente?”



Pregador sorriu com ar matreiro, levantou o braço e disse: “Nunca toquei em bebida, na minha vida inteira, essa é a verdade”.

“A gente estava falando de água mesmo, vovô. Da boa e velha água de beber.”

“E pode ter certeza que as canecas estão limpas”, disse Cabelo Amarelo. Era um sujeito muito diferente e um pouco azedo, apesar do seu jeito folgado. “Para que fica com essa lareira acesa, vovô?”

“Por causa da minha saúde, Sinhô Santo. Tenho umas tremedeiras que me pegam à toa.”

Cabelo Amarelo disse: “Parece até que esses sujeitos de cor saem todos de uma máquina, todos andam doentes o tempo todo e vivem com umas idéias malucas”.

“Não estou doente”, disse Pregador, sorrindo feliz da vida. “Estou bem! Nunca me senti melhor do que me sinto agora, não sinhô!” Remexeu no braço da cadeira de balanço. “Vem, senta aqui na minha bonita cadeira de balanço, Sinhô Jesus. Olha só que almofada bonita. Sinhô Santo... é bem-vindo na cama.”

“Muito agradecido.”

“Posso ficar sentado mesmo, obrigado.”

Cabeça Crespa era o mais velho e mais simpático: a cabeça de feito bonito, os olhos de um azul profundo, o rosto cheio e vigoroso e com uma expressão bastante séria. A barba dava um toque de autêntica majestade. Ele abriu bem as pernas e pendurou uma delas por cima do braço da cadeira de balanço. Cabelo Amarelo, de traços mais pronunciados e pele mais pálida, desabou na cama e olhou com ar mal-humorado para um lado e para o outro. O fogo fazia um barulho de dar sono; o lampião crepitava de leve.

“Será que posso levar meus pertences?”, perguntou Pregador, a voz muito apagada.

Como não veio resposta, ele abriu sua colcha num canto bem afastado e, em silêncio, um tanto reservadamente, começou a juntar o retrato de Evelina, seu cachimbo, uma garrafa verde que noutra tempo guardava o vinho moscatel do seu aniversário e agora continha sete pedrinhas cor-de-rosa para dar sorte e um ninho de poeira e teias de aranha, pegou também uma caixa vazia de balas Paradise e outros objetos, igualmente preciosos, que amontoou em cima da colcha. Em seguida vasculhou uma arca de cedro, que tinha cheiro de muitos anos, e achou um reluzente gorro feito de pele de esquilo e o pôs na cabeça. Era bonito e quente; na viagem podia fazer muito frio.

Enquanto ele fazia isso, Cabeça Crespa escarafunchava os dentes meticulosamente com uma pena de galinha que pegara numa jarra e, com o rosto franzido e intrigado, observava os movimentos do velho. Cabelo Amarelo voltou a assobiar; a melodia que assobiava era totalmente monótona.

Depois que Pregador tinha cuidado das suas coisas durante um longo

tempo, Cabeça Crespa limpou um pigarro e disse: “Espero que não tenha esquecido aquele gole de água, vovô. Eu ia ficar muito contente”.

Pregador mancou até o balde de poço escondido no meio da tralha do fogão. “Parece que não consigo lembrar de nada, Sinhô Jesus. Parece que deixei minha cabeça lá fora quando entrei.” Tinha duas cuias, e encheu-as até a borda. Quando Cabeça Crespa terminou, enxugou a boca e disse: “Muito bom”, e começou a balançar, deixando as botas se arrastarem na lareira num ritmo sonolento.

As mãos de Pregador tremiam enquanto ele amarrava sua colcha, e teve de tentar cinco vezes. Depois se empoleirou numa tora virada de cabeça para baixo entre os dois homens, suas pernas curtas mal tocavam o chão. Os lábios rasgados da garota dourada que segurava a garrafa de ne-hi sorriam, e a luz da lareira flamejava sobre o apelativo mural nas paredes. Através das janelas abertas, podiam-se ouvir insetos que tricotavam no capim e cadências noturnas variadas, familiares durante toda a vida de Pregador. Ah, como sua cabana parecia linda, que maravilha era aquilo que desprezara. Que erro tinha cometido! Que tolo desgraçado! Ele jamais poderia ir embora, nem agora nem nunca. Mas ali, na sua frente, estavam quatro pés calçando quatro botas e a porta logo atrás deles.

“Sinhô Jesus”, disse Pregador, num tom de voz cuidadoso. “Fiquei aqui pensando e repensando esse assunto de uma ponta à outra, e cheguei à conclusão de que não quero ir com o sinhô, não.”

Cabeça Crespa e Cabelo Amarelo trocaram uns olhares estranhos, e Cabelo Amarelo, levantando-se da cama, curvou-se em cima de Pregador e disse: “Qual é o problema, vovô? Está com febre?”.

Mortalmente envergonhado, Pregador disse: “Por favor, sinhô, me desculpe... Não quero ir para nenhum lugar”.

“Escute aqui, vovô, tenha juízo”, disse Cabeça Crespa com delicadeza. “Se está doente, a gente terá prazer de trazer um médico da cidade.”

“Não precisa, não”, respondeu Pregador. “Quando chega a hora, chega a hora e pronto... Mas eu ia adorar se vocês todos me deixassem aqui.”

“A gente só quer ajudar”, disse Cabelo Amarelo.

“Claro”, disse Cabeça Crespa, e esguichou uma cusparada grossa para dentro do fogo. “Você está sendo um bocado teimoso, francamente. Não é com todo mundo que a gente faz todo esse esforço para prestar um favor, de jeito nenhum.”

“Eu agradeço muito mesmo, Sinhô Jesus. Sei que dei um trabalho danado para vocês.”

“Vamos lá, vovô”, disse Cabelo Amarelo, sua voz baixando de tom. “Qual é o problema? Está encrencado com alguma garota?”

Cabeça Crespa disse: “Ei, não brinque assim com o vovô. Ele só ficou no

sol mais tempo do que devia, foi só isso. Sabe, nunca vi um caso assim”.

“Também não”, respondeu Cabelo Amarelo. “Mas nunca se sabe direito, quando se trata desses crioulos velhos; o melhor é conferir bem e ter certeza, antes de piscar o olho.”

Pregador foi afundando cada vez mais até ficar quase dobrado ao meio, e seu queixo começou a se contorcer.

“Primeiro ele foge correndo como se tivesse visto o diabo em pessoa”, disse Cabelo Amarelo, “e agora age feito nem sei o quê.”

“Não é isso, não”, gritou Pregador, os olhos arregalados de susto. “Reconheci vocês todos pelo Bom Livro. E sou um homem *bom*. Sou um homem bom como nunca se viu neste mundo... nunca fiz mal a ninguém...”

“Aaah...”, gemeu Cabelo Amarelo. “Eu desisto! Vovô... não vale a pena perder tempo com você.”

“É verdade”, disse Cabeça Crespa.

Pregador curvou a cabeça e empurrou a cauda de esquilo para longe da bochecha. “Eu sei”, disse. “Sim, sinhô, é isso mesmo. Fui um tremendo bobo, e isso está no Evangelho. Mas vocês me deixam ficar aqui, e eu vou cortar toda a erva daninha do jardim e do campo e vou voltar a plantar e vou chamar aquela Anna-Jo até ela voltar para cá e cuidar do seu pai como é o certo para ela fazer.”

Cabeça Crespa puxava a barba e fazia estalar os suspensórios. Seus olhos, muito azuis e desconcertados, aprisionavam com precisão o rosto de Pregador. Por fim, disse: “Acho que não consigo entender”.

“É muito simples”, respondeu Cabelo Amarelo. “Ele está com o diabo fazendo bagunça dentro dele.”

“Sou um batista muito fiel”, repetiu Pregador, “membro da igreja Estrela da Manhã de Cypress City. E tenho só setenta anos.”

“Escute, vovô”, disse Cabelo Amarelo. “Você está prestes a completar cem anos. Não devia contar mentiras desse jeito. Está tudo registrado naquele grande livro preto lá em cima, lembra?”

“Sou um pecador desgraçado”, disse Pregador. “Não sou mesmo o mais desgraçado dos pecadores?”

“Bem”, começou Cabeça Crespa, “não sei.” Então sorriu, levantou-se e bocejou. “Vou lhe dizer uma coisa”, disse. “Estou achando que estou com tanta fome que comia até um cogumelo venenoso. Vamos lá, Jesse, é melhor a gente ir para casa antes que as mulheres joguem nossa comida para os porcos.”

Cabelo Amarelo respondeu: “Deus do céu, não sei se eu consigo dar mais um passo; essa bolha está me queimando feito fogo”. E para o Pregador: “Acho que vamos ter de deixar você também nessa desgraça, vovô”.

E Pregador sorriu tanto que seus dentes superiores e os três inferiores (inclusive a jaqueta de ouro que ganhara de Evelina, Natal de 1922) ficaram à mostra. Seus olhos piscaram com furor. Tal qual uma criança murcha e bem

fora do comum, ele quase dançou até a porta e fez questão de beijar as mãos dos dois homens enquanto passavam, andando com dificuldade.

Cabeça Crespa desceu a escadinha pisando com força, voltou, devolveu para Pregador a Bíblia e a bengala, enquanto Cabelo Amarelo esperava no jardim, onde o anoitecer tinha corrido umas cortinas pálidas.

“Cuide bem disso agora, vovô”, disse Cabeça Crespa, “e trate de não deixar que a gente veja você de novo no bosque dos pinheiros. Um velho feito você pode acabar se metendo em todo tipo de encrenca. Vai ser melhor para você.”

“h, êh, êh”, riu Pregador. “Pode ter certeza que vou fazer isso, e obrigado, Sinhô Jesus, e também você, Sinhô Santo... obrigado. Mesmo que ninguém acredite em mim, vou contar para eles.”

Puseram os rifles nos ombros e ergueram o corpo do gato-do-mato. “Boa sorte”, disse Cabeça Crespa. “A gente volta um dia, para tomar um gole de água, quem sabe.”

“Vida longa e feliz, seu bode velho”, disse Cabelo Amarelo, enquanto atravessavam o jardim rumo à estrada.

Pregador, observando da varanda, lembrou de repente e gritou: “Sinhô Jesus... Sinhô Jesus! Quem sabe o sinhô não pode me fazer um favor. Eu gostaria que o sinhô arranjasse um tempinho para achar a minha velha... O nome é Evelina... e mandasse um abraço do Pregador para ela e contasse como sou um homem bom e feliz”.

“Pode deixar que vou cuidar disso assim que chegar, vovô”, respondeu Cabeça Crespa, e Cabelo Amarelo deu uma gargalhada.

E suas sombras dobraram a curva da estrada, e o negror de azeviche rastejou de uma vala e avançou ligeiro atrás deles. Pregador gritava e acenava em despedida. Mas eles estavam rindo alto demais para ouvir, e seu riso ainda oscilava no vento muito depois de passarem pelo penhasco, onde os vaga-lumes bordavam pequenas luas no ar azul.

[1945]

*Tradução de Rubens Figueiredo*

## Uma árvore da noite

Era inverno. Uma fileira de lâmpadas nuas, que pareciam esvaziadas de todo calor, iluminava a plataforma fria da pequena estação, exposta ao vento. Tinha chovido, e agora sincelos pendiam dos beirais como os dentes agressivos de um monstro de cristal. Só uma jovem alta estava na plataforma deserta. Usava tailleur de lãzinha cinza, capa de chuva e cachecol xadrez. O cabelo, repartido no meio e preso dos lados em rolos impecáveis, era de um rico tom alourado de castanho; e, apesar do rosto muito magro e fino, ela era atraente, mas sem nada de extraordinário. Além de uma variedade de revistas e de uma bolsa de camurça cinza com o nome Kay inscrito em rebuscadas letras de latão, carregava um vistoso violão verde.

Quando o trem emergiu da escuridão, jorrando vapor, esbanjando luzes, e parou estrepitosamente, Kay reuniu sua parafernália e embarcou no último vagão.

O vagão era uma relíquia, com um interior decadente de velhas poltronas de veludo vermelho, escalfado em alguns pontos, e elementos de madeira cor de iodo, a pintura descascando. Uma vetusta luminária de cobre, presa ao teto, parecia romântica e deslocada. Uma fumaça escura pairava no ar; e o ambiente abafado e quente acentuava o cheiro desagradável de sanduíches abandonados, restos de maçã e cascas de laranja: esse lixo, que incluía copos de papel, garrafas de refrigerante e jornais esfrangalhados, forrava o longo corredor. De um bebedouro embutido na parede um fio de água escorria sem parar até o chão. Os passageiros, que ergueram os olhos, entediados, quando Kay entrou, pareciam alheios ao desconforto.

Kay resistiu à tentação de tapar o nariz e cautelosamente enveredou corredor adentro, tropeçando uma única vez, sem nenhum estrago, na perna esticada de um gordo que cochilava. Dois homens que nada tinham de especial lhe lançaram um olhar interessado; e um garoto se pôs de pé na poltrona, berrando: “Ei, mãe, olha o banjo! Ei, dona, me deixa tocar seu banjo!”, até que um tabefe da mãe o silenciou.

Só havia um lugar vazio. Ela o encontrou no fundo do vagão, num cantinho isolado, já ocupado por um homem e uma mulher que preguiçosamente apoiavam os pés na poltrona oposta. Kay hesitou por um instante. “Vocês se importariam se eu me sentasse aqui?”, disse.

A mulher levantou a cabeça como se acabasse não de ouvir uma simples

pergunta, mas de receber uma agulhada. Mesmo assim, conseguiu sorrir. “Não vejo nada que a impeça, meu bem”, disse, tirando os pés da poltrona e, com uma curiosa impessoalidade, removendo também os pés do homem, que espiava pela janela sem prestar atenção em coisa nenhuma.

Agradecendo à mulher, Kay tirou o casaco e se acomodou, com a bolsa e o violão ao lado, as revistas no colo: bastante confortável, embora desejasse uma almofada para pôr nas costas.

O trem deu um solavanco; um fantasma de vapor sibilou contra a janela; lentamente, as luzes mortíferas da estação deserta desapareceram.

“Credo, que fim de mundo”, a mulher comentou. “Nem cidade, nem nada.”

“A cidade fica a alguns quilômetros”, Kay explicou.

“Ah, é? Você mora lá?”

Não. Kay contou que tinha ido ao enterro de um tio. Um tio que — evidentemente ela omitiu esse fato — só lhe deixara em testamento o violão verde. Para onde ela estava indo? Ah, voltando para a faculdade.

Depois de matutar sobre isso, a mulher concluiu: “O que é que se pode aprender num lugar desses? Vou lhe dizer uma coisa, meu bem. Eu sou muito instruída, e nunca vi uma faculdade por dentro”.

“Não?”, Kay murmurou, polida, e encerrou o assunto, abrindo uma de suas revistas. A luz era fraca para ler, e nenhum artigo parecia minimamente interessante. Contudo, não querendo se deixar envolver numa maratona de conversas, ela manteve os olhos fixos na revista, bobamente, até sentir um furtivo tapinha no joelho.

“Não leia”, a mulher disse. “Eu preciso de alguém para conversar. Claro que não tem graça nenhuma conversar com *ele*.” E apontou com o polegar o homem silencioso. “Ele é deficiente: surdo e mudo, entendeu?”

Kay fechou a revista e olhou para ela mais ou menos pela primeira vez. Ela era baixinha; seus pés mal roçavam o chão. E, como muita gente mais baixa que a média, tinha uma estrutura anormal — no caso, uma cabeça enorme, realmente imensa. Havia tanto ruge em seu rosto carnudo e flácido que era difícil calcular a idade dela: talvez cinquenta, cinquenta e cinco. Os grandes olhos ovinos se apertavam, como se desconfiassem do que viam. O cabelo, obviamente tingido de ruivo, estava arrumado em grossas mechas secas, retorcidas como saca-rolhas. Um chapéu lilás, que já fora elegante um dia e impressionava pelo tamanho, oscilava de um jeito absurdo no lado da cabeça, e ela não parava de empurrar um cacho de cerejas de celulósido que pendia da aba. Trajava um vestido azul bem simples, um tanto surrado. Seu hálito recendia a gim fortemente adocicado.

“Você quer conversar comigo, não quer, meu bem?”

“Claro”, Kay respondeu, achando meio divertido.

“Lógico que quer. Sem dúvida que quer. É disso que eu gosto no trem. O pessoal que anda de ônibus é um bando de paspalhos que não abrem a boca. Mas o trem é o lugar para pôr as cartas na mesa, é o que eu sempre digo.” Sua voz era animada e retumbante, rouca como a de um homem. “Mas, por causa *dele*, eu sempre procuro comprar este lugar aqui; é mais reservado, como uma cabine chique, entende?”

“É muito agradável”, Kay concordou. “Obrigada por me deixar ficar com vocês.”

“É um prazer. Não temos muita companhia; algumas pessoas ficam nervosas perto dele.”

Como para desmenti-la, o homem produziu um som estranho, abafado, lá no fundo da garganta, e puxou-lhe a manga. “Me deixe em paz, coração”, ela disse, como se falasse com uma criança negligente. “Eu estou bem. Só estamos levando um papinho gostoso. Agora se comporte, ou essa moça bonita vai embora. Ela é muito rica; vai para a faculdade.” E, piscando, acrescentou: “Ele acha que eu estou bêbada”.

O homem se encolheu na poltrona, inclinou a cabeça para o lado e estudou Kay atentamente pelo canto dos olhos. Esses olhos, que mais pareciam duas bolinhas de gude de um azul turvo, desbotado, eram orlados de densas pestanas e singularmente belos. Agora, tirando-se um certo alheamento, seu rosto largo e glabro não expressava realmente nada. Era como se ele fosse incapaz de vivenciar ou refletir a mais leve emoção. Tinha o cabelo grisalho bem curto e penteado para a frente em mechas desiguais. Parecia uma criança envelhecida abruptamente por algum método fantástico. Usava um terno puído de sarja azul e se ungira de um pavoroso perfume barato. Trazia no pulso um relógio do Mickey Mouse.

“Ele acha que eu estou bêbada”, a mulher repetiu. “E o engraçado é que estou mesmo. Que diabo... a gente precisa fazer alguma coisa, não é verdade?” Inclinou-se, chegando mais perto. “Não é?”

Kay ainda estava embasbacada com o homem; a maneira como ele a fitava lhe dava engulho, mas ela não conseguia desviar os olhos. “Acho que sim”, respondeu.

“Então, vamos tomar um trago”, a mulher sugeriu. Enfiou a mão numa sacola de oleado e tirou uma garrafa de gim parcialmente cheia. Começou a girar a tampa, mas, aparentemente pensando melhor, entregou a garrafa a Kay. “Xi, eu me esqueci de você”, disse. “Vou buscar uns copos de papel para nós.”

Assim, antes que Kay pudesse declarar que não queria um trago, a mulher se levantou e se dirigiu para o bebedouro num passo nada firme.

Kay bocejou e encostou a testa na vidraça, dedilhando o violão, distraída: as cordas cantaram baixinho uma melodia acalentadora, tão monotonamente tranquilizante quanto a paisagem sulina, que, um borrão na escuridão, passava

pela janela. Uma glacial lua de inverno girava por sobre o trem, cruzando o céu da noite como uma tênue roda branca.

E então, sem aviso prévio, aconteceu uma coisa estranha: o homem estendeu a mão e docemente afagou o rosto de Kay. Foi um gesto tão ousado, apesar da extraordinária delicadeza, que a princípio Kay se surpreendeu demais para conseguir entendê-lo: seus pensamentos dispararam em três ou quatro fantásticas direções. Ele se debruçou até seus olhos bizarros ficarem bem perto dos dela; seu perfume era nauseante. O violão silenciou, enquanto trocavam um olhar devassador. De repente, de alguma fonte de compaixão brotou nela um intenso sentimento de piedade; mas também, e isso Kay não foi capaz de reprimir, um nojo assoberbante, uma aversão absoluta: alguma coisa nele, uma qualidade elusiva que ela não conseguia definir, lembrava-lhe — o quê?

Pouco depois, o homem baixou a mão solenemente e tornou a se encolher na poltrona, um sorriso asinino transfigurando-lhe o rosto, como se ele tivesse realizado uma façanha e desejasse aplausos.

“Upa! Upa! Meu cauboizinho...”, a mulher gritou. E sentou-se, proclamando em altos brados que estava “zozza como uma bruxa! Morta de canseira! Puf!”. De um punhado de copos ela separou dois e tranqüilamente enfiou o resto na blusa. “Aqui estão secos e salvos, ha, ha, ha...” Um acesso de tosse a acometeu; porém, quando passou, ela parecia mais calma. “O meu amigo foi uma boa companhia?”, perguntou, dando reverentes palmadinhas no peito. “Ah, ele é um doce.” Parecia que ia desmaiar. Kay desejou que desmaiasse.

“Eu não quero um trago”, Kay disse, devolvendo a garrafa. “Eu não bebo: detesto o gosto.”

“Não seja desmancha-prazeres”, a mulher retrucou, inabalável. “Tome, pegue o copo como uma boa menina.”

“Não, por favor...”

“Segure firme, pelo amor de Deus. Imagine, nervos nessa idade! Eu, sim, posso tremer que nem uma folha, tenho os meus motivos. Ah, se tenho.”

“Mas...”

Um sorriso perigoso entortou horrivelmente o rosto da mulher. “Qual é o problema? Acha que eu não sou boa o bastante para beber comigo?”

“Por favor, não me leve a mal”, disse Kay, um frêmito na voz. “Eu não gosto que me obriguem a fazer o que não quero. Então, posso dar este para o cavalheiro?”

“Para ele? De jeito nenhum: ele precisa do pouco juízo que tem. Vamos, meu bem, saúde.”

Constatando que era inútil, Kay resolveu ceder e evitar uma possível cena. Tomou um gole e se arrepiou. Era um gim horrível. Queimou-lhe a garganta de tal maneira que seus olhos lacrimejaram. Rapidamente, quando a mulher não



estava vendo, ela despejou o conteúdo do copo dentro do violão. Acontece, porém, que o homem viu; e Kay, percebendo, imprudentemente lhe pediu com os olhos que não a denunciasse. Mas seu rosto inexpressivo não lhe permitiu saber até que ponto ele entendeu.

“De onde você é, menina?”, a mulher recomeçou.

Por um momento, perplexa, Kay foi incapaz de responder. Os nomes de várias cidades lhe ocorreram ao mesmo tempo. Por fim, ela extraiu dessa confusão: “Nova Orleans. Eu sou de Nova Orleans”.

A mulher sorriu. “no é para onde eu quero ir quando bater as botas. Antigamente, lá pelos idos de 1923, eu tinha um belo consultóriozinho de cartomante em no. Deixe-me ver, ficava na rua St. Peter.” Fez uma pausa, inclinou-se e pôs a garrafa vazia no chão. A garrafa rolou até o corredor e ficou se balançando, de um lado para o outro, com um barulho modorral. “Eu fui criada no Texas... numa fazendona... meu papai era rico. Nós, crianças, sempre tivemos o melhor; até Paris, na França, roupas. Aposto que você também tem uma casa grande e bacana. Você tem jardim? Tem flores?”

“Só lilases.”

Um condutor entrou no vagão, precedido por uma fria rajada de vento que chacoalhou ruidosamente o lixo do corredor e por um instante avivou o ar parado. Ele seguiu em frente, num andar pesado, detendo-se cá e lá para perfurar um bilhete ou falar com um passageiro. Era mais de meia-noite. Alguém tocava gaita magistralmente. Alguém desfiava os méritos de certo político. Uma criança gritou, dormindo.

“Talvez você não fosse tão arrogante se soubesse quem nós éramos”, dizia a mulher, sacudindo a cabeçorra. “A gente não era nenhum borra-botas, não.”

Embarçada, Kay nervosamente abriu um maço de cigarros e acendeu um. Imaginou se não haveria lugar num vagão mais à frente. Não agüentava a mulher, tampouco o homem, aliás, nem mais um minuto. Porém, nunca havia estado numa situação remotamente comparável. “Se a senhora me dá licença”, disse, “eu tenho de ir andando. Está muito agradável, mas prometi encontrar um amigo no trem...”

Com uma presteza quase invisível, a mulher agarrou-a pelo pulso. “Sua mãe nunca lhe disse que é pecado mentir?”, cochichou. O chapéu lilás despencou-lhe da cabeça, mas ela não fez nenhum esforço para reavê-lo. Pôs a língua para fora e umedeceu os lábios. E, enquanto Kay se levantava, aumentou a pressão com que a segurava. “Sente-se, querida... não existe amigo nenhum... Nós somos seus únicos amigos, ora essa, e não queremos que você vá embora por nada neste mundo.”

“Honestamente, eu não mentiria.”

“Sente-se, querida.”

Kay jogou o cigarro, e o homem o pegou. Ele se encolheu no canto e ficou

absorto, soprando uma corrente de viçosos elos de fumaça que subiam como olhos ociosos e se expandiam no nada.

“Ora essa, você não vai querer magoá-lo, indo embora agora, vai, querida?”, a mulher murmurou baixinho. “Sente-se... sente-se... assim, boa menina. Mas que lindo violão. Que lindo, lindo violão...” Sua voz morreu no ronco repentino de um segundo trem. E por um momento as luzes do vagão se apagaram; na escuridão, as janelas douradas do trem que passava piscavam preto-amarelo-preto-amarelo-preto-amarelo. O cigarro do homem pulsava como o brilho de um vaga-lume, e seus elos de fumaça continuavam subindo tranqüilamente. Lá fora, um sino repicava, frenético.

Quando a luz voltou, Kay massageava o pulso, onde os dedos fortes da mulher haviam deixado a marca dolorida de um bracelete. Estava mais perplexa que zangada. Decidiu perguntar ao condutor se lhe arranjaria outro lugar. No entanto, quando ele apareceu para pegar seu bilhete, o pedido incoerentemente engasgou em seus lábios.

“Sim, senhorita?”

“Nada”, ela disse.

E ele foi embora.

O trio do cantinho se entreolhou num misterioso silêncio, até que a mulher anunciou: “Eu tenho aqui uma coisa que quero mostrar para você, meu bem”. E mais uma vez remexeu na sacola de oleado. “Você não vai ser tão arrogante, depois que der uma espiada nisto.”

O que ela entregou a Kay foi um anúncio, impresso num papel amarelado, antigo, que parecia ter séculos de existência. Numa letra frágil, extremamente rebuscada, dizia:

lázaro

o homem que está enterrado vivo

um milagre

veja por si mesmo

Adultos, 25 centavos — Crianças, 10 centavos

“Eu sempre canto um hino e leio um sermão”, a mulher explicou. “É muito triste: alguns choram, principalmente os velhos. E eu uso um traje absolutamente elegante: um véu preto e um vestido preto, ah, uma beleza. *Ele* usa um terno de casamento maravilhoso, feito sob medida, e um turbante, e muito talco na cara. Sabe, a gente procura fazer o mais parecido possível com um funeral de verdade. Mas, puxa vida, hoje em dia é mais provável atrair um bando de espertinhos que só vão lá para rir... de modo que, às vezes, eu fico feliz por ele ser deficiente, porque, se não fosse, podia se magoar.”

Kay perguntou: “Quer dizer que vocês fazem parte de um circo, de um

espetáculo de rua, algo assim?”.

“Nada disso, somos só nós”, a mulher respondeu, recuperando o chapéu despencado. “Fazemos isso há anos e anos... em cada cidadezinha do Sul: Singasong, Mississippi... Spunky, Louisiana... Eureka, Alabama...” Esses e outros nomes jorravam de sua língua musicalmente, juntando-se como pingos de chuva. “Depois do hino, depois do sermão, nós o enterramos.”

“Num caixão?”

“Mais ou menos. É lindo, com estrelas prateadas pintadas em toda a tampa.”

“Imagino que ele deve sufocar”, Kay comentou, perplexa. “Quanto tempo ele fica enterrado?”

“Tudo somado, uma hora, talvez... sem contar o chamariz.”

“Chamariz?”

“Hã-hã. É o que a gente faz na véspera do show, à noite. Sabe, a gente procura uma loja, qualquer loja velha com uma vitrine grande serve, e convence o dono a deixar que *ele* sente dentro dessa vitrine e, bem, se hipnotize. Ele passa a noite inteira lá, duro que nem cabo de vassoura, e as pessoas vão olhar: ficam apavoradas...” Enquanto falava, ela enfiava o dedo na orelha e de quando em quando o tirava para examinar o que encontrara. “E uma vez aquele xerife vagabundo do Mississippi tentou...”

A história que se seguiu era um disparate: Kay não se deu o trabalho de ouvir. Não obstante, o que já tinha ouvido lhe inspirou um devaneio, uma vaga recapitulação do enterro do tio; um acontecimento que, a bem da verdade, não a afetara muito, pois ela mal o conhecia. E, assim, enquanto olhava distraidamente para o homem, projetou-se em sua mente uma imagem do rosto de seu tio, branco junto à seda clara do travesseiro do caixão. Contemplando os dois rostos ao mesmo tempo, o do homem e o do tio, ela julgou detectar um curioso paralelo: o rosto do homem tinha a mesma imobilidade chocante, embalsamada, secreta, como se em certo sentido ele realmente estivesse exposto numa gaiola de vidro, contente de ser visto, desinteressado em ver.

“Desculpe, o que foi que a senhora disse?”

“Eu disse: gostaria que deixassem a gente usar um cemitério normal. Do jeito que é agora, temos de montar o show onde dá... quase sempre num terreno baldio, que, em nove entre dez casos, fica em frente a um posto de gasolina fedido, o que não chega a ser exatamente uma grande ajuda. Mas, como eu falei, a gente faz um belo espetáculo, o melhor. Você deve ver, se tiver chance.”

“Ah, eu adoraria”, Kay respondeu, absorta.

“Ah, eu adoraria”, a mulher a imitou. “Ora, quem convidou você? Alguém convidou você?” Ela levantou a saia e entusiasticamente assoou o nariz na batinha esfarrapada da anágua. “Acredite em mim, é um jeito difícil de ganhar um dólar. Sabe quanto entrou o mês passado? Cinquenta e três mangos! Experimente

viver com isso, meu bem.” Fungou e ajeitou a saia com considerável meticulosidade. “Bom, um dia desses o meu querido com certeza vai morrer lá; e mesmo assim alguém ainda vai dizer que foi trapaça.”

A essa altura o homem tirou do bolso o que parecia ser um caroço de pêssego lindamente laqueado e o equilibrou na palma da mão. Observou Kay e, certo de sua atenção, arregalou os olhos e começou a apertar e acariciar o caroço de um modo indefinidamente obscuro.

Kay amarrou a cara. “O que é que ele quer?”

“Ele quer que você compre isso.”

“Mas o que é isso?”

“Um amuleto”, a mulher respondeu. “Um amuleto do amor.”

Quem estava tocando gaita parou. Outros ruídos, menos insólitos, imediatamente se destacaram: alguém roncando, a garrafa de gim rolando de um lado para o outro, vozes numa discussão sonolenta, o zumbido distante das rodas do trem.

“Onde você vai achar amor mais barato, meu bem?”

“É bonito. Quer dizer, é uma gracinha...”, Kay se interrompeu para ganhar tempo. O homem lustrou o caroço na perna da calça. Baixara a cabeça num ângulo suplicante, choroso, e agora fincou o caroço entre os dentes e o mordeu, como se fosse uma duvidosa peça de prata. “Amuleto sempre me dá azar. E além do mais... por favor, pode pedir para ele parar com isso?”

“Não fique tão assustada”, a mulher disse, a voz mais monótona que nunca. “Ele não vai machucar você.”

“Mande ele parar, droga!”

“O que é que eu posso fazer?”, a mulher replicou, dando de ombros. “Você é quem tem dinheiro. Você é rica. Ele só quer um dólar, um único dólar.”

Kay enfiou a bolsa embaixo do braço. “Eu tenho a quantia exata para voltar para a escola”, mentiu, e, levantando-se rapidamente, saiu para o corredor. Ali permaneceu parada por um instante, esperando problema. Porém, nada aconteceu.

Com deliberada indiferença, a mulher soltou um suspiro e fechou os olhos; pouco a pouco, o homem se aquietou e tornou a guardar o amuleto no bolso. Então sua mão se arrastou pela poltrona para se unir frouxamente à da mulher.

Kay fechou a porta e se postou na plataforma de observação. Estava muito frio ali fora, e sua capa ficara no vagão. Ela tirou o cachecol e o enrolou na cabeça.

Embora ela nunca tivesse feito essa viagem, a região que o trem percorria lhe era estranhamente familiar: árvores altas, enevoadas, empalidecidas pelo luar maldoso, erguiam-se de ambos os lados, sem brechas nem clareiras. No alto, o céu era de um azul absoluto, inexplorável, coalhado de estrelas que sumiam cá e lá. Cordões de fumaça elevavam-se da locomotiva como longas

nuvens de ectoplasma. Num canto da plataforma, um lampião de querosene vermelho lançava uma sombra colorida.

Kay achou um cigarro e tentou acendê-lo: o vento apagou um fósforo após outro, até que só lhe sobrou um. Ela foi até o canto, onde o lampião ardia, e posicionou as mãos em concha para proteger o último fósforo: a chama pegou, estalou, morreu. Irritada, ela jogou fora o cigarro e a caixa vazia; toda a sua tensão cresceu até alcançar um grau exasperante, levando-a a esmurrar a parede e a chorar baixinho, como uma criança irascível.

O frio intenso lhe deu dor de cabeça, e ela desejou voltar para o calor do vagão e dormir. Mas não podia, ao menos por enquanto; e não fazia sentido perguntar o motivo, pois ela sabia muito bem a resposta. Em parte para não bater os dentes e em parte porque precisava ouvir a própria voz para se tranquilizar, falou alto. “Estamos no Alabama agora, suponho, e amanhã estaremos em Atlanta, e eu tenho dezenove anos e completo vinte em agosto e estou no segundo ano da faculdade...” Olhou em torno para a escuridão, esperando avistar um sinal do amanhecer e encontrando a mesma e interminável muralha de árvores, a mesma lua gelada. “Eu o odeio, ele é horrível, e eu o odeio...” Calou-se, envergonhada de sua tolice e cansada demais para evadir a verdade: estava com medo.

De repente, sentiu uma estranha compulsão para ajoelhar-se e tocar o lampião. O gracioso funil de vidro estava quente, e o clarão vermelho impregnou as mãos dela, tornando-as luminosas. O calor degelou seus dedos e formigou pelos braços.

Ela estava tão absorta que não ouviu a porta se abrir. As rodas do trem, com seu ruje-ruje, encobriam o ruído dos passos.

Foi uma sutil sensação nula que finalmente a advertiu; mas alguns segundos se passaram antes que ela se atrevesse a olhar para trás.

Ele estava parado ali, com muda indiferença, a cabeça inclinada, os braços pendendo dos lados. Fitando seu rosto inofensivo e insulso, corado e brilhante à luz do lampião, Kay soube o que lhe dava medo: era uma lembrança, uma lembrança infantil de terrores que, havia muito tempo, pairaram sobre ela como galhos assombrados de uma árvore da noite. Tias, cozinheiras, desconhecidos — todos ávidos por desfiar uma história ou ensinar um poema de fantasmas e morte, presságios, espíritos, demônios. E sempre havia a infalível ameaça do bruxo: fique perto da casa, menina, ou o bruxo te pega e te come viva! Ele estava em toda parte, o bruxo, e todo lugar era perigoso. À noite, na cama, não o ouve bater na janela? Escute!

Agarrando-se ao parapeito, ela se endireitou até ficar ereta. O homem a cumprimentou com a cabeça e indicou a porta com a mão. Kay respirou fundo e deu um passo para a frente. Juntos, eles entraram.

O ar no vagão estava pesado de sono: agora uma luz solitária iluminava o

ambiente, criando uma espécie de lusco-fusco artificial. Os únicos movimentos eram o balanço lerdo do trem e o furtivo farfalhar dos jornais refugados.

Só a mulher estava bem acordada. E visivelmente inquieta: remexia nos cachos e nas cerejas de celulóide, e suas perninhas roliças, cruzadas nos tornozelos, balançavam, agitadas, para trás e para a frente. Não deu atenção quando Kay se acomodou na poltrona. O homem sentou-se em cima da perna e cruzou os braços sobre o peito.

Num esforço para demonstrar indiferença, Kay pegou uma revista. Percebeu que o homem a vigiava sem desviar o olhar um instante; sabia disso, embora tivesse medo de confirmá-lo, e quis gritar e acordar todo mundo no vagão. Mas e se eles não ouvissem? Se não estivessem realmente *dormindo*? Lágrimas encheram-lhe os olhos, ampliando e distorcendo as palavras impressas na página até que estas se tornaram um borrão nebuloso. Ela fechou a revista abruptamente e encarou a mulher.

“Eu compro”, declarou. “O amuleto. Eu compro, se é só isso... se é só isso que vocês querem.”

A mulher não respondeu. Sorriu apaticamente, voltando-se para o homem.

Enquanto Kay observava, o rosto do homem pareceu mudar de forma e retrair-se como uma pedra em feito de lua deslizando para o fundo, sob uma superfície de água. Uma preguiça morna a fez relaxar. Restava-lhe uma vaga consciência disso quando a mulher lhe tomou a bolsa e delicadamente a cobriu com a capa, até a cabeça, como uma mortalha.

[1945]

*Tradução de Hildegard Feist*

*Há os que se revoltam contra a luz; não conhecem os caminhos dela, e não permanecem nas suas veredas. Nas trevas minam as casas; de dia se conservam encerrados; não conhecem a luz. Pois para eles a profunda escuridão é sua manhã; porque são amigos das trevas espessas.*

Jó 24, 13.16-17

1

Vincent apagou as luzes da galeria. Lá fora, depois de trancar a porta, ajeitou a aba de seu elegante panamá e começou a caminhar na direção da Terceira Avenida, batendo com a ponta do guarda-chuva na calçada. Uma promessa de chuva vinha sombreando o dia desde o amanhecer, e um céu de nuvens inchadas tapava o sol das cinco da tarde; fazia calor, porém, úmido como uma névoa tropical, e as vozes, na rua cinzenta de julho, soavam abafadas e estranhas, com uma certa carga de impaciência. Vincent tinha a impressão de deslocar-se pelo fundo do mar. Os ônibus, atravessando a cidade de um lado ao outro pela rua 57, lembravam peixes de barriga verde, e os rostos das pessoas lhe apareciam oscilantes como máscaras flutuando nas ondas. Ele estudava cada passante, como um caçador, e finalmente a viu, a garota com a capa de chuva verde. Estava parada na esquina sul da 57 com a Terceira, simplesmente ali parada, fumando um cigarro e dando a impressão de que cantarolava alguma coisa. Sua capa de chuva era transparente. Ela usava calças escuras, sem meias, um par de sandálias de couro mexicanas, uma camisa branca de homem. Tinha os cabelos de um tom dourado de castanho e cortados à moda masculina. Quando viu Vincent atravessando a rua em sua direção, deixou cair o cigarro e correu até a marquise de um antiquário.

Vincent reduziu o passo. Puxou um lenço e enxugou a testa; se pelo menos conseguisse ir embora, fazer uma viagem a Cape Cod, ficar algum tempo tomando sol. Escolheu um vespertino e catou o troco no bolso para pagar. A moeda caiu na sarjeta e desapareceu silenciosamente de suas vistas descendo por um bueiro. “Foram só cinco centavos, amigo”, disse o jornaleiro, porque Vincent, embora na verdade nem tomasse conhecimento de sua perda, tinha um ar de profunda tristeza. E agora vivia muitas vezes assim, nunca totalmente

conectado, nunca sabendo ao certo se o passo seguinte o levaria para a frente ou para trás, para cima ou para baixo. Com uma expressão bastante casual, o cabo do guarda-chuva pendurado num dos braços e os olhos concentrados nas manchetas do vespertino — mas o que estava mesmo impresso naquela maldita folha de papel? —, ele seguiu para o sul. Uma mulher corpulenta que carregava uma sacola de compras esbarrou nele, encarou-o com um ar contrariado e murmurou alguma coisa num italiano grosseiro e veemente. O gume esgarçado da voz da mulher pareceu chegar-lhe através de camadas e mais camadas de lã. Quando ele se aproximou do antiquário onde a moça da capa verde estava à sua espera, começou a caminhar ainda mais devagar, contando: um, dois, três, quatro, cinco, seis — e no seis se deteve diante da vitrine.

E a vitrine parecia o canto de um sótão; objetos descartados ao longo de toda uma vida se amontoavam numa pirâmide sem nenhum valor especial: molduras vazias, uma peruca cor de lavanda, potes de creme de barbear em estilo gótico, abajures com franjas de contas. Uma espécie de máscara oriental pendia de um fio do teto, e o ar agitado por um ventilador que ronronava no interior da loja a fazia dar voltas e mais voltas sobre si mesma. Vincent, aos poucos, ergueu os olhos, e olhou diretamente para a moça. Ela pairava na entrada, de maneira que ele pôde ver seu verdor distorcido e ondulado através do vidro duplo; o trem elevado trovejou acima de sua cabeça, e a vitrine estremeceu. A imagem dela esparramou-se como um reflexo num talher de prata, depois tornou gradualmente a solidificar-se: ela olhava para ele.

Ele prendeu um Old Gold entre os lábios, bateu nos bolsos à procura de fósforos e, não os encontrando, deu um suspiro. A moça avançou da entrada da loja. Estendeu-lhe um isqueirinho barato; quando a chama se ergueu, os olhos dela, claros, rasos, de um verde felino, fixaram-se nele com uma intensidade alarmante. Tinham uma expressão de espanto e choque, como se, tendo testemunhado algum incidente terrível, houvessem ficado arregalados para sempre. Cachos descuidados caíam-lhe em franja na testa; aquele penteado de garoto enfatizava a qualidade infantil e um tanto poética de seu rosto estreito, de faces cavadas. Era o tipo de fisionomia que às vezes se vê nos quadros que retratam jovens da Idade Média.

Soltando a fumaça pelo nariz, Vincent, sabendo que era inútil dizer qualquer coisa, perguntou-se, como sempre, do que ela poderia viver, e onde. Jogou fora o cigarro, porque nem tivera vontade de acendê-lo, para começo de conversa, e então, dando meia-volta, atravessou depressa por baixo da linha do trem elevado; assim que chegava ao meio-fio, ouviu o guincho de freios e, de um instante para outro, como se tampões de algodão tivessem saltado dos seus ouvidos, foi invadido pelos sons da cidade. Um motorista de táxi gritou: “Pelamor de Deus, menina, vê se olha por onde anda!”, mas a moça nem se deu o trabalho de virar a cabeça; com os olhos em transe, imperturbável como uma sonâmbula



e fitando diretamente Vincent, que a olhava sem nada dizer, completou a travessia da rua. Um rapaz de cor, que vestia um extravagante terno roxo, pegou-a pelo cotovelo. “Está passando mal?”, perguntou, guiando-a para diante, mas ela não respondeu. “Você está meio estranha, moça. Se está se sentindo mal, eu...”, mas depois, seguindo a direção dos olhos dela, soltou seu braço. Havia alguma coisa ali que o silenciou por dentro. “Hã — sei”, murmurou, e recuou, exibindo um sorriso de dentes cobertos de alcatrão.

De maneira que Vincent começou a andar com mais energia, e as batidas do guarda-chuva dele na calçada pareciam codificadas, um quarteirão atrás do outro. Sua camisa estava totalmente ensopada de um suor que lhe dava comichão, e todos os sons, agora tão brutais, repercutiam em seu crânio: uma buzina de carro extravagante que emitia as primeiras notas de uma canção patriótica, a chuva elétrica de faíscas azuis arrancadas dos trilhos tropejantes, o riso de uísque que se ouvia soluçante através das portas finas de bares cheirando a cerveja estagnada onde jukeboxes em forma de orquídea manufaturavam música americana — “*I got spurs that jingle jangle jingle...*”.<sup>1</sup> De vez em quando ele a via de relance, uma vez refletida na vitrine do Paul’s Seafood Palace, onde lagostas escarlates se estendiam numa praia de gelo lascado. Ela o seguia de perto com as mãos enfiadas nos bolsos da capa. As luzes estridentes da marquise de um cinema piscaram, e ele se lembrou do quanto ela adorava ir ao cinema: filmes de mistério, de espionagem, espetáculos de faroeste. Tomou uma transversal que levava para o East River; ali a cidade estava quieta, silenciosa como um domingo: um marinheiro desgarrado tomando um sorvete, gêmeos agitados pulando corda, uma velha senhora de veludo com cabelo branco-gardênia afastando cortinas de renda e contemplando desalentada o espaço escurecido pela chuva — uma paisagem urbana em julho. E atrás dele o som suave e insistente de sandálias de couro. O sinal de trânsito no cruzamento da Segunda Avenida ficou vermelho; na esquina, um anão barbado, Ruby, o Pipoqueiro, berrou: “Pipoca quentinha com manteiga, saco grande, vai?”. Vincent balançou a cabeça, e o anão fez uma expressão bastante decepcionada, mas depois: “Viu só?”, devolveu com ironia, enfiando a pá no compartimento interno do carrinho iluminado por uma vela, enquanto os grãos de milho estourados pulavam como mariposas enlouquecidas. “Viu só? A garota sabe que pipoca alimenta.” Ela pagou dez centavos, o que lhe valeu um saco verde que combinava com sua capa e combinava com seus olhos.

Aqui é meu bairro, minha rua, e a casa com o portão é onde eu moro. Lembrar-se disso era necessário, na medida em que ele trocara o senso da realidade por um mero conhecimento do tempo, e do espaço. Olhou agradecido para as senhoras de rosto amargo e desbotado, para os homens que cachimbavam acorados nos degraus das entradas dos prédios próximos. Nove garotinhas muito brancas cercaram aos gritos um carrinho de flores, pedindo

margaridas para prender nos cabelos, mas o vendedor respondeu: “Xô!”, e, espalhando-se como as contas soltas de uma pulseira partida, elas saíram correndo pela rua, as mais atiradas pulando de tanto rir, as mais tímidas caladas e isoladas, erguendo para o céu o rosto que o calor murchava: e a chuva, nunca iria cair?

Vincent, que morava no apartamento do térreo, desceu poucos degraus e tirou o chaveiro do bolso; em seguida, parando logo depois de passar pela porta da entrada, olhou para fora pelo olho mágico. A moça tinha ficado na calçada, logo acima; estava apoiada no corrimão da entrada de um prédio, com os braços inermes pendentes — e pipocas espalhadas como neve em torno dos pés. Um garotinho muito sujo se esgueirava sorrateiramente para catá-las como um esquilo.

## 2

Para Vincent, era feriado. Ninguém entrara na galeria durante toda a manhã, o que, tendo em vista a temperatura ártica, não era nada incomum. Ele estava sentado à sua mesa, devorando tangerinas e apreciando muitíssimo um conto de Thurber numa *New Yorker* antiga. Rindo alto, não ouviu a moça entrar, não viu quando ela atravessou o carpete escuro, não reparou absolutamente nela, na verdade, até o telefone tocar. “Galeria Garland, alô.” Ela era estranha, sem dúvida, com aquele corte de cabelo indecente, aqueles olhos sem fundo — “Oh, Paul. *Comme ci, comme ça*, e você?” — e vestida daquela maneira aberrante: sem sobretudo, só com uma camisa de lenhador, calças azul-marinho e — seria alguma piada? — meias curtas cor-de-rosa e sandálias mexicanas de couro. “O balé? E quem vai dançar? Ah, ela!” Debaixo de um dos braços ela trazia um embrulho chato enrolado em várias folhas de jornal com histórias em quadrinhos — “Escute, Paul, que tal eu ligar para você mais tarde? Chegou uma pessoa aqui...”, e, pondo o fone no gancho, assumindo um sorriso comercial, ele se levantou. “Pois não?”

Os lábios dela, cobertos por uma crosta de pele rachada, tremeram com palavras incompletas como se ela possivelmente tivesse algum defeito de fala, e os olhos reviraram nas órbitas como bolas de gude desnorteadas. Era o tipo de acanhamento perturbado que em geral se espera de crianças. “Eu tenho um quadro”, disse. “Vocês compram quadros?”

Diante disso, o sorriso de Vincent tornou-se fixo. “Nós expomos.”

“Fui eu mesma que pintei”, disse ela, e sua voz, rouca e arrastada, tinha um sotaque do Sul. “Meu quadro — fui eu que pintei. E uma senhora me disse que algumas lojas daqui compravam quadros.”

Vincent disse: “Sim, é claro, mas a verdade é que” — e fez um gesto de

impotência —, “a verdade é que não tenho a menor autonomia. O sr. Garland — o dono da galeria — está *viajando*”. Parada ali naquela área forrada com o carpete caro, o corpo inclinado para um lado pelo peso do pacote, ela parecia uma triste boneca de trapo. “Talvez”, começou ele, “talvez Henry Krueger, aqui perto, no número 65...”, mas ela não estava escutando.

“Fui eu mesma que pinte!” insistiu ela, baixinho. “As terças e quintas eram nossos dias de pintar, e um ano inteiro eu trabalhei. Os outros sempre se atrapalhavam, e o sr. Destronelli...” De repente, como se temesse estar sendo indiscreta, parou e mordeu o lábio. Seus olhos se estreitaram. “Ele não é amigo seu?”

“Quem?”, perguntou Vincent, confuso.

“O sr. Destronelli.”

Ele balançou a cabeça, perguntando-se por que a excentricidade alheia sempre despertava nele tanta admiração curiosa. Era o sentimento que experimentava quando criança diante das aberrações de parque de diversões. E era verdade que todas as pessoas que amava sempre tinham alguma coisa errada, fora do lugar. No caso dele, porém, era estranho que essa qualidade, depois de estimular uma atração, invariavelmente terminasse destruindo seu interesse. “É verdade que eu não tenho nenhuma autonomia”, repetiu, recolhendo as cascas de tangerina e jogando-as num cesto de lixo, “mas, se você quiser, posso olhar seu trabalho.”

Uma pausa; e então, ajoelhando-se no tapete, ela começou a arrancar o envoltório de folhas de histórias em quadrinhos. Originalmente, percebeu Vincent, era a seção do *Times-Picayune*, de Nova Orleans. “Você é do Sul, não é?”, perguntou. Ela não ergueu os olhos, mas ele viu a tensão em seus ombros. “Não”, respondeu ela. Sorrindo, ele ponderou um minuto, e decidiu que seria falta de tato contestar aquela mentira tão transparente. Ou será que ela não entendera? E de repente ele sentiu uma vontade intensa de tocar na cabeça dela, de passar os dedos por seus cabelos de garoto. Enfiou as mãos nos bolsos e olhou para a vitrine. As bordas exibiam o gelo de fevereiro, e algum passageiro tinha traçado uma obscenidade no vidro. “Pronto”, disse ela.

Uma figura sem cabeça envergando um manto de monge reclinava-se complacente sobre um surrado baú de teatro; numa das mãos segurava uma fumegante vela azul, na outra uma minúscula gaiola dourada, e a cabeça cortada jazia sangrando a seus pés: era da moça, aquela cabeça, mas na tela seus cabelos estavam compridos, muito compridos, e um gatinho todo branco, com olhos cintilantes de cristal, estendia para eles uma patinha brincalhona, como se fossem um novelo de lã de pontas soltas. As asas de um falcão, sem cabeça, de peito escarlate e garras de cobre, cortinavam o fundo como um céu crepuscular. Era uma pintura mal-acabada, as cores puras e cruas moldadas com uma brutalidade masculina, e, ainda que não contivesse nenhum indício de mérito técnico, tinha

aquela força que muitas vezes se vê no que vem de um sentimento profundo, embora transmitido com recursos primitivos. Vincent reagiu como reagia quando às vezes uma frase musical surpreendia uma nota de reconhecimento íntimo, ou uma série de palavras num poema lhe revelava algum segredo sobre si mesmo: sentiu um forte calafrio de prazer descer pela espinha. “O sr. Garland está na Flórida”, disse com cautela, “mas acho que ele devia ver seu quadro; não tem como deixá-lo aqui por, digamos, uma semana?”

“Eu tinha um anel, e o vendi”, respondeu ela, e ele teve a impressão de que ela falava num transe. “Era um anel bonito, um anel de noivado — não meu — com coisas escritas. E eu tinha também um sobretudo.” Torceu um dos botões da camisa, e puxou-o até que ele pulou fora e rolou pelo carpete como uma pérola. “Não quero muito — cinquenta dólares; não é justo?”

“É demais”, respondeu Vincent, mais bruscamente do que pretendia. Agora ele queria o quadro dela, não para a galeria, mas para si mesmo. Certas obras de arte despertam mais interesse por seus criadores do que pelo que eles criaram, em geral porque nesse tipo de trabalho conseguimos identificar alguma coisa que até aquele instante nos parecia uma percepção particular inexprimível, e então nos perguntamos: quem será essa pessoa que me conhece, e como terá conhecido? “Eu lhe dou trinta.”

Por um instante ela ficou olhando para ele estupidificada, de boca aberta, e então, aspirando com força o ar, estendeu-lhe a mão com a palma para cima. Aqueles modos diretos, inocentes demais para ser ofensivos, o pegaram de guarda baixa. Um pouco envergonhado, ele disse: “Sinto muitíssimo, mas vou ter de lhe mandar um cheque pelo correio. Posso...?”. O telefone interrompeu, e, quando ele foi atender, ela foi junto, com a mão estendida, um olhar frenético retorcendo seu rosto. “Oh, Paul, posso ligar para você daqui a pouco? Ah, sei. Então espere só um segundo.” Apoiando o bocal no ombro, empurrou um bloco e um lápis para o outro lado da mesa. “Aqui, anote seu nome e endereço.”

Mas ela balançou a cabeça, a expressão atarantada e ansiosa ficando mais intensa.

“Um *cheque*”, disse Vincent, “preciso lhe mandar um cheque pelo correio. Por favor, seu nome e endereço.” E sorriu à guisa de estímulo quando ela finalmente começou a escrever.

“Desculpe, Paul... Festa de quem? Ah, a desgraçada, ela não me... Ei!”, gritou, porque a moça estava saindo pela porta. “Por favor, ei!” O ar gelado invadiu a galeria, e a porta bateu com um chacoalhar de vidro. Alôalôalô. Vincent não respondeu; estudava intrigado as curiosas informações que ela escrevera no bloco, em letra de fôrma: dj — ywca. Alôalôalô.

Foi pendurado acima de sua lareira, o quadro, e, nas noites em que ele não conseguia dormir, servia-se de uma dose de uísque e conversava com o falcão sem cabeça, a quem contava os fatos de sua vida: dizia que era um poeta que

nunca escrevera um verso, um pintor que jamais pintara, um amante que jamais amara (em absoluto) — alguém, em suma, sem direção e totalmente sem cabeça. Ah, não que não tivesse tentado — bons começos, sempre, maus finais, sempre. Vincent, branco, sexo masculino, trinta e seis anos, diploma universitário: um homem ao mar, a cinqüenta milhas da costa; uma vítima, nascida para ser assassinada, fosse por si mesma ou por outra pessoa; um ator sem emprego. Estava lá, isso tudo, no quadro, tudo desconectado e enviesado, e quem podia ser ela para saber tanto? Investigações, as que ele fez, não deram em nada; em nenhuma outra galeria sabiam quem ela era, e procurar por uma dj que estivesse presumivelmente hospedada numa ywca parecia absurdo. Por outro lado, ele continuava esperando que ela tornasse a aparecer, mas fevereiro passou, e março. Uma noite, quando ele atravessava a praça diante do hotel Plaza, uma coisa estranha lhe aconteceu. Os cocheiros das arcaicas charretes que fazem fila naquele local estavam acendendo as luzes de suas charretes, pois anoitecia, e as lâmpadas da rua se filtravam através das folhas em movimento. Uma charrete deixou o meio-fio e passou por ele no lusco-fusco. Só havia um ocupante, e a passageira, cujo rosto ele não conseguiu ver, era uma moça de cabelos curtos de um tom dourado de castanho. De maneira que ele se instalou num banco e passou o tempo conversando com um soldado, com um rapaz de cor afeminado que citava poesia e com um homem que passeava com um bassê: personagens da noite com quem ficou esperando — mas a charrete, com a pessoa que ele esperava, nunca retornou. De novo ele a viu (ou julgou vê-la), descendo as escadas do metrô, e dessa vez acabou perdendo-a de vista nos túneis azulejados com setas pintadas e máquinas de venda de goma de mascar. Era como se o rosto dela estivesse estampado em sua mente; ele era tão incapaz de desfazer-se dele quanto, por exemplo, um morto lendário de livrar seus olhos da última imagem que viram. Em meados de abril foi a Connecticut passar um fim de semana com a irmã casada; tenso, cáustico, ele já não era, queixou-se ela, absolutamente o mesmo. “Que foi, querido Vinny — se está precisando de dinheiro...” “Ah, cale a boca!” respondeu ele. “Deve estar apaixonado”, brincou o cunhado. “Vamos lá, Vinny, pode confessar; como ela é?” E aquilo o deixou tão aborrecido que ele pegou o trem seguinte de volta para casa. De uma cabine na estação Grand Central ligou para se desculpar, mas um nervosismo doentio zumbia dentro dele, e ele desligou antes que a telefonista tivesse completado a chamada. Queria um drinque. No Commodore Bar, passou mais ou menos uma hora virando quatro daiquiris — era sábado, eram nove da noite, não havia nada para fazer a não ser que fizesse alguma coisa sozinho, e ele estava triste por causa de si mesmo. No parque detrás da Biblioteca Pública, namorados caminhavam sussurrando sob as árvores, e a água dos bebedouros borbulhava mansa como suas vozes, mas, apesar de tudo o que a noite branca de abril significava para ele, Vincent, um pouco embriagado e andando a esmo, podia

muito bem ser um velho, como os velhos que se instalavam nos bancos e puxavam o catarro do peito.

No campo, a primavera é o momento de pequenas coisas que acontecem em silêncio, botões de jacinto que brotam num jardim, salgueiros que começam a arder com um súbito fogo gélido de verde, tardes cada vez mais compridas de longos crepúsculos fluidos e chuvas da meia-noite abrindo os lilases; mas na cidade só se ouve a fanfarra dos tocadores de realejo, e os odores, sem a chuva do inverno para diluí-los, acumulam-se no ar; janelas há muito fechadas se abrem, e a conversa, escoando para fora do quarto, colide com o clangor da sineta de um pedinte. É a estação louca dos balões de gás e dos patins, dos barítonos de quintal e dos homens de iniciativa absurda, como o que agora pulava como um boneco de mola. Era velho, tinha um telescópio e um cartaz: “25 ¢”. Nenhuma estrela consegue ultrapassar as luzes de uma cidade, mas Vincent viu a lua, uma brancura redonda e sombreada, e depois a reverberação de lâmpadas elétricas: Four Roses, Bing Cro... Ele percorria uma estagnação com cheiro de caramelo, atravessava a nado oceanos de rostos pálidos como queijo, neon e trevas. Acima do estrépito de um jukebox, o disparo de um tiro, um pato de papelão sendo atingido e alguém gritando: “Boa, Iggy!”. Era uma casa de diversões da Broadway, uma *penny arcade*, abarrotada de fora a fora dos esbanjadores dos sábados. Ele assistiu a um filme curto por um centavo (*O que o engraxate viu*) e tirou a sorte com uma bruxa de cera instalada numa caixa de vidro: “Você tem uma natureza afetuosa”..., mas parou de ler porque ao lado do jukebox se criara uma atraente comoção. Um grupo de jovens, batendo palmas ao ritmo de música de jazz, formara um círculo em torno de um par. As duas dançarinas eram garotas de cor. Balançavam juntas com vagar e calma, como amantes, oscilavam, batiam os pés, sacudiam o corpo e reviravam os olhos sérios e selvagens, os músculos ritmicamente sintonizados com o riso de uma clarineta, com os protestos cada vez mais altos da bateria. O olhar de Vincent passeou pela platéia, e, quando ele a viu, um estremecimento nítido percorreu-lhe o corpo, pois parte da violência da dança se refletia no rosto dela. De pé ao lado de um rapaz alto e feio, era como se ela dormisse e as duas negras fossem seu sonho. Trompete-bateria-piano, soando por trás da voz rouca de uma negra, cantaram preparando um *finale* animado. As palmas cessaram, as dançarinas separaram-se. Ela estava sozinha; e, embora o instinto de Vincent fosse o de ir embora antes que ela notasse, ele avançou e, do mesmo modo suave como se desperta alguém que dorme, deu um leve toque no ombro dela. “Olá”, disse, alto demais. Virando-se, ela olhou para ele, mas seus olhos estavam vazios e em branco. Primeiro, terror e, depois, espanto substituíram aquele olhar morto e perdido. Ela recuou um passo, e, assim que o jukebox recomeçou a berrar, ele a agarrou pelo pulso: “Lembra-se de mim”, e sugeriu, “da galeria? Seu quadro?”. Ela piscou, deixou cair as pálpebras sonolentas por sobre aqueles olhos, e ele sentiu que a

tensão relaxava lentamente em seu braço. Ela estava mais magra do que ele lembrava, mais bonita também, e seus cabelos, um pouco mais longos, exibiam uma desordem casual. Uma fitinha de Natal pendia triste de um cacho isolado. Ele começou a dizer: “Posso pagar um drinque para você?”, mas ela se apoiou nele, pousando a cabeça em seu peito como uma criança, e ele disse: “Quer vir para casa comigo?”. Ela ergueu o rosto; a resposta, quando veio, foi um arquejo, um sussurro: “Por favor”, disse ela.

Vincent tirou toda a roupa, que arrumou no armário, e admirou sua nudez diante de uma porta espelhada. Não era tão bonito quanto supunha, mas ainda assim era bonito. Para sua altura moderada tinha um corpo de excelentes proporções; os cabelos eram de um louro escuro, e o rosto delicado, com o nariz um tanto chato, tinha um belo colorido saudável. O rumor da água correndo veio quebrar o silêncio; ela estava no banheiro, preparando-se para tomar banho. Ele vestiu um pijama folgado de flanela, acendeu um cigarro, perguntou: “Está tudo bem?”. A água parou de correr, um longo silêncio, e então: “Está, obrigada”. No caminho para casa, no táxi, ele tentara travar conversa, mas ela não dissera nada, nem mesmo quando entraram no apartamento — e isso o deixou ofendido, porque, sentindo um orgulho quase feminino de sua casa, ele sempre esperava algum elogio. Era um cômodo único, com o pé-direito imensamente alto, além de banheiro e quitinete, e um jardim nos fundos. A mobília combinava o moderno e o antigo, produzindo um resultado notável. Decorando as paredes, um trio de gravuras de Toulouse-Lautrec, um cartaz de circo emoldurado, o quadro de dj, fotografias de Rilke, Nijinsky e da Duse. Um candelabro com finas velas azuis estava aceso numa mesa; o aposento, banhado por sua luz de delírio, tremulava. Portas duplas envidraçadas davam para o jardim, que ele nunca usava muito, pois era impossível manter o lugar limpo. Alguns talos de tulipas mortas se erguiam escuros à luz da lua, junto a um arremedo de árvore-do-céu e uma velha cadeira desgastada pelo tempo, abandonada pelo antigo inquilino. Ele ficou andando de um lado para o outro pelo chão revestido de fria pedra decorativa, esperando que o ar fresco pudesse dissipar a sensação de embriaguez narcótica que experimentava. Ali perto um piano era muito maltratado, e numa janela acima se via um rosto de criança. Ele retorcia um talo de grama nos dedos quando a sombra dela se atravessou comprida no jardim. Ela estava na porta. “Não devia sair”, disse ele, avançando para ela. “Está ficando um pouco frio.”

Agora ela emanava uma sensação de atraente suavidade; parecia um tanto menos angulosa, menos fora de sintonia com a média, e Vincent, oferecendo-lhe uma taça de xerez, ficou encantado com a delicadeza do gesto com que ela a levou aos lábios. Ela vestia seu roupão atalhado; que ficara muitos metros

comprido demais. Tinha os pés descalços, e acomodou-os por baixo de si no sofá. “Minha avó morava em Glass Hill. Às vezes nós nos divertíamos muito; sabe o que ela costumava dizer? Costumava dizer: ‘Velas são varinhas de condão; basta acender uma para o mundo virar um livro de contos de fadas.’”

“Que velhinha horrenda ela devia ser”, disse Vincent, bastante embriagado. “Na certa nós dois iríamos nos detestar.”

“Vovó teria adorado você”, disse ela. “Ela adorava qualquer tipo de homem, todos os homens que conheceu, até o sr. Destronelli.”

“Destronelli?” Era um nome que ele já tinha ouvido.

Os olhos dela se desviaram para o lado com malícia, e aquele olhar parecia dizer: Não pode haver subterfúgios entre nós dois, nós, que nos entendemos, não temos necessidade deles. “Ah, você sabe”, disse ela com uma convicção que, em circunstâncias mais usuais, teria sido surpreendente. Era, porém, como se ele tivesse abandonado temporariamente a faculdade de se surpreender. “Todo mundo sabe quem é ele.”

Ele passou o braço por trás dela e a trouxe para mais perto. “Mas eu não”, disse, beijando-lhe a boca, o pescoço; ela não correspondeu muito, mas ele disse — e sua voz tinha adquirido um tremor de adolescente: “Nunca fui apresentado a esse senhor”. Enfiou uma das mãos no roupão que ela usava, desprendendo-o dos ombros. Acima de um dos seios dela havia uma marca de nascença, pequena e em forma de estrela. Ele olhou para a porta espelhada, onde a luz incerta fazia ondular os reflexos dos dois, deixando-os pálidos e incompletos. Ela estava sorrindo. “Esse senhor”, disse ele, “como ele é?” A sugestão de um sorriso se apagou, e um pequeno esgar franzido de macaco surgiu de relance no rosto dela. Ela olhou para seu quadro, acima da lareira, e ele percebeu que era a primeira vez que atentava para ele; pareceu-lhe que ela estudava no quadro um objeto em particular, mas se era o falcão ou a cabeça ele não saberia dizer. “Bem”, disse ela baixinho, encostando mais o corpo nele, “ele é parecido com você, comigo, com quase todo mundo.”

Chovia; à luz úmida do meio-dia dois tocos de vela ainda estavam acesos, e numa janela aberta cortinas cinzentas drapejavam com abandono. Vincent soltou o braço; estava dormente por causa do peso dela. Com cuidado para não fazer barulho, ele saiu da cama, soprou as velas, foi até o banheiro na ponta dos pés e borrifou o rosto com água fria. A caminho da quitinete, dobrou os braços, sentindo, como não sentia havia muito, um intenso prazer masculino em sua força, a saudável integridade de sua pessoa. Preparou e dispôs numa bandeja suco de laranja, torrada de pão com passas, um bule de chá; depois, tão desajeitado que tudo na bandeja chacoalhava, levou o café-da-manhã para o quarto e pôs numa mesinha ao lado da cama.



Ela não tinha se mexido; os cabelos desarrumados se espalhavam como um leque sobre o travesseiro, e uma das mãos estava pousada na cavidade onde estivera a cabeça dele. Ele se debruçou e beijou os lábios dela, e as pálpebras, azuis de sono, estremeçeram. “Sim, sim, estou acordada”, murmurou ela, e a chuva, carregada pelo vento, veio bater na janela como uma onda do mar que rebentasse. De alguma forma ele sabia que, com ela, não haveria nenhum dos artificios de sempre: nada de evitar os olhos, nada de pausas acusadoras com expressão envergonhada. Ela se apoiou no cotovelo; e olhou para ele, pensou Vincent, como se ele fosse seu marido, e, entregando-lhe o suco de laranja, sorriu, agradecido.

“Que dia é hoje?”

“Domingo”, respondeu ele, entrando debaixo das cobertas e instalando a bandeja no colo.

“Mas não ouvi os sinos da igreja”, disse ela. “E está chovendo.”

Vincent dividiu uma torrada. “E você se incomoda? A chuva — um som que me acalma tanto.” Serviu o chá. “Açúcar? Creme?”

Ela não respondeu, e disse: “Mas hoje é qual domingo? De que mês?”

“Onde você estava morando? No metrô?”, disse ele, sorrindo. E ficou intrigado ao pensar que ela podia estar falando sério. “Ah, abril... não sei que dia de abril.”

“Abril”, repetiu ela. “Faz muito tempo que estou aqui?”

“Só desde ontem à noite.”

“Ah.”

Vincent mexeu seu chá, batendo a colher na xícara como uma sineta. Migalhas de torrada se espalharam entre os lençóis, e ele pensou no *Tribune* e no *Times* à sua espera do lado de fora da porta, mas os jornais, naquela manhã, não tinham encanto algum; melhor ficar ali deitado ao lado dela na cama quente, tomando chá, escutando a chuva. Era estranho, se você parasse para pensar, realmente muito estranho. Ela não sabia o nome dele, nem ele o dela. E então ele disse: “Ainda lhe devo trinta dólares, lembra? Por culpa sua, claro — deixou um endereço tão bobo. E dj, o que significa?”

“Acho melhor não lhe dizer meu nome”, respondeu ela. “Posso inventar um com a maior facilidade: Dorothy Jordan, Delilah Johnson; entendeu? Existem muitos nomes que eu poderia inventar, e, se não fosse por ele, eu lhe dizia.”

Vincent pousou a bandeja no chão. Rolou de lado, e, de frente para ela, seu coração bateu mais depressa. “Mas quem é ele?” E, embora ela exibisse uma expressão de calma, foi com a voz turvada pela raiva que disse: “Se você não sabe quem ele é, então me diga: por que estou aqui?”

Silêncio, e lá fora a chuva pareceu cessar de repente. A sirene de um barco gemeu alto no rio. Abraçando-a com força, ele passou os dedos pelos cabelos dela e, querendo muito que ela acreditasse, disse: “Porque eu te amo”.

Ela fechou os olhos. “E o que foi feito delas?”

“De quem?”

“Das outras pessoas a quem você disse a mesma coisa.”

E recomeçou, a chuva tamborilando cinzenta na janela, caindo nas ruas silenciosas do domingo; ouvindo, Vincent se lembrou. Lembrou-se de sua prima, Lucille, pobre, linda e boba, que passava os dias bordando flores de seda em retalhos de linho. E de Allen T. Baker — do inverno que tinham passado juntos em Havana, da casa onde tinham morado, os quartos de pedra cor-de-rosa em mau estado; pobre Allen, ele achava que iria durar para sempre. De Gordon também. Gordon, com seus cabelos louros encaracolados e a cabeça repleta de velhas baladas elisabetanas. Seria mesmo verdade que ele havia se matado com um tiro? E de Connie Silver, a garota surda, aquela que queria ser atriz — o que teria acontecido com ela? Ou com Helen, Louise, Laura? “Eu só disse isso a uma pessoa”, respondeu ele, e a seus próprios ouvidos soou sincero. “Só uma, e ela já morreu.”

Carinhosamente, como que em solidariedade, ela tocou o rosto dele. “Pois deve ter sido ele quem a matou”, disse, os olhos tão próximos que dava para ele ver o contorno de seu próprio rosto capturado naquele verdor. “Foi ele que matou a srta. Hall, sabe? A melhor mulher do mundo, e bonita de tirar o fôlego. Tive aulas de piano com ela, e, toda vez que ela tocava piano, toda vez que dizia olá ou tchau — parecia que meu coração ia parar.” A voz dela assumira um tom impessoal, como se não falasse de coisas que lhe diziam respeito diretamente, mas de fatos acontecidos em outra era. “Foi no final do verão que ela se casou com ele — acho que era setembro. Ela foi para Atlanta, eles se casaram lá, e ela nunca mais voltou. Foi assim, de uma hora para outra.” Estalou os dedos. “Bem assim. Vi um retrato dele no jornal. Às vezes acho que, se ela soubesse o quanto eu a amava — por que existem pessoas a quem não conseguimos dizer nunca? —, talvez não tivesse se casado; talvez tudo tivesse sido diferente, como eu queria.” Enterrou a cabeça no travesseiro e, se chorou, não produziu nenhum som.

No dia 20 de maio ela completou dezoito anos; parecia incrível — Vincent julgava que fosse muito mais velha. Queria apresentá-la numa festa-surpresa, mas finalmente foi obrigado a admitir que o plano era inadequado. Em primeiro lugar, embora ele sempre trouxesse o assunto na ponta da língua, nunca chegara a mencionar dj a nenhum dos seus amigos; segundo, era capaz de visualizar com uma clareza desalentadora o quanto eles achariam engraçado ser apresentados a uma garota de quem, apesar de morarem abertamente no mesmo apartamento,

ele não sabia nada, nem sequer o nome. Ainda assim, o aniversário pedia algum tipo de celebração. Jantar e teatro não eram uma boa idéia. Ela não tinha nenhum vestido, embora não por culpa dele. Ele lhe dera quarenta e tantos dólares para comprar roupas, e eis no que ela havia aplicado o dinheiro: numa jaqueta de couro, num jogo de escovas de uso militar, numa capa de chuva, num isqueiro. Além disso, sua mala, que ela trouxera para o apartamento, continha apenas alguns sabonetes de hotel, uma tesoura, que ela usava para aparar o cabelo, duas Bíblias e uma pavorosa fotografia pintada à mão. A foto mostrava uma mulher de meia-idade com um sorriso desdenhoso no rosto melancólico. Havia uma dedicatória: “Os melhores votos, e boa sorte, de Martha Lovejoy Hall”.

Como ela não sabia cozinhar, os dois sempre comiam fora; tanto o salário dele como as limitações do guarda-roupa dela os mantinham restritos quase exclusivamente ao Automat<sup>2</sup> — o preferido dela: a massa com queijo era tão deliciosa! — ou a um dos bares com grill da Terceira Avenida. E, assim, o jantar de aniversário foi num Automat. Ela esfregou o rosto até a pele ficar vermelha e brilhante, aparou os cabelos e lavou-os com xampu, e, com a falta de destreza de uma menina de seis anos que brincasse de adulta, pintou as unhas. Usava a jaqueta de couro, e prendeu nela o ramallete de violetas que ele lhe deu; deve ter ficado engraçado, porque duas garotas buliçosas que partilharam a mesa com eles soltavam risadinhas frenéticas. Vincent lhes disse que, se não parassem de rir...

“Ah, é? E quem você pensa que é?”

“O Super-Homem. O cretino acha que é o Super-Homem.”

Foi demais, e Vincent perdeu a cabeça. Empurrou a cadeira para trás, desequilibrando um frasco de ketchup. “Vamos embora daqui”, disse, mas dj, que não dera a menor atenção à briga, continuou a devorar sua torta de amoras às colheradas; apesar de estar furioso, ele esperou em silêncio que ela terminasse, porque respeitava as distâncias dela, embora ao mesmo tempo se perguntasse em que período histórico ela estaria vivendo. Era inútil, ele aprendera, interrogá-la sobre o passado; ainda assim, ela só parecia perceber o presente uma vez ou outra, e era provável que, para ela, o futuro não significasse grande coisa. Seu espírito era como um espelho que refletisse o espaço azul num aposento vazio.

“O que quer fazer agora?”, perguntou ele, quando saíram para a rua. “Podíamos passear de charrete pelo parque.”

Ela limpou com a manga da jaqueta os pedacinhos de amora que manchavam os cantos de sua boca e disse: “Quero ir ver um filme”.

O cinema. De novo. No último mês, ele tinha visto tantos filmes que fragmentos de diálogo hollywoodiano ressoavam em seus sonhos. Num sábado, por insistência dela, haviam comprado entradas para três filmes diferentes, em

cinemas baratos onde o cheiro de desinfetante de privada envenenava o ar. E toda manhã, antes de ir para o trabalho, ele deixava cinquenta centavos no consolo da lareira — chovesse ou fizesse sol, ela ia ao cinema. Mas Vincent tinha sensibilidade suficiente para entender por quê; tivera em sua própria vida uma época de limbo em que ia ao cinema todo dia, muitas vezes assistindo a várias sessões seguidas do mesmo filme; a seu modo, aquilo era parecido com a religião, porque ali, vendo aquelas formas móveis em preto-e-branco, ele experimentava um alívio da consciência semelhante ao que deve sentir o homem que conta tudo ao seu padre confessor.

“As algemas”, disse ela, referindo-se a um incidente do filme *Os trinta e nove degraus*, que tinham visto no Beverly num programa de reprises de Hitchcock “A loura e aquele sujeito algemados um ao outro — bem, isso me fez pensar em outra coisa.” Enfiou-se num dos pijamas dele, prendeu o ramalhete de violetas à beira do travesseiro e deitou-se encolhida na cama. “Nas pessoas que acabam assim, presas uma à outra.”

Vincent bocejou. “Hã-hã”, disse, e apagou as luzes. “Mais uma vez, parabéns, querida, *gostou* do seu aniversário?”

Ela disse: “Uma vez eu fui a esse lugar, e havia duas garotas dançando; elas estavam tão à vontade — só existiam elas duas e mais ninguém, e era uma coisa linda, parecia um crepúsculo”. Ficou calada por muito tempo; e depois, com sua fala lenta de sotaque sulista, arrastando as palavras: “Foi muito gentil da sua parte me trazer violetas”.

“Bom — gosta delas”, respondeu ele, sonolento.

“É uma pena que elas tenham de morrer.”

“Pois é. Bem, boa noite.”

“Boa noite.”

*Close-up.* Oh, mas, John, espere, não é por mim, afinal temos de pensar nas crianças, e um divórcio iria arruinar a vida delas! *Fade-out.* A tela treme; rufar de tambores, trompas em fanfarra: “rko apresenta...”

Estamos num corredor sem saída, num túnel sem fim. Pendentes do teto, candelabros brilham, e velas com a chama inclinada pelo vento flutuam em correntes de ar. Diante dele está um velho balançando-se numa cadeira de balanço, um velho com os cabelos tingidos de louro, as faces cobertas de pó-de-arroz, lábios de boneca: Vincent reconhece Vincent. Vá embora, grita Vincent, o jovem é bonito, mas o Vincent velho e horrendo avança de gatinhas e sobe nas suas costas como uma aranha. Ameaças, súplicas, golpes, nada é capaz de desalojá-lo. E assim ele sai correndo com sua sombra, seu cavaleiro, galopando de um lado para o outro. Uma serpente de raio lampeja, e de repente o túnel está cheio de homens de casaca e gravata branca e mulheres de vestido de brocado.

Ele se sente humilhado; como devem achar gauche que ele apareça numa reunião tão elegante quanto aquela carregando nas costas, como se fosse Simbad, um velho sórdido. Os convidados se distribuem em pares petrificados, e ninguém conversa. Ele percebe então que muitos também são cavalgados por sócias malévolos de si mesmos, corporificações exteriorizadas de sua decadência interior. Bem ao lado dele, um homem que lembra um lagarto cavalga um negro de olhos de albino. Outro homem avança na direção dele, o anfitrião; baixo, animado, calvo, tem um passo muito ágil e preciso, e usa sapatos de verniz; um dos braços, que sustenta em posição retesada e inclinada, segura um imenso falcão sem cabeça cujas garras, fincadas no pulso dele, tiram-lhe sangue. As asas do falcão se desdobram à medida que seu dono vai caminhando. Num pedestal equilibra-se um fonógrafo antigo. Acionando a manivela, o anfitrião põe um disco: uma valsa muito gasta faz vibrar o alto-falante em forma de lírio. Ele ergue a mão e com voz de soprano anuncia: “Atenção! A dança vai começar”. O anfitrião com seu falcão gira para um lado e para o outro enquanto vão descrevendo um círculo e depois mudam de direção. As paredes se afastam, o teto sobe. Uma moça aparece deslizando nos braços de Vincent, e um simulacro rachado e cruel da voz dele diz: “Lucille, que coisa divina; esse perfume maravilhoso é violeta?”. Aquela é a prima Lucille, e então, enquanto dão voltas pelo salão, o rosto dela se transforma. Agora ele está valsando com outra. “Ora, mas é Connie, Connie Silver! Como é bom estar com você”, grita a voz, porque Connie é muito surda. De repente, são interrompidos por um cavalheiro com a cabeça esfrangalhada por uma bala: “Gordon, me perdoe, nunca foi minha intenção...”, mas eles já foram embora, Gordon e Connie, dançando juntos. Novamente, outro par. É dj, e ela também tem uma figura aferrada às costas, uma encantadora criança de cabelos arruivados; como um emblema de sua inocência, a criança aninha no peito um gatinho todo branco. “Sou mais pesada do que pareço”, diz a criança, e a voz terrível retruca: “Mas sou eu o mais pesado de todos”. No instante em que suas mãos se encontram com as de dj, ele sente que o peso que carrega começa a diminuir; o Vincent velho está desaparecendo. Os pés dele decolam do chão, está levitando abraçado a ela. O gramofone continua a emitir bem alto seu som arranhado, mas ele alça vôo cada vez mais alto, e os rostos brancos vão ficando para trás, refulgindo lá embaixo como cogumelos numa campina escura.

O anfitrião solta seu falcão, que sai cortando os ares. Vincent imagina que não faz diferença, pois o animal é cego e os perversos estão a salvo em meio aos cegos. Mas o falcão paira acima dele e mergulha com as garras em riste; no último instante, ele descobre que nunca haverá liberdade.

E a escuridão do quarto encheu os olhos dele. Um dos braços despencou da

beira da cama, e seu travesseiro caiu no chão. Instintivamente ele estendeu o braço, procurando algum conforto materno na garota ao lado. Lençóis lisos e frios; um vazio, e a fragrância vulgar de violetas fenecidas. Ele se ergueu bruscamente na cama: “Onde está você?”.

As portas duplas que davam para o jardim estavam abertas. Vestígios fuliginosos de luar pairavam na porta, porque o dia ainda não tinha clareado, e na cozinha a geladeira ronronava como um gato gigantesco. Uma pilha de papéis farfalhava na mesa. Vincent chamou de novo, dessa vez baixinho, como se quisesse não ser ouvido. Levantando-se, caminhou com as pernas tontas e foi olhar no jardim. Ela estava lá, inclinada, semi-ajoelhada, contra a árvore-do-céu. “Que foi?”, e ela se virou. Ele não via com clareza, só uma forma escura e substancial. Ela se aproximou. Um dedo apertando os lábios.

“O que há?”, sussurrou ele.

Ela se pôs na ponta dos pés, e seu alento fez cócegas no ouvido dele. “Estou lhe avisando, volte para dentro.”

“Pare com essa bobagem”, disse ele em voz normal. “Aqui fora, descalça, vai pegar...”, mas ela fechou a boca dele com a mão.

“Acabei de vê-lo”, murmurou. “Ele está aqui.”

Vincent afastou a mão dela. Foi difícil evitar esbofeteá-la. “Ele! Ele! Ele! Que está havendo com você? Ficou” — e tentou tarde demais evitar a palavra — “louca?” Pronto, o reconhecimento de uma coisa que ele sabia mas não permitira que sua mente consciente cristalizasse. E pensou: Por que isso há de fazer alguma diferença? Ninguém pode ser tido como responsável por aqueles que ama. Mentira. Lucille, com seu juízo fraco, tecendo mosaicos de seda, bordando o nome dele em lenços de pescoço; Connie, em seu mundo abafado de surda, tentando escutar os passos dele, um som que era capaz de distinguir; Allen T. Baker manuseando uma fotografia sua, ainda precisando de amor mas já velho, e perdido — todos traídos. E ainda traíra a si mesmo com os talentos inexplorados, as viagens nunca feitas, as promessas por cumprir. Não parecia lhe restar nada até que — oh, por que em seus amores ele precisava sempre encontrar uma imagem partida de si mesmo? Agora, olhando para ela naquela alvorada envelhecida, seu coração gelou com a morte do amor.

Ela se afastou para debaixo da árvore. “Deixe-me aqui”, disse, os olhos percorrendo as janelas dos prédios. “Só um pouco.”

Vincent esperou, esperou. De todos os lados as janelas olhavam para baixo como as portas de sonhos, e acima, quatro andares acima, a roupa lavada de uma família drapejava na corda. A lua poente parecia a lua prematura do entardecer, uma vaporosa roda de carroça, e o céu, esvaziado da escuridão, foi se tingindo de cinza. O vento do alvorecer sacudiu as folhas da árvore-do-céu, e àquela luz pálida o jardim assumiu um padrão, os objetos uma posição, e dos telhados se ouviu o gorgolejo matinal dos pombos. Uma luz se acendeu. E outra.

E finalmente ela baixou a cabeça; o que quer que estivesse procurando, não encontrara. Ou, perguntou-se ele quando ela se virou em sua direção com os lábios retorcidos, será que encontrara?

“Bem, o senhor está chegando em casa mais cedo, não é, sr. Waters?” Era a sra. Brennan, a mulher do zelador, com suas pernas tortas. “E, bem, sr. Waters — o dia está lindo, não é? —, e nós dois precisamos conversar sobre umas coisinhas.”

“Sra. Brennan” — como estava difícil respirar, falar; as palavras arranhavam sua garganta dolorida, e soavam altas como trovoadas —, “não estou me sentindo muito bem, então, se a senhora não se incomodar...”, e tentou esgueirar-se.

“É uma pena, viu? É a ptomaína, deve ser a ptomaína. Sim, senhor, cuidado nunca é demais. São os judeus, sabia? Eles são donos de todas as delicatessens. Isso mesmo, mas eu é que não trago para casa essas comidas de judeu.” Ela se postou diante do portão, barrando a passagem dele, e apontou-lhe um dedo de advertência. “O seu problema, sr. Waters, é que o senhor não leva uma vida *normal*.”

Um nó de dor instalou-se como um cristal maligno no centro de sua cabeça; cada movimento dolorido emitia pontos cintilantes de dor que se fracionavam em várias cores. A mulher do zelador continuava a tagarelar, mas havia momentos em branco nos quais, felizmente, ele não ouvia nada. Era como um rádio — em que o volume era baixado, e depois aumentado ao máximo. “Sei muito bem que ela é uma moça decente e cristã, sr. Waters, do contrário o que um cavalheiro como o senhor estaria fazendo com — hum. Mas, ainda assim, o caso é que o sr. Cooper não é de contar mentiras, e além disso é um homem muito calmo. Faz não sei quanto tempo que ele é o medidor de gás de toda esta área.” Um caminhão passou pela rua espirrando água, e a voz dela, submersa por algum tempo pelo seu ronco, tornou a emergir como um tubarão. “O sr. Cooper está convencido de que ela estava querendo matá-lo — e o senhor bem pode imaginar, ela ali com a tesoura na mão, e berrando. Inventou um nome italiano pra ele. Mas basta olhar para o sr. Cooper para saber que de italiano ele não tem nada. E eu imagino que o senhor bem sabe, sr. Waters, que esse tipo de escândalo acaba criando uma fama...”

Fragmentos de luz do sol mergulhando nas profundezas de seus olhos produziram lágrimas, e a mulher do zelador, sacudindo o dedo, parecia dividir-se em vários pedaços: um nariz, um queixo, um olho muito vermelho. “Sr. Destronelli”, disse ele. “Desculpe, sra. Brennan, quer dizer, sinto muito.” Ela acha que estou bêbado, mas estou passando mal, e será que ela não vê que estou passando mal? “Minha hóspede está indo embora. Ela vai embora hoje, e não

volta mais.”

“Ora, não me diga”, respondeu a sra. Brennan, estalando a língua. “Acho que ela está precisando de um descanso, coitadinha. Tão pálida, não é? Claro que eu não quero me meter com esses italianos, nem eu nem mais ninguém, mas imagine alguém achar que o sr. Cooper é italiano. Ora, ele é branco, como o senhor e eu.” Ela deu um tapinha solícito no ombro dele. “É uma pena o senhor estar se sentindo tão mal, sr. Waters; deve ser a ptomaina, estou dizendo. Cuidado nunca é...”

O corredor cheirava a comida e a cinzas de incinerador. Havia uma escada que ele nunca usava, pois seu apartamento ficava no primeiro andar, bem em frente. Um fósforo se acendeu, e Vincent, avançando às apalpadelas, viu um garotinho — não devia ter mais que três ou quatro anos — agachado debaixo da escada; brincava com uma caixa grande de fósforos de cozinha, e a presença de Vincent não pareceu interessar-lhe. Ele simplesmente riscou mais um fósforo. Vincent não conseguia fazer a mente funcionar o suficiente para imaginar alguma reprimenda, e, enquanto esperava ali, uma porta, sua própria porta, se abriu.

Esconder-se. Porque, se ela o visse, saberia que alguma coisa estava errada, suspeitaria de alguma coisa. E, se ela falasse, se eles chegassem a trocar um olhar, então ele nunca seria capaz de levar as coisas até o fim. De maneira que ele se enfiou num canto escuro atrás do garotinho, e o garotinho disse: “Que o senhor tá fazendo?”. Ela estava vindo — ele ouviu o som das solas de couro das suas sandálias, o sussurro verde de sua capa de chuva. “Que o senhor tá fazendo?” Depressa, o coração disparando dentro do peito, Vincent debruçou-se e, apertando a criança contra si, cobriu sua boca com a mão para que não emitisse som algum. Não a viu passar; foi só mais tarde, quando o ferrolho da porta da frente estalou, que percebeu que ela havia ido embora. O garotinho se espremeu mais ainda contra o chão. “Que o senhor tá fazendo?”

Quatro aspirinas, uma depois da outra, e ele voltou para o quarto; a cama não era arrumada fazia uma semana, um cinzeiro derramado havia sujado o chão, peças de roupa espalhadas adornavam lugares improváveis, abajures e coisas assim. Mas amanhã, se ele melhorasse, haveria uma faxina; quem sabe mandasse repintar as paredes, talvez arrumar o jardim. Amanhã ele poderia recomençar a pensar nos amigos, aceitar convites, receber. Ainda assim, esses projetos, antegozados, não tinham sabor: tudo o que ele conhecera antes agora lhe parecia estéril e espúrio. Passos no corredor; será que ela poderia estar de volta já tão cedo, o filme acabado, a tarde encerrada? A febre é capaz de fazer o tempo passar de forma estranha, e por um momento ele teve a impressão de que seus ossos flutuavam soltos dentro do corpo. Clópi, clópi, os passos descuidados de



uma criança subiram a escada, e Vincent se deslocou, flutuou, na direção do armário de porta espelhada. Queria se apressar, sabia que precisava, mas o ar parecia tomado por um fluido pegajoso. Tirou a mala dela do armário e a pôs na cama, uma mala triste e barata com os fechos enferrujados e uma capa rasgada. Fitou-a com culpa. Aonde ela iria? Como iria viver? Quando ele rompera com Connie, com Gordon, com todos os outros, a situação sempre tinha uma certa dignidade. Na realidade, contudo — e ele tinha pensado muito bem —, não havia outro modo. De maneira que ele reuniu todos os pertences dela. A srta. Martha Lovejoy Hall olhava para ele de sob a jaqueta de couro, o rosto da professora de piano sorrindo uma acusação oblíqua. Vincent virou-a de rosto para baixo e enfiou na moldura um envelope contendo vinte dólares. Era dinheiro suficiente para comprar uma passagem de volta para Glass Hill, ou para fosse qual fosse o lugar de onde ela viera. Depois ele tentou fechar a mala e, enfraquecido demais pela febre, acabou na cama. Céleres asas amarelas entraram pairando pela janela. Uma borboleta. Ele jamais tinha visto uma borboleta naquela cidade, e ela lhe pareceu uma misteriosa flor flutuante, alguma espécie de sinal, que ele ficou olhando quase com horror enquanto ela valsava pelo ar. Lá fora, em algum lugar, teve início o som fanhoso do realejo de um pedinte; soava como uma pianola quebrada e tocava *A Marselhesa*. A borboleta pousou no quadro dela, arrastou-se por cima dos olhos de cristal e abriu as asas como um laço de fita em cima da cabeça cortada. Ele procurou na mala até encontrar a tesoura dela. Sua idéia inicial era decepar as asas da borboleta, mas ela subiu em espiral até o teto e ficou ali pendurada como uma estrela. A tesoura penetrou no peito do falcão, devorou a tela como uma ávida boca de aço, raspas de tinta caindo em flocos no chão como aparas de cabelo crespo. Ele se pôs de joelhos, reuniu os fragmentos numa pilha, guardou-os na mala e fechou a tampa. Estava chorando. E através das lágrimas a borboleta se ampliou no teto, ficou do tamanho de uma ave, e havia mais: um bando de um amarelo agitado e irrequieto; sussurrando solitárias, como as ondas que devoram a areia das praias. O vento de todas aquelas asas impelia seu quarto para o espaço. Ele se curvou para a frente, com a mala batendo em sua perna, e abriu a porta de supetão. Um fósforo se acendeu. O garotinho disse: “Que o senhor tá fazendo?”. E Vincent, pousando a mala no corredor, sorriu timidamente. Fechou a porta como um ladrão, passou o trinco e, puxando uma cadeira, inclinou-a para prendê-la à maçaneta. No quarto silencioso, só restava a sutileza da luz cambiante do sol e uma borboleta que se arrastava; pendeu do alto como uma tira solta do papel que envolve os lápis de cera e pousou numa vela. *Às vezes ele nem é uma pessoa* — ela lhe dissera, enovelada ali na cama, falando depressa nos minutos que antecederam o amanhecer —, *às vezes ele é uma coisa totalmente diferente: um falcão, uma criança, uma borboleta*. E então ela dissera: *No lugar para onde me levaram, havia centenas de velhinhas, e rapazes, e um dos rapazes dizia que era pirata, e*

*uma das velhinhas — que tinha quase noventa anos — sempre me fazia encostar a mão na barriga dela. “Sinta só”, dizia, “está vendo como chuta com força?” Essa velhinha também ia às aulas de pintura, e os quadros dela pareciam umas colchas enlouquecidas. E é claro que ele estava naquele lugar: O sr. Destronelli. Só que ele dizia que se chamava Gum. Dr. Gum. Ah, ele nunca me enganou, e, apesar de usar uma peruca grisalha e se disfarçar para parecer velho e bonzinho, eu sabia. E então um dia eu fui embora, fugi correndo de lá, me escondi debaixo de uma moita de lilases, e um homem apareceu num carro vermelho; tinha um bigodinho de pêlo de rato e olhinhos malvados. Mas era ele. E, quando eu contei a ele quem ele era, ele me expulsou do carro. E então outro homem, isso foi na Filadélfia, me pegou num café e me levou para um beco. Falava italiano e era coberto de tatuagens. Mas era ele. E o homem que veio depois era o que pintava as unhas do pé, sentou ao meu lado no cinema porque achou que eu fosse um garoto, mas quando descobriu que eu não era, não ficou com raiva e deixou que eu fosse morar no quarto dele, e preparava coisas bonitas para eu comer. Mas ele usava um medalhão de prata, um dia eu abri, e tinha um retrato da srta. Hall. Aí eu descobri que era ele, e tive essa sensação de que ela havia morrido, e soube que ele ia me matar. E ele vai. Ainda vai. Crepúsculo, anoitecer, as fibras do som chamado silêncio teceram uma reluzente máscara azul. Despertando, ele espiou pelas fendas dos olhos, ouviu o pulsar frenético de seu relógio, uma chave raspando na fechadura. Em algum ponto daquela hora crepuscular um assassino se destaca da sombra e munido de uma corda segue o fulgor de pernas de seda subindo escadas aziagas. E aqui o sonhador que olha através de sua máscara sonha com a mentira. Sem investigar, sabe que a mala não está mais lá, que ela veio, que foi embora; por que, então, sente tão pouco o prazer da segurança, e só se sente roubado, e pequeno — pequeno como a noite em que contemplou a lua através do telescópio de um velho?*

### 3

Como fragmentos de uma carta antiga, pipocas achatadas se espalhavam por toda a sua volta, e ela, reclinando-se para trás numa postura vigilante, deixou o olhar correr por entre elas como se aqui e ali conseguisse decifrar uma palavra, uma resposta. Os olhos dela se deslocaram discretamente na direção do homem que subia os degraus, Vincent. Ele exalava o frescor de um banho de chuveiro, da barba feita, de água-de-colônia, mas seus olhos estavam rodeados por tristes círculos azuis e o terno novo que ele envergava tinha sido feito para um homem mais pesado: um longo mês de pneumonia e de noites febris em claro o fizera perder pelo menos cinco quilos. Toda manhã ou todo fim de tarde, quando ele a encontrava ali junto ao seu portão, ou perto da galeria, ou do lado de fora do

restaurante onde almoçava, uma desordem sem nome tomava conta dele, uma paralisia do tempo e da identidade. A pantomima sem palavras de sua perseguição o deixava com o coração contraído, e havia dias comatosos, em que ela parecia ser mais de uma pessoa, todas as pessoas, uma pessoa múltipla, e sua sombra na rua eram todas as sombras, perseguindo e sendo perseguidas. Uma vez os dois ficaram a sós num elevador automático, e ele gritou: “Eu não sou ele! Sou só eu, só eu!”. Mas ela sorriu como tinha sorrido ao falar do homem com as unhas do pé pintadas, porque, afinal de contas, ela sabia.

Era hora do jantar, e, sem saber onde comer, ele parou próximo a um poste que, florescendo abruptamente, lançava uma luz complexa sobre as pedras; enquanto esperava ali, ouviu uma trovoadas, e, na rua inteira, todos os rostos menos dois, o dele e o da moça, voltaram-se para cima. Uma rajada de vento do rio embaralhou o riso das crianças enquanto elas, de braço dado, pulavam e se abaixavam como cavalinhos de carrossel, e carregou para longe a voz da mãe, que, debruçando-se numa janela, berrou: “Chuva, Rachel, chuva — vai chover vai chover!”. E o carrinho de flores repleto de gladiolos e hera sacudia-se loucamente enquanto o vendedor, um dos olhos enviesados para o céu, corria em busca de abrigo. Um vaso de gerânios caiu, as meninas cataram as flores e as enfiaram atrás da orelha. O ruído combinado dos pés que corriam e das gotas da chuva fazia soar o xilofone das calçadas — o bater de portas, as janelas sendo baixadas, e depois só o silêncio, e a chuva. Agora, com lentos passos arrastados, ela também se aproximou do lampião para postar-se ao lado dele, e foi como se o céu fosse um espelho partido pela tempestade, porque a chuva caía entre os dois como uma cortina de vidro espatifado.

[1946]

*Tradução de Sergio Flaksman0*

---

1- “Uso esporas que tilintam quando eu ando...” (N. T.)

2- Automat: marca registrada de um restaurante self-service automático, em que os clientes obtêm cada prato mediante o depósito de um determinado valor em moedas. (N. T.)

"Walter, vá por mim: se ninguém gosta de você, se todo mundo está contra você, não fique achando que as pessoas fazem isso à toa; quem cria essas situações é você mesmo."

Anna dissera isso, e, embora seu lado mais saudável lhe garantisse que ela não tinha nenhuma intenção maliciosa (se Anna não era sua amiga, então quem haveria de ser?), o comentário fez com que ele a desprezasse e saísse por aí dizendo a todo mundo que sentia desprezo por Anna, que ela era uma cascavel. Essa mulher!, dizia ele, não confie na Anna. Ao falar com ele sem papas na língua, Anna estava apenas dando vazão a sua hostilidade reprimida; ainda por cima, uma mentirosa terrível, não se pode acreditar em nada do que ela diz: como é perigosa, meu Deus! E, naturalmente, tudo o que Walter disse acabou chegando aos ouvidos de Anna, de modo que, quando ele lhe telefonou para falar sobre a estréia de uma peça à qual eles haviam combinado ir juntos, ela reagiu: "Desculpe, Walter, não tenho mais condição de andar com você. Compreendo você muito bem, e até certo ponto tenho pena. É totalmente compulsiva, essa sua maledicência, e você não tem muita culpa disso, mas não quero nunca mais ver você porque eu não estou muito bem e não tenho mais condição de andar com você". Mas por quê? E o que ele havia feito? Era bem verdade que espalhou fofocas sobre ela, mas não tinha falado a sério, e afinal de contas, como ele mesmo disse ao Jimmy Bergman (este, sim, era um sujeito de duas caras), para que ter amigos se a gente não pode falar sobre eles de maneira objetiva?

Ele disse que você disse que eles disseram que nós dissemos e voltas e mais voltas. Voltas e mais voltas, como as pás do ventilador de teto a rodopiar; girando e girando, agitando aquele ar viciado sem efeito algum, fazendo tique-taque como um relógio, contando os segundos do silêncio. Walter moveu-se um pouco para o lado, ocupando um ponto mais fresco da cama, e fechou os olhos para aquele quartinho escuro. Às sete daquela noite ele havia chegado a Nova Orleans, às sete e meia fizera registro naquele hotel, um lugar anônimo numa rua secundária. Era uma noite de agosto, e parecia haver fogueiras ardendo no céu vermelho, e a paisagem sulista, tão antinatural, que ele observara com tanta atenção do trem, e, tentando sublimar tudo o mais, reconstruía na memória, intensificava a sensação de ter viajado até o fim, até a queda final.

Mas por que estava naquele hotel sufocante naquela cidade longínqua, isso

Walter não sabia. Havia uma janela no quarto, mas ele não conseguia abri-la, e tinha medo de chamar o mensageiro (que olhos estranhos tinha aquele garoto!), e tinha medo de sair do hotel, pois e se ele se perdesse? E, se se perdesse, por pouco que fosse, ele se perderia de uma vez por todas. Sentia fome; não comia desde o café-da-manhã, por isso pegou uns biscoitos de pasta de amendoim que restavam no pacote que havia comprado em Saratoga e os comeu, bebendo um dedo de Four Roses, o que ainda havia na garrafa. Ficou enjoado. Vomitou na lata de lixo, caiu de novo na cama e chorou até molhar o travesseiro. Depois de algum tempo, deixou-se ficar deitado naquele quarto quente, estremecendo, vendo o ventilador girar lentamente; era uma ação que não tinha início nem fim; era um círculo.

Um olho, a terra, os anéis de uma árvore, tudo é círculo, e todos os círculos, disse Walter, têm centro. Era loucura de Anna dizer que o que tinha acontecido era culpa sua. Se de fato havia algo de errado nele, era consequência de circunstâncias fora de seu controle, culpa, talvez, da mãe carola, ou do pai, que trabalhava na área de seguros em Hartford, ou da irmã mais velha, Cecile, que se casara com um homem quarenta anos mais velho que ela. “Eu só queria sair de casa.” Fora essa a desculpa que ela dera, e, para ser franco, Walter a achara perfeitamente razoável.

Mas não sabia por onde começar a pensar sobre si próprio, não sabia onde encontrar o centro. O primeiro telefonema? Não, isso acontecera apenas três dias antes, e, na verdade, era o fim, não o começo. Bom, ele poderia começar com Irving, pois Irving fora a primeira pessoa que conhecera em Nova York

Ora, Irving era um amor de rapaz, judeu, com um talento notável para o jogo de xadrez e quase nada além disso: tinha cabelos sedosos, faces rosadas de bebê e parecia ter cerca de dezesseis anos. Na verdade, tinha vinte e três, a mesma idade que Walter, e haviam se conhecido num bar em Greenwich Village. Walter estava sozinho e se sentindo muito solitário em Nova York, e assim, quando aquele amor de rapaz foi simpático com ele, pareceu-lhe que talvez valesse a pena ser simpático também — porque nunca se sabe, não é? Irving conhecia muita gente, e todo mundo gostava muito dele, e Irving apresentou Walter a todos os seus amigos.

E Margaret. Margaret era mais ou menos a namorada de Irving. Não era muito bonita (os olhos eram esbugalhados, havia sempre um pouco de batom em seus dentes, e ela se vestia como uma menina de dez anos), mas tinha uma inteligência febril que Walter achava atraente. Não conseguia entender por que ela se interessava por Irving. “Por quê?”, ele perguntou, numa das longas caminhadas que haviam começado a fazer juntos no Central Park

“O Irving é um amor”, disse ela, “e tem um amor muito puro por mim, e quem sabe — talvez até eu me case com ele.”

“Uma estupidez total, fazer isso”, disse Walter. “O Irving nunca vai poder

ser o seu marido, porque na verdade ele é o seu irmãozinho. Ele é o irmãozinho de todo mundo.”

Margaret era inteligente o bastante para perceber o que havia de verdade nessa afirmação. Assim, um dia em que Walter lhe perguntou se não podia fazer amor com ela, ela disse que sim, que não se incomodaria. Depois disso, fizeram amor várias vezes.

Irving acabou sabendo, e uma vez, numa segunda-feira, houve uma cena desagradável, ocorrida, curiosamente, no mesmo bar em que eles se conheceram. Naquela noite, tinha havido uma festa em homenagem a Kurt Kuhnhardt (da Kuhnhardt Advertising), o patrão de Margaret, e ela e Walter haviam ido à festa juntos, passando depois no bar para tomar uma saideira. Tirando Irving e algumas garotas de calça comprida, o lugar estava vazio. Irving estava sentado no balcão, as bochechas muito vermelhas, os olhos um tanto vidrados. Parecia um menininho fazendo de conta que era gente grande, pois suas pernas eram curtas demais para se apoiarem na barra de ferro; pendiam como pernas de um boneco. Assim que o reconheceu, Margaret tentou dar meia-volta e sair do bar, porém Walter impediu-a. De qualquer modo, Irving já os tinha visto: sem tirar o olho deles, largou o copo de uísque, lentamente desceu do banco e, com uma imitação melancólica de um jeito durão, avançou em direção aos dois.

“Irving, querido”, disse Margaret, e parou, pois ele havia lhe dirigido um olhar terrível.

O queixo dele tremia. “Vá embora”, disse, e era como uma criança acusando alguém que a torturasse, “eu odeio você.” Então, quase em câmara lenta, e como se tivesse uma faca na mão, acertou o peito de Walter. Não foi um soco muito forte, e, quando Walter não fez outra coisa senão sorrir, Irving se apoiou num jukebox, gritando: “Vem lutar comigo, seu covardão; vem que eu te mato, juro por Deus que eu te mato”. E foi assim que eles o deixaram.

Voltando para casa, Margaret começou a chorar, um choro suave e cansado. “Ele nunca mais vai ser o amor de rapaz que era”, observou.

E Walter retrucou: “Não sei o que você quer dizer”.

“Ah, sabe, sim”, disse ela, num sussurro. “Você sabe, sim; nós dois ensinamos o Irving a odiar. Tenho a impressão que antes ele não sabia.”

Walter já estava em Nova York havia quatro meses. Seu capital original de quinhentos dólares tinha caído para quinze, e Margaret lhe emprestou dinheiro para que ele pudesse pagar o aluguel de janeiro no Brevoort. Por que, ela queria saber, ele não se mudava para um lugar mais barato? Bom, ele respondeu, era melhor morar num bom endereço. E emprego? Quando é que ele ia começar a trabalhar? Ou será que não ia? Claro, ele respondeu, aliás, pensava muito nisso. Mas não queria pegar o primeiro empreguinho vagabundo que aparecesse. Queria uma coisa boa, uma coisa que desse futuro, por exemplo, na área de

publicidade. Está bem, disse Margaret, talvez ela pudesse ajudá-lo; pelo menos ia falar com o patrão, o sr. Kuhnhardt.

2

A *kka*, como era chamada, era uma agência publicitária de tamanho médio, mas, na sua faixa, muito boa, a melhor. Kurt Kuhnhardt, que a havia fundado em 1925, era um homem curioso, com uma reputação curiosa: um alemão esguio e sistemático, solteiro, que morava numa casa preta chique em Sutton Place, uma casa cheia de objetos interessantes, entre eles três Picasso, uma vitrola magnífica, máscaras polinésias e um robusto rapaz dinamarquês, seu criado. De vez em quando convidava um de seus empregados para jantar, o que fosse o favorito do momento, pois vivia escolhendo protegidos. Era uma posição perigosa, pois essas alianças eram caprichosas e inseguras: volta e meia o protegido se via lendo a seção de empregos dos classificados um dia após um agradável jantar com seu benfeitor. Na sua segunda semana na *kka*, Walter, que fora contratado como assistente de Margaret, recebeu um memorando do sr. Kuhnhardt convidando-o para almoçar, o que, naturalmente, o deixou extraordinariamente entusiasmado.

“Desmancha-prazeres?”, disse Margaret, ajeitando sua gravata e arrancando um fiapo de sua lapela. “Nada disso. É só porque... bom, o Kuhnhardt é um patrão maravilhoso, desde que você não se envolva demais com ele, senão você pode acabar tendo de arranjar outro patrão.”

Walter entendia muito bem o jogo de Margaret; ela não conseguira enganá-lo nem por um segundo; ele tinha vontade de lhe dizer isso, mas se conteve; ainda não era a hora. Mais cedo ou mais tarde, porém, teria de se livrar dela, e mais para cedo do que para tarde. Era degradante ter de trabalhar para Margaret. Além disso, dali em diante ela ia tentar segurá-lo em seu lugar. Mas isso ninguém podia fazer, pensou ele, olhando nos olhos azul-marinho do sr. Kuhnhardt, ninguém conseguiria segurar Walter em seu lugar.

“Você é um idiota”, Margaret lhe disse. “Meu Deus, já vi essas amizadesinhas do *kk* não sei quantas vezes, e elas não querem dizer coisa nenhuma. Ele já foi íntimo até da telefonista. O *kk* só quer que alguém faça o papel de bobo. Vá por mim, Walter, não existe atalho algum: a única coisa importante é você se sair bem no seu trabalho.”

Ele retrucou: “E quanto a isso você tem alguma queixa? Estou me saindo tão bem quanto o esperado”.

“Depende do que você quer dizer com ‘o esperado’”, ela respondeu.

Não muito tempo depois, num sábado, ele combinou encontrar-se com Margaret na Grand Central Station. Iriam a Hartford, onde passariam a tarde

com a família dele, e para a ocasião ela havia comprado um vestido, um chapéu e um par de sapatos. Mas Walter não apareceu. Em vez disso, foi de carro até Long Island com o sr. Kuhnhardt, e foi o mais deslumbrado dos trezentos convidados no baile de debutante de Rosa Cooper. Rosa Cooper (nome original, Kuppermann) era a herdeira da Cooper Dairy Products, uma empresa de laticínios: uma menina morena, gorducha, simpática, com um sotaque britânico forçado, produto de quatro anos no colégio da srta. Jewett. Ela escreveu uma carta a uma amiga chamada Anna Stimson, a qual depois a mostrou a Walter: “Conheci um homem divino. Dancei com ele seis vezes, ele dança divinamente. É executivo numa firma de publicidade, e é lindo de morrer. Marcamos um encontro — um jantar e uma ida ao teatro!”.

Margaret não mencionou o episódio, nem o fez Walter. Era como se nada houvesse acontecido, só que agora, a menos que tivessem um assunto de trabalho para discutir, jamais se falavam, jamais se visitavam. Uma tarde, sabendo que ela não estaria em casa, Walter foi ao apartamento de Margaret, usando uma chave que ela lhe dera muito tempo antes; havia coisas que ele deixara ali, roupas, alguns livros, seu cachimbo; ao recolher esses objetos, descobriu uma foto sua, riscada com batom vermelho: por um momento, teve a sensação de cair, como se num sonho. Encontrou também o único presente que dera a ela, um frasco de L'Heure Bleue, ainda fechado. Sentou-se na cama e, fumando um cigarro, acariciou o travesseiro fresco, pensando na cabeça de Margaret pousada nele, pensando também nas manhãs de domingo que tinham passado deitados ali, lendo em voz alta as tiras em quadrinhos, de Barney Google e Dick Tracy e Joe Palooka.

Olhou para o rádio, uma pequena caixa verde; eles sempre faziam amor ao som de música, qualquer tipo de música, jazz, sinfonias, música de coro: era esse o sinal, pois, toda vez que o desejava, ela dizia: “Vamos ouvir rádio, querido?”. Fosse como fosse, a coisa havia terminado, e ele a odiava, e era nisso que ele precisava pensar. Viu o frasco de perfume outra vez e o pôs no bolso: talvez Rosa gostasse de uma surpresa.

No escritório, no dia seguinte, Walter foi até o bebedouro e encontrou Margaret lá. Ela o olhou fixamente e disse: “Ora, não sabia que você era ladrão”. Foi a primeira manifestação escancarada da hostilidade entre eles. E de repente Walter se deu conta de que não tinha um único aliado na firma. Kuhnhardt? Não podia contar com ele. E todos os outros eram seus inimigos: Jackson, Einstein, Fischer, Porter, Capehart, Ritter, Villa, Byrd. Claro que todos eram inteligentes o bastante para não dizer a ele à queima-roupa o que pensavam a seu respeito, pelo menos não enquanto durasse o entusiasmo de kk

Bem, a antipatia pelo menos era algo positivo, pois a única coisa que ele não suportava era a indefinição, talvez porque seus próprios sentimentos fossem tão indecisos, tão ambíguos. Nunca sabia com certeza se gostava ou não de X.



Precisava do amor de X, mas era incapaz de amar. Jamais conseguia ser sincero com X, dizer-lhe mais do que cinqüenta por cento da verdade. Por outro lado, era-lhe impossível permitir que X tivesse essas mesmas imperfeições: tinha sempre certeza de que, mais dia, menos dia, seria traído. Tinha medo de X, pavor. Uma vez, no tempo do secundário, plagiou um poema e o publicou na revista do colégio; jamais pôde se esquecer do verso final: “Todos os nossos atos são atos de medo”. E, quando seu professor descobriu o plágio, sentiu-se mais injustiçado do que nunca.

3

Walter passou a maior parte dos fins de semana do início do verão na casa de Rosa Cooper em Long Island. De modo geral, a casa vivia cheia de animados alunos de Yale e Princeton, o que era irritante, porque eram justamente rapazes do tipo que, em Hartford, despertavam o demônio da inveja no estômago de Walter, e nunca o deixavam enfrentá-los no território deles. Quanto a Rosa, ela era um amor; todos diziam isso, até mesmo Walter.

Mas toda pessoa que é um amor costuma não ser muito séria, e Rosa não era séria em relação a Walter. Ele não se incomodava muito com isso. Nesses fins de semana, pôde fazer muitos contatos bons: Taylor Ovington, Joyce Randolph (a starlet), E. L. McEvoy, umas dez pessoas cujos nomes emprestavam um brilho considerável a seu caderno de endereços. Uma noite saiu com Anna Stimson para ver um filme em que trabalhava Joyce Randolph, e, pouco depois de eles se instalarem em seus lugares, todos os espectadores que estavam até uma certa distância de Walter ficaram sabendo que Joyce era sua Amiga, que ela bebia demais, tinha um comportamento imoral e estava longe de ser tão bonita quanto parecia ser nos filmes. Anna disse-lhe que ele era uma moça adolescente. “Você só é homem num único aspecto, meu querido”, observou.

Foi por intermédio de Rosa que ele conheceu Anna Stimson. Era redatora de uma revista de moda, uma mulher de um metro e oitenta de altura, que usava terninhos pretos, andava de monóculo e bengala, ostentando quilos de jóias mexicanas de prata, que tilintavam. Fora casada duas vezes, uma delas com Buck Strong, o galã dos filmes de caubói, e tinha um filho, um menino de catorze anos que teve de ser internado no que ela chamava de “um colégio correccional”.

“Era uma criança impossível”, disse Anna. “Gostava de atirar da janela com uma vinte-e-dois, de jogar coisas, de roubar objetos da Woolworth’s: um pirralho insuportável, igual a você.”

No entanto, Anna era boa com Walter e, quando não estava muito deprimida nem muito rancorosa, escutava-o de bom grado queixar-se de seus problemas, explicar por que era tal como era. Durante toda a sua vida, o

trapaceiro que dava as cartas só lhe dava as piores. Atribuindo a Anna todos os defeitos, menos a burrice, Walter gostava de usá-la como uma espécie de confessor: não havia nada que lhe dissesse que ela estivesse em condições de reprovar. Ele dizia, por exemplo: “Contei ao Kuhnhardt um monte de mentiras sobre a Margaret; sei que isso é sujeira, mas ela faria a mesma coisa comigo; além do mais, eu não quero que ela seja demitida, só quero que ela seja transferida, sei lá, para a filial de Chicago”.

Ou então: “Eu estava numa livraria, e tinha um sujeito lá, e nós começamos a conversar: um homem de meia-idade, simpático, muito inteligente. Quando saí, ele me seguiu, a uma pequena distância: eu atravessava a rua, ele atravessava a rua; eu acelerava o passo, ele acelerava o passo. Essa coisa continuou por uns seis ou sete quarteirões, e, quando por fim entendi o que estava acontecendo, achei graça, e resolvi passar a perna nele. Assim, parei numa esquina e chamei um táxi; então me virei e fiquei olhando para o sujeito, fixamente, e ele veio todo afobado, se desmanchando em sorrisos. Então entrei no táxi, bati a porta, pus a cara na janela e soltei uma gargalhada: a expressão no rosto dele foi uma coisa terrível, foi como Cristo. Impossível esquecer. E me diga, Anna, por que foi que eu fiz essa maluquice? Era como se eu estivesse me vingando de todas as pessoas que já me magoaram, mas era outra coisa, também”. Ele contava essas histórias a Anna, ia para casa e adormecia. Seus sonhos eram de um azul límpido.

Agora o problema do amor o preocupava, sobretudo porque ele não o considerava um problema. Não obstante, tinha consciência de que não era amado. A consciência desse fato era como um segundo coração que batesse dentro dele. Mas não havia ninguém. Anna, talvez. Anna o amava? “Ah”, disse Anna, “existe alguma coisa que pareça ser o que é? Agora é um girino, depois vira um sapo. Parece ouro, mas você põe o anel no dedo e fica uma marca verde. O meu segundo marido, por exemplo: ele parecia um bom sujeito, mas acabou sendo um canalha como todos os outros. Olhe só para esta sala: naquela lareira ali não dá para queimar nem incenso, e esses espelhos, eles aumentam o espaço, eles enganam. Nada, Walter, é o que parece. As árvores de Natal são de celofane, e a neve não passa de flocos de sabão. Tem uma coisa voando dentro da gente que se chama Alma, e, quando você morre, você nunca morre de verdade; pois é, e, quando a gente está viva, a gente nunca está viva de verdade. E você quer saber se eu te amo? Não seja burro, Walter, nós não somos nem amigos...”

que eles disseram que nós dissemos voltas e mais voltas rápido e devagar, enquanto o tempo relembra a si próprio numa conversa incessante. Um velho ventilador quebrado quebrando o silêncio: 3 de agosto 3 3!

Dia 3 de agosto, uma sexta-feira, e lá estava, na coluna de Winchell, o nome dele: “Walter Ranney, o bambambã da publicidade, e Rosa Cooper, herdeira do império Cooper de laticínios, pedem aos amigos íntimos que comecem a comprar arroz”. Fora o próprio Walter quem passara a notícia a um amigo de um amigo de Winchell. Ele mostrou a coluna ao garoto que trabalhava na Whelan’s, onde tomava o café-da-manhã. “Sou eu”, disse ele, “esse aqui sou eu”, e a expressão no rosto do rapaz fez bem à sua digestão.

Já era tarde quando Walter chegou ao escritório naquela manhã, e, enquanto andava por entre as mesas, era precedido por um pequeno alvoroço gratificante entre as datilógrafas. Ninguém disse nada, porém. Por volta das onze, após uma hora agradável sem fazer nada a não ser sentir-se em glória, desceu e foi até a drugstore tomar um café. Três homens do escritório, Jackson, Ritter e Byrd, estavam lá, e, quando Walter entrou, Jackson cutucou Byrd, e Byrd cutucou Ritter, e os três se viraram. “E aí, bambambã?”, disse Jackson, um homem de tez rosada, prematuramente calvo, e os outros dois riram. Agindo como se não tivesse ouvido, Walter mais que depressa entrou numa cabine telefônica. “Cachorros”, exclamou, fingindo que discava um número. E por fim, depois de esperar um bom tempo até que os três fossem embora, deu um telefonema de verdade. “Rosa, alô, acordei você?”

“Não.”

“Escute, você leu a coluna do Winchell?”

“Li.”

Walter riu. “De onde será que ele tira essas coisas?”

Silêncio.

“Que foi? Você está meio estranha.”

“Estou?”

“Está zangada, alguma coisa?”

“Só decepcionada.”

“Por quê?”

Silêncio. Em seguida: “Você fez uma coisa mesquinha, Walter, muito mesquinha”.

“Não sei o que você quer dizer.”

“Adeus, Walter.”

Na saída, pagou ao caixa o café que se esquecera de tomar. Havia um barbeiro no prédio. Ele disse que queria fazer a barba; não — cortar o cabelo; não — fazer as unhas; e de repente, vendo a si próprio no espelho, o rosto refletido quase tão pálido quanto o penteador que ele estava usando, se deu conta de que não sabia o que queria. Rosa tinha razão, ele era mesquinho. Sempre

estivera disposto a confessar seus defeitos, pois, ao admiti-los, era como se eles deixassem de existir. Voltou para o escritório e sentou-se à sua mesa, sentindo-se como se estivesse sangrando por dentro, e desejou ardentemente acreditar em Deus. Um pombo andava pelo parapeito de sua janela. Por algum tempo, ele ficou vendo as penas brilhando à luz do sol, o andar tranqüilo e desengonçado da ave; então, antes que se desse conta do que estava fazendo, pegou e jogou um peso de papel de vidro: o pombo bateu asas e subiu, imperturbável, enquanto o peso de papel desceu como uma gota de chuva gigantesca: e se — ele pensou, na expectativa de ouvir um grito ao longe — cair em cima de uma pessoa e matá-la? Mas nada aconteceu. Apenas o estalido das máquinas de escrever, uma batida à porta! “Ô Ranney, o kquer falar com você.”

“Lamento”, disse o sr. Kuhnhardt, traçando rabiscos com uma caneta de ouro. “E é claro que escrevo uma carta para você, Walter. Sempre que você precisar.”

Agora, no elevador, os inimigos, todos submergindo com ele, esmagavam Walter; Margaret estava presente, com uma fita azul prendendo o cabelo. Ela olhou para ele, e seu rosto era diferente dos outros, não vazio como os deles, nem estéril: ali ainda havia compaixão. Mas ela, ao mesmo tempo que olhava para ele, também enxergava dentro dele. Este é o meu sonho: ele não pode se permitir acreditar no contrário; e, no entanto, debaixo do braço levava algo que contradizia o sonho, um envelope de papel pardo em que estavam todas as suas coisas, que ele retirara de sua mesa. Quando todos saltaram no térreo, Walter compreendeu que precisava falar com Margaret, pedir-lhe que o perdoasse, implorar sua proteção, porém ela estava escapulindo rapidamente em direção à saída, perdendo-se em meio aos inimigos. Eu te amo, ele dizia, correndo atrás dela, eu te amo, dizia, sem dizer nada.

“Margaret! Margaret!”

Ela se virou. A fita no cabelo era do mesmo tom de azul que os olhos, e os olhos, ao se fixarem nele, suavizaram-se, exprimindo simpatia. Ou piedade.

“Por favor”, disse ele, “a gente podia tomar um drinque juntos, talvez no Benny’s. A gente gostava de ir ao Benny’s, você lembra?”

Ela fez que não com a cabeça. “Tenho um compromisso, e já estou atrasada.”

“Ah.”

“É — pois é, estou atrasada”, disse Margaret, e começou a correr. Ele ficou parado, vendo-a correr pela rua, a fita esvoaçando atrás dela, brilhando naquele final de tarde de verão. Então ela desapareceu.

O apartamento de Walter, um conjugado num prédio sem elevador perto de Gramercy Park, estava precisando ser arejado, precisando de uma faxina,

mas Walter, depois de preparar um drinque, pensou: Que se dane, e deitou-se no sofá. Para quê? Fizesse o que fizesse, por mais que se esforçasse, tudo acabava dando em nada; todos os dias, em todos os lugares, todos estavam sendo passados para trás, e a culpa era de quem? No entanto, era estranho; deitado no sofá, tomando bourbon na sala cada vez mais escura, sentiu uma calma que sabia Deus havia quanto tempo ele não sentia. Foi como no dia em que, sendo reprovado em álgebra, sentiu um alívio enorme, uma sensação de liberdade: a reprovação era definitiva, o fracasso era uma certeza, e as certezas sempre trazem a paz. Agora ele iria embora de Nova York, tiraria umas férias; tinha algumas centenas de dólares, que durariam até o outono.

Então, tentando decidir aonde iria, percebeu de repente, como se um filme tivesse começado a ser projetado em sua cabeça, toucas de seda, cor de cereja e limão, e homenzinhos com expressão sábia, trajando delicadas camisas de bolinhas. Fechando os olhos, de repente voltou aos cinco anos de idade, e era delicioso lembrar os aplausos, os cachorros-quentes, os binóculos enormes de seu pai. Saratoga! As sombras mascaravam seu rosto na penumbra. Acendeu um abajur, pôs mais bebida no copo, colocou na vitrola um disco de rumba e começou a dançar, as solas dos sapatos sussurrando no tapete: muitas vezes pensava que, se tivesse praticado um pouco, poderia ter se tornado um profissional.

Assim que a música terminou, tocou o telefone. Ele ficou parado, por algum motivo temendo atender, e a luz do abajur, os móveis, tudo na sala pareceu morrer de repente. Quando por fim ele julgou que havia parado de tocar, o telefone recomeçou; mais alto, era a impressão que tinha, e mais insistente. Ele tropeçou num banco, pegou o fone, deixou-o cair, pegou-o de novo e disse: “Sim?”.

Interurbano: alguém ligando de uma cidade da Pensilvânia cujo nome ele não conseguiu entender. Após alguns ruídos espasmódicos, uma voz, seca, de homem ou mulher, diferente de todas as vozes que ele jamais ouvira, disse: “Alô, Walter”.

“Quem é?”

Do outro lado, ninguém disse nada; ele só ouvia uma respiração forte e regular; a ligação era tão boa que era como se aquela pessoa, fosse quem fosse, estivesse ao lado dele, com os lábios apertados contra seu ouvido. “Não gosto de brincadeira. Quem é?”

“Ah, você me conhece, Walter. Você me conhece há muito tempo.” Um estalo, e nada.

Era noite e chovia quando o trem chegou a Saratoga. Ele havia dormido a maior parte da viagem, suando no calor úmido do vagão, e sonhara com um velho castelo onde só viviam uns perus velhos, e teve um sonho em que apareciam seu pai, Kurt Kuhnhardt, uma pessoa sem rosto, Margaret e Rosa, Anna Stimson e uma mulher gorda, estranha, com olhos de diamante. Ele estava parado numa rua comprida e deserta; tirando-se uma sucessão de carros pretos, lentos, que se aproximavam em caravana, como se fosse um funeral, não havia sinal de vida. No entanto, ele sabia, olhos invisíveis observavam sua nudez de todas as janelas; e ele acenou, frenético, para a primeira limusine; ela parou, e um homem, seu pai, abriu a porta, convidando-o para entrar. Papai, ele gritou, correndo em direção ao carro, e a porta se fechou com força, esmagando os dedos dele, e seu pai, com uma gargalhada estrepitosa, pôs a cabeça na janela e jogou para fora uma enorme coroa de rosas. No segundo carro vinha Margaret, no terceiro vinha a mulher com olhos de diamante (não seria a srta. Casey, sua professora de álgebra?) e, no quarto, o sr. Kuhnhardt com seu novo protegido, a criatura sem rosto. Cada uma das portas se abria, depois se fechava, todos riam, todos jogavam rosas. O cortejo descia lentamente pela rua silenciosa. E, com um grito terrível, Walter caiu sobre aquela montanha de rosas: os espinhos feriram sua carne, e uma súbita chuva, um temporal cinzento, destruiu as flores, lavando o sangue pálido que vertia sobre as folhas.

Pelo olhar fixo da mulher sentada na sua frente, Walter percebeu na mesma hora que gritara durante o sonho. Sorriu para ela, sem graça, e a mulher desviou a vista, um tanto constrangida, imaginou ele. Era aleijada; no pé esquerdo usava um sapato gigantesco. Mais tarde, na estação de Saratoga, ele a ajudou a carregar a bagagem, e os dois dividiram um táxi; não conversaram: cada um ficou em seu canto olhando para a chuva, as luzes trêmulas. Em Nova York algumas horas antes, ele tinha retirado do banco todas as suas economias, trancado a porta do apartamento e partido sem deixar nenhum recado; além disso, nesta cidade não havia uma única pessoa que o conhecesse. Isso lhe proporcionava uma sensação boa.

O hotel estava lotado: além da multidão que vinha por causa das corridas, disse-lhe o recepcionista, havia uma convenção de médicos. Infelizmente, ele não sabia de nenhum outro lugar onde pudesse haver um quarto. Talvez amanhã.

Assim, Walter foi para o bar. Já que teria de passar a noite em claro, era melhor que estivesse bêbado. O bar, muito grande, muito quente e barulhento, pululava de criaturas grotescas de verão: velhas caquéticas com estolas de raposa, jóqueis nanicos, homens pálidos, falando aos berros, com fantásticos ternos listrados baratos. Depois de dois drinques, porém, o barulho parecia longínquo. Então, olhando ao redor, viu a mulher aleijada. Estava sozinha em sua mesa, tomando um creme de menta em pequenos goles. Os dois trocaram um sorriso. Levantando-se, Walter foi ficar com ela. “Afinal, não somos estranhos”,

disse a mulher quando ele sentou. “Veio por causa das corridas, não é?”

“Não”, disse ele, “só para descansar. E você?”

Ela apertou os lábios. “Você deve ter percebido que eu tenho um pé defeituoso. Ah, é claro que percebeu, não faça essa expressão de surpresa: você reparou, todo mundo repara. Pois bem”, disse, rodando o canudo dentro da taça, “então, o meu médico vai falar nesta convenção, falar sobre mim e sobre meu pé, por causa que é um caso muito especial. Sabe, eu estou com medo. Quer dizer, sabe, vou ter de mostrar o meu pé.”

Walter disse que lamentava, e ela respondeu que não, não havia motivo nenhum para lamentar; afinal, ela estava tirando umas férias por causa daquilo, não era? “E olha que faz seis anos que eu não saio da cidade. Faz seis anos que eu passei uma semana no Bear Mountain Inn.” Suas faces estavam coradas, um pouco manchadas, e seus olhos, que eram muito apertados um junto ao outro, tinham um tom de lavanda, vivo: pareciam não piscar nunca. Ela usava uma aliança de ouro como se fosse casada; estava na cara que aquilo era fingimento: ninguém acreditaria.

“Sou doméstica”, disse ela, respondendo a uma pergunta. “E isso não tem problema nenhum. É um trabalho honesto, e eu gosto. As pessoas onde eu trabalho têm um filho que é uma gracinha, o Ronnie. Eu sou melhor pra ele do que a mãe, e ele gosta mais de mim do que dela; foi ele que me disse isso. Porque a mãe dele, essa vive de porre.”

Era deprimente ouvir aquela falação, mas Walter, subitamente sentindo medo de ficar sozinho, foi ficando, bebendo e falando tal como fizera outrora com Anna Stimson. Xiu!, a mulher exclamou a certa altura, pois ele estava falando alto demais, e havia muita gente olhando. Walter disse que os outros que se danassem, ele pouco estava ligando; era como se seu cérebro fosse de vidro, e todo o uísque que ele bebera tivesse se transformado num martelo; ele sentia os cacos rolando dentro da cabeça, distorcendo o foco, falsificando as formas; a mulher aleijada, por exemplo, parecia ser não uma única pessoa, mas várias: Irving, sua mãe, um homem chamado Bonaparte, Margaret, todos esses e outros: cada vez mais ele se dava conta de que a experiência é um círculo, e que nesse círculo é impossível isolar, ou esquecer, um momento específico.

O bar estava fechando. Dividiram a conta meio a meio, e, enquanto aguardavam o troco, nenhum dos dois disse nada. Olhando para ele com seus olhos lavanda que não piscavam, a mulher parecia muito controlada, porém Walter percebia que dentro dela havia uma agitação sutil. Quando o garçom voltou, eles dividiram o troco e ela disse: “Se quiser, pode vir pro meu quarto”.

Seu rosto ficou vermelho, como se de urticária. “Quer dizer, você disse que não tem onde dormir...” Walter estendeu a mão e pegou a da mulher: o sorriso que ela lhe dirigiu foi de uma timidez tocante.

Exalando um cheiro forte de perfume barato, ela saiu do banheiro usando apenas um quimono vagabundo, cor-da-pele, e o sapato preto monstruoso. Foi então que ele se deu conta de que não iria conseguir. E nunca antes sentira tanta piedade de si próprio: nem mesmo Anna Stimson jamais o perdoaria por isso. “Não olhe”, disse ela, com um tremor na voz. “Não gosto que ninguém veja meu pé.”

Ele se virou para a janela, onde as folhas de um olmeiro roçavam com a vidraça na chuva, e um relâmpago, longe demais para ser ouvido, piscou, branco. “Tudo bem”, disse ela. Walter permaneceu imóvel.

“Tudo bem”, ela repetiu, ansiosa. “Quer que eu apague a luz? Quer dizer, vai ver que você quer se preparar... no escuro.”

Ele se aproximou da cama e, abaixando-se, beijou-a no rosto. “Eu acho você um amor, mas...”

O telefone interrompeu-o. Ela olhou para ele, com uma expressão vazia. “Meu Jesus”, exclamou, e cobriu o bocal com a mão, “é interurbano! Aposto que é o Ronnie! Aposto que ele está doente, ou então... alô... quê?... Ranney? Não, não. É eng...”

“Espere aí”, disse Walter, pegando o fone. “Sou eu, Walter Ranney.”

“Alô, Walter.”

A voz, seca, de homem ou mulher, distante, atingiu-o na boca do estômago. O quarto pareceu balançar-se, distorcer-se. Um bigode de suor brotou no lábio superior de Walter. “Quem é?”, disse ele, tão devagar que as palavras se dissociaram uma da outra, incoerentes.

“Ah, você sabe quem eu sou, Walter. Você me conhece há muito tempo.” Então, silêncio: fosse quem fosse, havia desligado.

“Ih!”, exclamou a mulher, “como é que descobriram que você está no meu quarto? Quer dizer... vem cá, foi alguma notícia ruim? Você está meio...”

Walter caiu sobre ela, abraçando-a com força, apertando o rosto molhado contra o dela. “Me abraçe”, pediu, constatando que ainda era capaz de chorar. “Me abraçe, por favor.”

“Coitadinho”, disse ela, dando-lhe tapinhas nas costas. “Coitadinho do meu menino: nós estamos muito sozinhos neste mundo, não é?” E logo ele adormeceu nos seus braços.

Mas desde então Walter não conseguia dormir, tal como não conseguia agora, nem mesmo ouvindo o ruído preguiçoso do ventilador de teto; o som das pás rodando era como o das rodas dos trens: de Saratoga para Nova York, de Nova York para Nova Orleans. E ele escolhera Nova Orleans sem nenhum motivo especial, só porque era uma cidade cheia de desconhecidos, bem distante.



Quatro pás de ventilador a girar, rodas e vozes, voltas e mais voltas; e afinal de contas, como ele percebia agora, nessa rede de malevolência não havia fim, não havia nenhum fim.

A água descia pelos canos dentro da parede, passos soavam no andar de cima, chaves tilintavam no corredor, um locutor de noticiário falava em algum lugar, no quarto ao lado uma menina pequena perguntava por quê? Por quê? por quê? Porém, no seu quarto havia uma atmosfera de silêncio. Seus pés, à luz que entrava pela bandeira da porta, pareciam uma estátua de pedra amputada: as unhas luzidas eram dez pequenos espelhos, todos refletindo um brilho verde. Soerguendo-se na cama, ele enxugou o suor com uma toalha; agora, acima de tudo era o calor que o assustava, pois o fazia sentir na carne o quanto ele estava indefeso. Jogou a toalha para longe, e ela caiu sobre um abajur, e ficou se balançando de um lado para o outro. Foi então que o telefone começou a tocar. E tocar. Tocava tão alto que ele tinha a impressão de que todo o hotel estava ouvindo. Um exército viria bater à sua porta. Assim, ele enfiou o rosto no travesseiro, cobriu os ouvidos com as mãos e pensou: Pense em coisas de nada, pense no vento.

[1947]

*Tradução de Paulo Henriques Britto*

*(Esta história é para Andrew Lyndon.)*

Ontem à tarde o ônibus das seis horas atropelou a srta. Bobbit. Não sei bem o que há para dizer sobre isso; afinal de contas, a srta. Bobbit tinha apenas dez anos, mesmo assim eu sei que nenhum de nós nesta cidade a esquecerá. No mínimo porque nada do que ela fez foi comum, desde o primeiro instante em que a vimos, e isso foi há um ano. A srta. Bobbit e sua mãe, elas chegaram naquele mesmo ônibus das seis, aquele que vem lá de Mobile. Aconteceu de ser o aniversário de meu primo Billy Bob, e a maioria das crianças da cidade estava aqui em nossa casa. Estávamos esparramados pela varanda da frente, tomando sorvete de tutti frutti e comendo bolo de chocolate, quando o ônibus entrou a toda na Curva do Morto. Foi naquele verão em que nunca choveu; uma secura enferrujada cobria tudo; às vezes, quando um carro passava na estrada, a poeira ficava suspensa no ar durante uma hora ou mais. Tia El dizia que, se não pavimentassem a estrada logo, iria se mudar para o litoral; mas ela já dizia isso havia muito tempo. Bom, nós estávamos sentados na varanda, o sorvete derretendo nos pratos, quando de repente, quando estávamos querendo que alguma coisa acontecesse, alguma coisa aconteceu: do meio da poeira vermelha da estrada surgiu a srta. Bobbit. Uma garotinha magricela, num engomado vestido de festa cor de limão, ela vinha falando em voz alta, andando de modo afetado como um adulto, uma das mãos no quadril, a outra segurando uma sombrinha. A mãe, puxando duas malas de papelão e uma vitrola de corda, seguia-a logo atrás. Era uma mulher esquelética, mal-arrumada, com olhos silenciosos e um sorriso faminto.

Todas as crianças na varanda tinham ficado tão quietas que, quando surgiu um cone de vespas zumbindo, as meninas não começaram a gritaria de costume. A atenção delas estava totalmente voltada para a aproximação da srta. Bobbit e de sua mãe, que agora haviam alcançado o portão. “Com licença”, chamou a srta. Bobbit numa voz que era, ao mesmo tempo, sedosa e infantil, como um pedaço bonito de fita, e imaculadamente precisa, como a de uma estrela de cinema ou de uma professora de escola rural, “será que podemos falar com algum adulto da casa?” Isso, é claro, referia-se a tia El, e, pelo menos em certa medida, a mim. Mas Billy Bob e todos os outros garotos, nenhum com mais de treze anos, foram até o portão atrás de nós. Pela expressão deles, podia-se até

pensar que nunca tinham visto uma garota antes. Por certo não como a srta. Bobbit. Como disse tia El: Quem é que já ouviu falar numa criança que usasse maquiagem? Batom Tangee dava a seus lábios um brilho alaranjado, os cabelos, semelhantes a uma peruca de fantasia, eram uma massa de cachos avermelhados, e os olhos tinham um desenho oblíquo, astuto. Ainda assim, ela revelava uma dignidade comedida, era uma dama, e, além disso, olhava nos olhos da gente com uma objetividade masculina. “Eu sou a srta. Lily Jane Bobbit, srta. Bobbit de Memphis, no Tennessee”, disse, solene. Os meninos olharam para os dedos do pé, e, na varanda, Cora McCall, que Billy Bob estava cortejando na época, liderou as meninas numa fanfarra de risadinhas. “Crianças *do interior*”, disse a srta. Bobbit com um sorriso compreensivo, girando habilmente a sombrinha. “Minha mãe”, e aquela mulher simples se permitiu um aceno brusco com a cabeça reconhecendo a si própria, “minha mãe e eu vamos nos hospedar numa pensão por aqui. Poderia ter a gentileza de nos mostrar onde fica? Pertence a uma senhora de nome Sawyer.” Ora, claro, disse tia El, aquela é a casa da sra. Sawyer, bem ali, do outro lado da rua. A única hospedaria que havia por lá era um lugar antigo, imponente e escuro, com cerca de duas dúzias de hastes de pára-raios espalhados no telhado: a sra. Sawyer tinha medo de morrer durante uma tempestade.

Corando como uma maçã, Billy Bob disse: Por favor, senhora, o dia está tão quente, não querem descansar um pouco e tomar um pouco de sorvete?, e tia El disse: Sim, é claro, mas a srta. Bobbit balançou a cabeça. “Engorda muito, sorvete; mas *merci* a vocês pela gentileza”, e elas se puseram a atravessar a rua, a mãe quase arrastando a bagagem na poeira. Então, e com uma expressão determinada, a srta. Bobbit virou-se para trás. O girassol amarelo de seus olhos escureceu, e ela os girou levemente para o lado, como se tentasse se lembrar de um poema. “Minha mãe tem uma enfermidade na língua, por isso é necessário que eu fale por ela”, anunciou rapidamente, com um suspiro forte. “Minha mãe é uma excelente costureira; fez vestidos para a alta sociedade de muitas cidades, inclusive Memphis e Tallahassee. Sem dúvida vocês notaram e admiraram o vestido que estou usando. Cada ponto nele foi costurado à mão por minha mãe. Minha mãe consegue copiar qualquer modelo, e acabou de ganhar um prêmio de vinte e cinco dólares da revista *Ladie’s Home Journal*. Ela também sabe fazer crochê, tricô, e bordar. Se quiserem qualquer tipo de costura, por favor, venham procurar minha mãe. Contem a seus amigos e às pessoas de suas famílias. Obrigada.” E então, com um farfalhar e um zunido, desapareceu.

Cora McCall e as meninas, agitadas, desconfiadas, puxaram as fitas de seus cabelos, e pareceram muito confusas e com cara de bobas. Eu sou a srta. Bobbit, disse Cora, contorcendo o rosto para fazer uma imitação maldosa, e eu sou a princesa Elizabeth, é quem eu sou, ha, ha, ha. Além do mais, disse Cora, aquele vestido não podia ser mais deselegante; no meu caso, disse Cora, todas as

minhas roupas vêm de Atlanta; e tenho um par de sapatos de Nova York, para não falar no meu anel de prata com turquesa, que veio lá da Cidade do México, no México. Tia El disse-lhes que não deviam se comportar daquele modo em relação a outra criança, uma estranha na cidade, mas as meninas continuaram como um conluio de bruxas, e alguns dos meninos, os mais tolos, que gostavam de ficar com as meninas, juntaram-se a elas e disseram coisas que fizeram tia El enrubescer e declarar que ia mandá-los todos para casa e que também ia contar para os pais deles. Mas, antes que ela pudesse levar adiante a ameaça, a própria srta. Bobbit interveio, passeando pela varanda da sra. Sawyer, vestida numa roupa nova e surpreendente.

Os garotos mais velhos, como Billy Bob e Preacher Star, que tinham ficado quietos enquanto as meninas arrasavam com a srta. Bobbit e que tinham observado com rostos vagos e ansiosos a casa em que ela havia desaparecido, agora se endireitaram e se dirigiram a passos lentos para o portão. Cora McCall torceu o nariz e fez beicinho, mas nós sentamos nos degraus. A srta. Bobbit não prestou a menor atenção em nós. O quintal da casa da sra. Sawyer é sombreado por amoreiras, e tem grama e calicantos. Às vezes, depois de uma chuva, o cheiro dos arbustos de calicanto chega até a nossa casa; e no centro desse quintal há um relógio de sol que a sra. Sawyer instalou em 1912 como um memorial ao seu touro de Boston, Sunny, que morreu depois de beber um balde de tinta. A srta. Bobbit desfilou com pompa pelo quintal, carregando a vitrola, que pôs sobre o relógio de sol; deu corda nela, colocou um disco que tocava a valsa “Count of Luxembourg”. Àquela altura já estava quase anoitecendo, era a hora dos vagalumes, tudo azul como vidro opaco, e os pássaros como flechas mergulhavam juntos e afundavam rapidamente nas dobras das árvores. Antes dos temporais, as folhas e as flores pareciam incandescer com uma luz, uma cor, só delas, e a srta. Bobbit, enfeitada numa saínia branca como uma esponja de pó-de-arroz e com tiras de lantejoulas de brilho dourado amarrando-lhe o cabelo, parecia, vista contra a escuridão que aumentava a seu redor, possuir a mesma qualidade luminosa. Ela ergueu os braços em arco acima da cabeça, as mãos delicadas, e permaneceu apumada na ponta dos pés. Ficou daquele jeito por um bom tempo, e tia El disse que ela era bem talentosa. Então ela começou a valsar, girando e girando, e girando e girando continuou, até que tia El disse: Puxa, já estava ficando tonta só de olhar. Ela parou apenas quando era hora de dar corda na vitrola novamente. E, quando a lua desceu rolando pela serra, e o último sino já havia tocado, e todas as crianças tinham ido para casa, e a íris da noite começava a florescer, a srta. Bobbit ainda estava lá no escuro, girando como um pião.

Não a vimos de novo por algum tempo. Preacher Star vinha toda manhã até a nossa casa e ficava direto até a hora do jantar. Preacher é um garoto magro como um trilho, com um topete ruivo; tem onze irmãos e irmãs, e até mesmo eles o temem, pois ele tem um temperamento terrível e é famoso nestas

bandas por sua torpeza invejosa: no último Quatro de Julho ele bateu tanto em Ollie Overton, que a família de Ollie teve de mandá-lo para um hospital em Pensacola; e houve outra ocasião em que arrancou a metade da orelha de uma mula a dentadas, mascou-a e cuspiu-a no chão. Antes de Billy Bob crescer, Preacher também fazia o diabo com ele. Costumava pôr carrapichos dentro da sua camisa, e esfregar-lhe pimenta nos olhos, e rasgar sua lição de casa. Mas agora eles são grandes amigos: falam parecido, andam parecido, e de vez em quando desaparecem juntos por dias inteiros, sabe-se lá aonde vão. Mas, durante aqueles dias em que a srta. Bobbit não apareceu, eles ficaram perto da casa. Andavam pelo quintal, tentando derrubar pardais dos postes telefônicos, com estilingue. Ou às vezes Billy Bob tocava uquelele, e eles cantavam tão alto que o tio Billy Bob, que é juiz do condado, dizia que dava para ouvir os dois lá do fórum: “*Send me a letter, send it by mail, send it in care of the Birmingham jail*”.<sup>1</sup> A srta. Bobbit não os ouvia; pelo menos ela nunca pôs a cabeça para fora da porta. Então um dia, a sra. Sawyer, que viera pedir emprestada uma xícara de açúcar, tagarelou bastante sobre as novas pensionistas. Sabe, disse, apertando seus olhinhos de galinha, o marido era um trapaceiro, é, é, a própria criança me contou. Não tem um pingo de vergonha, nem um pingo. Disse que seu paizinho era o paizinho mais querido de todos e o cantor mais doce de todo o Tennessee... E eu disse: Querida, onde ele está?, e, do jeito mais sem cerimônia que você possa imaginar, ela diz: Ah, ele está na penitenciária, e nós não temos mais notícias dele. Diga se isso não é de gelar o sangue, hein? É, é, e eu estava pensando, a mãe dela, eu estava pensando se ela não é estrangeira: não diz uma palavra, e às vezes parece que não entende o que dizem para ela. E sabe o que mais? Elas comem tudo *crus*. Ovos *crus*, nabos *crus*, cenouras — e nenhuma carne. Por motivos de saúde, diz a criança, mas, olha só!, ela está na cama com febre desde terça-feira passada.

Naquela mesma tarde tia El saiu para regar suas rosas, mas acabou descobrindo que elas haviam desaparecido. Aquelas rosas eram especiais, eram umas que ela planejara mandar para a exposição de flores em Mobile, e naturalmente ela ficou um pouco histérica. Ligou para o xerife e disse: Escute aqui, xerife, o senhor venha até aqui, e rápido. Estou dizendo que alguém roubou todas as minhas rosas Lady Anne, para as quais me dediquei de corpo e alma desde o começo da primavera. Quando o carro do xerife estacionou na frente da nossa casa, todos os vizinhos da rua saíram em suas varandas, e a sra. Sawyer, camadas de creme embranquecendo-lhe o rosto, atravessou a rua correndo. Ah, puxa, disse ela, muito desapontada por descobrir que ninguém tinha sido assassinado, ah, puxa, disse ela, ninguém roubou as tais das rosas. O seu Billy Bob levou as rosas para a minha casa e deixou para a pequena Bobbit. Tia El não disse uma só palavra. Apenas marchou até o pessegueiro e arrancou um galho fino. Aaah, Billy Bob, ela percorreu a rua dizendo o nome dele, e então o

encontrou na oficina de Speedy, onde ele e Preacher estavam olhando Speedy desmontar um motor. Ela simplesmente o levantou pelo cabelo e, batendo muito nele, puxou-o para casa. Mas não conseguiu fazê-lo pedir desculpas, nem conseguiu fazê-lo chorar. E, quando ela acabou, ele correu para o quintal e subiu o mais alto que pôde numa noqueira-pecã e jurou que nunca mais ia descer. Então o pai dele saiu na janela e gritou: Filho, não estamos bravos com você, então desça daí e venha jantar. Mas Billy Bob não ia se mexer. Tia El foi até lá e se apoiou na árvore. Falou com uma voz fraca como a luz que havia por ali. Sinto muito, filho, disse, eu não quis bater em você forte daquele jeito. Eu fiz um jantar gostoso, filho, salada de batatas e presunto cozido e ovos com molho. Vai embora, disse Billy Bob, eu não quero jantar, e eu te odeio muito. O pai dele disse que ele não devia falar daquele jeito com sua mãe, e ela começou a chorar. Ficou em pé lá embaixo da árvore e chorou, erguendo a barra da saia para secar os olhos. Eu não te odeio, filho... Se eu não te amasse, não teria batido em você. As folhas da noqueira começaram a chacoalhar; Billy Bob desceu lentamente até o chão, e tia El, passando os dedos pelos cabelos dele, puxou-o para si. Ah, mã, disse ele. Ah, mã.

Depois do jantar Billy Bob veio e se jogou no pé da minha cama. Ele cheirava azedo e doce, do jeito que cheiram os meninos, e eu senti muita pena dele, especialmente porque ele parecia tão preocupado. Seus olhos estavam quase fechados de tanta preocupação. A gente tem de mandar flor para quem está doente, disse ele, justificando-se. Mais ou menos naquele momento ouvimos a vitrola, um som agitado e distante, e uma mariposa entrou pela janela, vagando pelo ar delicada como a música. Mas estava escuro agora, e não sabíamos dizer se a srta. Bobbit estava dançando. Billy Bob, como se sentisse dor, dobrou-se sobre a cama feito um canivete; mas seu rosto ficou repentinamente claro, os olhos sujos de menino tremelicando como velas. Ela é tão bonita, sussurrou, ela é a danada mais bonita que eu já vi, puxa, que se dane, eu não me importo, eu arrancaria todas as rosas-da-china.

Preacher também teria arrancado todas as rosas-da-china. Ele estava tão louco por ela quanto Billy Bob. Mas a srta. Bobbit não reparava neles. A única comunicação que tivemos com ela foi um bilhete para tia El, agradecendo-lhe pelas flores. Dia após dia, ela sentava em sua varanda, sempre vestida com grande esmero, e fazendo algum bordado, ou fazendo cachos no cabelo, ou lendo um dicionário Webster's — formal mas amigável; se você dissesse bom-dia para ela, ela diria bom-dia para você. Mesmo assim, os meninos pareciam nunca ter coragem suficiente para ir até lá e conversar com ela, e na maior parte do tempo ela apenas olhava além deles, mesmo quando desfilavam para cima e para baixo na rua, tentando atrair seu olhar. Eles lutavam, brincavam de Tarzan, faziam manobras malucas com bicicletas. Era algo de dar dó. Muitas garotas na cidade passeavam em frente à casa da sra. Sawyer duas ou três vezes a cada hora,

somente pela possibilidade de ser olhadas. Algumas das meninas que faziam isso eram: Cora McCall, Mary Murphy Jones, Janice Ackerman. A srta. Bobbit também não demonstrou nenhum interesse por elas. Cora não falava mais com Billy Bob. O mesmo se aplicava a Janice e Preacher. Na verdade, Janice escreveu uma carta para Preacher, em tinta vermelha e em papel enfeitado com laços, na qual dizia que ele era o mais vil de todos os seres humanos, que ela considerava rompido o compromisso que tinham, e que ele podia pegar de volta o esquilo empalhado que lhe dera. Preacher, dizendo que queria agir de maneira simpática, parou-a logo que ela passou novamente por nossa casa e disse: Bom, diacho, ela podia ficar com aquele esquilo velho se quisesse. Mais tarde, ele não conseguia entender por que Janice havia saído correndo e aos berros do jeito que fizera.

Então um dia os meninos ficaram mais malucos que de costume. Billy cambaleava de um lado para o outro metido no uniforme da Segunda Guerra de seu pai, e Preacher, despido até a cintura, tinha uma mulher nua desenhada no peito com um dos velhos batons de tia El. Eles pareciam uns perfeitos idiotas, mas a srta. Bobbit, recostada num balanço, simplesmente bocejou. Era meio-dia, e não havia ninguém passando na rua, a não ser uma garota de cor, gorducha e parecida com um bombom, que cantarolava carregando um balde de amoras. Mas os garotos, indo para cima dela como mosquitos, deram-se as mãos e não iam deixá-la passar, a não ser que pagasse o pedágio. Eu num sei nada de pedágio, disse ela, de que pedágio cê tá falando, moço? Uma festinha no celeiro, disse Preacher, os dentes cerrados, uma bela de uma festinha no celeiro. E ela, dando de ombros amuada, disse, eh, ela num pretendia ir a nenhuma festa de celeiro. Em resposta, Billy Bob virou seu balde de amoras de cabeça para baixo, e, quando ela, com gritos desesperados parecidos com os de um porco, curvou-se em gestos inúteis para tentar recuperar a perda, Preacher, que pode ser ruim como o diabo, deu-lhe um chute no traseiro que a fez esparramar-se como geléia sobre as amoras e a poeira. A srta. Bobbit cruzou a rua rapidamente, o dedo indicador balançando feito um metrônomo; como uma professora primária, ela bateu palmas, bateu o pé no chão e disse: “É fato notório que os cavalheiros foram postos sobre a face da Terra para a proteção das damas. Vocês acham que os garotos se comportam dessa maneira em cidades como Memphis, Nova York, Londres, Holly wood ou Paris?”. Os meninos recuaram e enfiaram as mãos nos bolsos. A srta. Bobbit ajudou a garota de cor a se levantar; sacudiu-lhe o pó do corpo, secou seus olhos, deu-lhe um lenço e mandou-a assoar o nariz. “Que bela coisa”, disse, “que bela situação essa, quando uma dama não pode andar em público e em segurança à luz do dia.”

Então as duas foram sentar na varanda da sra. Sawyer; e no ano seguinte elas estavam quase sempre juntas, a srta. Bobbit e aquela elefantinha cujo nome era Rosalba Cat. A princípio, a sra. Sawyer fez um estardalhaço sobre o fato de

Rosalba ficar tanto tempo em sua casa. Ela disse a tia El que não era natural ter uma crioulinha refestelada sem rodeios à vista de todos em sua varanda. Mas a srta. Bobbit tinha uma certa mágica, tudo o que fazia era feito com uma inteireza, e de maneira tão direta, tão solene, que não havia nada a fazer a não ser aceitar. Por exemplo, os comerciantes da cidade costumavam rir às escondidas quando a chamavam de *srta. Bobbit*; mas aos poucos ela passou a ser *srta. Bobbit*, e eles inclinavam a cabeça de leve, tensos, quando ela rodopiava girando a sombrinha. A *srta. Bobbit* contava para todo mundo que Rosalba era sua irmã, o que provocava uma boa quantidade de piadas. Mas, como a maioria de suas idéias, aquilo gradualmente pareceu natural, e, quando as ouvíamos chamando-se de Irmã Rosalba e Irmã Bobbit, nenhum de nós nem sequer sorria. Mas a Irmã Rosalba e a Irmã Bobbit faziam algumas coisas esquisitas. Teve aquele negócio com os cachorros. Bom, tem muitos cachorros nesta cidade, terriers rateiros, perdigueiros, sabujos; eles vagueiam pelas ruas abandonadas e quentes do meio-dia em matilhas sonolentas de seis a doze, todos esperando apenas pela escuridão e pela lua, quando é possível ouvi-los uivando pelas horas desoladas da noite: Alguém está morrendo, alguém morreu. A *srta. Bobbit* reclamou ao xerife; disse que alguns dos cachorros sempre ficavam embaixo de sua janela e que, para início de conversa, tinha o sono leve. Além do mais, e como dissera a Irmã Rosalba, ela não acreditava que eles eram cachorros, e sim algum tipo de demônio. O xerife, é claro, não fez nada; então ela mesma se encarregou do assunto. Certa manhã, depois de uma noite especialmente ruidosa, foi vista andando silenciosamente pela cidade com Rosalba ao lado, Rosalba carregando uma cesta de flores cheia de pedras; sempre que viam um cachorro, elas paravam enquanto a *srta. Bobbit* examinava o animal. Às vezes ela balançava a cabeça, mas com mais frequência dizia: “Sim, é um deles, Irmã Rosalba”, e Irmã Rosalba, com uma determinação feroz, tirava uma pedra da cesta e acertava o cachorro no meio dos olhos.

Outra coisa que aconteceu diz respeito ao sr. Henderson. O sr. Henderson aluga um dos quartos dos fundos na casa da sra. Sawyer. Um homem baixinho e desagradável que já fora prospectador independente de petróleo em Oklahoma, ele tem uns setenta anos e, como muitos velhos, é obcecado por funções corporais. Além disso, é um bêbado terrível. Certa vez ele ficou bêbado durante duas semanas; sempre que ouvia a *srta. Bobbit* e a Irmã Rosalba andando pela casa, chegava no topo da escada e gritava para a sra. Sawyer lá embaixo que havia anãs nas paredes tentando roubar seu suprimento de papel higiênico. Elas já roubaram uns quinze centavos de papel, dizia ele. Uma noite, quando as duas garotas estavam sentadas sob uma árvore no quintal, o sr. Henderson, vestindo apenas um camisolão, saiu correndo atrás delas. Roubaram todo o meu papel higiênico, não é?, berrou, vou mostrar a vocês, suas anãs... Alguém me ajude, ou essas anãs vagabundas vão roubar todas as folhas de papel da cidade. Billy Bob e



Preacher é que pegaram o sr. Henderson e o seguraram até que alguns adultos chegaram e começaram a amarrá-lo. A srta. Bobbit, que tinha se portado com calma admirável, disse aos homens que eles não sabiam fazer um nó adequado, e se pôs a fazê-lo ela mesma. Fez um trabalho tão bom que toda a circulação parou nas mãos e nos pés do sr. Henderson, e levou um mês para que ele pudesse andar de novo.

Foi pouco tempo depois disso que a srta. Bobbit nos fez uma visita. Ela veio num domingo, e eu estava sozinho, a família toda tinha ido à igreja. “Os odores da igreja são tão desagradáveis”, disse ela, inclinada para a frente e com as mãos dobradas de modo afetado diante de si. “Não quero que pense que sou uma pagã, sr. C.; tenho experiência suficiente para saber que existe um Deus e que existe um Diabo. Mas a maneira de domar o Diabo não é ir à igreja e ficar lá ouvindo que grande tolo malvado e pecador ele é. Não, ame o Diabo da mesma forma que você ama Jesus: porque ele é um homem poderoso, e vai lhe prestar bons favores se souber que confia nele. Ele com freqüência tem me prestado bons favores, como na escola de dança em Memphis... Sempre recorri ao Diabo para me ajudar a ter o papel mais importante em nosso show anual. É uma questão de bom senso; veja bem, eu sabia que Jesus não iria querer nada com dança. Ora, na verdade, eu recorri ao Diabo recentemente. Ele é o único que pode me ajudar a sair desta cidade. Não que eu viva aqui, não é bem isso. Eu sempre penso sobre outro lugar, outro lugar onde tudo é dança, como gente dançando nas ruas, e onde tudo é bonito, como crianças em seus aniversários. Meu precioso papai dizia que eu vivo no céu, mas, se ele vivesse mais no céu, seria rico como queria ser. O problema do meu papai foi que ele não adorou o Diabo, ele deixou que o Diabo o adorasse. Mas eu sou muito esperta a esse respeito; sei que a próxima melhor coisa é com freqüência a melhor. Foi a próxima melhor coisa para nós mudar para esta cidade. E, uma vez que não posso dar continuidade à minha carreira aqui, a próxima melhor coisa para mim é começar um pequeno negócio paralelo. E é o que tenho feito. Sou a única agente de assinaturas deste condado para uma impressionante lista de revistas, incluindo *Reader's Digest*, *Popular Mechanics*, *Dime Detective* e *Child's Life*. Na verdade, sr. C., não estou aqui para lhe vender nada. Mas tenho uma idéia na cabeça. Eu estava pensando naqueles dois garotos que estão sempre por aqui, e ocorreu-me que, afinal de contas, eles são homens. O senhor acha que formariam uma boa dupla de assistentes?”

Billy Bob e Preacher trabalharam duro para a srta. Bobbit, e também para a Irmã Rosalba. A Irmã Rosalba tinha uma linha de cosméticos chamada Gota de Orvalho, e fazia parte do trabalho dos garotos entregar as compras dos fregueses dela. Billy Bob costumava ficar tão cansado à noite, que mal agüentava jantar. Tia El disse que era uma vergonha e uma pena, e, finalmente, num dia em que Billy Bob voltou para casa com um pouco de insolação, ela

disse: Muito bem, está resolvido, Billy Bob teria de abandonar a srta. Bobbit. Mas Billy Bob xingou-a até que seu pai teve de trancá-lo no quarto; em consequência, ele disse que ia se matar. Alguma cozinheira que tivemos lhe contou certa vez que, se alguém comesse uma mistura de couve coberta com melão, isso a mataria tão certo quanto um tiro; e então foi o que ele fez. Estou morrendo, disse, rolando de um lado para o outro na cama, estou morrendo, e ninguém se importa.

A srta. Bobbit apareceu e lhe disse que ficasse quieto. “Não tem nada errado com você, rapaz”, disse ela. “Tudo o que você tem é dor de estômago.” Então ela fez uma coisa que chocou muito tia El: tirou as cobertas de cima de Billy Bob e esfregou álcool nele da cabeça aos pés. Quando tia El lhe disse que não achava que aquilo fosse uma coisa apropriada para uma garotinha fazer, a srta. Bobbit replicou: “Não sei se é apropriado ou não, mas com certeza é bastante reanimador”. Depois disso tia El fez tudo o que pôde para impedir Billy Bob de voltar a trabalhar para ela, mas o pai disse que o deixasse em paz, tinham de deixar o garoto viver sua própria vida.

A srta. Bobbit era muito honesta em relação a dinheiro. Pagava a Billy Bob e Preacher o valor exato da comissão deles, e nunca deixava que eles lhe pagassem nada na loja de conveniência nem que a convidassem para ir ao cinema, o que com frequência tentavam fazer. “É melhor vocês guardarem o dinheiro”, ela lhes disse. “Isto é, se quiserem ir para a faculdade. Porque nenhum dos dois tem cérebro suficiente para ganhar uma bolsa de estudos, nem mesmo uma bolsa de estudos para jogar futebol.” Mas foi por dinheiro que Billy Bob e Preacher tiveram um grande desentendimento; esse não foi o motivo verdadeiro, é claro: o motivo verdadeiro foi que eles haviam se tornado muito ciumentos da srta. Bobbit. Então um dia, e ele teve a coragem de fazer isso bem na frente de Billy Bob, Preacher disse à srta. Bobbit que era melhor ela verificar as contas com cuidado porque ele tinha mais que uma simples desconfiança de que Billy Bob não estava lhe entregando *tudo* o dinheiro que recebia. Isso é uma mentira desgraçada, disse Billy Bob, e com um gancho de esquerda bem dado derrubou Preacher da varanda da casa da sra. Sawyer e pulou sobre ele num canteiro de nastúrcios. Mas, assim que Preacher conseguiu botar as mãos em cima dele, Billy Bob não teve mais nenhuma chance. Preacher chegou até a esfregar terra nos seus olhos. Durante tudo isso, a sra. Sawyer, com meio corpo para fora de uma janela de um dos andares superiores, gritava como uma águia, e a Irmã Rosalba, muito satisfeita, gritava ambigualmente: Mata ele! Mata ele! Mata ele! Apenas a srta. Bobbit parecia saber o que estava fazendo. Ela ligou a mangueira do jardim e deu um banho completo nos garotos. Ofegante, Preacher ergueu-se cambaleando. Ah, querida, disse, chacoalhando-se como um cachorro molhado, querida, você vai ter de decidir. “Decidir *o quê*?”, disse imediatamente a srta. Bobbit, zangada. Ah, querida, resfolegou Preacher, você não quer que a gente se

mate. Você tem de decidir quem é seu verdadeiro namorado. “Namorado, ora essa”, disse a srta. Bobbit. “Eu devia ter pensado melhor antes de me envolver com um monte de crianças do interior. Que tipo de negociantes vocês vão ser? Agora, escute aqui, Preacher Star: eu não quero um namorado, e, se quisesse, não seria você. Aliás, você nem sequer se levanta quando uma dama entra na sala.”

Preacher cuspiu no chão e cambaleou até Billy Bob. Vamos, ele disse, como se nada tivesse acontecido, ela é dura na queda, é, sim, ela só quer criar problemas entre dois bons amigos. Por um momento pareceu que Billy Bob ia se juntar a ele num companheirismo pacífico; mas de repente, recuperando o juízo, afastou-se e fez um gesto. Os garotos se mediram por um minuto inteiro, toda a proximidade entre eles adquirindo uma cor feiosa: não se pode odiar tanto a menos que se ame também. E o rosto de Preacher mostrava tudo isso. Mas não havia nada para ele fazer a não ser ir embora. Puxa, Preacher, você pareceu tão perdido naquele dia, que pela primeira vez eu realmente gostei de você, tão magricela, ruim e perdido, descendo a rua completamente sozinho.

Eles não se reconciliaram, Preacher e Billy Bob; e não foi porque não quisessem, foi apenas porque não parecia haver nenhuma maneira certa para que a amizade acontecesse de novo. Mas eles não conseguiam se livrar daquela amizade: um sempre sabia o que o outro estava fazendo, e, quando Preacher encontrou um novo parceiro, Billy Bob andou à toa, infeliz, durante dias, pegando coisas do chão, deixando-as cair de novo, ou fazendo coisas malucas de repente, como enfiar o dedo no ventilador elétrico de propósito. Às vezes, no começo da noite Preacher parava no portão e conversava com tia El. Acho que era apenas para atormentar Billy Bob, mas ele continuou amigo de todos nós, e na época do Natal nos deu uma enorme caixa de amendoins com casca. Deixou um presente para Billy Bob, também. Era um livro de Sherlock Holmes; e na folha de guarda estava rabiscado: “Amigos como a hera do muro vão cair”. Essa é a coisa mais batida que eu já vi, disse Billy Bob. Jesus, que tonto ele é! Mas então, e embora estivesse um dia frio, ele foi para o quintal, subiu na nogueira e ficou a tarde toda lá, agachado nos galhos azuis de dezembro.

Mas na maior parte do tempo ele era feliz, porque a srta. Bobbit estava lá e agora era sempre amável com ele. Ela e a Irmã Rosalba o tratavam como um homem, isto é, permitiam que fizesse tudo para elas. Por outro lado, elas o deixavam ganhar quando jogavam bridge a três, nunca questionavam suas mentiras, nem desencorajavam suas ambições. Foi um período feliz. No entanto, os problemas voltaram a aparecer quando as aulas começaram. A srta. Bobbit recusou-se a ir. “É ridículo”, comentou ela, quando certo dia o diretor, sr. Copland, apareceu para investigar, “realmente ridículo. Eu sei ler e escrever, e há *algumas* pessoas nesta cidade que têm todos os motivos para crer que sei contar dinheiro. Não, sr. Copland, pense por um momento, e o senhor verá que

nenhum de nós dois tem tempo nem energia para isso. Afinal de contas, seria apenas uma questão de ver quem desanimaria primeiro, o senhor ou eu. E, além disso, o que pode haver para o senhor me ensinar? Se o senhor soubesse alguma coisa sobre dança, seria outro o caso; mas nas atuais circunstâncias, sim, sr. Copland, nas atuais circunstâncias, sugiro que esqueçamos essa coisa toda.” O sr. Copland estava perfeitamente disposto a fazer isso. Mas o resto da cidade achou que ela devia ser castigada. Horace Deasley escreveu no jornal um artigo intitulado “Uma situação trágica”. Em sua opinião, era uma situação trágica quando uma garotinha podia desafiar o que ele, por algum motivo, chamou de Constituição dos Estados Unidos. O artigo terminava com uma pergunta: “Ela vai conseguir o que quer?”. Ela conseguiu, e a Irmã Rosalba também. Mas ela era de cor, então ninguém se importava. Billy Bob não teve tanta sorte. Teve de ir para a escola, sim, senhor; mas poderia ter ficado em casa, que daria na mesma. Em seu primeiro boletim ele trouxe três notas F, o que era uma espécie de recorde. Mas ele é um garoto esperto. Acho que simplesmente não conseguia passar aquelas horas sem a srta. Bobbit; longe dela, ele sempre parecia estar semi-acordado. Também estava sempre metido em brigas; ou tinha um olho roxo, ou um lábio cortado, ou mancava. Ele nunca falava sobre essas brigas, mas a srta. Bobbit era astuta o bastante para adivinhar o motivo. “Você é um amor, eu sei, eu sei. E eu o estimo, Billy Bob. Só não brigue com as pessoas por minha causa. É claro que elas dizem coisas maldosas sobre mim. Mas você sabe por que isso acontece, Billy Bob? É um elogio, mais ou menos. Porque no fundo elas acham que eu sou absolutamente maravilhosa.”

E ela estava certa: se você não é admirado, ninguém vai se dar o trabalho de condenar. Mas na verdade não tínhamos idéia do quão maravilhosa ela era até aparecer o homem conhecido como Manny Fox. Isso aconteceu no final de fevereiro. As primeiras notícias que tivemos de Manny Fox foram uma série de cartazes colados nas lojas da cidade: “Manny Fox apresenta a dançarina do leque sem o leque”; em seguida, em letras menores: “E também sensacional programa de amadores apresentando seus próprios vizinhos — primeiro prêmio, um teste autêntico para atuar em Hollywood”. Tudo isso ia acontecer na quinta-feira seguinte. Os ingressos custavam um dólar cada, o que por aqui é muito dinheiro; mas não é sempre que temos entretenimento desse tipo, então todo mundo desenterrou o dinheiro que tinha e fez uma enorme balbúrdia sobre a coisa toda. Os caubóis de araque falaram safadezas a semana toda, a maior parte sobre a dançarina de leque sem leque, que vinha a ser a sra. Manny Fox. Eles se hospedaram perto da estrada, no Chucklewood Tourist Camp, mas estavam na cidade o dia todo, andando num velho Packard que tinha o nome inteiro de Manny Fox escrito nas quatro portas. A mulher dele era uma ruiva desbotada inexpressiva, com lábios e cílios úmidos; na verdade, ela era bem grande, mas, em comparação com Manny Fox, parecia bastante frágil, porque ele era um

sujeito bem grandalhão.

Fizeram do salão de bilhar seu quartel-general, e toda tarde podiam ser encontrados lá, tomando cerveja e fazendo piadas com os desocupados da cidade. Como se revelou mais tarde, os negócios de Manny Fox não se restringiam às produções teatrais. Ele também administrava uma espécie de escritório de empregos: aos poucos divulgou que, por uma taxa de cento e cinquenta dólares, conseguiria, para qualquer rapaz intrépido do condado, empregos de alta categoria em navios cargueiros de frutas que iam de Nova Orleans para a América do Sul. A oportunidade de uma vida, foi a expressão que ele usou. Não há dois garotos por aqui que consigam prontamente botar as mãos em mais que cinco dólares; ainda assim, um bom número deles conseguiu levantar o dinheiro. Ada Willingham pegou tudo o que economizara para comprar uma lâpide com anjo para o marido e deu ao filho, e o pai de Acey Trump vendeu uma opção de compra para sua colheita de algodão.

Mas a noite do show! Aquela foi uma noite em que tudo foi esquecido: hipotecas e os pratos sujos na pia. Tia El disse que parecia que estávamos indo à ópera, todo mundo tão arrumado, tão rosado, e cheirando bem. O Odeon não ficava tão cheio desde a noite em que sortearam um faqueiro de prata de lei. Praticamente todo mundo tinha um parente no show, então era preciso lidar com muito nervosismo. A srta. Bobbit era a única concorrente que conhecíamos realmente bem. Billy Bob não conseguia parar sentado. Ficava repetindo que podíamos aplaudir só a srta. Bobbit; tia El disse que aquilo não seria nada educado, o que fez Billy Bob se amuar de novo. E, quando seu pai comprou pacotes de pipoca para nós, ele nem tocou no seu, porque iria engordurar as mãos, e, por favor, mais uma coisa, não podemos fazer barulho nem comer pipoca quando a srta. Bobbit estiver se apresentando. O fato de ela ser uma concorrente surgiu como uma surpresa de última hora. Era bastante lógico, e havia sinais que deveriam ter nos alertado; o fato, por exemplo, de ela não ter posto os pés fora da casa da sra. Sawyer durante muitos dias? E a vitrola tocando até a metade da noite, sua sombra rodopiando atrás da persiana da janela, e o olhar de segredo no rosto da Irmã Rosalba sempre que perguntávamos pela saúde da Irmã Bobbit. Assim é que estava seu nome no programa, listado em segundo lugar, na verdade, embora ela demorasse bastante para aparecer. Primeiro apareceu Manny Fox, cheio de brilhantina e malícia, que contou diversas piadas estranhas, batendo palmas, ha, ha. Tia El disse que, se ele contasse mais uma piada daquelas, ela iria embora; ele contou, e ela não foi. Antes que a srta. Bobbit aparecesse, houve onze concorrentes, incluindo Eustacia Bernstein, que imitava estrelas do cinema de forma que todas se parecessem com Eustacia, e um extraordinário sr. Buster Riley, um pequeno fazendeiro de orelhas grandes, que viera do interior mais longínquo ainda e tocava “Waltzing Matilda” numa serra. Até aquele ponto, era ele o sucesso do show; não que

houvesse alguma diferença clara na recepção aos diversos candidatos, pois todo mundo aplaudia generosamente, quer dizer, todo mundo menos Preacher Star. Ele estava sentado duas fileiras à nossa frente, saudando cada número com uma vaia alta como o zirro de um burro. Tia El disse que nunca mais ia voltar a falar com ele. A única pessoa que ele aplaudiu foi a srta. Bobbit. Não havia dúvida de que o Diabo estava do lado dela, mas ela merecia. E ela apareceu, sacudindo os quadris, os cachos, revirando os olhos. Podia-se perceber de imediato que não ia ser um dos seus números clássicos. Ela sapateou pelo palco, segurando com graça as laterais de uma saia azul-violeta. Essa é a coisa mais linda que eu já vi, disse Billy Bob, batendo na coxa, e tia El teve de concordar que a srta. Bobbit estava realmente encantadora. Quando ela se pôs a rodopiar, toda a platéia começou a aplaudir espontaneamente; então ela repetiu o movimento, sussurrando entre os dentes: “Mais rápido, mais rápido”, para a pobre srta. Adelaide, que estava no piano fazendo o melhor que podia com sua experiência na escola dominical. “Eu nasci na China, e me criei em Jacarta...” Nós nunca a tínhamos ouvido cantar, e sua voz era estridente. “... se você não gosta dos meus pêssegos, fique longe da minha lata, o-ho o-ho!” Tia El engasgou; engasgou de novo quando a srta. Bobbit, com um movimento brusco, levantou a parte de trás da saia, mostrando a calcinha de laços azuis e em consequência recebendo dos rapazes a maioria dos assobios que estavam guardados para a dançarina do leque sem o leque, o que não foi um problema, como se descobriu mais tarde, pois a referida dançarina, ao som de “An apple for the teacher” e gritos de farsa, farsa, apresentou seu número metida num maiô. Mas mostrar o traseiro não foi o triunfo final da srta. Bobbit. A srta. Adelaide começou um sinistro martelar nas teclas escuras quando Irmã Rosalba, trazendo um bastão luminoso já aceso, correu pelo palco e o entregou à srta. Bobbit, que estava no meio de um salto; ela terminou o movimento, e, no exato momento em que fez isso, o bastão explodiu em bolas de fogo vermelhas, brancas e azuis, e nós todos tivemos de nos levantar, porque ela estava cantando “The star-spangled banner”<sup>2</sup> a plenos pulmões. Tia El disse mais tarde que foi uma das coisas mais deslumbrantes que ela já tinha visto num palco americano.

Ora, ela certamente merecia um teste em Hollywood, e, visto que ganhou o concurso, tudo levava a crer que iria consegui-lo. Manny Fox disse que sim: Querida, disse ele, você é realmente uma estrela. Só que ele fugiu da cidade no dia seguinte, não deixando nada além de promessas sinceras. Fiquem de olho no correio, amigos, vocês vão receber notícias minhas. Isso foi o que ele disse aos garotos cujo dinheiro ele pegara, e foi o que disse à srta. Bobbit. Havia três entregas por dia, e esse grupo de tamanho considerável se reunia no correio em todas elas, uma turma alegre que foi ficando cada vez menos alegre. Como suas mãos tremiam quando uma carta entrava deslizando em suas caixas postais. Um silêncio terrível tomou conta deles à medida que os dias passaram. Todos eles

sabiam o que os outros estavam pensando, mas ninguém conseguia dizer, nem mesmo a srta. Bobbit. No entanto, Patterson, a agente do correio, disse sem rodeios: O sujeito era um trapaceiro, disse ela, eu sabia que ele era um vigarista desde o início, e, se eu tiver de olhar para a cara de vocês mais um dia, vou me matar.

Por fim, passadas duas semanas, foi a srta. Bobbit quem interrompeu o marasmo. Seus olhos haviam se tornado mais vazios do que qualquer um jamais imaginara que pudessem se tornar, mas um dia, depois que a última remessa do correio foi distribuída, toda a velha energia dela voltou. “ok, rapazes, agora é a lei do linchamento”, disse ela, e se pôs a reuni-los, levando o grupo inteiro para casa consigo. Essa foi a primeira reunião do Clube dos Carrascos de Manny Fox, uma organização que, num formato mais social, dura até hoje, embora Manny Fox tenha sido preso há muito tempo e, por assim dizer, enforcado. O crédito desse feito foi merecidamente concedido à srta. Bobbit. Em uma semana ela escreveu mais de trezentas descrições de Manny Fox e as enviou para xerifes de todo o Sul; também escreveu cartas para os jornais das cidades maiores, e isso atraiu muita atenção. Em consequência, quatro dos garotos que foram roubados receberam ofertas de emprego com bom salário na United Fruit Company, e no final da primavera, quando Manny Fox foi preso em Uphigh, no Arkansas, onde tentava dar o mesmo golpe, a srta. Bobbit ganhou um prêmio de Mérito por Boa Ação das Garotas Iluminadas da América. Por algum motivo, ela fez questão de que o mundo soubesse que aquilo não a deixara exatamente emocionada. “Eu não aprovo essa organização”, disse. “Toda aquela coisa de ficar tocando corneta e fazendo barulho. Não tem nada de bem-intencionado nem de verdadeiramente feminino. E, de qualquer modo, o que é uma boa ação? Não se enganem a esse respeito: uma boa ação é alguma coisa que a gente faz quando quer alguma coisa em troca.” Seria tranquilizador relatar que ela estava errada, e que sua justa recompensa, quando enfim veio, foi dada por bondade e amor. Porém, esse não é o caso. Cerca de uma semana atrás, todos os garotos envolvidos na fraude receberam de Manny Fox cheques que cobriam suas perdas, e a srta. Bobbit, com insensível determinação, entrou numa reunião do Clube dos Carrascos, que agora é uma desculpa para beber cerveja e jogar pôquer nas noites de quinta-feira. “Escutem, rapazes”, disse ela, exagerando na maneira de falar, “nenhum de vocês jamais pensou em ver esse dinheiro de novo, mas, agora que conseguiram recuperá-lo, deveriam investir em algo que valha a pena — como eu.” A proposta era que eles deviam juntar o dinheiro e financiar sua viagem para Hollywood; em troca, receberiam dez por cento de todos os ganhos dela pela vida toda, o que, depois que ela se tornasse uma estrela, e isso não ia demorar muito para acontecer, iria torná-los homens ricos. “Pelo menos”, disse ela, “nesta região do país.” Nenhum dos rapazes queria fazer aquilo: mas, quando a srta. Bobbit olhava para você, o que se podia dizer?

Desde segunda-feira tem caído a alegre chuva de verão atravessada por raios de sol, mas fica muito escuro à noite e cheio de sons, cheio de folhas pingando, sinos de água, passos insones. Billy Bob está bem acordado, os olhos secos, embora tudo o que faça seja um pouco lento e sua língua esteja tão dura quanto o badalo de um sino. Não tem sido fácil para ele, a ida da srta. Bobbit. Porque ela significava mais que aquilo. Aquilo o quê? Aquilo de ter treze anos e estar perdidamente apaixonado. Ela era as coisas estranhas nele, como a noqueira e o gosto por livros e se importar o bastante com as pessoas a ponto de deixar que o magoassem. Ela era as coisas que ele tinha medo de mostrar para qualquer outra pessoa. E no escuro a música escorria através da chuva: será que não vai haver noites em que a ouviremos como se ela estivesse realmente lá? E tardes em que as sombras se confundirão todas ao mesmo tempo, e ela vai passar diante de nós, desenrolando-se pelo gramado como um lindo pedaço de fita? Ela riu para Billy Bob; ela segurou sua mão, ela até o beijou. “Eu não vou morrer”, disse. “Você irá até lá, e vamos subir numa montanha, e vamos viver lá juntos, você, eu e a Irmã Rosalba.” Mas Billy Bob sabia que aquilo nunca iria acontecer, e então, quando a música atravessava a escuridão, ele punha o travesseiro sobre a cabeça.

Só que ontem havia um estranho sorriso no ar, e isso no dia em que ela ia partir. Por volta do meio-dia o sol saiu, trazendo consigo para a atmosfera toda a doçura das glicínias. As rosas Lady Anne amarelas de tia El estavam florescendo de novo, e ela fez algo maravilhoso, disse a Billy Bob que ele podia colhê-las e dá-las à srta. Bobbit como despedida. Durante toda a tarde a srta. Bobbit ficou sentada na varanda, cercada por pessoas que paravam para se despedir dela. Parecia que ela ia para a comunhão, vestida de branco e com uma sombrinha branca. A Irmã Rosalba havia lhe dado um lenço, mas tivera de pegar de volta porque não conseguia parar de chorar. Outra garotinha trouxe um frango assado, provavelmente para ser comido no ônibus; o único problema é que ela esquecera de tirar as vísceras antes de assá-lo. A mãe da srta. Bobbit disse que, por ela, tudo bem, frango é frango. O que é memorável, porque essa foi a única opinião que ela jamais expressou. Houve apenas uma nota desagradável. Durante horas Preacher Star estivera postado na esquina, às vezes perto da sarjeta, jogando uma moeda para cima, e às vezes escondendo-se atrás de uma árvore, como se não quisesse que alguém o visse. Aquilo deixou todo mundo nervoso. Uns vinte minutos antes de chegar o ônibus, ele se aproximou, passeando, e encostou-se em nosso portão. Billy Bob ainda estava no jardim colhendo as rosas; àquela altura ele tinha o suficiente para fazer uma fogueira, e o cheiro delas era forte como o vento. Preacher fitou-o até ele erguer a cabeça. Enquanto olhavam um para o outro, a chuva recomeçou a cair, fina como um borrião do mar e colorida por um arco-íris. Sem uma única palavra, Preacher entrou e começou a ajudar Billy Bob a separar as rosas em dois buquês enormes: juntos, eles carregaram as



flores para o meio-fio. Do outro lado da rua havia os zumbidos das conversas, mas, quando a srta. Bobbit os viu, dois garotos cujos rostos mascarados de flores eram como luas amarelas, desceu correndo os degraus, com os braços estendidos. Qualquer um podia ver o que ia acontecer; e nós gritamos, nossas vozes cortando a chuva como um relâmpago, mas a srta. Bobbit, correndo na direção daquelas luas de rosas, pareceu não ouvir. Foi então que o ônibus das seis a atropelou.

[1948]

*Tradução de Alvaro Hattner*

---

1- “Me mande uma carta, mande pelo correio, mande aos cuidados da prisão de Birmingham.”(N. T.)

2- O hino oficial norte-americano. (N. T.)

Os saltos altos, estrepitando no mármore do salão, faziam-na pensar em cubos de gelo chacoalhando num copo, e as flores, aqueles crisântemos de outono no vaso junto à entrada, ao mais leve toque desmanchariam, tinha certeza, estilhaçando-se em cristais de poeira congelada; entretanto, a casa era cálida, até um pouco superaquecida, mas mesmo assim fria, e Sylvia teve um arrepio, fria como os intumescidos desertos nevados do rosto da secretária: a srta. Mozart, que se vestia toda de branco, como se fosse uma enfermeira. Talvez ela o fosse de fato; essa, claro, seria a explicação. Sr. Revercomb, o senhor está louco, e esta é sua enfermeira; ela pensou nisso por um momento; ah, não. E agora o mordomo lhe trazia seu xale. A beleza dele a impressionou: esbelto, tão dócil, um negro de pele sarapintada e tranqüilos olhos avermelhados. Quando a porta se abriu, a srta. Mozart apareceu, seu uniforme engomado farfalhando asperamente salão adentro. “Esperamos que retorne”, disse, e estendeu a Sylvia um envelope selado. “O sr. Revercomb ficou particularmente satisfeito.”

Lá fora, a noite descia como flocos azuis, e Sylvia caminhou pelas ruas de novembro até alcançar o extremo norte da Quinta Avenida. Ocorreu-lhe então que poderia caminhar para casa pelo meio do parque: quase um ato de desafio, pois Henry e Estelle, que sempre se gabavam de sua sabedoria urbana, tinham lhe dito repetidas vezes: Sylvia, você não tem idéia de como é perigoso andar pelo parque depois que escurece; veja o que aconteceu com Myrtle Calisher. Isto aqui não é Easton, querida. Essa era outra coisa que eles diziam. E diziam, e diziam. Deus, estava farta daquilo. Ainda assim, tirando-se algumas outras datilógrafas da SnugFare, a empresa de roupas íntimas onde trabalhava, quem mais ela conhecia em Nova York? Ah, estaria tudo ótimo se não tivesse de morar com eles, se pudesse arcar com um quartinho só seu em algum lugar; mas ali, naquele apartamento repleto de forros estampados, às vezes se sentia a ponto de esganar os dois. E por que ela viera para Nova York? Qualquer que fosse a razão, e esta se tornava cada vez mais vaga, uma motivação fundamental para deixar Easton havia sido livrar-se de Henry e Estelle; ou melhor, de seus correlatos, embora na realidade Estelle fosse mesmo de Easton, uma cidade ao norte de Cincinnati. Ela e Sylvia tinham crescido juntas. O verdadeiro problema com Henry e Estelle era que eles eram insuportavelmente casados. Amorzinho pra cá, Fofurinha pra lá, e tudo tinha um nome: o telefone era o Tilintante Tillie; o sofá, Nosso Nelle; a cama, a Mamãe Urso; e o que dizer daquelas toalhas Ele-

Ela, daqueles travesseiros Ele-Ela? Era para deixar a gente maluca. “Maluca!”, disse em voz alta, o parque silencioso abafando sua voz. Estava encantador agora, e ela fizera bem em caminhar por ali, com o vento agitando as folhas, e os globos de luz, recém-acesos, iluminando os desenhos a giz das crianças, pássaros cor-de-rosa, flechas azuis, corações verdes. Mas de repente, como um par de palavras obscenas, apareceram no caminho dois garotos: com as caras espinhentas e sorrisos maliciosos, assomaram na penumbra como chamas ameaçadoras, e Sylvia, ao passar por eles, sentiu uma ardência atravessar-lhe o corpo, exatamente como se tivesse resvalado no fogo. Eles deram meia-volta e seguiram-na por um parque infantil deserto, um deles batendo um bastão ao longo de uma grade de ferro, o outro assobiando: esses dois sons se juntavam em torno dela como o rugido crescente de uma máquina que se aproximava, e, quando um dos garotos, rindo, perguntou: “Ei, que pressa é essa?”, sua boca se retorceu com falta de ar. Não, pensou, cogitando a idéia de jogar a bolsa no chão e sair correndo. Nesse momento, porém, um homem passeando com um cachorro surgiu num caminho lateral, e ela o seguiu de perto até a saída. Eles não ficariam satisfeitos, Henry e Estelle, não viriam com um “bem-que-nós-avisamos” se ela lhes contasse o que houve? E, o que é pior, Estelle escreveria para casa, e em dois tempos se espalharia por Easton a notícia de que ela havia sido estuprada no Central Park. Passou o resto do caminho de volta para casa desprezando Nova York o anonimato e seu virtuoso terror; e os encanamentos falantes, a luz acesa a noite toda, os incessantes sons de passos, o corredor subterrâneo, a porta numerada (3C).

“Psiu, querida”, disse Estelle, saindo silenciosamente da cozinha, “o Fofurinha está fazendo lição de casa.” Claro, Henry, estudante de direito na Colúmbia, estava curvado sobre seus livros na sala de estar, e Sylvia, a pedido de Estelle, tirou os sapatos antes de passar por ele na ponta dos pés. Uma vez em seu quarto, jogou-se na cama e cobriu os olhos com as mãos. O dia de hoje tinha mesmo acontecido? A srta. Mozart e o sr. Revercomb estavam mesmo naquela casa ampla na rua 78?

“Então, querida, o que aconteceu hoje?” Estelle entrara sem bater.

Sylvia apoiou-se nos cotovelos e sentou na cama. “Nada. A não ser o fato de eu ter datilografado noventa e sete cartas.”

“Sobre o quê, querida?”, perguntou Estelle, enquanto usava a escova de cabelo de Sylvia.

“Ora, o que você acha? SnugFare, a cueca que dá conforto e segurança aos nossos expoentes da ciência e da indústria.”

“Nossa, querida, não seja tão rabugenta. Não sei o que acontece com você de vez em quando. Fica tão rabugenta. Deus me livre! Por que não compra uma escova nova? Esta aqui está cheia de cabelos emaranhados...”

“Quase todos seus.”

“O que foi que você disse?”

“Deixa pra lá.”

“Ah, pensei que tivesse dito alguma coisa. Então, como eu estava dizendo, preferia que você não voltasse todo dia daquele escritório aborrecida e resmungando. Pessoalmente, e eu disse isso ao Fofurinha ontem mesmo e ele concordou comigo cem por cento, eu disse: Fofurinha, acho que a Sylvia deveria casar: uma garota inquieta como ela precisa relaxar as tensões. Não existe motivo concebível que a impeça de casar. Quer dizer, talvez você não seja bonita no sentido convencional, mas tem olhos lindos, e uma expressão inteligente e sincera. Na verdade você é o tipo de garota que qualquer homem sério gostaria de conseguir. E acho que iria gostar de... Veja que pessoa diferente eu me tornei desde que casei com Henry. Você não se sente solitária ao ver como nós somos felizes? Posso lhe garantir, querida, que não há nada como estar de noite na cama, com os braços de um homem em torno da gente e...”

“Estelle! Pelo amor de Deus!” Sylvia ficou subitamente ereta na cama, com o rosto vermelho de raiva. Mas depois de um momento mordeu o lábio e baixou os olhos. “Desculpe”, disse, “não tive a intenção de gritar. Só queria que você não falasse dessa maneira.”

“Tudo bem”, disse Estelle, sorrindo de um jeito surpreso e estúpido. Então se adiantou e deu um beijo em Sylvia. “Compreendo, querida. Você está cansada, só isso. E aposto que ainda não comeu nada. Vamos para a cozinha, e eu faço uns ovos mexidos para você.”

Quando Estelle pôs os ovos mexidos na sua frente, Sylvia se sentiu muito envergonhada; afinal, Estelle estava tentando ser gentil; e então, como que querendo consertar as coisas, disse: “Aconteceu uma coisa hoje”.

Estelle sentou-se diante dela com uma xícara de café, e Sylvia prosseguiu: “Não sei como lhe contar isso. É tão estranho. Mas... bem, eu almocei no Automat hoje, e tive de compartilhar a mesa com três homens. Era como se eu fosse invisível, porque eles conversaram sobre os assuntos mais pessoais. Um deles contou que sua namorada estava grávida e que ele não sabia como arranjar o dinheiro para fazer alguma coisa a respeito. Então um dos outros lhe perguntou por que ele não vendia alguma coisa. Ele respondeu que não tinha coisa alguma para vender. Diante disso o terceiro homem (que era bem delicado e não parecia combinar muito com os outros dois) disse que sim, havia uma coisa que ele poderia vender: *sonhos*. Até eu dei risada, mas o homem balançou a cabeça e disse, muito sério: não, era a pura verdade, a tia de sua esposa, a srta. Mozart, trabalhava para um homem rico que comprava sonhos, sonhos noturnos normais — de qualquer pessoa. Escreveu num papel o nome e o endereço do homem e entregou ao amigo; mas o homem simplesmente deixou o papel sobre a mesa. Era uma idéia maluca demais para ele, disse”.

“Para mim também”, interveio Estelle, com certa dignidade.

“Não sei”, disse Sylvia, acendendo um cigarro. “Mas não consegui tirar aquilo da cabeça. O nome escrito no papel era A. F. Revercomb, e o endereço era rua 78 Leste. Só bati os olhos nele por um instante, mas foi... Não sei, não consegui esquecer. Estava começando a sentir dor de cabeça. Então saí do trabalho mais cedo...”

Lentamente, e com ênfase, Estelle pousou na mesa sua xícara de café. “Querida, olhe, você não está querendo dizer que foi ver esse Revercomb maluco, está?”

“Eu não tinha a intenção”, disse ela, imediatamente perturbada. Percebia agora que tentar falar sobre aquilo havia sido um erro. Estelle não tinha um pingo de imaginação, não entenderia nunca. Então seus olhos se apertaram, como acontecia sempre que ela inventava uma mentira. “E, para falar a verdade, não fui”, disse sem entonação. “Fiz menção de ir; mas logo me dei conta de como aquilo era tolo, e fui dar uma volta a pé.”

“Foi sensato de sua parte”, disse Estelle enquanto empilhava os pratos na pia da cozinha. “Imagine o que poderia ter acontecido. Comprar sonhos! Onde já se viu? Não, não, querida, isto aqui certamente não é Easton.”

Antes de se recolher, Sylvia tomou um Seconal, algo que raramente fazia; mas sabia que do contrário não conseguiria relaxar, não com a mente tão acesa e agitada; então sentiu também uma curiosa tristeza, uma sensação de perda, como se tivesse sido vítima de um roubo real ou mesmo moral, como se, na verdade, os garotos encontrados no parque tivessem arrebatado (abruptamente ela acendeu a luz) sua bolsa. O envelope que a srta. Mozart lhe entregara: estava na bolsa, e até então ela o tinha esquecido. Abriu-o. Dentro havia um bilhete azul dobrado em torno de uma cédula; no bilhete estava escrito: “Em pagamento por um sonho, \$ 5”. Agora ela acreditava; era verdade, e ela vendera um sonho ao sr. Revercomb. Podia de fato ser tão simples assim? Riu um pouco ao apagar a luz novamente. Mesmo se ela vendesse um sonho só duas vezes por semana, imagine o que conseguiria fazer: um lugar só dela em alguma parte, pensou, mergulhando nas profundezas do sono; um bem-estar semelhante ao da luz que vem de uma lareira pousava sobre ela, e chegou o momento das imagens de lanterna mágica, cada vez mais profundas. Os lábios dele, os braços dele: sobrepondo-se, descendo; e num gesto de desgosto ela chutou para longe o cobertor. Seriam aqueles frios braços masculinos os braços de que Estelle lhe falara? Os lábios do sr. Revercomb roçavam sua orelha enquanto ele forçava a entrada em seu sono. Me conte, sussurrava ele.

Passou-se uma semana até que ela o visse de novo, numa tarde de domingo no início de dezembro. Saíra do apartamento com a intenção de ver um filme, mas por algum motivo, e como que sem perceber, viu-se na avenida Madison, a duas quadras da casa do sr. Revercomb. Era um dia frio, de céu cor de prata, de vento cortante e inebriante como malva-rosa; nas vitrines das lojas,

pingentes natalinos de ouro e pedras cintilavam em meio a montículos de neve artificial: tudo isso deprimia Sylvia, pois ela odiava feriados, aqueles momentos em que a gente se sente mais só. Numa vitrine viu um espetáculo que a deixou paralisada. Era um Papai Noel mecânico de tamanho natural; dando palmadas na barriga, ele balançava para trás e para a frente num frenesi de alegria elétrica. Dava para ouvir através do vidro grosso sua risada ruidosa e estridente. Quanto mais ela olhava, mais malévolo ele lhe parecia, até que finalmente, com um estremecimento, ela virou as costas e se encaminhou para a rua do sr. Revercomb. Vista de fora, era uma casa urbana comum, talvez um pouquinho menos refinada, menos imponente que algumas outras, mas relativamente majestosa de todo modo. Hera ressecada pelo inverno se retorcia em torno das janelas e pendia como braços de polvo sobre a porta; dos lados desta havia dois pequenos leões de pedra com olhos cegos e lascados. Sylvia respirou fundo e em seguida tocou a campainha. O negro pálido e atraente do sr. Revercomb reconheceu-a com um sorriso cortês.

Na visita anterior, a sala onde ela aguardara sua audiência com o sr. Revercomb permanecera deserta, com exceção dela própria. Dessa vez havia outras pessoas presentes, mulheres de aparências variadas e um rapaz excessivamente nervoso, com olhos de mosquito. Se esse grupo fosse o que parecia, isto é, pacientes na ante-sala de um médico, ele daria a impressão de ser um pai expectante ou então uma vítima da dança-de-são-vito. Sylvia estava sentada a seu lado, e os inquietos olhos dele a examinaram rapidamente: seja o que for que viu nela, aparentemente não lhe interessou muito, e Sylvia se sentiu aliviada quando ele voltou a suas irrequietas preocupações. Aos poucos, porém, ela se deu conta de quão interessado nela aquele grupo parecia estar; na luz baça e incerta da sala cheia de plantas seus olhares eram mais rígidos que as cadeiras onde estavam sentados; uma mulher, em particular, era implacável. Habitualmente talvez seu rosto tivesse uma brandura corriqueira, mas agora, observando Sylvia, contorcia-se de desconfiança e ciúme. Como se tentasse domar alguma criatura que pudesse saltar de repente com todas as garras, ela acariciava uma surrada estola de pele, com seu olhar sustentando o ataque até que os passos de terremoto da srta. Mozart foram ouvidos no corredor. Imediatamente, como estudantes amedrontados, o grupo, desmembrando-se em suas identidades individuais, teve a atenção chamada. “Sr. Pocker”, acusou a srta. Mozart, “o senhor é o próximo!” E o sr. Pocker, retorcendo as mãos, agitando os olhos, seguiu-lhe os passos. Na penumbra da sala a pequena multidão assentou de novo, como partículas de pó num fecho de sol.

Começou a chover; reflexos das vidraças moviam-se, dissolvidos, pelas paredes, e o jovem mordomo do sr. Revercomb, infiltrando-se sala adentro, acendeu a lareira, pôs uma bandeja de chá numa mesa. Sylvia, a mais próxima do fogo, sentiu-se sonolenta com o calor e o rumor da chuva; sua cabeça pendeu

para o lado, ela fechou os olhos, nem dormindo nem totalmente desperta. Por um longo momento apenas o tique-taque cristalino de um relógio arranhou o silêncio da casa do sr. Revercomb. E então, abruptamente, houve uma enorme comoção no corredor, sacudindo a sala com uma fúria sonora: uma profunda voz de touro, vulgar como o vermelho, rugiu: “Parar Oreilly? O mordomo bailarino e quem mais?”. O dono dessa voz, um homenzinho com corpo em forma de barril e pele cor de tijolo, entrou impetuosamente pela porta da sala, onde estacou como um bêbado, oscilando de um pé para outro. “Ora, ora, ora”, disse, com sua voz rouca de gim descendo a escala tonal, “e todas essas damas diante de mim? Mas Oreilly é um cavalheiro, Oreilly espera sua vez.”

“Não aqui, aqui ele não espera”, disse a srta. Mozart, chegando de repente por trás e agarrando-o firmemente pelo colarinho. O rosto dele ficou ainda mais vermelho, e seus olhos se arregalaram: “Você está me asfixiando”, ofegou ele, mas a srta. Mozart, cujas mãos de um tom pálido de verde eram fortes como raízes de carvalho, apertou-lhe a gravata ainda mais e o empurrou para a porta, que pouco depois bateu com grande impacto: uma xícara de chá tilintou, e pétalas secas de dália despencaram de suas alturas. A senhora com a estola de pele enfiou discretamente uma aspirina na boca. “Re-pul-si-vo”, disse, e os outros todos, com exceção de Sylvia, riram com delicadeza e admiração, enquanto a srta. Mozart passava por eles esfregando as mãos, como que para tirar o pó.

Caía uma chuva pesada e sombria quando Sylvia deixou a casa do sr. Revercomb. Ela passou os olhos pela rua desolada à procura de um táxi; mas não havia nada, nem ninguém; sim, havia alguém, o bêbado que causara o tumulto. Como um solitário menino da cidade, estava apoiado num carro estacionado e batia no chão uma bola de borracha. “Olha só, garota”, disse para Sylvia, “olha só, acabo de achar esta bola. Será que significa boa sorte?” Sylvia sorriu para ele; apesar de toda a sua bravata, ela o considerava bastante inofensivo, e havia em seu rosto uma expressão, uma tristeza sorridente que fazia pensar num palhaço sem maquiagem. Fazendo malabarismos com sua bola, ele a seguiu saltitante quando ela se encaminhou para a avenida Madison. “Aposto que fiz papel de bobo lá dentro”, disse. “Quando faço coisas desse tipo, me dá vontade de simplesmente sentar e chorar.” Ficar parado na chuva por tanto tempo aparentemente o deixara bem mais sóbrio. “Mas ela não devia ter me estrangulado daquele jeito; diabo, ela é durona demais. Conheci algumas mulheres duronas: minha irmã Berenice era capaz de ferretear o touro mais selvagem; mas aquela ali é a mais durona de todas. Palavra de Mark Oreilly, ela vai acabar na cadeira elétrica”, disse ele, e estalou os lábios. “Eles não têm motivo algum para me tratar daquele jeito. De qualquer maneira, a culpa é toda dela. Está certo que eu não apresentei grande coisa, mas o fato é que ele pegou tudinho, e agora eu não tenho *niente*, garota, *niente*.”

“Isso é péssimo”, disse Sylvia, embora sem saber com o que estava se solidarizando. “O senhor é palhaço, sr. Oreilly?”

“Fui”, disse ele.

A essa altura eles tinham chegado à avenida, mas Sylvia nem sequer procurava um táxi; queria caminhar na chuva com o homem que tinha sido palhaço. “Quando eu era criança, eu só gostava de bonecos de palhaço”, contou. “Meu quarto parecia um circo.”

“Fiz outras coisas além de ser palhaço. Vendi seguros também.”

“Oh?”, disse Sylvia, desapontada. “E o que o senhor faz agora?”

Oreilly deu uma risadinha e jogou sua bola bem alto; mesmo depois de apanhá-la, manteve a cabeça virada para cima. “Eu observo o céu”, disse. “Lá estou eu com a minha mala viajando através do azul. É onde a gente viaja quando não tem outro lugar para ir. Mas o que faço eu neste planeta? Tenho roubado, mendigado e vendido meus sonhos — tudo tendo como meta o uísque. Um homem não pode viajar pelo azul sem uma garrafa. O que nos leva ao seguinte: o que você acharia, doçura, se eu lhe pedisse um dólar emprestado?”

“Acharia que tudo bem”, respondeu Sylvia, e hesitou, em dúvida sobre o que dizer em seguida. Caminhavam muito lentamente, e a chuva espessa cercava-os como uma força isolante; era como se ela estivesse caminhando com um boneco da infância que tivesse se tornado milagrosamente grande e capaz; esticou a mão e segurou a dele: palhaço querido viajando pelo azul. “Mas não tenho um dólar. Tudo o que tenho são setenta centavos.”

“Sem ressentimentos”, disse Oreilly. “Mas, honestamente, é esse o tipo de pagamento que dão hoje em dia?”

Sylvia sabia a quem ele estava se referindo. “Não, não — para falar a verdade, não vendi um sonho a ele.” Nem tentou explicar; ela própria não entendia. Diante da invisibilidade grisalha do sr. Revercomb (impecável, exato como uma régua, imerso numa água-de-colônia de odores clínicos; insípidos olhos cinzentos plantados como sementes na anonimidade do rosto e aprisionados por pesadas lentes), ela não foi capaz de lembrar um sonho, e então contou sobre dois assaltantes que a tinham perseguido parque adentro e em meio aos balanços de um parquinho. “Pare, ele me ordenou; há sonhos e sonhos, disse, mas esse não é de verdade, esse você está inventando. Agora, como você acha que ele sabia? Então eu lhe contei outro sonho; era com ele próprio, contava como ele me segurava dentro da noite com balões subindo e luas caindo por toda parte. Ele disse que não estava interessado em sonhos que tinham a ver com ele mesmo.” A srta. Mozart, que taquígrafava os sonhos narrados, recebeu ordem de chamar a próxima pessoa. “Acho que não vou voltar mais lá”, disse Sylvia.

“Vai, sim”, disse Oreilly. “Olhe para mim, até eu volto, e ele não quer mais saber de mim faz tempo, o Senhor Desgraça.”

“Senhor Desgraça? Por que o chama assim?”



Haviam chegado à esquina onde o Papai Noel maníaco balançava e urrava. A risada dele ecoava estridente na rua chuvosa, e uma sombra sua oscilava nas luzes multicoloridas do calçamento. Oreilly, voltando as costas para o Papai Noel, sorriu e disse: “Eu o chamo de Senhor Desgraça porque é isso que ele é. O Senhor Desgraça. Só que talvez você lhe dê outro nome; seja como for, é o mesmo sujeito, e você deve tê-lo conhecido. Todas as mães contam aos filhos sobre ele: mora no oco das árvores, desce pelas chaminés tarde da noite, fica à espreita nos cemitérios, e seus passos são ouvidos no sótão. O filho-da-puta é um ladrão perigoso: pode roubar tudo o que você tem, deixando-a sem coisa alguma, sem nem sequer um sonho. Buuu!”, gritou, e riu mais alto que o Papai Noel. “Agora você sabe de quem estou falando?”

Sylvia fez que sim com a cabeça. “Sei quem é. Minha família lhe dava outro nome. Mas não me lembro qual era. Faz muito tempo.”

“Mas você se lembra dele?”

“Sim, eu me lembro.”

“Então chame-o de Senhor Desgraça”, disse ele, e, batendo sua bola no chão, afastou-se dela. “Senhor Desgraça”, sua voz foi diminuindo até virar uma mera mariposa de som: “Se-nhor Des-gra-ça...”.

\* \* \*

Foi difícil encarar Estelle, pois ela estava diante de uma janela, e a janela transbordava de sol e vento, ferindo os olhos de Sylvia, e os vidros chacoalhavam, ferindo seu cérebro. Além disso, Estelle estava passando um sermão. Sua voz nasalada soava como se sua garganta fosse um depósito de lâminas enferrujadas. “Querida que você pudesse se enxergar”, estava dizendo. Ou será que tinha dito isso muito tempo antes? Não importa. “Não sei o que está acontecendo com você: aposto que não está pesando muito mais do que quarenta quilos, dá para ver cada osso e cada veia, sem falar desse cabelo! Está parecendo um poodle.”

Sylvia passou uma das mãos pela testa. “Que horas são, Estelle?”

“Quatro”, disse ela, detendo-se apenas o tempo necessário para olhar para o relógio de pulso. “Mas onde está o seu relógio?”

“Eu o vendi”, disse Sylvia, cansada demais para mentir. Não tinha importância. Vendera tanta coisa, incluindo seu casaco de pele de castor e sua bolsa de malha de ouro.

Estelle balançou a cabeça. “Desisto, querida, simplesmente desisto. Aquele era o relógio que sua mãe lhe deu de formatura. Que vergonha”, disse, e fez com a boca um ruído de senhora afetada, “que vergonha e que pena. Jamais vou entender por que você nos deixou. É problema seu, claro; mas como pôde nos trocar por este... este...?”

“Lixo”, completou Sylvia, usando a palavra deliberadamente. Era um quarto mobiliado na região das ruas 60 e poucos Leste, entre a Segunda e a Terceira Avenida. Grande o bastante para conter um sofá-cama e uma velha cômoda raquítica com um espelho que parecia um olho com catarata, sua janela dava para um vasto terreno baldio (ouviam-se as vozes estridentes de meninos que corriam afoitos pela tarde) e, à distância, como um ponto de exclamação no horizonte, a chaminé negra de uma fábrica. Essa chaminé aparecia com frequência em seus sonhos; nunca deixava de excitar a srta. Mozart. “Fálica, fálica”, ela murmurava, levantando os olhos do texto que taquigrafava. O chão do quarto era um amontoado de livros começados e nunca terminados, jornais velhos, cascas de laranja, caroços de frutas, roupa íntima, um pote de pó-de-arroz entornado.

Estelle abriu caminho com os pés em meio àquele entulho e sentou-se no sofá-cama. “Querida, você não sabe, mas fiquei louca de preocupação. Quer dizer, eu tenho orgulho e tudo isso, e, se você não gosta de mim, tudo bem; mas não tem o direito de se afastar assim e não me dar notícias por mais de um mês. Então hoje eu disse ao Fofurinha: Fofurinha, tenho o pressentimento de que algo terrível aconteceu com a Sylvia. Você pode imaginar como me senti quando telefonei para a sua firma e eles me contaram que fazia quatro semanas que você não ia trabalhar. O que aconteceu, foi despedida?”

“Sim, fui despedida.” Sylvia ergueu-se para sentar. “Por favor, Estelle — tenho de me arrumar; tenho um encontro.”

“Quietinha. Você não vai a lugar algum até eu saber o que há de errado. A senhoria lá embaixo me contou que você foi vista sonambulando...”

“Por que você falou com ela? Está querendo me espionar?”

Os olhos de Estelle se apertaram, como se ela fosse chorar. Pousou a mão sobre a mão de Sylvia e acariciou-a suavemente. “Diga, querida, é por causa de um homem?”

“Sim, é por causa de um homem”, disse Sylvia, com um fio de risada no tom de voz.

“Você devia ter me procurado antes”, suspirou Estelle. “Sei muito sobre os homens. Não há motivo para você sentir vergonha. Um homem pode levar uma mulher de um jeito que a faz esquecer de todo o resto. Se Henry não fosse o excelente e honrado advogado em potencial que é, ora, eu o amaria assim mesmo, e faria para ele coisas que, antes de saber como era estar com um homem, teriam me parecido chocantes e horríveis. Mas, querida, esse sujeito com quem você está envolvida está se aproveitando de você.”

“Não é esse tipo de relacionamento”, disse Sylvia, levantando-se e procurando um par de meias na bagunça das gavetas da cômoda. “Não tem nada a ver com amor. Nem pense nisso. Na verdade, vá para casa e não pense mais em mim.”

Estelle examinou-a minuciosamente. “Você me assusta, Sylvia; me assusta de verdade.” Sylvia riu e continuou a se vestir. “Você se lembra quando, muito tempo atrás, eu lhe disse que deveria se casar?”

“Hã-hã. E agora ouça você.” Sylvia deu meia-volta; havia um feixe de grampos entre seus lábios; ela os apanhava um a um enquanto falava. “Você fala do casamento como se fosse a resposta absoluta; tudo bem, até certo ponto eu concordo. Claro, eu quero ser amada; quem não quer? Mas, mesmo que eu tivesse vontade de me comprometer, onde está o homem com quem eu me casaria? Acredite, ele deve ter caído num bueiro. Falo sério quando digo que não há homens em Nova York — e, mesmo que haja, como a gente os encontra? Todos os homens que encontrei que pareciam um pouquinho atraentes, ou eram casados, ou pobres demais para casar, ou afeminados. E, seja como for, este não é um lugar para a gente se apaixonar; é um lugar para onde se deve vir quando se quer superar uma paixão. Claro, suponho que eu pudesse casar com alguém; mas será que eu quero? Será que eu quero?”

Estelle encolheu os ombros. “Então o que é que você quer?”

“Mais do que tenho tido.” Enfiou o último grampo no cabelo e alisou as sobrancelhas diante do espelho. “Tenho um encontro, Estelle, e está na hora de você ir embora.”

“Não posso deixá-la desse jeito”, disse Estelle, com a mão esvoaçando, impotente, pelo ar do quarto. “Sylvia, você é minha amiga de infância.”

“Essa é a questão: não somos mais crianças; eu, pelo menos, não sou. Não, o que eu quero é que você vá para casa e não volte mais aqui. Quero que me esqueça.”

Estelle levou aos olhos a mão trêmula com um lenço, e, quando chegou à porta de saída, estava chorando sonoramente. Sylvia não podia se dar ao luxo de sentir remorso: tendo sido dura, não havia outra coisa a fazer senão ser ainda mais dura. “Vá em frente”, disse, seguindo Estelle até o corredor, “e escreva para a família contando as bobagens que quiser a meu respeito!” Emitindo um gemido que fez outros inquilinos saírem às suas portas, Estelle desceu correndo as escadas.

Depois disso Sylvia voltou para o quarto e chupou um cubo de açúcar para tirar da boca o gosto azedo: era o remédio da sua avó contra o mau humor. Em seguida ajoelhou-se e puxou de sob a cama uma caixa de charutos que escondia ali. Quando se abria a caixa, soava uma versão caseira e um tanto desleixada de “Oh, como eu odeio levantar de manhã”. Seu irmão fizera a caixa e lhe dera de presente de aniversário de catorze anos. Comendo o açúcar, ela se lembrava da avó e, ouvindo a música, pensava no irmão; giravam diante dos seus olhos os cômodos da casa onde eles haviam morado, todos na penumbra, e ela se movia por eles como uma luz; escadas acima, escadas abaixo, para dentro e para fora, perfume de primavera e sombras de lilases no ar, o rangido de um balanço de

varanda. Todos se foram, pensou, chamando seus nomes, e agora estou completamente sozinha. A música parou. Mas continuava na sua cabeça; podia ouvi-la trombeteando por cima dos gritos das crianças no terreno baldio. E isso interferia na sua leitura. Estava lendo um pequeno diário que guardava dentro da caixa. Nesse diário escrevia os elementos básicos dos seus sonhos; eles eram incessantes agora, e era tão difícil lembrar. Hoje ela contaria ao sr. Revercomb a respeito das três crianças cegas. Ele gostaria disso. Os preços que ele pagava variavam, e Sylvia tinha certeza de que esse era um sonho de no mínimo dez dólares. O hino da caixa de charutos seguiu-a escada abaixo e pelas ruas, a tal ponto que ela desejou livrar-se dele.

Na loja onde tinha estado o Papai Noel, havia agora uma nova e igualmente desalentadora atração. Mesmo quando estava atrasada a caminho do sr. Revercomb, como agora, Sylvia se sentia compelida a parar diante da vitrine. Uma garota de gesso com intensos olhos de vidro estava montada numa bicicleta e pedalava num ritmo alucinado; embora os raios da roda girassem de modo hipnótico, a bicicleta obviamente não saía do lugar: todo aquele esforço, e a pobre garota não ia a lugar nenhum. Era uma situação lastimavelmente humana, e Sylvia era capaz de identificá-la tão exatamente com a sua que aquilo lhe causava uma pontada de verdadeira dor. A caixa de música rebobinava na sua cabeça: a melodia, seu irmão, a casa, um baile do colégio, a casa, a melodia! O sr. Revercomb seria capaz de ouvi-la? O olhar penetrante dele produzia essa suspeita desagradável. Mas ele pareceu satisfeito com seu sonho, e, quando ela partiu, a srta. Mozart deu-lhe um envelope contendo dez dólares.

“Tive um sonho de dez dólares”, contou a Oreilly, e Oreilly, esfregando as mãos, disse: “Ótimo! Ótimo! Mas veja como sou azarado, doçura. Você devia ter chegado aqui antes, porque acabei saindo e fazendo uma coisa terrível. Fui até uma loja de bebidas aqui da rua, surrupiei uma garrafa e saí correndo”. Sylvia só acreditou quando ele enfiou a mão por dentro do capote remendado com grampos e apanhou uma garrafa de bourbon, já pela metade. “Você vai se meter numa encrenca um dia desses”, disse ela, “e então o que vai ser de mim? Não sei o que eu faria sem você.” Oreilly riu e despejou uma dose do uísque num copo de água. Estavam sentados numa lanchonete vinte e quatro horas, um reluzente mercadinho avivado por espelhos azuis e afrescos grosseiros. Embora parecesse a Sylvia um local sórdido, encontravam-se frequentemente ali para jantar; mas, mesmo que ela tivesse condições de pagar, não conhecia outro lugar aonde pudessem ir, pois juntos formavam um par excêntrico: uma mocinha e um bêbado trôpego. Mesmo ali era comum as pessoas ficarem olhando para eles; quando encaravam muito, Oreilly se empertigava com dignidade e dizia: “Olá, lábios quentes, lembro de você de outros tempos. Continua trabalhando no banheiro masculino?”. Mas geralmente eram deixados em paz, e às vezes ficavam sentados conversando até duas ou três da madrugada.

“É bom que o resto do pessoal que vai ao Senhor Desgraça não saiba que ele lhe deu dez dólares. Um deles iria dizer que você roubou o sonho. Aconteceu uma vez. Esganados, todos eles, nunca vi um bando de tubarões igual, são piores que atores ou palhaços ou negociantes. É uma coisa maluca quando a gente pensa: você se preocupa se vai dormir, se vai sonhar, se vai lembrar do sonho. Sempre a mesma coisa. Então você consegue um par de dólares, corre até a loja de bebidas mais próxima — ou até a mais próxima máquina de pilulas para dormir. E a primeira coisa que percebe é que está andando a esmo pela trilha que vai para o banheiro externo. Sabe o que parece com isso, doçura? A vida, simplesmente.”

“Não, Oreilly, não é com isso que a vida se parece. Isso não tem nada a ver com a vida. Tem mais a ver com estar morto. Sinto como se todas as coisas estivessem sendo tiradas de mim, como se algum ladrão estivesse me tomando tudo até deixar só os ossos. Oreilly, eu lhe digo que não tenho uma ambição, eu que costumava ter tanta. Não entendo isso e não sei o que fazer.”

Ele sorriu com ironia. “E você diz que a vida não se parece com isso? Quem entende a vida e sabe o que fazer?”

“Fale sério”, disse ela. “Fale sério e deixe de lado esse uísque e tome sua sopa antes que fique gelada.” Acendeu um cigarro, e a fumaça, irritando seus olhos, intensificou-lhe a carranca. “Se eu pelo menos soubesse o que ele quer com esses sonhos, todos datilografados e arquivados. O que ele faz com eles? Você tem razão em chamá-lo de Senhor Desgraça... Ele não pode ser só um charlatão idiota; não pode ser uma coisa tão inexpressiva assim. Mas por que ele quer sonhos? Ajude-me, Oreilly, pense, pense: o que significa isso?”

Piscando um olho, Oreilly serviu-se de outra dose; a curva da sua boca de palhaço endireitou-se numa linha reta de sabedoria. “Essa é uma pergunta de um milhão de dólares, garota. Por que não pergunta uma coisa simples, como o que se faz para curar um resfriado? Sim, garota, o que significa isso? Tenho pensado um bocado a respeito. Penso nisso quando estou cortejando uma mulher, penso nisso no meio de um jogo de pôquer.” Despejou a bebida garganta adentro e teve um estremecimento. “Agora o som de um carro desencadeia um sonho; o ruído de um carro passando na noite pode lançar uma centena de pessoas adormecidas nas regiões mais profundas delas mesmas. É engraçado pensar nesse carro correndo na escuridão, deixando tantos sonhos em seu rastro. O sexo, uma súbita mudança de luzes, um pileque, essas são pequenas chaves que também podem abrir o nosso interior. Mas a maioria dos sonhos começa porque há fúrias dentro de nós que arrombam todas as portas. Não acredito em Jesus Cristo, mas acredito nas almas das pessoas; e imagino a coisa desta maneira, doçura: os sonhos são a mente da alma e a verdade secreta sobre nós. Agora, o Senhor Desgraça, talvez ele não tenha uma alma, então ele pega a sua emprestada pedaço por pedaço, rouba-a como roubaria suas bonecas ou surrupiaria a asa de frango do seu prato.

Centenas de almas passaram por ele e foram parar numa pasta de arquivos.”

“Oreilly, fale sério”, disse ela de novo, aborrecida por pensar que ele continuava fazendo graça. “E olhe, sua sopa está...” Interrompeu-se abruptamente, espantada com a expressão esquisita de Oreilly. Ele olhava em direção à entrada. Três homens estavam ali, dois policiais e um civil vestindo um avental de balconista. O balconista apontava para a mesa deles. Os olhos de Oreilly percorreram o salão com o desespero de quem caiu numa armadilha; então ele suspirou, inclinou-se para trás na cadeira, servindo-se ostensivamente de outro drinque. “Boa noite, cavalheiros”, disse, quando a delegação oficial o encarou, “querem beber junto conosco?”

“Vocês não podem prendê-lo”, gritou Sylvia, “não podem prender um palhaço!” Jogou sua nota de dez dólares na direção deles, mas os policiais não lhe deram a menor atenção, e ela começou a esmurrar a mesa. Todos os fregueses do lugar olhavam estarrecidos, e o gerente apareceu correndo, retorcendo as mãos. O policial mandou Oreilly ficar de pé. “Claro”, disse Oreilly, “embora eu considere chocante vocês ficarem perdendo tempo com crimes insignificantes como o meu quando em toda parte existem mestres do crime andando à solta. Por exemplo, essa bela menina”, ele se postou entre os dois policiais e apontou para Sylvia, “é a vítima recente de um tremendo ladrão: pobre criança, teve a alma roubada.”

Nos dois dias que se seguiram à prisão de Oreilly, Sylvia não saiu de seu quarto: sol na janela, depois escuro, depois sol de novo. No terceiro dia seus cigarros acabaram, então ela se aventurou até a loja de conveniência da esquina. Comprou um pacote de bolinhos, uma lata de sardinhas, um jornal e cigarros. Durante todo aquele tempo não comera nada, e aquilo foi uma sensação deliciosa e estimulante; mas o esforço de subir a escada de volta e de fechar a porta atrás de si exauriu-a tanto que ela não foi capaz sequer de abrir o sofá-cama. Esparramou-se no chão e não se moveu até que o dia surgiu novamente. Pensou depois que havia ficado ali durante uns vinte minutos. Ligando o rádio no volume máximo, arrastou uma cadeira para perto da janela e abriu o jornal sobre o colo: “Lana nega, A Rússia rejeita, Os mineiros fazem acordo”: de todas as coisas, a mais triste era esta, a vida continua: se alguém abandona o amante, a vida deveria parar para ele, e, se alguém desaparece do mundo, então o mundo também deveria parar: e nunca pára. E essa era a verdadeira razão que levava as pessoas a levantar da cama de manhã: não porque fosse fazer diferença, mas justamente porque não faria. Mas, se o sr. Revercomb conseguisse finalmente recolher todos os sonhos de todas as cabeças, talvez — a idéia escapuliu, misturando-se com o rádio e o jornal. “Temperaturas em declínio.” Uma nevasca atravessando o Colorado, atravessando o Oeste, desabando sobre todas

as cidadezinhas, amarelando todas as luzes, amortecendo todos os passos, caindo aqui e agora: mas como tinha chegado rápido, a nevasca: os telhados, o terreno baldio, a distância afundando no branco, e afundando cada vez mais, como o sono. Olhou para o jornal e olhou para a neve. Mas devia ter nevado o dia todo. Não podia ter acabado de começar. Não havia ruído algum de tráfego; na solidão revolta do terreno baldio, crianças rodeavam uma fogueira; um carro, meio soterrado no meio-fio, piscava seus faróis: socorro! socorro!, como um aperto no coração. Ela esmigalhou um bolinho e esparramou-o pelo peitoril da janela: pássaros do Norte viriam lhe fazer companhia. E deixou a janela aberta para eles; o vento nevado espalhou flocos que se dissolviam no chão como jóias feitas de gelo. “... apresenta *A vida pode ser maravilhosa*”: desligue esse rádio! A bruxa dos bosques estava batendo na sua porta: Sim, sra. Halloran, disse ela, e desligou o rádio na mesma hora. Quietude de neve, silêncio de sono, só a distante canção das crianças junto ao fogo; e o quarto estava azul de frio, mais frio que o frio dos contos de fadas: deitar meu coração entre as flores de neve dos iglus. Sr. Revercomb, por que o senhor espera na soleira da porta? Ah, entre, está tão frio aí fora.

Mas o seu momento de despertar foi quentinho e durou. A janela estava fechada, e os braços de um homem a envolviam. Ele cantava para ela, com a voz suave mas animada: “torta de cereja, de dinheiro, de alegria, mas a melhor torta ainda é a torta de amor...”.

“Oreilly, é... é você mesmo?”

Ele a apertou em seus braços. “A menina acordou. E como ela está se sentindo?”

“Pensei que estivesse morta”, disse Sylvia, e a felicidade adejava dentro dela como um pássaro ferido mas ainda capaz de voar. Tentou abraçá-lo, mas estava fraca demais. “Eu te amo, Oreilly; você é meu único amigo, e eu estava tão apavorada. Pensei que nunca mais voltaria a vê-lo.” Fez uma pausa, recordando. “Mas por que você não está na prisão?”

O rosto de Oreilly ficou todo rosado de satisfação. “Nunca estive na prisão”, disse, misteriosamente. “Mas antes de mais nada vamos comer alguma coisa. Eu trouxe algumas coisas do mercadinho esta manhã.”

Ela teve uma súbita sensação de estar flutuando. “Desde quando está aqui?”

“Desde ontem”, disse ele, enquanto lidava com os embrulhos e pratos de papel. “Você mesma me deixou entrar.”

“Impossível. Não me lembro de nada disso.”

“Eu sei”, disse ele, deixando por isso mesmo. “Tome, beba seu leite como uma boa menina, e eu lhe conto uma história realmente terrível. Ah, é bárbara”, prometeu, dando tapas nos próprios quadris e parecendo mais que nunca um palhaço. “Bem, como disse, nunca fui parar na cadeia, e essa sorte me ocorreu

porque lá estava eu, sendo conduzido pela rua por aqueles miseráveis, quando adivinhe quem vejo senão a mulher-gorila: adivinhou, a srta. Mozart. Oi, digo a ela, está indo ao barbeiro fazer a barba? Já era tempo de você ser preso, diz ela, e sorri para um dos policiais. Faça o seu trabalho, seu guarda. Oh, digo a ela, não estou sendo preso. Estou simplesmente a caminho da delegacia para passar informações sobre você, sua comunista suja. Pode imaginar o tipo de berro que ela deu então; ela me agarrou, e os guardas a agarraram. Não podem dizer que não os avisei: cuidado, rapazes, disse eu, ela tem pêlos no peito. E ela de fato esperneou e socou em volta. Então eu simplesmente saí andando pela rua. Nunca fui muito de ficar de boqueira assistindo a brigas de rua, como costumam fazer as pessoas desta cidade.”

Oreilly ficou no quarto com ela por todo o fim de semana. Foi a mais linda festa de que Sylvia era capaz de lembrar; nunca rira tanto, para começar, e ninguém, pelo menos ninguém da sua família, jamais a fizera se sentir tão amada. Oreilly era um ótimo cozinheiro, e preparou pratos deliciosos no pequeno forno elétrico; uma vez escavou a neve do peitoril da janela e fez sorvete com xarope de morango. No domingo ela já estava forte o bastante para dançar. Eles ligaram o rádio, e ela dançou até cair de joelhos, sem fôlego de tanto rir. “Nunca mais vou sentir medo”, disse. “Nem sei bem do que eu tive medo, para começar.”

“Das mesmas coisas de que sentirá medo da próxima vez”, disse Oreilly calmamente. “Essa é uma qualidade do Senhor Desgraça: ninguém nunca sabe o que ele é — nem mesmo as crianças, e elas sabem quase tudo.”

Sylvia foi até a janela; uma brancura ártica cobria a cidade, mas tinha parado de nevar, e o céu noturno estava claro como gelo: lá adiante, pairando sobre o rio, ela viu a primeira estrela da noite. “Primeira estrela que eu vejo”, disse, cruzando os dedos.

“E que desejo você faz quando vê a primeira estrela?”

“O desejo de ver outra estrela”, disse ela. “Pelo menos é esse o desejo que eu costumo fazer.”

“Mas e esta noite?”

Ela sentou no chão e apoiou a cabeça no joelho dele. “Esta noite desejei ter de volta os meus sonhos.”

“Não é o que todos nós desejamos?”, disse Oreilly, acariciando-lhe o cabelo. “Mas o que você faria nesse caso? Quero dizer, o que faria se pudesse ter seus sonhos de volta?”

Sylvia ficou em silêncio por um momento; quando enfim falou, seus olhos estavam solenes e distantes. “Eu voltaria para casa”, disse, lentamente. “E essa é uma decisão terrível, pois significaria desistir da maior parte dos meus outros sonhos. Mas, se o sr. Revercomb me deixasse tê-los de volta, eu voltaria para casa amanhã mesmo.”



Sem dizer nada, Oreilly foi até o guarda-roupa e apanhou o casaco para ela. “Mas por quê?”, ela perguntou, enquanto ele a ajudava a vesti-lo. “Não se preocupe”, disse ele, “simplesmente faça o que eu disser. Vamos fazer uma visita ao sr. Revercomb, e você vai lhe pedir que devolva seus sonhos. É uma possibilidade.”

Sylvia estacou na porta. “Por favor, Oreilly, não me faça ir lá. Não consigo, por favor, estou com medo.”

“Pensei que você tivesse dito que nunca mais teria medo.”

Uma vez na rua, ele a fez andar tão depressa contra o vento que ela não teve tempo de se sentir apavorada. Era domingo, as lojas estavam fechadas, e as luzes dos semáforos pareciam piscar só para eles, pois não havia carros em movimento ao longo da avenida coberta pela neve. Sylvia até esqueceu para onde estavam indo, e tagarelava sobre banalidades: bem nessa esquina tinha visto Garbo, e logo adiante foi onde a velhinha foi atropelada. Logo, porém, estacou, sem fôlego e dominada por uma súbita compreensão. “Não posso, Oreilly”, disse, retrocedendo. “O que eu poderia dizer a ele?”

“Encare como um acordo comercial”, disse Oreilly. “Diga a ele sem rodeios que você quer seus sonhos, e que, se ele os devolver, você lhe restituirá todo o dinheiro: a prestações, naturalmente. É bastante simples, menina. Por que diabos ele não poderia devolvê-los? Estão lá mesmo, numa pasta de arquivos.”

Esse discurso de algum modo foi convincente, e, batendo no chão os pés congelados, Sylvia foi em frente com uma certa coragem. “Essa é a garota”, disse ele. Separaram-se na Terceira Avenida, pois Oreilly era da opinião de que as proximidades da casa do sr. Revercomb não eram um lugar propriamente seguro no momento. Ele se encolheu na soleira de uma porta, de quando em quando acendendo um fósforo e cantarolando: “mas a melhor torta é mesmo a torta de uísque!”. Como um lobo, um cão comprido e magro veio caminhando sobre as frestas de luz da lua embaixo do elevado, e do outro lado da rua havia os vultos nebulosos de homens agrupados em torno de um bar: a idéia de talvez filar um drinque lá o deixou grogue.

Justamente quando ele tomou a decisão de tentar algo do tipo, Sylvia apareceu. E estava em seus braços antes que ele se desse conta de que era mesmo ela. “Não pode ser tão ruim assim, querida”, disse ele com brandura, abraçando-a o melhor que podia. “Não chore, doçura; está muito frio para chorar: vai rachar seu rosto.” Enquanto ela, arfando, buscava as palavras, seu choro evoluiu para uma risada trêmula e desnaturada. O ar foi preenchido pela fumaça da sua risada. “Sabe o que ele falou?”, disse ela, ofegante. “Sabe o que ele disse quando pedi os meus sonhos?” Sua cabeça caiu para trás, e sua risada se elevou e sobrevoou a rua como uma pipa de cores extravagantes abandonada ao vento. Oreilly teve de sacudi-la pelos ombros. “Disse... que eu não podia tê-los de volta porque... porque ele tinha gastado todos.”

Ela ficou então em silêncio, o rosto se abrandando até atingir uma calma inexpressiva. Deu o braço a O'Reilly, e juntos caminharam pela rua; mas era como se fossem dois amigos andando numa plataforma, um esperando o trem do outro, e, quando chegaram na esquina, ele pigarreou e disse: “Acho melhor eu me despedir aqui. É um lugar tão adequado quanto outro qualquer”.

Sylvia continuou segurando sua manga. “Mas para onde você vai, O'Reilly?”

“Viajar pelo azul”, disse ele, tentando dar um sorriso que não funcionou muito bem.

Ela abriu a bolsa. “Um homem não pode viajar pelo azul sem uma garrafa”, disse, e, beijando-o no rosto, enfiou cinco dólares no bolso dele.

“Bendita seja, menina.”

Não importava que aquele fosse seu último dinheiro, e que agora ela tivesse de voltar a pé para casa, e sozinha. Os montes de neve eram como as ondas brancas de um mar branco, e ela os escalou, impulsionada pelos ventos e marés da lua. Não sei o que quero, e talvez nunca venha a saber, mas meu único desejo a cada estrela será sempre outra estrela; e de fato não estou com medo, pensou. Dois rapazes saíram de um bar e a encararam; num parque, muito tempo antes, ela vira dois rapazes, e talvez até fossem os mesmos. Não estou mesmo com medo, pensou, ouvindo os passos deles na neve atrás de si: e de todo modo não havia mais nada para ser roubado.

[1949]

*Tradução de José Geraldo Couto*

## A pechincha

Várias coisas no marido irritavam a sra. Chase. Por exemplo, a voz: ele sempre falava como se estivesse apostando num jogo de pôquer. Ouvir aquela fala arrastada e indiferente era exasperador, sobretudo agora, que, conversando com ele por telefone, ela própria falava de forma estridente de tanta empolgação. “Claro que eu já tenho um, sei disso. Mas você não entende, querido — é uma pechincha”, explicou, enfatizando a última palavra, depois fazendo uma pausa para deixar a magia dela crescer. Só ouviu silêncio. “Puxa, você podia dizer alguma coisa. Não, não estou numa loja, estou em casa. Alice Severn vem para o almoço. É sobre o casaco de Alice que estou tentando lhe falar. Você deve se lembrar dela.” A memória esburacada do marido era outra fonte de irritação, e, embora ela lhe lembrasse que lá em Greenwich Village eles tinham visto com frequência Arthur e Alice Severn, chegaram até a receber o casal em sua casa, ele fingiu não conhecer aquele nome. “Não importa”, ela suspirou. “Só vou dar uma olhada no casaco. Tenha um bom almoço, querido.”

Mais tarde, ao se aborrecer com as ondas precisas de seu cabelo retocado, a sra. Chase admitiu que realmente não havia motivo para o marido se lembrar dos Severn com tanta clareza. Deu-se conta disso quando, com sucesso parcial, tentou evocar uma imagem de Alice Severn. Pois bem, quase conseguiu: uma mulher rosada e desengonçada, com menos de trinta anos, que sempre dirigia uma caminhonete, acompanhada por um setter irlandês e por duas bonitas crianças de cabelos louros avermelhados. Dizia-se que o marido dela bebia; ou seria o contrário? Além disso, eles eram considerados maus pagadores, ao menos a sra. Chase lembrou de certa vez ter ouvido falar de dívidas incríveis, e alguém, teria sido ela própria?, descrevera Alice Severn como simplesmente boêmia demais.

Antes de se mudarem para a cidade, os Chase mantiveram uma casa em Greenwich Village, que era um tédio para a sra. Chase, porque ela detestava os sinais de natureza dali e preferia o divertimento das vitrines de Nova York. Em Greenwich Village, em algum coquetel, na estação de trem, vez por outra encontravam os Severn, e não passou disso. Nem éramos amigos, ela concluiu, um tanto surpresa. Como costuma acontecer quando de súbito se ouve falar de uma pessoa do passado, e alguém conhecido num contexto diferente, ela fora induzida a uma sensação de intimidade. Mas, pensando melhor, parecia extraordinário que Alice Severn, a quem ela não via fazia mais de um ano,

tivesse telefonado oferecendo à venda um casaco de vison.

A sra. Chase parou na cozinha a fim de pedir sopa e salada para o almoço: jamais lhe ocorria que nem todo mundo estava de dieta. Encheu um decantador de xerez e o levou consigo até a sala de estar. Uma sala verde-esmeralda, o mesmo gosto excessivamente juvenil das roupas dela. O vento fustigava as janelas, pois o apartamento ficava num andar alto, com uma vista de avião do centro de Manhattan. Colocou um disco do Linguaphone na vitrola e sentou-se em posição não relaxada, ouvindo a voz forçada pronunciar frases francesas. Em abril, os Chase planejavam comemorar o vigésimo aniversário de casamento com uma viagem a Paris; por essa razão, ela começara as aulas do Linguaphone, e, por essa razão também, cogitou no casaco de Alice Severn: seria mais prático, achou, viajar com um vison de segunda mão; mais tarde, poderia mandar transformá-lo numa estola.

Alice Severn chegou alguns minutos mais cedo, uma casualidade decerto, pois não era uma pessoa ansiosa, pelo menos a julgar por seus modos contidos e cautelosos. Usava sapatos comuns, um casaco de tweed que já vira dias melhores, e carregava uma caixa amarrada com um barbante puido.

“Fiquei encantada quando você telefonou esta manhã. Deus sabe, faz um tempão que não nos vemos, mas, claro, não vamos mais a Greenwich Village.”

Embora sorrindo, sua visita permaneceu calada, e a sra. Chase, que assumira um tom efusivo, ficou um tanto sem graça. Quando as duas sentaram, os olhos dela apreenderam a mulher mais jovem, e ocorreu-lhe que, se tivessem se encontrado por acaso, poderia não tê-la reconhecido, não porque sua aparência tivesse se alterado tanto, mas porque a sra. Chase se deu conta de que nunca antes olhara atentamente para ela, o que parecia estranho, pois Alice Severn era alguém que chamava a atenção. Se fosse menos comprida, mais compacta, as pessoas poderiam ignorá-la, talvez reparando que era atraente. Mas, do jeito que era, com seus cabelos vermelhos, a impressão de distância nos olhos, o rosto sardento, outonal, e as mãos magras e fortes, havia nela certa peculiaridade difícil de ignorar.

“Xerez?”

Alice Severn assentiu com a cabeça, que, equilibrada precariamente sobre o pescoço fino, parecia um crisântemo pesado demais para seu talo.

“Cream-cracker?”, ofereceu a sra. Chase, observando que alguém tão esguio e alongado devia comer feito um cavalo. Sua frugalidade de sopa e salada despertou-lhe um súbito receio, e ela contou a seguinte mentira: “Não sei o que Martha está preparando para o almoço. Sabe como é difícil, em cima da hora. Mas conte, querida, o que está acontecendo em Greenwich Village?”

“Em Greenwich Village?”, ela disse, entrecerrando as pálpebras, como se uma luz inesperada refulgisse na sala. “Não tenho a menor idéia. Não moramos mais lá faz algum tempo, seis meses ou mais.”

“Oh?”, fez a sra. Chase. “Veja como estou desatualizada. Mas onde você está morando, querida?”

Alice Severn ergueu uma das mãos ossudas e desajeitadas e apontou para a janela. “Lá fora”, respondeu, de forma estranha. Sua voz era clara, mas tinha um tom de esgotamento, como se ela estivesse pegando um resfriado. “Quer dizer, no centro. Não gostamos muito, sobretudo Fred.”

Com a mínima inflexão, a sra. Chase perguntou: “Fred?”, pois lembrava perfeitamente que Arthur era o nome do marido da visita.

“Sim, Fred, meu cachorro, um setter irlandês, você deve tê-lo visto. Está acostumado com espaço, e o apartamento é tão pequeno, só um quarto.”

Dias difíceis deviam ter sobrevivido para que todos os Severn estivessem morando num único quarto. Por mais curiosa que fosse, a sra. Chase se controlou e não indagou a respeito do assunto. Provou seu xerez e disse: “Claro que me lembro do seu cachorro; e das crianças: todas as três cabecinhas vermelhas espiando pela janela da caminhonete”.

“As crianças não têm cabelos vermelhos. São louras, como Arthur.”

A correção, com tão pouco senso de humor, provocou na sra. Chase uma risadinha intrigada. “E Arthur, como vai?”, perguntou ela, preparando-se para se levantar e conduzir a visita até o almoço. Mas a resposta levou-a a sentar-se de novo. Sem mudança alguma na expressão placidamente desornada de Alice Severn, consistiu apenas em: “Mais gordo”.

“Mais gordo”, ela repetiu após um momento. “A última vez que o vi, acho que só uma semana atrás, estava atravessando uma rua feito um pato. Se ele tivesse me visto, eu teria de rir: ele sempre foi tão preocupado com a aparência.”

A sra. Chase pôs as mãos na cintura. “Você e Arthur. Separados? É simplesmente incrível.”

“Nós não estamos separados.” Ela esfregou as mãos no ar como que para remover teias de aranha. “Eu o conheço desde criança, desde que nós dois éramos crianças: você acha”, disse tranquilamente, “que poderíamos algum dia estar separados um do outro, sra. Chase?”

O uso exato de seu nome pareceu afastar a sra. Chase; por um momento, ela se sentiu isolada, e, ao caminharem juntas até a sala de jantar, imaginou uma hostilidade circulando entre elas. Possivelmente foi a visão das mãos desajeitadas de Alice Severn tentando abrir um guardanapo que a persuadiu de que aquilo não era verdade. Exceto por algumas palavras corteses, elas comeram em silêncio, e ela começava a temer que não haveria nenhuma história.

Enfim Alice Severn disse abruptamente: “Na verdade, nos divorciamos em agosto passado”.

A sra. Chase esperou; depois, entre a descida e a subida de sua colher de sopa, disse: “Que horrível. Por causa da bebedeira dele?”.

“Arthur nunca bebeu”, ela respondeu com um sorriso agradável mas

espantado. “Ou melhor, nós dois bebíamos. Por prazer, não por vício. Era gostoso no verão. Costumávamos descer até o riacho, colher hortelã e preparar um coquetel de uísque com hortelã em enormes potes de frutas. Às vezes, nas noites quentes em que não conseguíamos dormir, enchíamos de cerveja gelada as garrafas térmicas e acordávamos as crianças, depois íamos de carro até a praia; é divertido beber cerveja e nadar e dormir na areia. Bons tempos; lembro que uma vez ficamos lá até o sol raiar. Não”, disse, alguma idéia séria retesando sua face, “eu vou lhe contar. Sou quase uma cabeça mais alta que Arthur, e acho que isso o preocupava. Quando éramos crianças, ele sempre achou que me ultrapassaria, mas isso nunca aconteceu. Ele detestava dançar comigo, e olha que ele adora dançar. E gostava de um monte de gente ao redor, gente baixinha de voz alta. Não sou assim, preferia que ficássemos só os dois. Nesse aspecto eu não era agradável para ele. Pois bem, lembra de Jeannie Bjorkman? Aquela de rosto redondo e cabelo encaracolado, mais ou menos da sua altura”.

“Lembro, sim”, respondeu a sra. Chase. “Esteve no comitê da Cruz Vermelha. Horrrosa.”

“Não”, replicou Alice Severn, refletindo. “Jeannie não é horrrosa. Éramos ótimas amigas. O estranho é que Arthur costumava dizer que a odiava, mas tenho a impressão de que sempre foi louco por ela, com certeza agora é, e as crianças também. Eu queria que as crianças não gostassem dela, embora devesse estar feliz por gostarem, já que têm de viver com ela.”

“Não acredito: seu marido casado com aquela horrrosa da Bjorkman!”

“Desde agosto.”

A sra. Chase, fazendo primeiro uma pausa para sugerir que fossem tomar o café na sala de estar, disse: “É deprimente você estar vivendo sozinha em Nova York Pelo menos devia ter ficado com os filhos”.

“Arthur quis ficar com eles”, respondeu Alice Severn simplesmente. “Mas não estou sozinha. Fred é um de meus melhores amigos.”

A sra. Chase gesticulou, impaciente: não gostava de fantasias. “Um cachorro. Loucura. A verdade é que você é uma tola: se algum homem tentasse me passar para trás, eu cortava os pés dele em pedacinhos. Vai ver que você nem exigiu”, hesitou, “uma pensão.”

“Você não entende, Arthur não tem dinheiro algum”, disse Alice Severn com o desânimo de uma criança que descobriu que os adultos, afinal, não são muito lógicos. “Teve até de vender o carro, e vai e volta a pé da estação. Mas, sabe, acho que está feliz.”

“O que você precisa é de um bom beliscão”, disse a sra. Chase como se estivesse pronta para realizar o serviço.

“É Fred que me preocupa. Está acostumado com espaço, e, com uma única pessoa, não sobram muitos ossos. Você acha que, quando terminar meu curso, consigo arrumar um emprego na Califórnia? Estou estudando

administração, mas não sou muito rápida, sobretudo na máquina de escrever, meus dedos parecem detestar aquilo. Deve ser como tocar piano, você tem de aprender quando é jovem.” Ela olhou curiosa para suas mãos, suspirando: “Tenho aula às três; importa-se se lhe mostrar o casaco agora?”.

A festividade de coisas saindo de uma caixa em geral alegrava a sra. Chase, mas, quando ela viu a tampa ser retirada, um mal-estar melancólico dominou-a.

“Pertenceu à minha mãe.”

Que deve ter usado essa tralha durante sessenta anos, pensou a sra. Chase, encarando um espelho. O casaco dava nos seus tornozelos. Ela passou a mão pela pelagem opaca, quase sem pêlos: estava mofada, fedida, como se tivesse permanecido num sótão à beira-mar. Fazia frio dentro do casaco, ela estremeceu, ao mesmo tempo um rubor aqueceu-lhe o rosto, pois foi aí que notou que Alice Severn olhava sobre seus ombros e na expressão dela havia uma expectativa tensa, humilhante, antes inexistente. Quanto à solidariedade, a sra. Chase praticava a parcimônia: antes de oferecê-la, tomava a precaução de amarrar um barbante nela para, em caso de necessidade, pegá-la de volta. Quando ela fitou Alice Severn, porém, foi como se o barbante tivesse sido cortado, e dessa vez ela se confrontou com as obrigações da solidariedade. Hesitou mesmo assim, procurando uma escapatória, mas seus olhos colidiram com aqueles outros olhos, e ela percebeu que não havia nenhuma. A lembrança de uma palavra das aulas do Linguaphone facilitaram uma pergunta: “*Combien?*”.

“Isso não vale nada, não é?” Havia confusão na pergunta, não franqueza.

“Não, não vale”, ela respondeu, cansada, quase irritada. “Mas pode ter alguma utilidade.” Não repetiu a pergunta; estava claro que estipular o preço fazia parte de sua obrigação.

Ainda arrastando o incômodo casaco, dirigiu-se a um canto da sala onde havia uma escrivaninha e, com movimentos nervosos e ressentidos, preencheu um cheque da sua conta pessoal: preferia que o marido não soubesse. Mais que a maioria, a sra. Chase detestava o sentimento de perda; uma chave fora do lugar, uma moeda caída, despertavam sua consciência do roubo e das trapaças da vida. Sensação semelhante acompanhou-a quando entregou o cheque a Alice Severn. Esta, dobrando-o sem olhar para ele, enfiou-o no bolso do traje. Era um cheque de cinquenta dólares.

“Querida”, disse a sra. Chase, carrancuda com a falsa preocupação, “você tem de telefonar e contar como andam as coisas. Não deve se sentir solitária.”

Alice Severn nem agradeceu, e na porta não disse “tchau”. Em vez disso, segurou uma das mãos da sra. Chase e deu um tapinha nela, como se estivesse delicadamente recompensando um animal, um cachorro. Fechando a porta, a sra. Chase fitou sua mão, aproximou-a dos lábios. A sensação da outra mão ainda

perdurava, e ela continuou ali, esperando que passasse: logo sua mão ficou bem fria de novo.

[1950]

*Tradução de Ivo Korytowski*



## Um violão de diamante

A cidade mais próxima fica a trinta quilômetros da colônia penal. Vários bosques de pinheiros separam a colônia da cidade, e é nesses bosques que trabalham os condenados, sangrando as árvores para coletar resina. A própria prisão fica no meio de um bosque, no final de uma estrada esburacada de terra vermelha, com arame farpado subindo pelos muros como uma trepadeira. Lá vivem cento e nove brancos, noventa e sete negros e um chinês. Há dois dormitórios — grandes barracões de madeira com teto revestido de papel alcatroado. Os brancos ocupam um; os negros e o chinês, o outro. Em cada dormitório há uma estufa bojuda, mas ali os invernos são frios, e à noite, com os pinheiros oscilando gelidamente e a luz frígida da lua, os homens ficam acordados, estendidos nos catres de ferro, com as cores chamejantes da estufa brincando em seus olhos.

Os homens que dormem nos catres mais próximos da estufa são gente importante — respeitada ou temida. O sr. Schaeffer é um desses. O sr. Schaeffer — é assim que o chamam, em sinal de deferência — é um sujeito magro e retraído. Tem cabelos ruivos, meio grisalhos, e rosto rarefeito, religioso, descarnado; pode-se ver o contorno dos ossos, e os olhos têm uma cor débil, baça. Sabe ler e escrever, sabe somar uma coluna de números. Quando alguém ali recebe uma carta, procura o sr. Schaeffer. A maioria das cartas é triste e queixosa; muitas vezes, o sr. Schaeffer improvisa passagens mais joviais em vez de ler o que está escrito no papel. No dormitório há mais dois homens que sabem ler. Mesmo assim, um deles traz suas cartas para o sr. Schaeffer, que faz o obséquio de jamais ler a verdade. O próprio sr. Schaeffer não recebe nenhuma correspondência, nem mesmo no Natal; parece não ter amigos fora da prisão, tampouco lá dentro — quer dizer, não tem nenhum amigo em especial. Mas nem sempre foi assim.

Num domingo de inverno, alguns invernos atrás, o sr. Schaeffer estava sentado nos degraus do dormitório, entalhando uma boneca. Tem muito talento para a coisa. Suas bonecas são entalhadas em partes separadas e depois montadas com molas; os braços e as pernas se movem, a cabeça gira. Quando ele completa uma dúzia de bonecas, o capitão da colônia penal as leva para a cidade, onde são vendidas no armazém. Assim, o sr. Schaeffer consegue dinheiro para os doces e o fumo.

Naquele domingo, enquanto ele recortava os dedos de uma mãozinha, um caminhão entrou no pátio da colônia penal. Algemado ao capitão, um rapaz

desceu do veículo e ficou piscando os olhos ao sol fantasmagórico de inverno. O sr. Schaeffer mal olhou para ele. Nessa época, era um homem de cinquenta anos, dezessete dos quais vividos na colônia. A chegada de um novo prisioneiro não o alvoroçava. Domingo é dia livre na colônia, e os que vadiavam pelo pátio se reuniram junto ao caminhão. Mais tarde, Machadinha e Minduim pararam para conversar com o sr. Schaeffer.

Machadinha disse: “É um estrangeiro, o novato. De Cuba. Mas é louro”.

“É um arruaceiro, o capitão contou”, disse Minduim, que era outro arruaceiro. “Passou a faca num marinho, em Mobile.”

“Em dois marinhos”, Machadinha corrigiu. “Mas foi só uma briga de bar. Não machucou nenhum deles.”

“O sujeito corta a orelha do homem, e você diz que ele não machucou ninguém? Deram dois anos para ele, foi o que o capitão contou.”

Machadinha continuou: “Ele tem um violão todo coberto de jóias”.

Estava ficando escuro demais para trabalhar. O sr. Schaeffer encaixou as partes da boneca e, segurando as mãozinhas, colocou-a sobre os joelhos. Enrolou um cigarro; os pinheiros azulavam à luz do anoitecer, e a fumaça do cigarro se demorava no ar gelado e sombrio. Ele viu o capitão atravessando o pátio. O novo prisioneiro, um rapaz louro, seguia um passo atrás. Vinha carregando um violão cravejado de contas de diamante que cintilavam como estrelas, e o uniforme era grande demais para ele; parecia uma fantasia de Halloween.

“Schaeffer, mais um para você”, o capitão disse, detendo-se nos degraus do dormitório. O capitão não era um homem duro; de vez em quando, convidava o sr. Schaeffer para ir ao escritório conversar sobre o que haviam lido no jornal. “Tico Feo”, disse, como se fosse um nome de canção ou de passarinho, “este aqui é o sr. Schaeffer. Vá com a cara dele, e você vai se dar bem.”

O sr. Schaeffer ergueu a vista para o rapaz e sorriu. Sorriu mais do que queria, pois os olhos do rapaz pareciam faixas de céu — azuis como a tarde de inverno —, e os cabelos eram dourados como os dentes do capitão. Ele tinha um jeito brincalhão, vivaz e esperto; e, ao fitá-lo, o sr. Schaeffer se lembrou de passeios e bons tempos.

“Que nem minha irmãzinha”, Tico Feo disse, tocando a boneca do sr. Schaeffer. A voz dele, com o sotaque cubano, era suave e doce como uma banana. “Ela também senta no meu colo.”

O sr. Schaeffer se acanhou num repente. Fez uma vênica para o capitão e se embrenhou no escuro do pátio. Ficou ali, sussurrando os nomes das estrelas vespertinas que desabrochavam no céu. As estrelas eram um prazer para ele, mas naquela noite não lhe trouxeram conforto; não o fizeram lembrar que tudo o que nos acontece na Terra se perde no brilho infinito da eternidade. Olhando para elas — para as estrelas —, pensou no violão cravejado e no seu esplendor mundano.

Do sr. Schaeffer podia-se dizer que fizera algo muito errado na vida: matara um homem. As circunstâncias do ato são desimportantes — basta saber que o homem merecia morrer e que o sr. Schaeffer foi condenado a noventa e nove anos e um dia. Por muito tempo — por muitos anos, na verdade —, não pensou na vida que levava antes de chegar à colônia. Suas lembranças daqueles tempos eram como uma casa desabitada cuja mobília apodreceu. Mas naquela noite parecia que todas as lâmpadas se acendiam nos quartos mortos e soturnos. Tudo começou quando ele viu Tico Feo chegando na penumbra com seu violão esplêndido. Até então, não se sentira solitário. Agora, reconhecendo sua solidão, sentia-se vivo. Não queria estar vivo. Estar vivo significava lembrar de rios pardacentos onde nadam os peixes, da luz do sol nos cabelos de uma mulher.

O sr. Schaeffer deixou a cabeça pender. O brilho das estrelas encherá seus olhos de água.

Em geral, o dormitório era um lugar que fedia a homens, melancólico e desolado à luz de duas lâmpadas nuas. Mas, com a chegada de Tico Feo, o cômodo frio foi como que tomado por ares tropicais, pois, quando o sr. Schaeffer voltou das estrelas, deu com uma cena selvagem e extravagante. Sentado de pernas cruzadas num dos catres, Tico Feo tocava o violão com dedos ágeis e compridos, e cantava uma canção que soava tão alegre quanto moedas tilintando no bolso. Muito embora a canção fosse em espanhol, alguns dos homens tentavam acompanhar o canto, e Machadinha e Minduim dançavam juntos. Charlie e Wink também dançavam, mas separados. Dava gosto ouvir os homens rindo, e, quando Tico Feo finalmente pôs o violão de lado, o sr. Schaeffer estava entre os que foram cumprimentá-lo.

“Você merece um violão desses”, disse.

“É de diamante”, Tico Feo respondeu, alisando aquele luxo de araque. “Já tive um que era de rubi. Em Havana, minha irmã trabalha num... Como vocês dizem? Num lugar onde fazem violão; foi assim que consegui este.”

O sr. Schaeffer perguntou se ele tinha muitas irmãs, e Tico Feo, sorridente, mostrou quatro dedos. Então, com os olhos azuis se estreitando de cobiça, pediu: “Por favor, *mister*, dá a boneca para as minhas duas irmãs pequenas”.

Na noite seguinte, o sr. Schaeffer trouxe as bonecas. Daí em diante, foi o melhor amigo de Tico Feo, e começaram a andar sempre juntos. Um sempre teve o outro em alta conta.

Tico Feo tinha dezoito anos, e trabalhara durante dois num cargueiro no Caribe. Quando menino, freqüentara uma escola de freiras, e ainda trazia um crucifixo de ouro pendurado no pescoço. Tinha um rosário também. Mantinha o rosário enrolado num lenço de seda verde, que guardava três outros tesouros: um vidro da colônia Noite em Paris, um espelhinho de bolso e um mapa-múndi editado pela Rand McNally. Isso e o violão eram seus únicos pertences, e ele não deixava que ninguém os tocasse. Talvez estimasse o mapa acima de tudo. À

noite, antes que apagassem as luzes, desdobrava o mapa e mostrava ao sr. Schaeffer os lugares onde estivera — Galveston, Miami, Nova Orleans, Mobile, Cuba, Haiti, Jamaica, Porto Rico, Ilhas Virgens — e os lugares aonde queria ir. Queria ir a quase toda parte, especialmente a Madri, especialmente ao pólo norte. Tudo isso tanto encantava como assustava o sr. Schaeffer. Ele não gostava de pensar em Tico Feo pelos mares e em lugares longínquos. Às vezes, olhava preocupado para o amigo e pensava: “É só um sonhador preguiçoso”.

E a verdade é que Tico Feo era um sujeito preguiçoso. Depois daquela primeira noite, todos tinham de insistir até mesmo para que tocasse violão. Na alvorada, quando o guarda vinha despertar os homens, batendo com um martelo na estufa, Tico Feo choramingava como um menino. Às vezes fingia estar doente, gemia e apertava a barriga; mas nunca se dava bem, pois o capitão o mandava trabalhar. Ele e o sr. Schaeffer haviam sido destacados para as obras na estrada. Era trabalho pesado: cavar a terra congelada e carregar sacos de entulho cheios de pedregulhos. O guarda não parava de gritar com Tico Feo, que passava a maior parte do tempo tentando se encostar onde desse.

Ao meio-dia, quando chegavam as marmitas, os dois amigos sentavam juntos. Havia algumas coisas melhores na marmita do sr. Schaeffer, que podia pagar pelas maçãs e pelos doces da cidade. Ele gostava de dar essas regalias para o amigo, que se deliciava tanto, e pensava: “Você ainda está crescendo, ainda falta muito para ser um homem-feito”.

Nem todo mundo gostava de Tico Feo. Por ciúme ou por razões mais sutis, havia quem contasse histórias escabrosas a seu respeito. O próprio Tico Feo parecia não se dar conta disso. Quando os homens se reuniam ao seu redor e ele tocava violão e cantava, era evidente que se sentia querido. A maioria dos homens de fato lhe queria bem; esperavam pelas canções que ouviam da hora do jantar até o blecaute, dependiam delas. “Tico, toque pra gente”, pediam. Não notavam que, em seguida, a tristeza era mais funda que antes. O sono lhes escapava feito uma lebre, os olhos se demoravam pensativamente no fogo que estalava atrás das grades da estufa. O sr. Schaeffer era o único a entender aquela perturbação, pois também a sentia. O amigo ressuscitava os rios pardacentos e as mulheres com a luz do sol tecida nos cabelos.

Logo conferiram a Tico Feo a honra de uma cama perto da estufa e ao lado do sr. Schaeffer. O sr. Schaeffer sempre soube que o amigo era um mentiroso terrível. Não dava crédito às suas histórias de aventura, de conquistas e encontros com gente famosa. Gostava delas como meras histórias, dessas que se lêem nas revistas, e se deleitava em ouvir a voz tropical do amigo sussurrando no escuro.

Exceto por não misturarem seus corpos nem pensarem no assunto, muito embora essas coisas não fossem desconhecidas na colônia penal, eram como amantes. De todas as estações, a primavera é a mais impetuosa: brotos

rompendo a crosta de terra endurecida pelo inverno, folhas novas rebentando em velhos galhos moribundos, o vento sonolento cruzando o verde recém-nascido dos campos. E o sr. Schaeffer não fugia a essa regra: uma erupção, um vigor de músculos enrijecidos.

Foi no final de janeiro. Os amigos estavam sentados nos degraus do dormitório, cada um com um cigarro na mão. Uma lua tênue e amarela como uma fatia de limão se vergava no céu, e, à sua luz, filetes de geada brilhavam como trilhas prateadas de caracóis. Fazia dias que Tico Feo andava retraído — calado como um ladrão esperando no escuro. Não adiantava dizer: “Tico, toque pra gente”. Ele só dava uma olhada de soslaio, os olhos mortiços, sedados.

“Conte uma história”, o sr. Schaeffer disse, sentindo-se nervoso e impotente por não conseguir se aproximar do amigo. “Conte a história das corridas em Miami.”

“Nunca fui a nenhuma corrida”, Tico Feo respondeu, fazendo cair por terra sua mentira mais deslavada, que envolvia centenas de dólares e um encontro com Bing Crosby. O rapaz não parecia se importar. Sacou um pente e o passou sem ânimo pelos cabelos. Alguns dias antes, aquele pente fora o motivo de uma disputa feroz. Um dos homens, Wink, alegou que Tico Feo roubara o pente, ao que o acusado replicou cuspendo-lhe no rosto. Os dois brigaram até que o sr. Schaeffer e outro sujeito conseguiram separá-los. “O pente é meu. Pode dizer para ele!”, Tico Feo pediu ao sr. Schaeffer. Mas o sr. Schaeffer, com uma firmeza serena, disse que não, que o pente não pertencia a ele — resposta que pareceu desconcertar todos os implicados. “Bem”, Wink retrucou, “se ele quer tanto o pente, pelo amor de Deus, pode deixar o filho-da-puta ficar com ele.” E mais tarde, numa voz espantada e incerta, Tico Feo disse: “Pensei que você fosse meu amigo”. “E sou”, pensou o sr. Schaeffer, sem dizer nada.

“Nunca fui a corrida nenhuma, e a história da viúva também é mentira.” Ele deu uma tragada no cigarro até fazê-lo brilhar furiosamente e olhou para o sr. Schaeffer com ar especulativo. “Diga aí, *mister*, você tem dinheiro?”

“Uns vinte dólares, quem sabe”, o sr. Schaeffer respondeu hesitante, temendo o rumo que as coisas pareciam tomar.

“Não é grande coisa, vinte dólares”, Tico disse, sem dar sinais de decepção. “Não tem problema, vamos dar um jeito. Em Mobile tem o meu amigo Frederico. Ele vai pôr a gente num barco. Sem problema”, e falava como se dissesse que a temperatura iria cair.

O sr. Schaeffer sentiu um aperto no coração; não conseguia falar.

“Ninguém aqui pega o Tico. Ele vai mais rápido.”

“Tiros vão mais rápido”, o sr. Schaeffer disse, numa voz sumida. “Sou velho demais”, continuou, a consciência da idade revirando como uma náusea.

Tico Feo não escutava. “Depois, é o mundo. O mundo, *el mundo*, amigo.” Levantando-se, estremeceu como um potro; tudo parecia se aproximar dele — a

lua, o pio das corujas. Sua respiração acelerada se convertia em vapor. “Vamos para Madri? Quem sabe alguém não me ensina a tourear. Que tal, *mister*?”

O sr. Schaeffer também não escutava. “Estou velho”, disse, “estou velho demais.”

Nas semanas seguintes, Tico Feo continuou insistindo — o mundo, *el mundo*, amigo —, e o sr. Schaeffer queria se esconder. Queria se trancar no banheiro e apoiar a cabeça nas mãos. Mesmo assim, estava excitado, siderado. E se desse certo a tal corrida com Tico através dos bosques, até o mar? Então se imaginava num barco, logo ele, que nunca vira o mar, que passara a vida enraizado em terra firme. Nesse meio-tempo, um dos condenados morreu, e do pátio se ouvia o barulho do caixão sendo fabricado. A cada prego que batiam, o sr. Schaeffer pensava: “Esse é para mim, esse é meu”.

Quanto a Tico Feo, nunca estivera tão animado; perambulava para cima e para baixo com a graça malandra e garbosa de um dançarino, tinha uma piada para cada um que passava. No dormitório, depois do jantar, dedos pipocavam no violão como bombinhas. Ensinou os homens a gritar *olé*, e alguns chegaram a jogar os bonés para o alto.

Quando ficou pronta a obra na estrada, o sr. Schaeffer e Tico Feo voltaram a trabalhar nos bosques. No Dia de São Valentim, almoçaram embaixo de um pinheiro. O sr. Schaeffer encomendara uma dúzia de laranjas da cidade, e agora as descascava vagarosamente, as cascas se enrolando numa espiral; dava os pedaços mais suculentos para o amigo, que se orgulhava de cuspir as sementes à distância — uns bons três metros.

Era um dia frio e bonito, com restos de luz do sol passando por eles como borboletas, e o sr. Schaeffer, que gostava de trabalhar com as árvores, sentia-se confuso e feliz. Então Tico Feo disse: “Aquele ali, aquele não pega nem mosca”. Falava de Armstrong, um sujeito com queixo de porco, sentado com um rifle entre as pernas. Era o mais jovem dos guardas e novato na colônia.

“Não sei, não”, o sr. Schaeffer disse. Observara Armstrong e notara que, como muitos homens gordos e vaidosos, o novo guarda se movia com ligeireza diáfana. “Ele pode surpreender você.”

“Vamos ver se eu não o surpreendo primeiro”, Tico Feo respondeu, e cuspiu uma semente na direção de Armstrong. O guarda fez cara feia e depois soprou um apito. Era o sinal para voltarem ao trabalho.

Em algum momento durante a tarde, os dois amigos se juntaram de novo, quer dizer, começaram a prender baldes de coleta em árvores próximas umas das outras. Um pouco abaixo, um riacho raso e agitado entrava pelo bosque. “Água não tem cheiro”, Tico Feo disse meticulosamente, como se lembrasse de alguma frase que ouvia. “Vamos correr pela água, de noite trepamos numa árvore. Certo, *mister*?”

O sr. Schaeffer continuou martelando, mas a mão tremia, e o martelo

acertou seu polegar. Olhou estupefato para o amigo. O rosto não dava mostras de dor, nem ele chupou o polegar como qualquer um faria.

Os olhos azuis de Tico Feo pareciam inchados como bolhas, e, quando ele disse, numa voz mais sutil que o vento no topo dos pinheiros: “Amanhã”, aqueles olhos eram tudo o que o sr. Schaeffer conseguia ver.

“Amanhã, *mister*?”

“Amanhã”, o sr. Schaeffer respondeu.

As primeiras cores da manhã tocaram as paredes do dormitório, e o sr. Schaeffer, que mal repousara, sabia que Tico Feo também estava acordado. Com os olhos cansados de um crocodilo, observou os movimentos do amigo no catre ao lado. Tico Feo estava desamarrando o lenço em que guardava seus tesouros. Primeiro, tirou o espelinho de bolso. A luz de água-marinha tremeluziu no rosto dele. Por um instante, admirou-se com deleite sincero, depois penteou e engomou os cabelos, como se estivesse se preparando para uma festa. Pendurou o rosário no pescoço. Não abriu a colônia nem o mapa. A última coisa que fez foi afinar o violão. Enquanto os outros se vestiam, sentou-se na beira do catre e afinou o violão. Isso era estranho, pois decerto ele sabia que nunca mais iria tocá-lo.

O alarido dos passarinhos acompanhou os homens pela névoa dos bosques matinais. Caminhavam em fila indiana, quinze homens em cada grupo e um guarda fechando cada coluna. O sr. Schaeffer suava como se aquele fosse um dia de calor e não conseguia acompanhar a marcha do amigo, que ia na frente, estalando os dedos e assobiando para os passarinhos.

Haviam combinado um sinal. Tico Feo diria: “Com licença”, e fingiria ir para trás de uma árvore. Mas o sr. Schaeffer não sabia quando isso iria acontecer.

O guarda Armstrong apitou, os homens saíram da formação e se dirigiram aos postos de trabalho. O sr. Schaeffer, mesmo empenhado em trabalhar o melhor que podia, tratou de estar sempre numa posição em que pudesse ver tanto Tico Feo como o guarda. Armstrong sentou-se num toco de árvore, com um naco de fumo contorcendo seu rosto e a arma apontada para cima. Tinha os olhos manhosos de um trapaceiro; não havia como dizer para onde estava olhando.

Outro homem deu o sinal. O sr. Schaeffer notou na hora que aquela não era a voz do amigo, mas o pânico lhe apertou a garganta como uma corda. À medida que a manhã ia passando, seus ouvidos reboavam tanto que ele teve medo de não ouvir o sinal verdadeiro.

O sol chegou ao ápice. “É só um sonhador preguiçoso. Não vai acontecer nada”, o sr. Schaeffer pensou, querendo se convencer. Mas Tico Feo disse: “Vamos comer primeiro”, com um ar prático, enquanto se acomodavam acima do riacho com as marmitas. Comeram em silêncio, como se guardassem rancor

um do outro; mas, no final, o sr. Schaeffer sentiu a mão do amigo segurando a sua e fazendo uma leve pressão.

“Sr. Armstrong, com licença...”

Perto do riacho, o sr. Schaeffer vira um eucalipto, e estava pensando que logo seria primavera e que precisariam sangrar o tronco. Uma pedra cortante lhe abriu a palma da mão quando ele deslizou para a água pela margem escorregadia. Ele se apumou e começou a correr; tinha as pernas compridas, quase ultrapassava Tico Feo, e jatos gélidos respingavam ao redor. Volta e meia, os gritos dos homens ressoavam surdamente pelo bosque, como vozes numa caverna, e se ouviram três tiros, todos para o alto, como se o guarda mirasse um bando de gansos.

O sr. Schaeffer não viu o tronco atravessado no riacho. Pensou que ainda estava correndo, e suas pernas se agitaram em vão; caiu feito uma tartaruga virada de costas.

Enquanto ele se debatia, o rosto do amigo, suspenso mais acima, parecia fazer parte do céu branco de inverno — tão distante e severo. O rosto se deteve um momento apenas, como um beija-flor, tempo suficiente para o sr. Schaeffer perceber que Tico Feo não queria que ele conseguisse, nem jamais achara que ele conseguiria, e lembrou que, certa vez, pensara que faltava muito para que o amigo se tornasse um homem-feito. Quando encontraram o sr. Schaeffer, ele ainda estava caído na água rasa, como se aquela fosse uma tarde de verão e ele flutuasse à toa na correnteza.

Desde então, passaram-se três invernos, cada um com fama de ser o mais frio, o mais longo. Há pouco, dois meses de chuva abriram sulcos ainda mais fundos na estrada de terra que leva à colônia, e é cada vez mais difícil chegar lá, cada vez mais difícil sair de lá. Um par de holofotes foi instalado nos muros, e ambos ardem a noite inteira como os olhos de uma coruja gigante. De resto, nada mudou. O sr. Schaeffer, por exemplo, ainda é o mesmo, exceto pela mecha mais branca nos cabelos; além disso, por conta de um tornozelo quebrado, ele manca. Foi o próprio capitão quem disse que o sr. Schaeffer quebrara o tornozelo na tentativa de capturar Tico Feo. Uma foto do sr. Schaeffer chegou a sair no jornal, com a legenda: “Tentou evitar fuga”. Ele se sentiu profundamente humilhado, não porque soubesse que os homens riam dele, mas porque achava que Tico Feo veria a foto. De todo modo, recortou-a do jornal, e a conserva num envelope, com outras matérias sobre o amigo: uma solteirona declarou às autoridades que ele entrara na sua casa e lhe dera um beijo; ele fora visto duas vezes nas proximidades de Mobile; por fim, acreditava-se que fugira do país.

Ninguém jamais contestou o direito do sr. Schaeffer ao violão. Alguns meses atrás, um novo prisioneiro foi transferido para o dormitório. Diziam que o sujeito tocava bem, e convenceram o sr. Schaeffer a lhe emprestar o instrumento. Mas suas canções não saíam direito; era como se Tico Feo, ao



afinar o violão naquela derradeira manhã, tivesse enfeitiçado as cordas. Agora o violão jaz sob o catre do sr. Schaeffer, onde as contas de diamante estão encardindo; de vez em quando, à noite, suas mãos procuram por ele, os dedos passeiam pelas cordas; depois, é o mundo.

[1950]

*Tradução de Samuel Titan Jr.*

Era para Otilie ser a moça mais feliz de Porto Príncipe. Bem que Baby lhe dizia: Imagine só quanta coisa você tem! Mas o quê, por exemplo?, perguntava Otilie, que era vaidosa e gostava mais de um elogio que de carne de porco ou de perfume. Você é bonita, Baby dizia, tem essa cor clara e adorável, os olhos quase azuis e um rosto tão doce, tão bonito — nenhuma moça daqui tem clientes tão antigos, e todos dispostos a lhe pagar toda a cerveja que você quiser. Otilie admitia que isso era verdade e, com um sorriso, continuava a somar sua fortuna: Tenho cinco vestidos de seda e um par de sapatos de cetim verde, tenho três dentes de ouro que valem trinta mil francos, e quem sabe não ganho mais um bracelete de ouro do sr. Jamison ou de outro qualquer. Mas sabe, Baby, ela suspirava e não sabia como expressar o desgosto.

Baby era sua melhor amiga; Otilie tinha outra amiga também: Rosita. Baby parecia uma roda, roliça e redonda; os anéis baratos que usava deixaram círculos esverdeados nos dedos gorduchos, os dentes eram escuros como tocos de árvore queimados, e, quando ela ria, os marinheiros a ouviam lá do mar, ao menos era o que diziam. Rosita, a outra amiga, era mais alta do que a maioria dos homens e mais forte também; à noite, com os clientes por perto, ela se requebrava, ceceando numa voz boba de boneca, mas de dia andava a passos ágeis e largos e falava com um vozeirão militar de barítono. As duas amigas de Otilie eram da República Dominicana, o que para elas já bastava para se considerarem um palmo acima dos nativos daquela terra de gente escura. Sabiam que Otilie era nativa, mas não se importavam. Você tem juízo, Baby lhe dizia, e a verdade é que Baby tinha um fraco por uma cabeça boa. Otilie vivia com medo de que as amigas descobrissem que não sabia ler nem escrever.

A casa onde moravam e trabalhavam mal parava em pé, era delgada como uma flecha de campanário e arrematada com frágeis balcões tomados pelas buganvílias. Muito embora não houvesse nenhuma placa na entrada, era conhecida como Champs Elysées. A proprietária, uma solteirona inválida e com jeito de asmática, dava ordens lá de cima, do quarto, onde se trancava para se embalar numa cadeira de balanço e tomar dez ou vinte Coca-Colas por dia. Feitas as contas, tinha oito damas trabalhando para ela; com exceção de Otilie, nenhuma com menos de trinta anos. À noite, quando se reuniam na varanda para conversar e abanar leques de papel que agitavam o ar como mariposas delirantes, Otilie parecia uma criança adorável e sonhadora, cercada pelas

irmãs mais velhas e feias.

A mãe morrera, o pai era um proprietário de terras que voltara para a França, e ela fora criada nas montanhas por uma família tosca de camponeses, cujos filhos, ainda meninos, tinham se deitado com ela em algum canto de relva e sombra. Três anos antes, aos catorze, viera pela primeira vez ao mercado de Porto Príncipe. Viajara por dois dias e uma noite, carregando um saco de cinco quilos de grãos; para aliviar o fardo, deixou cair um pouco dos grãos, depois mais um pouco. Quando chegou ao mercado, não havia sobrado quase nada. Otilie chorou ao pensar como a família ficaria furiosa quando ela voltasse sem o dinheiro; mas as lágrimas não duraram: um senhor alegre e simpático ajudou a secá-las. Comprou para ela uma fatia de coco e a levou para conhecer uma prima, a proprietária do Champs Elysées. Otilie mal podia acreditar na sorte; a música do jukebox, os sapatos de cetim e os homens brincalhões eram tão estranhos e maravilhosos quanto a lâmpada elétrica no quarto, que ela não cansava de acender e apagar. Logo se tornou a moça mais falada do lugar, a proprietária começou a cobrar o dobro pelos serviços dela; Otilie, vaidosa, posava horas inteiras diante de um espelho. Quase nunca pensava nas montanhas; mesmo assim, três anos depois, guardava consigo muita coisa de casa: os ventos das montanhas ainda pareciam soprar ao seu redor, ela ainda não amaciara as ancas duras e empinadas nem as solas dos pés, ásperas como couro de lagarto.

Quando as amigas falavam de amor, dos homens que haviam amado, Otilie se amuava: O que você sente quando está apaixonada?, perguntava. Ah, Rosita dizia com olhos desmaiados, parece que botaram pimenta no coração, parece que tem uns peixinhos nadando nas veias. Otilie balançava a cabeça; se Rosita estava dizendo a verdade, então ela nunca se apaixonara, pois jamais sentira algo assim por nenhum dos homens que vinham à casa.

Ficou tão perturbada com isso que afinal foi consultar um *houngan* que vivia nas colinas, um pouco acima da cidade. Ao contrário das amigas, Otilie não pregava santinhos nas paredes do quarto, nem acreditava em Deus; acreditava era em muitos deuses: da comida, da luz, da morte, da ruína. O *houngan* estava em contato com esses deuses; guardava-lhes os segredos no altar, ouvia suas vozes no chocalhar de uma cabaça, sabia destilar os poderes deles numa poção. Falando pelos deuses, o *houngan* lhe deu o seguinte conselho: tente pegar uma abelha selvagem, disse, e segurá-la na mão fechada... se a abelha não picar, é porque você encontrou o amor.

Na volta para casa, ela pensou no sr. Jamison. Era um homem de cinquenta e tantos anos, um americano que trabalhava num projeto de engenharia. Os braceletes de ouro que balançavam no seu punho eram presente dele, e então, passando por uma cerca esbranquiçada de madressilvas, Otilie se perguntou se, afinal de contas, não estaria apaixonada pelo sr. Jamison. Abelhas-pretas formavam uma grinalda em torno das madressilvas. Num golpe de mão

corajoso, capturou uma que se demorava. A ferroadada veio como uma pancada que a derrubou; e ela ficou ali, de joelhos, chorando até não saber mais se a abelha a picara na mão ou nos olhos.

Era março, e tudo se voltava para o Carnaval. No Champs Elysées, as damas costumavam suas fantasias; as mãos de Otilie, entretanto, permaneciam ociosas, pois ela decidira não vestir nenhuma fantasia. Nos fins de semana de folia, quando os tambores soavam à luz da lua, sentava-se junto à janela e observava, distraidamente, as bandinhas de cantores dançando e batucando rua a fora; ouvia os assobios e as risadas, e não sentia vontade alguma de participar. Parece até que você tem mil anos de idade, Baby disse; e Rosita: Otilie, por que não vem conosco ver a briga de galos?

Não era uma briga de galos qualquer. De todas as partes da ilha, chegavam competidores com suas aves mais ferozes. Otilie achou que talvez também devesse ir e pendurou um par de pérolas nas orelhas. Quando chegaram, o festival já começara; numa grande tenda, um oceano de gente suspirava e berrava, enquanto uma segunda multidão — a dos que não haviam conseguido entrar — tomava os arredores. Entrar não foi problema para as damas do Champs Elysées: um amigo policial abriu caminho e arranjou lugar para elas num banco junto à arena. Os camponeses ao redor ficaram constrangidos ao se ver em companhia tão elegante. Espiavam timidamente as unhas pintadas de Baby, os pentes com brilhantes falsos no cabelo de Rosita, o brilho das pérolas de Otilie. Mas os combates eram empolgantes, e as damas logo foram deixadas de lado; Baby se incomodou com o fato e correu a vista ao redor, à procura de olhares na direção delas. De repente, sacudiu Otilie. Otilie, disse, você arrumou um admirador: está vendo aquele rapaz ali? Ele não tira o olho daqui, como se você fosse uma boa bebida.

De início, Otilie pensou que se tratasse de algum conhecido, pois olhava para ela como se a reconhecesse; mas, como ela poderia conhecê-lo, se jamais vira ninguém tão bonito, de pernas tão longas e orelhas tão pequenas? Logo se via que era das montanhas: o chapéu de palha interiorano e o azul desbotado da camisa de pano grosso lhe eram familiares. Era um mulato claro de pele lustrosa como limão e macia como folha de goiabeira, a cabeça empertigada com tanta arrogância quanto a ave negra e escarlate que ele segurava. Otilie estava acostumada a sorrir com ousadia para os homens; mas agora seu sorriso parecia fragmentado, agarrado aos lábios como o migalhas de bolo.

Finalmente chegou a hora do intervalo. A arena foi desocupada, e quem pôde se apinhou para dançar e sapatear ao som de uma orquestra de tambores e de instrumentos de corda, que tocava canções de Carnaval. Foi então que o rapaz se aproximou de Otilie; e ela riu ao vê-lo com o galo empoleirado no ombro

feito um papagaio. Vá embora, Baby disse, achando o cúmulo que um camponês fosse pedir para dançar com Otilie, e Rosita se ergueu ameaçadoramente, pronta a se postar entre o rapaz e a amiga. Ele apenas sorriu e disse: Por favor, madame, eu gostaria de falar com a sua filha. Otilie sentiu os pés longe do chão, os lábios tocando os dele ao ritmo da música, e não se importou nadinha, deixou que ele a conduzisse para o rebuliço dos dançarinos. Rosita disse: Você ouviu isso? Ele pensou que eu fosse a mãe dela! E Baby, carrancuda, disse, para consolar a outra: Afinal de contas, o que você esperava? São uns selvagens, os dois; quando ela voltar, vamos fingir que nem a conhecemos.

As coisas tomaram outro rumo, Otilie nem voltou para as amigas. Royal — o nome do rapaz era Royal Bonaparte — disse a ela que na verdade não queria dançar. Vamos passear num lugar tranquilo? Segure minha mão, confie em mim. Ela o achou estranho, mas não se sentiu estranha a seu lado, pois as montanhas ainda estavam com ela, e ele era das montanhas. De mãos dadas, com o galo iridescente empoaleirado no ombro de Royal, eles deixaram a tenda e caminharam sem pressa por uma estrada esbranquiçada e depois por uma alameda amena, onde pássaros solares esvoaçavam pelo verde das acácias arqueadas.

Tenho andado triste, ele disse, ainda que não parecesse triste. Lá na aldeia, Juno é o campeão, mas os galos daqui são fortes, feiosos, e, se eu deixar Juno brigar com eles, vou ganhar apenas um Juno morto. Prefiro levá-lo vivo para casa e inventar que ele venceu. Otilie, você não quer uma pitada de rapé?

Ela espirrou com volúpia. O rapé a fazia lembrar da infância, e, por mais miseráveis que tivessem sido aqueles anos, a nostalgia veio de longe tocá-la com sua varinha. Royal, ela disse, pare um instante, quero tirar os sapatos.

Royal não tinha sapatos; os pés dourados eram magros e bem-feitos, as pegadas que deixavam pareciam o rastro de um animal delicado. Ele disse: Como é que você veio parar aqui, logo aqui, onde nada é bom, onde o rum é ruim e todo mundo é ladrão? Como é que você veio parar aqui, Otilie?

Cada um tem de abrir seu caminho, você também, e aqui tenho um lugar para ficar. Eu trabalho num, bem, numa espécie de hotel.

Nós temos nossa própria casa, ele disse. Toda a encosta de uma colina e, no alto dessa colina, uma casa bem fresca. Você não quer vir conhecer, Otilie?

Maluco, Otilie disse, provocando-o, maluco, e saiu correndo por entre as árvores, e ele atrás dela, de braços abertos, como se segurasse uma rede. Juno abriu as asas, cantou, pulou para o chão. As folhas rugosas e o pelame do musgo faziam cócegas nos pés de Otilie, que saltitava de sombra em sombra; de repente, metendo-se sob o véu de uma samambaia silvestre, caiu com um espinho enterrado no calcanhar. Fez uma careta quando Royal puxou o espinho; o rapaz beijou o lugar machucado, seus lábios subiram para as mãos, para a garganta dela, e parecia que ela estava entre folhas esvoaçantes. Ela inspirou o

cheiro dele, o odor escuro e límpido que parecia o da raiz das coisas, dos gerânios, das grandes árvores.

Agora basta, ela suplicou, muito embora não achasse que fosse o caso, mas, depois de uma hora com ele, sentia que o coração não agüentava mais. Ele ficou quieto, os cabelos emaranhados sobre o coração de Otilie, enquanto ela dizia xô para os mosquitos que vinham pousar nos olhos sonolentos dele, xô, disse para Juno, que desfilava ao redor, cantando para o céu.

Deitada ali, viu suas velhas inimigas, as abelhas. Silenciosamente, andando em fila como formigas, elas se arrastavam para dentro e para fora de um toco de árvore rachado, não muito longe dali. Otilie se livrou dos braços de Royal e ajeitou um lugar no chão para acomodar a cabeça dele. Sua mão tremia quando ela interrompeu o caminho das abelhas; a primeira da fila logo escorregou para a palma e, quando Otilie fechou os dedos, nem tentou picá-la. A moça contou até dez, só para ter certeza, depois abriu a mão, e a abelha levantou vôo numa espiral, zumbindo alegremente.

A proprietária deu um conselho a Baby e a Rosita: deixem a menina em paz, deixem-na ir, algumas semanas e ela estará de volta. A proprietária falava com a calma da derrota: para manter Otilie na casa, oferecera o melhor quarto, mais um dente de ouro, uma Kodak, um ventilador elétrico, mas Otilie nem hesitara, simplesmente continuara a guardar seus pertences numa caixa de papelão. Baby tentou ajudar, mas chorava tanto que Otilie precisou detê-la: aquilo só poderia dar azar, aquelas lágrimas todas caindo em cima das coisas da noiva. E, para Rosita, ela disse: Rosita, fique feliz por mim em vez de ficar aí, torcendo as mãos.

Meros dois dias depois da rinha, Royal pôs no ombro a caixa de papelão de Otilie e caminhou com ela na penumbra, rumo às montanhas. Quando souberam que ela não estava mais no Champs Elysées, vários clientes foram cuidar da vida em outro lugar; outros, apesar de leais à velha casa, reclamaram de certo desalento na atmosfera: algumas noites, mal havia quem pagasse uma rodada de cerveja para as damas. Aos poucos, ficou evidente que Otilie não voltaria mais; depois de seis meses, a proprietária disse: Ela deve ter morrido.

A casa de Royal parecia uma casa de flores; glicínias cobriam o telhado, uma cortina de trepadeiras fazia sombra nas janelas, lírios floresciam junto à porta. Das janelas, viam-se débeis e longínquos lampejos do mar, pois a casa ficava no alto de uma colina; o sol ardia forte, mas a sombra era fresca. Por dentro, a casa era escura e arejada, as paredes farfalhavam, cobertas de papel-jornal verde e rosa. No cômodo único havia um forno, um espelho trêmulo sobre uma mesa de mármore e uma cama de metal, grande o bastante para três homens gordos.

Mas Otilie não dormia na cama grande. Não podia nem sentar nela, que era propriedade da avó de Royal, a Velha Bonaparte. Criatura balofa e tisonada, com as pernas arqueadas de um anão e a calva de um abutre, a Velha Bonaparte era uma feiticeira respeitadíssima por muitos quilômetros ao redor. Muita gente fugia até da sua sombra; até mesmo Royal se esquivava dela, e gaguejou ao lhe contar que trouxera uma esposa para casa. Puxando Otilie para si, a velha a machucou aqui e ali com beliscões maldosos e informou ao neto que a noiva era magricela demais: Vai morrer do primeiro filho.

Toda noite, os dois jovens só faziam amor quando achavam que a Velha Bonaparte já dormira. Às vezes, estendida na esteira de palha à luz da lua, Otilie tinha certeza de que a velhota estava acordada e à espreita. Uma vez ela vislumbrou um olho viscoso e arregalado brilhando no escuro. Não valia a pena reclamar com Royal, ele apenas ria: Que mal faz uma mulher que já viu tanta coisa na vida querer ver um pouquinho mais?

Uma vez que amava Royal, Otilie deixava as queixas de lado e tentava não se importar com a velha. Foi feliz por um bom tempo; não sentia saudade das amigas de Porto Príncipe; mesmo assim, guardava com carinho as lembranças daqueles dias; com a cestinha de costura que Baby lhe dera de presente de casamento, remendava os vestidos de seda, as meias de seda verde que não usava mais, já que não havia onde usá-las: só os homens se reuniam no café da vila, para as brigas de galo. Quando queriam se ver, as mulheres se encontravam no riacho onde lavavam roupa. Mas Otilie andava ocupada demais para se sentir solitária. Ao nascer do sol, recolhia folhas de eucalipto para acender o fogo e preparar a comida; havia galinhas para alimentar, uma cabra para ordenhar, havia a Velha Bonaparte choramingando por atenção. Três ou quatro vezes por dia, ela enchia um balde de água de beber e o levava para Royal, que trabalhava nos campos de cana-de-açúcar, a um quilômetro e meio da casa. Otilie não se importava que, durante essas visitas, ele a tratasse com rispidez: sabia que ele estava apenas se mostrando para os outros homens que trabalhavam nos campos e se abriam em sorrisos para ela como melancias rachadas. Mas à noite, em casa, puxava as orelhas dele e fazia beicinho, dizendo que era tratada feito cachorro, até que, no escuro do quintal, onde os vaga-lumes flamejavam, Royal a abraçava e sussurrava alguma coisa para fazê-la sorrir.

Estavam casados havia cinco meses quando Royal recomeçou a fazer o que fazia antes do casamento. Os outros homens passavam a noite no café, ficavam domingos inteiros nas rinhas — ele não entendia por que Otilie reclamava tanto; mas ela dizia que ele não tinha o direito de se comportar daquele jeito e que, se a amasse, não a deixaria sozinha, dia e noite, com aquela velha maldosa. Eu te amo, ele dizia, mas um homem precisa ter lá seus prazeres. Havia noites em que ele farreava até que a lua estivesse a meio caminho no céu; Otilie nunca sabia quando ele iria chegar e se agitava na esteira, incapaz de

dormir sem os braços dele em torno do corpo.

Mas o verdadeiro tormento dela era a Velha Bonaparte, que estava a ponto de tirá-la do sério. Quando Otilie cozinhava, a terrível velhota não deixava de rondar o fogão, e, quando não gostava do que havia para comer, dava uma bocada e cuspiu tudo no chão. Aprontava toda confusão que lhe passava pela cabeça: molhava a cama, teimava em trazer a cabra para dentro de casa, derrubava e quebrava tudo em que mexia, e dizia a Royal que uma mulher que não sabe manter a casa em ordem para o marido não vale nada. Estorvava o dia inteiro, seus olhos vermelhos e implacáveis quase nunca se fechavam; mas o pior de tudo, a coisa que levou Otilie a ameaçar a velhota de morte, era o hábito de, surgindo do nada, beliscá-la com toda a força, até deixar as marcas das unhas na pele. Faça isso de novo, só mais uma vez, e eu pego essa faca e lhe arranco o coração! A Velha Bonaparte viu que Otilie não falava da boca para fora, mas, mesmo parando com os beliscões, inventou outras brincadeiras: por exemplo, fazia questão de caminhar numa certa parte do quintal, fingindo não saber que Otilie tinha plantado uma pequena horta bem ali.

Certo dia, aconteceram duas coisas fora do comum. Um rapaz trouxe da vila uma carta para Otilie; de vez em quando, chegavam ao Champs Elysées cartões-postais de marinheiros e de outros viajantes que haviam passado bons momentos com ela, mas aquela era a primeira carta que a moça recebia na vida. Como Otilie não sabia ler, seu primeiro impulso foi rasgar a carta: não valia a pena ficar com ela em casa para atormentá-la. Mas é claro que talvez, algum dia, aprendesse a ler; de modo que decidiu guardá-la na cestinha de costura.

Quando abriu a cestinha, fez uma descoberta sinistra: ali estava, como um novelo horrível, a cabeça decepada de um gato dourado. A velha miserável tinha feito mais uma das suas! É um feitiço, pensou, nem um pouco assustada. Levantando cuidadosamente a cabeça do gato por uma das orelhas, Otilie a levou até o fogão e a jogou numa panela borbulhante: na hora do almoço, a Velha Bonaparte lambeu os beiços e comentou que a sopa de Otilie estava surpreendentemente saborosa.

Na manhã seguinte, bem a tempo para o almoço, Otilie encontrou, enrodilhando-se na cestinha, uma cobra-verde; picou-a até virar pó e com ela polvilhou um prato de guisado. A cada dia, seu engenho enfrentava um teste: aranhas para assar, lagarto para fritar, peito de abutre para cozinhar. A Velha Bonaparte comia várias porções de cada um desses pratos. Com um brilho incansável, seus olhos seguiam Otilie, esperando algum sinal de que o feitiço fazia efeito. Você não está com a cara boa, Otilie, ela dizia, misturando melação ao vinagre da voz. Está comendo feito uma formiga: olhe aqui, por que não toma uma tigela desta sopa deliciosa?

Porque, Otilie respondeu, eu não gosto de abutre na minha sopa, nem de



aranha no meu pão, nem de cobra no guisado. Não tenho o menor apetite por essas coisas.

A Velha Bonaparte entendeu; com as veias inchadas e a língua paralisada, impotente, ergueu-se, trêmula, para logo tombar sobre a mesa. Antes que a noite caísse, tinha morrido.

Royal chamou gente para carpir a morte da velha. As pessoas chegaram da vila, dos morros ao redor, e, uivando como cães à meia-noite, sitiaram a casa. As velhas batiam a cabeça contra as paredes, os homens se prostravam aos gemidos: era a arte do luto, e os que melhor arremedavam o pesar eram muito admirados. Depois do funeral, foram todos embora, contentes com o serviço bem-feito.

Agora a casa pertencia a Otilie. Sem o estorvo da Velha Bonaparte, sem a sujeira da velhota para limpar, tinha mais tempo livre, mas não sabia o que fazer. Esparramava-se na cama de metal, desperdiçava tempo diante do espelho; a monotonia soprava na sua cabeça, e, para espantar esse zumbido de moscas, ela cantarolava as canções que aprendera com o jukebox do Champs Elysées. Esperando à tardinha por Royal, lembrava que, a essa hora, as amigas de Porto Príncipe fofocavam na varanda e ansiavam pelos faróis de algum carro; mas, quando via Royal marchando vereda acima, o facão de cortar cana balançando ao lado dele como uma lua crescente, esquecia esses pensamentos e corria de coração aberto ao seu encontro.

Uma noite, quando os dois modorravam na cama, Otilie sentiu outra presença no cômodo. Então, luzindo bem ao pé da cama, ela viu, como vira antes, um olho alerta; foi assim que teve certeza do que já suspeitava: a Velha Bonaparte morrera mas não se fora. Certa ocasião, sozinha em casa, ouvira uma risada, e outra vez vira a cabra olhando fixamente para alguém que não estava ali, abanando as orelhas do jeito que fazia quando a velha coçava a sua cabeça.

Pare de chacoalhar a cama, Royal disse; e Otilie, apontando para o olho, perguntou-lhe num sussurro se não estava vendo aquilo. Quando ele respondeu que ela devia estar sonhando, Otilie tentou tocar o tal olho, e soltou um grito ao dar apenas com o vazio. Royal acendeu um lampião; aconchegou Otilie no colo e alisou seus cabelos, enquanto ela contava sobre suas descobertas na cestinha de costura e o que tinha feito com elas. Fizera mal? Royal não sabia ao certo, não cabia a ele dizer, mas achava que ela precisava ser punida. Mas por quê? Porque a velha queria, porque de outro modo jamais deixaria Otilie em paz: é assim que são as assombrações.

Na manhã seguinte, por conta disso, Royal foi buscar uma corda e propôs amarrar Otilie a uma árvore no quintal: ela ficaria lá até o anoitecer, sem comida nem água, e todos que passassem saberiam que estava em desgraça.

Mas Otilie rastejou para debaixo da cama e se recusou a sair. Eu vou fugir, choramingava. Royal, se você tentar me amarrar naquela árvore velha, eu

fujo.

Então vou ter de ir atrás de você, Royal disse, e aí vai ser bem pior.

Ele a agarrou por um tornozelo e a arrastou aos berros para longe da cama. Dali até o quintal, ela foi se segurando no que conseguia: na porta, numa trepadeira, na cabra, mas nada a reteve, e Royal não esmoreceu até amarrá-la à árvore. Deu três nós na corda e saiu para trabalhar, sugando a mão que Ottilie mordera. Ela gritou todos os palavrões que já ouvira até que ele sumiu morro abaixo. A cabra, Juno e as galinhas se juntaram para contemplar a humilhação de Ottilie, que, escorregando para o solo, mostrou a língua para eles.

Como estava quase adormecida, Ottilie pensou que sonhava quando, na companhia de um menino da vila, Baby e Rosita, vacilando em cima dos saltos altos e segurando sombrinhas da moda, cambalearam vereda acima, gritando o nome dela. Já que eram personagens de um sonho, provavelmente não ficariam surpresas ao vê-la amarrada a uma árvore.

Meu Deus, você ficou maluca?, Baby berrou, mantendo-se à distância, como se temesse que aquilo fosse verdade. Fale conosco, Ottilie!

Piscando os olhos e rindo, Ottilie exclamou: Como estou feliz de ver vocês! Rosita, me faça um favor: me desamarre para que eu possa abraçar as duas.

Então é isso que aquele bruto faz, Rosita disse, enquanto puxava as cordas. Se eu pegar esse homem batendo em você, amarrando-a no quintal feito um cachorro...

Ah, não, Ottilie disse. Royal nunca bateu em mim. Acontece que hoje estou sendo punida.

Nós bem que avisamos, Baby disse. Agora veja só no que deu. Esse sujeito vai ter de se explicar, acrescentou, brandindo a sombrinha.

Ottilie abraçou e beijou as amigas. A casa não é bonita?, perguntou, levando-as para dentro. Parece até que pegaram uma carreta de flores para construir a casa, é o que eu acho. Saiam do sol. Lá dentro é mais fresco e tem um cheiro delicioso.

Rosita fungou, como se o cheiro não tivesse nada de delicioso, e, com sua voz de poço fundo, declarou que, sim, era melhor saírem do sol, que pelo jeito ele estava afetando a cabeça de Ottilie.

Foi por graça divina que viemos, Baby disse, enquanto remexia numa bolsa enorme. E agradeça ao sr. Jamison. Madame disse que você estava morta, e, como você não respondia a nenhuma carta, achamos que estava mesmo. Mas esse sr. Jamison é o homem mais adorável que já se viu, alugou um carro para estas suas amigas queridas, para que pudéssemos vir até aqui e descobrir o que tinha acontecido com a nossa Ottilie. Ottilie, tenho uma garrafa de rum aqui na bolsa, arranje um copo e vamos beber.

Os trejeitos elegantes e o aparato vistoso das mulheres da cidade haviam inebriado o guia, um menino cujos olhos esbugalhados se reviravam à janela.

Otilie ficou impressionada também, pois fazia muito tempo que não via bocas pintadas nem sentia cheiro de perfume, e, enquanto Baby servia o rum, foi buscar os sapatos de cetim e os brincos de pérola. Querida, Rosita disse quando Otilie acabou de se vestir, não há homem no mundo que não lhe pague um barril inteiro de cerveja. Só de pensar numa coisinha linda feito você, sofrendo tão longe de quem lhe quer bem!

Não sofro tanto assim, Otilie disse. Só de vez em quando.

Deixe para lá, Baby disse. Não precisa falar disso agora. Pronto, já acabou. Venha aqui, querida, passe esse copo para cá. Um brinde aos velhos tempos e aos que estão por vir! Hoje à noite, o sr. Jamison vai pagar champanhe para todo mundo: madame vai fazer pela metade do preço.

Ah, Otilie disse, invejando as amigas. Mas afinal, quis saber, alguém ainda se lembrava dela? O que diziam?

Otilie, você não faz idéia, Baby disse; aparecem homens que ninguém nunca viu, perguntando onde está Otilie, porque ouviram falar de você em Havana ou em Miami. E o sr. Jamison nem olha para nós, ele senta na varanda e bebe sozinho.

Sei, Otilie disse, pensativa. Ele sempre foi muito delicado comigo, o sr. Jamison.

A essa hora, o sol vinha declinando, e só restara um quarto da garrafa de rum. Uma pancada de chuva havia encharcado os morros, que agora, vistos da janela, tremeluziam como asas de libélula, e uma brisa saturada do perfume das flores molhadas entrou pelo quarto, agitando o papel verde e rosa das paredes. Contaram-se muitas histórias, algumas divertidas, outras tristes; feito a conversa de toda noite no Champs Ely sées, e Otilie estava feliz por tomar parte daquilo de novo.

Mas está ficando tarde, Baby disse. E prometemos voltar antes da meia-noite. Otilie, podemos ajudar com suas coisas?

Embora ela não tivesse percebido que as amigas esperavam que partisse com elas, o rum que vinha subindo fez parecer plausível aquela suposição, e Otilie sorriu, pensativa: Eu disse a ele que iria fugir. Mas, declarou em voz alta, não vou ter nem uma semana para me divertir, Royal vai descer na hora para me buscar.

As amigas riram dela. Você é tão boba, Baby disse. Eu só queria ver esse Royal depois que nossos rapazes dessem um jeito nele.

Não quero saber de ninguém machucando Royal, Otilie disse. Além do mais, ele ficaria ainda mais furioso quando voltássemos para casa.

Baby respondeu: Mas, Otilie, você não precisa voltar com ele.

Otilie deu uma risadinha e olhou ao redor do quarto como se visse algo que fosse invisível para as amigas. Ora, é claro que eu voltaria, disse.

Girando os olhos, Baby sacou um leque e o agitou diante do rosto. É a coisa

mais maluca que já ouvi, disse, com os lábios retesados. Não é a coisa mais maluca que você já ouviu, Rosita?

É que Otilie já passou por tantas!, Rosita respondeu. Querida, por que não se deita na cama enquanto pegamos suas coisas?

Otilie observava as duas, que começavam a empilhar seus pertences. Juntaram os pentes e as presilhas, enrolaram as meias de seda. Ela tirou suas belas roupas, como se quisesse vestir alguma coisa mais elegante; em vez disso, meteu-se de novo no vestido surrado; em seguida, trabalhando em silêncio e como se ajudasse as amigas, pôs tudo de volta no lugar. Baby sapateou quando percebeu o que estava acontecendo.

Escute, Otilie disse. Se você e Rosita são minhas amigas, façam o que vou dizer: me amarrem de novo na árvore, do jeito que eu estava quando vocês chegaram. Assim, nenhuma abelha vai me picar.

Está bêbada de cair, Baby concluiu; mas Rosita mandou-a calar a boca. Eu acho, Rosita disse num suspiro, eu acho que Otilie está apaixonada. Se Royal viesse atrás dela, ela voltaria para ele, e, assim, as duas ganhavam mais indo logo para casa e dizendo que madame estava certa, que Otilie morrera.

Isso mesmo, Otilie disse, gostando do drama. Digam a todo mundo que morri.

E, com isso, foram para o quintal; ali, com os seios palpitações e os olhos mais redondos que a lua diurna singrando os céus, Baby disse que não queria nem saber de amarrar Otilie à árvore, e Rosita fez tudo sozinha. Na hora de ir embora, foi Otilie quem mais chorou, embora estivesse feliz de vê-las partir, pois sabia que, tão logo se fossem, não pensaria mais nelas. Cambaleando nos saltos altos pelos declives da vereda, as duas se voltaram para acenar, mas Otilie não tinha como devolver o adeus, de modo que as esqueceu antes mesmo de perdê-las de vista.

Mascando folhas de eucalipto para adoçar o hálito, ela sentiu o friozinho do entardecer crispando o ar. A lua se tingiu de um amarelo mais profundo, as galinhas esvoaçaram para se empoleirar no escuro da árvore. Subitamente, ouvindo Royal na vereda, ela escarranchou as pernas, deixou cair o pescoço e revirou os olhos. Vista de longe, Otilie parecia ter chegado a um fim violento e miserável; e, ouvindo os passos de Royal se apressarem numa corrida, ela pensou, feliz consigo mesma: Ele vai levar um belo susto.

[1951]

*Tradução de Samuel Titan Jr.*

## Memória de Natal

Imagine certa manhã em fins de novembro. Certa manhã num começo de inverno há mais de vinte anos. Tenha em mente a cozinha de uma velha casa espaçosa numa cidade de interior. A peça principal é um belo fogão preto; mas também há uma grande mesa redonda e uma lareira com duas cadeiras de balanço em frente. Hoje mesmo a lareira deu início ao seu rugido sazonal.

Uma mulher de cabelos brancos e tosados está postada diante da janela da cozinha. Usa um par de tênis e um suéter cinza disforme sobre um vestido leve de chita. É baixinha e vivaz como uma galinha garnisé; mas, por conta de uma longa doença na juventude, tem os ombros lamentavelmente arqueados. O rosto é notável — lembra o de Lincoln, marcado como o dele e tingido pelo sol e pelo vento; mas também é delicado, bem desenhado, e os olhos são tímidos e cor de xerez. “Ah”, exclama, o hálito embaçando a vidraça, “é tempo de bolo de frutas!”

Está falando comigo. Tenho sete anos; ela tem sessenta e tantos. Somos primos bem distantes e vivemos juntos — pelo menos, desde quando me lembro. Outras pessoas, nossos parentes, moram na casa; e, muito embora tenham poder sobre nós e volta e meia nos façam chorar, em geral não damos muita atenção a elas. Somos o melhor amigo um do outro. Ela me chama de Buddy, em consideração a um menino que foi seu melhor amigo em outros tempos. O outro Buddy morreu lá pela década de 1880, quando ela ainda era uma criança. Ela ainda é uma criança.

“Eu sabia antes de levantar”, ela diz, dando as costas à janela com um alvoroço decidido nos olhos. “O sino da prefeitura soou tão frio e claro. E não havia nenhum passarinho cantando; já foram para algum lugar mais quente, foram, sim. Ah, Buddy, pare de se empanturrar de biscoito e vá buscar a carreta. Veja se encontra o meu chapéu. Temos de assar trinta bolos.”

É sempre a mesma história: chega uma certa manhã de novembro, e minha amiga, como se inaugurasse oficialmente a temporada de Natal que lhe anima a fantasia e aquece o coração, anuncia: “É tempo de bolo de frutas! Vá buscar a carreta! Veja se encontra o meu chapéu”.

O chapéu é encontrado, um chapéu redondo de palha, enfeitado com rosas de veludo desbotadas; já pertenceu a uma parenta mais elegante. Juntos, conduzimos nossa carreta, um carrinho de bebê caindo aos pedaços, para o jardim e para um arvoredo de nogueiras-pecãs. A carreta é minha, quer dizer,

foi comprada para mim quando nasci. É feita de vime, está um tanto surrada, e as rodas cambaleiam como as pernas de um bêbado. Mas é um objeto leal; na primavera, nós a levamos aos bosques e a enchemos de flores, arbustos e samambaias selvagens para os vasos da varanda; no verão, a entulhamos com a parafernália de piquenique e as varas de cana e descemos até a beira de um riacho; ela também tem serventia no inverno: como caçamba para carrear lenha do quintal para a cozinha, como cama quente para Queenie, a corajosa terrier branca e laranja que caça ratos e sobreviveu ao mau humor alheio e a duas mordidas de cascavel. Neste momento, Queenie vem trotando ao lado dela.

Três horas depois, estamos de volta à cozinha, descascando um vultoso carregamento de peçãs derrubadas pelo vento. Nossas costas doem de tanto nos agacharmos para catá-las: foi difícil encontrá-las (o grosso da safra tinha sido chacoalhado das árvores e vendido pelos donos do pomar, que não somos nós), escondidas no meio das folhas, da grama enregelada e traíçoeira. Craaaque! Um rangido jovial, estalos de trovão em miniatura ressoam quando as cascas se rompem, e vai crescendo o montículo de polpa doce, oleosa e esbranquiçada na tigela opalina. Queenie quer provar, e de tanto em tanto minha amiga surrupia um pedacinho, sempre comentando a falta que esse pouco vai fazer. “Não pode, Buddy. Se a gente começar, não pára mais. E o que tem mal dá para o começo. São trinta bolos.” A cozinha começa a escurecer. A penumbra transforma a janela em espelho: nossos reflexos se misturam à lua nascente, enquanto trabalhamos à luz da lareira. Por fim, quando a lua já vai alta, jogamos no fogo a última casca e suspiramos ao vê-la queimar. A carreta está vazia, a tigela está cheia até a borda.

Jantamos (biscoitos, bacon, geléia de amora-preta) e falamos do dia seguinte. Começa nesse dia o trabalho de que mais gosto: as compras. Cerejas e cidras, gengibre, baunilha e abacaxi em lata, frutas caramelizadas, uvas-passas e nozes e uísque e, ah, tanta farinha e manteiga, tantos ovos, especiarias, essências; desse jeito, vamos precisar de um pônei para puxar a carreta.

Mas, antes que as compras possam ser feitas, há a questão do dinheiro. Nós dois não temos nenhum. Exceto pelas ninharias sovinas que as pessoas da casa nos dão (dez centavos são considerados uma dinheirama); ou pelo que nós mesmos arrecadamos em várias atividades: montando um bazar de velharias, vendendo baldes de amoras-pretas catadas uma a uma, potes de geléia caseira, gelatina de maçã e compota de pêssgo, colhendo flores para funerais e casamentos. Uma vez, ficamos com o septuagésimo nono prêmio, cinco dólares, de um concurso nacional de futebol. Não entendemos nada de futebol. É que simplesmente entramos em todo concurso de que ouvimos falar: no momento, nossas esperanças recaem no grande prêmio de cinquenta mil dólares oferecido a quem der o melhor nome a uma nova marca de café (sugerimos “am”, e, depois de alguma hesitação, pois minha amiga pensou que talvez isso fosse

sacrilego, acrescentamos o slogan “am! Amém!”). Para dizer a verdade, nosso único empreendimento *realmente* lucrativo foi o Museu de Monstros e Milagres, que montamos num telheiro do quintal, dois verões atrás. Os Milagres eram um estereoscópio com cromos de panoramas de Washington e de Nova York, cedidos por uma parenta que estivera nesses lugares (ela ficou furiosa ao descobrir por que tínhamos pedido os cromos emprestados); os Monstros se resumiam a um pintinho de três patas, chocado por uma de nossas galinhas. Todo mundo nas redondezas queria ver o pintinho: cobrávamos cinco centavos dos adultos e dois das crianças. E embolsamos uns bons vinte dólares antes que o museu fechasse em virtude do falecimento de sua atração principal.

Mas, de um modo ou de outro, todo ano fazemos nossas economias de Natal, nosso Fundo Bolo de Frutas. Mantemos esse dinheiro escondido numa velha bolsa de contas guardada embaixo de uma tábua solta do piso embaixo do penico embaixo da cama da minha amiga. A bolsa raramente é removida desse lugar seguro, exceto quando fazemos um depósito ou, como acontece todo sábado, um saque; pois aos sábados tenho direito a dez centavos para ir ao cinema. Minha amiga nunca foi ao cinema, nem pretende: “Prefiro ouvir você contar a história, Buddy. Assim posso imaginar mais. Além disso, uma pessoa da minha idade precisa economizar a vista. Quando o Senhor chegar, quero ver tudo direitinho”. Além de jamais ter visto um filme, ela jamais: comeu num restaurante, viajou além de oito quilômetros da casa, recebeu ou enviou um telegrama, leu nada diferente dos quadrinhos ou da Bíblia, usou maquiagem, praguejou, desejou mal a ninguém, mentiu de caso pensado, deixou um cão faminto continuar com fome. E aqui vão algumas coisas que ela fez e faz: matou com uma enxada a maior cascavel (com dezesseis guizos) que já se viu no condado, cheira rapé (em segredo), domestica beija-flores (tente fazer isso) até que venham pousar num dedo, conta histórias de fantasmas (nós dois acreditamos em fantasmas) de dar calafrios no meio do verão, fala sozinha, passeia na chuva, cultiva as camélias mais bonitas das redondezas, sabe a receita de todo tipo de antigas poções indígenas, até mesmo a de um mágico removedor de verrugas.

Agora, terminado o jantar, vamos nos retirar para o quarto, que fica bem nos fundos da casa; é lá que minha amiga dorme, numa cama de metal pintada de rosa, que é sua cor preferida, e coberta por uma colcha de retalhos. Silenciosamente, chafurdando nos prazeres da conspiração, tiramos a bolsa de contas do esconderijo e espalhamos o conteúdo dela sobre a colcha de retalhos. Notas de um dólar, bem enroladas e verdes como brotos de primavera. Moedas sombrias de cinquenta centavos, pesadas o bastante para fechar os olhos de um morto. Lindas moedas de dez, as mais alegres, as únicas que tilintam de verdade. Moedas de cinco e de vinte e cinco, lisas como pedras de córrego. Mas, na maior parte, um monte odioso de centavos azedos. No verão passado, as demais pessoas

da casa nos ofereceram um centavo a cada vinte e cinco moscas mortas. Ah, a matança de agosto: as moscas que subiram aos céus! Mas não foi um trabalho que nos desse orgulho. E agora, contando os centavos, é como se novamente contabilizássemos moscas mortas. Nenhum de nós é bom de números; contamos devagar, nos perdemos, recomeçamos. Segundo os cálculos dela, temos doze dólares e setenta e três centavos; segundo os meus, exatamente treze dólares. “Espero que você esteja errado, Buddy. Não se brinca com o número 13. Os bolos vão murchar. Ou alguém vai parar no cemitério. Meu Deus, por nada deste mundo eu sairia da cama num dia 13.” É verdade: ela sempre passa o dia 13 na cama. Assim, por via das dúvidas, subtraímos um centavo e o jogamos pela janela.

Dos ingredientes para o bolo de frutas, o uísque é o mais caro e também o mais difícil de conseguir: as leis estaduais proíbem sua venda. Mas todo mundo sabe que se pode comprar uma garrafa do sr. Haha Jones. E, no dia seguinte, tendo concluído nossas compras mais prosaicas, seguimos para o endereço comercial do sr. Haha, um café “pecaminoso” (para citar a opinião pública), onde se dança e se come peixe frito, perto do rio. Já estivemos lá, e na mesma missão; mas, nos anos anteriores, fizemos negócio com a mulher de Haha, uma índia de pele escura feito iodo, cabelos descaradamente oxigenados e aparência exausta. Na verdade, jamais vimos o marido, mas ouvimos dizer que é índio também. Um gigante com cicatrizes de navalha no rosto. É chamado de Haha por ser um homem soturno, que nunca ri. À medida que nos aproximamos do café (uma grande cabana de troncos, enfeitada por dentro e por fora com grinaldas feitas de lâmpadas berrantes, junto à margem enlameada do rio, à sombra de árvores carregadas de um musgo que toma conta dos galhos como uma neblina escura), nossos passos se tornam mais lentos. Até mesmo Queenie pára de saracotear e segue ao nosso lado. Houve gente que morreu no café de Haha. Cortada em pedaços. Um golpe na cabeça. Há um caso que vai para o tribunal na semana que vem. É claro que esses acontecimentos se dão à noite, quando as luzes coloridas projetam sombras fantasiosas e a vitrola geme. Durante o dia, o café de Haha parece derreado e deserto. Bato na porta, Queenie late, minha amiga chama: “Dona Haha? Senhora? Alguém em casa?”.

Passos. A porta se abre. Nossos corações se viram pelo avesso. É o sr. Haha Jones em pessoa! E ele é um gigante; *tem* cicatrizes, e *não* ri. Não, ele nos encara com olhos satanicamente revirados e exige saber: “O que vocês querem com Haha?”.

Por um instante, ficamos paralisados demais para responder. Mas logo minha amiga meio que recobra a voz, ao menos uma voz sussurrante: “Por favor, sr. Haha, gostaríamos de comprar um litro do seu melhor uísque”.

Os olhos do índio reviram ainda mais. Quem diria? Haha está sorrindo! Rindo mesmo. “E qual de vocês é o bebum?”



“É para fazer bolo de frutas, sr. Haha. É para cozinhar.”

Ele volta a ficar sério. Franze a testa. “Isso não é jeito de gastar uísque bom.” Mesmo assim, recua para o café sombrio e, segundos mais tarde, reaparece com uma garrafa de bebida sem rótulo, amarelo-margarida. Exibe o brilho à luz do sol e diz: “Dois dólares”.

Pagamos com moedas de cinco, de dez e de um. De repente, quando o índio chacoalha as moedas na mão como um par de dados, seu rosto se descontraí. “Vamos fazer o seguinte”, propõe, vertendo o dinheiro de volta na bolsa de contas, “em vez de pagar com dinheiro, mandem um desses bolos para mim.”

“Bem”, minha amiga comenta no caminho de volta, “eis um sujeito amável. Vamos pôr uma xícara de passas a mais no bolo *dele*.”

O fogão preto, repleto de carvão e lenha, brilha como uma abóbora iluminada. Os batedores de ovos rodopiam, as colheres giram em vasilhas com manteiga e açúcar, a baunilha adoça, o gengibre tempera o ar; cheiros que se desmancham e picnicam o nariz, saturando a cozinha, inundando a casa, saindo para o mundo com as baforadas da chaminé. Em quatro dias o trabalho está feito. Trinta e um bolos, umedecidos com uísque, descansam nas janelas e nas prateleiras.

Mas para quem?

Para amigos. Não necessariamente para amigos próximos; na verdade, a maior parte foi feita para pessoas que talvez tenham visto uma vez, quando muito. Pessoas que caem nas nossas graças. Como o presidente Roosevelt. Como o reverendo e a sra. J. C. Lucey, missionários batistas em Bornéu que vieram dar palestras aqui no inverno passado. Ou o amolador de facas, que visita a cidade duas vezes por ano. Ou Abner Packer, o motorista do ônibus que chega às seis de Mobile, o qual troca acenos conosco todo dia ao passar num turbilhão de poeira. Ou como os Wiston, um casal de jovens da Califórnia cujo carro, uma tarde, quebrou em frente à nossa casa e que passaram uma hora agradável conversando conosco na varanda (o jovem sr. Wiston bateu uma foto nossa, a única que temos). Será que é porque minha amiga é tímida com todo mundo, *exceto* com estranhos, que todos esses estranhos e conhecidos casuais parecem ser nossos melhores amigos? Acho que sim. Além disso, nossos álbuns com papel timbrado da Casa Branca, mensagens esparsas da Califórnia e de Bornéu, e cartões-postais baratos do amolador de facas fazem que nos sintamos conectados a mundos momentosos que ficam além da cozinha com sua vista para um céu que nos detém.

Mas agora, em dezembro, um galho pelado de figueira arranha a vidraça. A cozinha está vazia, os bolos se foram; ontem carreamos os últimos até a agência do correio, onde o preço dos selos esvazia nossos bolsos. Estamos falidos. Eu me entristeço, mas minha amiga insiste em festejar — com dois dedos de

uísque no fundo da garrafa de Haha. Queenie ganha uma colherada numa vasilha de café (ela gosta de café forte e com sabor de chicória). O resto dividimos em dois potes de geléia. Ficamos temerosos diante da perspectiva de beber uísque puro, cujo gosto provoca expressões contorcidas e arrepios de amargor. Mas aos poucos começamos a cantar, ao mesmo tempo, cada qual uma canção. Não sei a letra da minha, só sei: “*Come on along, come on along, to the dark-town strutters’ ball*”.<sup>\*7</sup> Mas sei dançar, e é isto que finjo ser: um sapateador de cinema. Minha sombra dançante evolui nas paredes; nossas vozes fazem tremer a porcelana; rimos como se mãos invisíveis nos fizessem cócegas. Queenie rola pelo chão, suas patas escavam o ar, algo parecido com um sorriso estica seus lábios negros. Quanto a mim, sinto-me tão quente e faiscante quanto a lenha que desmorona na lareira, tão livre quanto o vento na chaminé. Minha amiga valsa ao redor do fogão, com a barra da pobre saia de chita presa entre os dedos como se fosse um vestido de festa: “*Show me the way to go home*”,<sup>\*\*8</sup> ela canta, os tênis guinchando no assoalho. “*Show me the way to go home.*”<sup>\*\*\*9</sup>

Entram dois parentes. Muito bravos. Poderosos, com olhos que recriminam e línguas que ralham. Ouvimos o que têm a dizer, as palavras martelam uma canção colérica: “Uma criança de sete anos fedendo a uísque! onde você está com a cabeça? uma criança de sete anos! ficou maluca? começa assim a desgraça! lembra da prima Kate? do tio Charlie? do cunhado do tio Charlie? uma vergonha, um escândalo, uma humilhação! de joelhos, reze, vamos, reze ao Senhor!”.

Queenie se esgueira para debaixo do fogão. Minha amiga fixa os olhos nos sapatos, o queixo estremece, ela levanta a saia e assoa o nariz, depois corre para o quarto. A cidade já foi dormir há muito tempo, e a casa está em silêncio, exceto pelo badalar dos relógios e pelos estalos do fogo moribundo, mas ela continua chorando num travesseiro úmido feito um lenço de viúva.

“Não chore”, digo, sentado ao pé da cama e tiritando apesar do pijama de flanela, que guarda o cheiro do xarope para tosse do inverno passado, “não chore”, peço, brincando com os pés dela, fazendo cócegas nos dedos, “você é velha demais para isso.”

“É que eu sou”, ela soluça, “eu *sou* velha demais. Velha e esquisita.”

“Esquisita, não. Engraçada. Mais que todo mundo. Escute. Se não parar de chorar, estará tão cansada amanhã que não vai dar para a gente cortar a árvore.”

Ela se apruma. Queenie pula para cima da cama (onde não é admitida) para lambe as bochechas da minha amiga. “Sei onde encontrar umas bem bonitas, Buddy. E são azevinhos. Com bagas do tamanho dos seus olhos. Ficam bem no meio do bosque. Mais longe do que você já foi. Papai nos trazia árvores de lá, ele as carregava no ombro. Isso já faz cinquenta anos. Bem, eu mal posso esperar por amanhã.”

De manhã. O orvalho congelado faz a relva brilhar; o sol, redondo feito

uma laranja e laranja feito uma lua de verão, pende no horizonte, lustra os bosques prateados pelo inverno. Um peru selvagem gruguleja. Um porco desgarrado grunhe no meio do matagal. Logo chegamos à margem de cursos de água mais fundos e velozes, onde precisamos abandonar a carreta. Queenie é a primeira a vadear os riachos, nadando e latindo contra a rapidez da correnteza, num frio de pegar pneumonia. Nós a seguimos, erguendo os sapatos e o equipamento (uma machadinha, um saco de aniagem) acima da cabeça. Mais um quilômetro e meio de espinhos que nos castigam, ouriços e sarças que se agarram em nossas roupas, folhas de pinheiro pontudas e cor de ferrugem, fungos coloridos e penas soltas. Aqui e ali, um relance, um alvoroço, nos lembram que nem todos os pássaros voaram para o sul. O caminho se desenrola entre poças amarelo-limão de sol e túneis escuros de trepadeiras. Outro córrego a cruzar: uma armada irrequieta de frutas pintadas remexe a água ao redor, e sapos do tamanho de um prato treinam mergulhos de barriga; castores trabalhadores constroem um dique. Na outra margem, Queenie se sacode e estremece. Minha amiga está tremendo também, não de frio, mas de entusiasmo. De uma das rosas esfarrapadas do chapéu cai uma pétala quando ela levanta a cabeça e aspira o ar tomado pelo cheiro dos pinheiros. “Estamos quase lá, dá para sentir o cheiro, não dá, Buddy?”, ela diz, como se nos aproximássemos do oceano.

E, de fato, é uma espécie de oceano. Acres aromáticos de árvores de Natal, azevinhos de folhas espinhentas. Framboesas rebrilham como sinetas de porcelana, corvos negros se precipitam aos berros sobre elas. Tendo enchido nossos sacos de aniagem com galhos e bagas para enfeitar uma dúzia de janelas, passamos a escolher uma árvore. “Ela deve ter”, minha amiga pondera, “o dobro da altura de um menino. Para menino nenhum roubar a estrela.” Escolhemos uma com o dobro da minha altura. Um belo e bravo brutamontes que resiste a trinta golpes de machadinha antes de vergar e quebrar com um estalo. Arrastando-o como a uma presa, começamos a longa jornada de volta. A cada tantos metros abandonamos a luta, sentamos e ofegamos. Mas temos a força de caçadores triunfantes; isso e o perfume gélido e viril da árvore nos reavivam e nos tocam para a frente. Muitos cumprimentos acompanham nosso retorno crepuscular pela estrada de terra roxa, rumo à cidade; mas minha amiga é escorregadia e evasiva quando os transeuntes elogiam o tesouro empoleirado na nossa carreta: que bela árvore, de onde veio? “Daqueles lados”, ela murmura vagamente. A certa altura, um carro pára, e a mulher rica e preguiçosa do dono da usina se inclina para fora e gane: “Dou vinte e cinco por essa árvore aí”. Em geral, minha amiga tem medo de dizer não; mas dessa vez sacode de pronto a cabeça: “Nem por um dólar”. A mulher do dono da usina insiste. “Um dólar, nem pensar! Cinquenta centavos. Última oferta. Que é isso, mulher, você consegue outra.” Em resposta, minha amiga alega gentilmente: “Duvido. Não há

duas coisas iguais neste mundo”.

Em casa: Queenie desaba junto ao fogo e dorme até o dia seguinte, roncando alto feito um homem.

Um baú no sótão contém: uma caixa de sapatos com estolas de arminho (da pelerine usada em noites de ópera por uma senhora esquisita que uma vez alugou um quarto na casa), emaranhados de lantejoulas corroídas e amarelecidas pelo tempo, uma estrela prateada, uma fieira curta de lâmpadas com aspecto de doces, desencapada e certamente perigosa. Decorações excelentes, na medida do possível, o que não é muita coisa: minha amiga quer que a árvore resplandeça “que nem uma janela de família batista”, arriando sob a neve ornamental. Mas não temos dinheiro para os esplendores *made in Japan* da loja de artigos populares. De modo que fazemos o que sempre fizemos: sentamos por dias e dias à mesa da cozinha com tesouras e lápis e resmas de papel colorido. Desenho os moldes, e minha amiga corta: montes de gatos e também de peixes (são fáceis de desenhar), algumas maçãs, algumas melancias, uns poucos anjos alados, feitos do papel-alumínio que protege as barras de chocolate Hershey. Usamos alfinetes de segurança para prender essas criações à árvore; como toque final, salpicamos os galhos de algodão desfiado (colhido em agosto com esse propósito). Minha amiga, examinando o efeito, aperta as mãos, com os dedos entrelaçados. “Diga a verdade, Buddy. Não dá até vontade de comer?” Queenie tenta comer um anjo.

Depois de trançarmos e decorarmos guirlandas para todas as janelas, nosso próximo projeto é preparar os presentes para a família. Lenços tingidos para as mulheres; para os homens, um xarope caseiro de limão, alçaçuz e aspirina, a ser tomado “aos primeiros sintomas de resfriado ou após uma caçada”. Mas, quando chega a hora de prepararmos nossos próprios presentes, minha amiga e eu nos separamos para trabalhar em segredo. Eu gostaria de comprar para ela uma faca de cabo perolado, um rádio, meio quilo de cerejas cobertas de chocolate (certa vez, provamos algumas, e desde então ela jura: “Eu poderia viver só disso, Buddy, meu Deus, como eu poderia — e isso não é usar o nome Dele em vão”). Em vez disso, estou fazendo uma pipa. Ela gostaria de me dar uma bicicleta (já disse em milhares de ocasiões: “Se ao menos eu pudesse, Buddy. Já é ruim ter de viver sem alguma coisa que *a gente* quer; mas, arre, o que me tira do sério é não poder dar a alguém uma coisa que a gente quer que *o outro* tenha. Mas um dia desses eu consigo, Buddy. Vou arranjar uma bicicleta para você. Não me pergunte como. Roubando, quem sabe”). Em vez disso, tenho quase certeza de que ela está fazendo uma pipa para mim — como no ano passado e no retrasado: antes disso, trocamos estilingues. O que para mim está muito bom. Somos mestres da pipa, estudamos o vento feito marinheiros; minha

amiga, mais experiente que eu, consegue levantar uma pipa quando a brisa mal remexe as nuvens.

Na véspera de Natal, juntamos cinco centavos e vamos ao açougue comprar o presente tradicional de Queenie, um osso de boi. O osso, embrulhado em papel de presente, é posto no alto da árvore, perto da estrela prateada. Queenie sabe que está bem ali. Senta ao pé da árvore, olhando para cima num êxtase famélico: quando chega a hora de dormir, ela se recusa a arredar dali. Sua agitação só tem igual na minha. Chuto os cobertores e viro o travesseiro como se esta fosse uma noite escaldante de verão. Em algum lugar, um galo canta, fora de hora, pois o sol ainda está do outro lado do mundo.

“Buddy, está acordado?” É minha amiga, chamando do seu quarto, contíguo ao meu; num instante, está sentada na minha cama, segurando uma vela. “Pois é, não consigo pregar o olho”, declara. “Minha cabeça fica pulando feito uma lebre. Buddy, você acha que a sra. Roosevelt vai servir nosso bolo no jantar?” Nós nos aconchegamos na cama, e ela aperta minha mão com carinho. “Sua mão já foi tão pequenina. Não acho graça em ver você crescer. Quando você for grande, ainda vamos ser amigos?” Eu digo que sempre seremos. “Mas estou me sentindo tão mal, Buddy. Queria tanto dar uma bicicleta para você. Tentei vender o camafeu que papai me deu. Buddy”, ela hesita, “fiz outra pipa para você.” Então confesso que também fiz uma para ela; e rimos. A vela já está pequena demais para agüentar. Logo se apaga, dando vez à luz das estrelas, às estrelas que rodopiam na janela como uma cantoria visível que a madrugada silencia devagar, devagar. Provavelmente cochilamos; mas o raiar do dia nos desperta como um banho de água fria: pulamos da cama, de olhos acesos, andando para cima e para baixo, esperando que os outros acordem. De caso pensado, minha amiga derruba uma chaleira no chão da cozinha. Eu sapateio diante das portas fechadas. Um a um, todos da casa emergem, com ar de que gostariam de nos matar; mas é Natal, não há jeito. Primeiro, um belo café-da-manhã: com tudo o que se possa imaginar, de panquecas a esquilo frito, de canjica a mel no favo. O que deixa todos de bom humor, com exceção da minha amiga e de mim. Francamente, estamos tão ansiosos pelos presentes que não comemos nem um bocado.

Bem, acabo me desapontando. Quem não se desapontaria? Um par de meias, uma camisa para a escola dominical, alguns lenços, um suéter de segunda mão e uma assinatura anual de uma revista religiosa para crianças, *O Pastorzinho*. É de ferver o sangue. É mesmo.

Minha amiga tem mais sorte. Um saquinho de tangerinas japonesas é seu melhor presente. Mas ela fica orgulhosa mesmo é de um xale branco de lã, tricotado pela irmã casada. Porém, *diz* que prefere a pipa que eu fiz. E a pipa é bonita mesmo, mas não tão bonita quanto a que ela fez para mim, azul e pontilhada de estrelas de honra ao mérito verdes e douradas; além do mais, traz

meu nome pintado em cima: “Buddy”.

“Buddy, está ventando.”

Está ventando, e não há quem nos impeça de correr até um pasto atrás da casa, para onde Queenie disparou a fim de enterrar o osso (e onde, no próximo inverno, Queenie será enterrada também). Ali, mergulhando na relva viçosa que chega à cintura, empinamos as pipas, sentimos como se contorcem no fio tal qual peixes-voadores nadando no vento. Satisfeitos, aquecidos pelo sol, nos esparramamos na relva e descascamos tangerinas, observando as piruetas das pipas. Logo esqueço as meias e o suéter de segunda mão. Sinto-me feliz como se já tivéssemos ganhado o grande prêmio daquele concurso da marca de café.

“Meu Deus, como sou boba”, minha amiga exclama, subitamente alerta, como uma mulher que lembra tarde demais dos biscoitos no forno. “Sabe o que eu sempre pensei?”, pergunta em tom de descoberta, rindo não para mim, mas para alguma coisa mais longe. “Sempre pensei que era preciso estar doente e quase à beira da morte para ver o Senhor. E eu achava que, quando Ele viesse, seria como olhar para uma janela de batista: bonito feito um vidro colorido contra a luz, tão brilhante que nem se nota que está escurecendo. E era um consolo pensar nesse brilho tirando toda sensação medonha. Mas agora aposto que não é desse jeito. Aposto que, bem no fim, a gente descobre que o Senhor já se mostrou. Que as coisas, do jeito que são”, a mão faz um círculo, num gesto que reúne as nuvens e as pipas e a relva e Queenie jogando terra em cima do osso, “do jeito que a gente sempre viu, já eram uma visão Dele. Por mim, eu poderia partir deste mundo com o dia de hoje nos olhos.”

É nosso último Natal juntos.

A vida nos separa. Aqueles-que-sabem-o-que-é-melhor decidem que o lugar certo para mim é uma escola militar. E assim começa uma sucessão miserável de prisões a toque de clarim, penosos acampamentos de verão sob o jugo da alvorada. Tenho um novo lar também. Mas esse não conta. Meu lar é onde minha amiga está, e para lá eu jamais vou.

E lá ela fica, circulando pela cozinha. Só ela e Queenie. Depois, só ela. (“Querido Buddy”, ela escreve, com a letra rebelde e difícil de ler, “ontem o cavalo do Jim Macy deu um coice feio na Queenie. Graças a Deus, ela não sofreu muito. Então a enrolei num lençol bonito e a levei na carreta até o pasto do Simpson, onde ela pode ficar com todos os ossinhos dela...”) Por mais alguns novembros minha amiga continua a assar os bolos de frutas, sozinha; já não são tantos bolos, só alguns; e é claro que ela sempre me manda “o melhor da fornada”. Além disso, em toda carta enfia uma moeda de dez centavos embrulhada em papel higiênico: “Vá ao cinema e me conte a história”. Mas aos poucos ela começa a me confundir nas cartas com seu outro amigo, o Buddy morto na década de 1880; cada vez mais, o dia 13 não é o único que ela passa na cama; chega certa manhã em novembro, certa manhã de um começo de

inverno sem folhas nem pássaros, em que ela não consegue mais levantar para dizer: “Ah, é tempo de bolo de frutas!”.

E eu sei muito bem quando é que isso acontece. Uma mensagem a respeito só confirma a notícia que alguma veia secreta já recebera, cortando uma parte insubstituível de mim mesmo, soltando-a feito uma pipa de fio partido. É por isso que, caminhando pelo terreno da escola nesta manhã de dezembro, vasculho o céu. Como se esperasse ver, tal qual corações, um par de pipas voando direto para o paraíso.

[1956]

*Tradução de Samuel Titan Jr.*

---

1- “Venha comigo, venha comigo para o baile dos bacanas.” (N. T.)

2- “Me leve de volta pra casa.” (N. T.)

3- Trechos de duas canções famosas na época: “Dark-town strutters’ ball”, de 1917, e “Show me the way to go home”, de 1922. (N. T.)

Num sábado de março, dia de ventos amenos e nuvens velejantes, o sr. Ivor Belli comprou, numa florista do Brooklyn, um belo buquê de junquinhos e o levou, primeiro de metrô, depois a pé, a um cemitério enorme no Queens, local que não visitava desde que ali assistira ao enterro da mulher, no outono anterior. A causa de seu retorno não podia ser atribuída ao sentimento, porque a sra. Belli, com quem ele estivera casado por vinte e sete anos, período em que ela gerara duas filhas agora crescidas e casadas, havia sido uma mulher de várias naturezas, em sua maioria irritantes: ele não tinha o menor desejo de renovar um relacionamento tão desagradável, ainda que em espírito. Não; mas um inverno rigoroso chegara ao fim, e ele sentia necessidade de exercício, de ar puro, de um passeio reanimador pelo tempo bonito, prenunciador da primavera; é claro que, como um bônus, seria bom poder contar às filhas sobre a visita ao túmulo da mãe, até porque poderia apaziguar um pouco a mais velha, que parecia ressentida da aceitação fácil demais, por parte do sr. Belli, da vida vivida a sós.

O cemitério não era um lugar sossegado e bonito; era até bem assustador: uma extensão de pedras cor de bruma espalhadas por um platô com pouca grama e nenhuma sombra. Uma visão desimpedida da silhueta de Manhattan dotava o local de uma beleza de cenário de teatro — assomava além dos túmulos, qual lápide escarpada homenageando aquela gente silenciosa, seus antigos e gastos cidadãos: o espetáculo justaposto fez o sr. Belli — contador fiscal por profissão e, portanto, equipado para apreciar uma ironia, por mais sádica que fosse — sorrir, na verdade, dar risadas. Deus do céu, as inferências também o encheram de calafrios, reduzindo os passos largos que o conduziam ao longo dos caminhos duros, cobertos de seixos, do cemitério. Ele diminuiu a marcha, até parar, pensando: “Eu devia ter levado Morty ao zoológico”; Morty sendo seu neto, de três anos. Mas seria grosseiro não prosseguir, vingativo: e para que desperdiçar um buquê? A combinação de parcimônia e virtude o reativou; ofegante em virtude da pressa, ele finalmente se abaixou para comprimir os junquinhos numa urna de rocha assentada em laje cinza e bruta, com letras góticas gravadas declarando que



havia sido a

esposa dedicada de ivor  
e mãe querida de ivy e rebecca.

Meu Deus, que alívio saber que a língua da mulher enfim se aquietara. Mas o pensamento, conquanto tranqüilizador, e reforçado por visões do novo e silencioso apartamento de solteiro, não reavivou a sensação subitamente extinta de imortalidade, de alegria de viver, que o dia antes despertara. Ele tinha partido esperando tanto benefício do ar puro, da caminhada, do aroma de outra primavera iminente. Agora gostaria de ter trazido o cachecol; a luz do sol brilhava falsa, sem calor real, e o vento parecia ter aumentado. Ao dar aos junquinhos uma poda decorativa, entristeceu-se por não poder retardar o destino deles suprimindo-os de água; renunciando às flores, virou-se para ir embora.

Uma mulher bloqueava-lhe o caminho. Apesar do pequeno número de visitantes no cemitério, ele não a notara antes, nem ouvira sua aproximação. Ela não se moveu. Contemplou os junquinhos; em seguida, seus olhos, situados atrás de óculos com aro de aço, retornaram ao sr. Belli.

“Parente?”

“Minha mulher”, ele respondeu, e suspirou, como se um ruído daqueles fosse obrigatório.

Ela suspirou também; um suspiro curioso, que insinuava satisfação. “Puxa, desculpe.”

O rosto do sr. Belli se alongou. “Pois é.”

“Sinto muito.”

“Sim.”

“Espero que não tenha sido uma doença longa. Nada de doloroso.”

“Nããão”, ele respondeu, passando a se apoiar no outro pé. “Morreu dormindo.” Percebendo um silêncio insatisfeito, acrescentou: “Do coração”.

“Puxa! Foi assim que perdi meu pai. Recentemente. Temos algo em comum. Algo”, ela disse, num tom alarmantemente triste, “para conversar.”

“... sei como deve estar se sentindo.”

“Ao menos eles não sofreram. Já é um consolo.”

O pavio preso à paciência do sr. Belli encurtou. Até então, ele mantivera o olhar apropriadamente baixo, observando, após o relance inicial, apenas os sapatos da mulher, que eram do tipo robusto, considerado prático, em geral usados por idosas e enfermeiras. “Um grande consolo”, disse, enquanto executava três tarefas: erguer os olhos, tocar de leve no chapéu e dar um passo adiante.

De novo a mulher não saiu da frente dele; era como se tivesse sido contratada para detê-lo. “Poderia me dizer as horas? Meu velho relógio”,

anunciou, dando uma pancadinha proposital num maquinismo delicado atado a seu pulso. “Ganhei na formatura do colégio. Por isso já não funciona tão bem. Quer dizer, está meio velhinho. Mas é bem bonito.”

O sr. Belli viu-se obrigado a desabotoar o sobretudo e procurar um relógio de ouro enfiado num bolso do colete. Nesse ínterim, examinou a dama, na verdade destrinchou-a. Ela devia ter sido loura quando criança, como indicava a coloração geral: o brilho claro da pele escandinava, as bochechas firmes, coradas com saúde camponesa, e o azul dos olhos cordiais — olhos tão honestos, atraentes apesar dos óculos prateados finos que os circundavam; mas os próprios cabelos, o que se conseguia discernir deles sob um chapéu de feltro sem graça, eram parcamente ondulados com permanente e sem nenhuma tonalidade específica. Ela era um pouco mais alta que o sr. Belli, que media um metro e setenta e seis com a ajuda dos tacões dos sapatos, e devia pesar mais; de todo modo, ele não conseguia imaginar que subisse sorrindo na balança. Suas mãos: mãos de cozinha; e as unhas: não apenas roídas, mas pintadas de um verniz perolado com estranha fosforescência. Ela trajava um casaco marrom simples e carregava uma bolsa preta simples. Quando o estudioso desses componentes os recompôs, descobriu que se juntavam numa pessoa com um aspecto decente que lhe agradava; o esmalte das unhas era desencorajador; ainda assim, ele achou que ali estava alguém em quem se podia confiar. Como ele confiava em Esther Jackson, a srta. Jackson, sua secretária. Com efeito, era ela quem a mulher lembrava, a srta. Jackson; não que a comparação fosse justa — para a srta. Jackson, dotada, como ele certa vez, durante uma discussão, informara à srta. Belli, “de elegância intelectual e de outra elegância”. Não obstante, aquela que o confrontava parecia imbuída da qualidade de boa vontade que ele apreciava na secretária, a srta. Jackson, Esther (como ultimamente, distraído, a chamava). Além disso, ele teve a impressão de que as duas tinham a mesma idade: quarenta e muitos anos.

“Meio-dia. Exatamente.”

“Obrigada! Você deve estar faminto”, ela disse, abrindo a bolsa e perscrutando-a como se esta fosse uma cesta de piquenique com guloseimas suficientes para abastecer um *smorgasbord*. Tirou dali um punhado de amendoins. “Praticamente vivo à base de amendoins depois que papai se foi — não tenho mais ninguém para quem cozinhar. O fato é que adoro minha própria comida; papai sempre dizia que eu era melhor que qualquer restaurante que ele conhecia. Mas não tem graça cozinhar para você mesmo, ainda que você *saiba* preparar massas levinhas como uma folha. Vamos. Pegue alguns. Estão torrinhos.”

O sr. Belli aceitou; sempre fora infantil quando se tratava de amendoins, e, ao sentar-se no túmulo da esposa para comê-los, só desejou que sua amiga tivesse mais. Com um gesto da mão convidou-a a sentar-se a seu lado;

surpreendeu-se ao ver que o convite pareceu constrangê-la; acréscimos súbitos de rosa saturaram as bochechas dela, como se ele tivesse lhe pedido que transformasse a sepultura da sra. Belli num leito de amor.

“Para você está tudo bem. É parente. Mas eu. Será que ela gostaria de uma estranha sentada no seu... lugar de repouso?”

“Por favor. Fique à vontade. Sarah não se importará”, ele disse, agradecendo a Deus que os mortos não podem ouvir, pois se espantou e ao mesmo tempo se divertiu ao pensar o que Sarah, aquela animada criadora de casos, aquela buscadora incansável de marcas de batom e de fios de cabelo louro, diria se pudesse vê-lo descascando amendoins em sua tumba com uma mulher não totalmente desprovida de encantos.

Então, quando ela se acomodou, empertigada, na beira do túmulo, ele observou sua perna. A perna esquerda, esticada como um pedaço rígido de maldade com que ela planejava derrubar os passantes. Notando o interesse, ela sorriu, erguendo e abaixando a perna. “Um acidente, sabe. Quando eu era criança. Cai de uma montanha-russa em Coney. Verdade. Saiu no jornal. Não era nem para ter sobrevivido. O único problema é que não consigo dobrar o joelho. Fora isso, não faz diferença nenhuma. Exceto na hora de dançar. Você é um bom dançarino?”

O sr. Belli fez que não com a cabeça; sua boca estava cheia de amendoins.

“Mais uma coisa que temos em comum. Dançar. Eu *poderia* gostar. Mas não gosto. Gosto de música, porém.”

O sr. Belli assentiu com a cabeça.

“E de flores”, ela acrescentou, tocando no buquê de junquinhos. Depois, seus dedos continuaram avançando, e, como se estivesse lendo braille, roçou as letras de mármore com o nome dele. “Ivor”, disse, errando na pronúncia. “Ivor Belli. Meu nome é Mary O’Meaghan. Mas bem que eu queria ser italiana. Minha irmã é; bem, ela casou com um italiano. E, ah, ele é muito divertido; de temperamento alegre e expansivo, como todo italiano. Diz que meu espaguete é o melhor que ele já comeu. Especialmente aquele que faço com molho de frutos do mar. Você tem de provar.”

O sr. Belli, tendo terminado os amendoins, tirou do colo as cascas que haviam caído ali. “Você arranjou um freguês. Mas não é italiano. Belli parece um nome italiano. Só que sou judeu.”

Ela fechou a cara, não por desaprovação, mas como se ele a tivesse misteriosamente amedrontado.

“Minha família veio da Rússia; foi lá que eu nasci.”

Esta última informação restaurou o entusiasmo dela, acelerou-o. “Não me importa o que dizem os jornais. Tenho certeza que os russos são como todo mundo. Humanos. Viu o balé Bolshoi na tv? Não senti orgulho de ser russo?”

Ele pensou: ela está bem-intencionada; e ficou calado.

“Sopa de repolho roxo — quente ou fria — com creme de leite. Hum. Viu”, ela disse, mostrando uma segunda porção de amendoins, “você *estava* com fome. Coitado.” Suspirou. “Deve sentir falta da comida da sua esposa.”

Era verdade, sentia mesmo; a pressão da conversa aplicada ao seu apetite levou-o a se dar conta disso. Sarah preparava uma mesa excelente: variada, na hora certa, e bem temperada. Ele recordou certos dias de festa com aroma de canela. Tardes de molho de carne e vinho, toalha de mesa de linho engomada, os talheres de prata “elegantes”; seguidas de uma soneca. Além do mais, Sarah nunca lhe pedira que secasse nenhum prato (ele a ouvia cantarolando calmamente na cozinha), nunca reclamara das tarefas domésticas; e conseguira fazer da criação das duas meninas uma seqüência tranqüila de eventos planejados e afetuosos; a contribuição do sr. Belli na sua educação havia sido a de uma testemunha admiradora; se as filhas eram motivo de orgulho para ele (Ivy morando em Bronxville, casada com um cirurgião-dentista; sua irmã, esposa de A. J. Krakower, sócio minoritário no escritório de advocacia de Finnegan, Loeb e Krakower), tinha de agradecer a Sarah; eram uma realização dela. Muita coisa podia ser dita a favor de Sarah, e ele ficou contente de se ver pensando assim, lembrando não as longas horas infernais que ela passara afiando a língua contra seus hábitos, suas supostas partidas de pôquer e seu vício de flertar, e sim episódios mais amenos: Sarah ostentando seus chapéus caseiros, Sarah espalhando migalhas em peitoris de janela cobertos de neve para os pombos do inverno: uma maré de visões que rebocava para o mar o refugio de lembranças mais desagradáveis. Sentiu-se de repente feliz por estar pesaroso, arrependido de não ter se sentido assim antes. Mas, embora passasse a valorizar genuinamente Sarah, não conseguia se fazer de triste pelo fim da vida a dois, pois a situação atual era, no todo, bem melhor. No entanto, desejou que, em vez de junquinhos, tivesse trazido uma orquídea, o tipo de pompa que ela sempre salvara dos namoros das filhas e guardara na geladeira até murcharem.

“... não são?”, ele ouviu, sem saber quem falara, até que, num vislumbre, reconheceu Mary O’Meaghan, cuja voz vinha soando sem que ele escutasse: uma voz tímida e tranqüilizante, um som estranhamente baixo e jovem vindo de uma figura tão robusta.

“Eu disse que elas devem ser bonitas, não são?”

“Bem”, foi a resposta segura do sr. Belli.

“Seja modesto. Mas tenho certeza que são. Se puxaram ao pai. Ha, ha, não me leve a sério, estou brincando. Mas, falando sério, crianças me divertem. Prefiro uma criança a qualquer adulto que já viveu. Minha irmã tem cinco, quatro meninos e uma menina. Dot, esse é o nome da minha irmã, sempre pede que eu tome conta deles, agora que tenho tempo e não preciso ficar cada minuto cuidando de papai. Ela e Frank, o meu cunhado, aquele que mencionei, dizem: Mary, ninguém consegue cuidar das crianças como *você*. E ao mesmo tempo se

divertir. Mas é tão fácil. Nada como um chocolate quente e uma boa guerra de travesseiros para dar sono nas crianças. Ivy”, ela disse, lendo em voz alta a inscrição austera na lápide. “Ivy e Rebecca. Lindos nomes. Tenho certeza que você se esforça ao máximo. Mas duas meninas sem mãe.”

“Não, não”, retrucou o sr. Belli, enfim envolvido. “Ivy já é mãe. E Becky está esperando bebê.”

A aparência de contrariedade no rosto dela mudou instantaneamente para uma expressão de descrença. “Avô? Você?”

O sr. Belli tinha várias vaidades: por exemplo, achava-se mais *lúcido* que os outros; além disso, acreditava ser uma bússola ambulante; sua digestão e a capacidade de ler um texto de cabeça para baixo eram outros itens que lhe inflamavam o ego. Mas seu reflexo num espelho despertava pouco aplauso interior; não que ele desgostasse de sua aparência; simplesmente sabia que não impressionava. A ceifa dos cabelos começara décadas atrás; agora a cabeça virara quase um campo estéril. Embora o nariz tivesse personalidade, o queixo, apesar do duplo esforço, não tinha nenhum. Seus ombros eram largos; aliás, o resto do corpo também. É claro que ele era asseado: mantinha os sapatos brilhando, a roupa limpa, duas vezes por dia esfregava e passava talco nas papadas azuladas; mas tais medidas não conseguiam camuflar, na verdade até enfatizavam, sua insipidez de meia-idade de classe média. Mesmo assim, ele não desprezou a adulação de Mary O’Meaghan; afinal, um elogio imerecido costuma ser o mais poderoso.

“Diacho, tenho cinqüenta e um anos”, ele disse, subtraindo quatro anos. “Não que os sinta.” De fato não sentia; talvez porque o vento tivesse enfraquecido, o calor do sol se tornado mais autêntico. Qualquer que fosse a razão, suas expectativas se reacenderam, ele voltou a ser imortal, um homem planejando o futuro.

“Cinqüenta e um. Não é nada. O apogeu. Se você se cuidar. Um homem da sua idade precisa de cuidados. De alguém que zele por ele.”

Com certeza num cemitério se estava livre de caçadoras de marido? A pergunta, cruzando sua mente, parou a meio caminho, enquanto ele examinava aquele rosto amigável e crédulo, procurando alguma malícia em seu olhar. Embora tranqüilizado, achou melhor lembrá-la de onde estavam. “Seu pai. Está” — o sr. Belli gesticulou, sem jeito — “perto daqui?”

“Papai? Oh, não. Ele era muito decidido; recusou-se absolutamente a ser enterrado. De modo que está em casa.” Uma imagem inquietante formou-se na cabeça do sr. Belli, imagem que as palavras seguintes, “Suas cinzas estão”, não desfizeram por completo. “Bem”, ela deu de ombros, “foi a vontade dele. Oh! — entendo — queria saber por que *estou* aqui? Não moro muito longe. É um lugar para caminhar, e a vista...” Ambos se viraram para fitar a linha do horizonte, onde as torres de alguns edifícios hasteavam flâmulas de nuvens, e janelas

ofuscadas pelo sol cintilavam feito um milhão de pedacinhos de mica. Mary O'Meaghan observou: “Dia perfeito para uma parada!”.

O sr. Belli pensou: “Você é uma moça bem simpática”; depois disse, também, e se arrependeu, pois ela naturalmente perguntou por quê. “Porque. Bem, foi simpático o que disse. Sobre paradas.”

“Viu? Tantas coisas em comum! Não perco nenhuma parada”, ela lhe contou, triunfante. “As cornetas. Sei tocar corneta; eu tocava, quando estudava no Sagrado Coração. Você disse que...” Baixou a voz, como se fosse abordar um assunto que exigisse tons graves. “Você mencionou que gosta de música. Porque tenho milhares de discos antigos. Centenas. Papai trabalhou no ramo, foi o serviço dele. Até se aposentar. Passar goma-laca nos discos numa fábrica de discos. Lembra-se de Helen Morgan? Adoro, sou sua fã número um.”

“Meu Deus”, ele murmurou. Ruby Keeler, Jean Harlow: essas foram paixões fortes, porém curáveis; mas Helen Morgan, palidez albina, aparição lantejoulada brilhando além dos palcos de Ziegfeld — ele a amara para valer.

“Você acredita? Que ela bebeu até morrer? Por causa de um gângster?”

“Não importa. Ela era adorável.”

“Às vezes, como quando estou sozinha e um tanto aborrecida, finjo que sou ela. Finjo que estou cantando numa boate. É divertido, sabe?”

“Sei, sim”, respondeu o sr. Belli, cuja fantasia favorita era imaginar as aventuras que poderia viver caso fosse invisível.

“Posso pedir uma coisa: você me faria um favor?”

“Se possível. Claro.”

Ela inspirou, prendeu o ar como se estivesse nadando sob uma onda de timidez; voltando à tona, pediu: “Pode ouvir minha imitação? E me dizer sua opinião — honesta?”. Em seguida tirou os óculos: a pressão do aro prateado deixara uma marca permanente no seu rosto. Os olhos, nus e úmidos e desamparados, pareciam aturdidos pela liberdade; as pálpebras pouco ciliadas tremulavam qual passarinhos subitamente soltos da gaiola. “Faz de conta que tudo é suave e esfumaçado. Você tem de usar a imaginação. Portanto, finja que estou sentada ao piano... por Deus, me *desculpe*, sr. Belli.”

“Esqueça. Tudo bem. Você está sentada ao piano.”

“Estou sentada ao piano”, ela disse, deixando a cabeça pender, sonhadora, para trás, até assumir uma pose romântica. Sugou as bochechas, apartou os lábios; no mesmo momento, o sr. Belli mordeu os dele. Pois foi infeliz a visita do glamour ao rosto cheio e rosado de Mary O'Meaghan; visita que simplesmente não devia ter sido feita; endereço errado. Ela esperou, como que ouvindo a música para se inspirar; então: “*Don't ever leave me, now that you're here! Here is where you belong. Everything seems so right when you're near. When you're away it's all wrong*”.<sup>1</sup> E o sr. Belli ficou chocado, pois o que estava ouvindo era exatamente a voz de Helen Morgan, e a voz, com sua doçura vulnerável, seu

refinamento, seu trinado suave derrubando notas altas, nem parecia uma imitação, mas da própria Mary O’Meaghan, uma expressão natural de alguma identidade oculta. Aos poucos ela abandonou as poses teatrais, aprumou-se, cantando com os olhos espremidos: “*I’m so dependent. When I need comfort, I always run to you. Don’t ever leave me! ‘Cause if you do, I’ll have no one to run to*”.<sup>2</sup> Até ser tarde demais, nem ela nem o sr. Belli notaram o cortejo, oprimido por um caixão, que invadia a privacidade deles: uma lagarta preta, composta de negros tranqüilos, que fitaram o casal branco como se tivessem topado com um par de ladrões de tumbas bêbados — exceto uma enlutada, uma menina de olhos secos, que teve um ataque de riso; sua hilaridade soluçante ressoou muito depois de a procissão ter desaparecido ao dobrar um canto distante.

“Se fosse minha filha”, disse o sr. Belli.

“Estou tão envergonhada.”

“Ei, escute. Por quê? Foi bonito. Verdade; você canta bem.”

“Obrigada”, ela disse, e, como que erguendo uma barricada contra lágrimas iminentes, pôs os óculos.

“Acredite, fiquei comovido. O que eu queria é... queria um bis.”

Era como se ela fosse uma criança a quem ele entregara um balão, um balão singular, que não passasse de encher até erguê-la e fazê-la dançar, dedos dos pés apenas vez por outra tocando no chão. Ela desceu para dizer: “Mas não aqui. Quem sabe”, começou, e outra vez pareceu elevada, cadenciada, pelo ar, “quem sabe um dia desses você não me deixa preparar um jantar para você. Vou organizar um jantar russo. E podemos ouvir discos”.

O pensamento, a suspeita espectral que passara antes na ponta dos pés, retornou com passo mais pesado, uma criatura gorda e determinada que o sr. Belli não conseguiu expulsar. “Obrigado, srta. O’Meaghan. É uma boa idéia”, ele disse. Levantando-se, recolocou o chapéu, ajeitou a jaqueta. “Sentada na pedra fria por muito tempo, você pode pegar alguma coisa.”

“Quando?”

“Bem, nunca. Você *nunca* devia sentar na pedra fria.”

“Quando você vem para jantar?”

A profissão do sr. Belli dependia de sua habilidade em inventar desculpas. “Qualquer dia”, ele respondeu com naturalidade. “Mas não tão cedo. Trabalho na Receita; você sabe a trabalhadeira que temos em março. Sim, senhor”, disse, apanhando outra vez o relógio, “hora de voltar para o batente.” Mas ele não podia — podia? — simplesmente sair andando, deixando-a sentada no túmulo de Sarah. Devia uma gentileza; pelos amendoiis, no mínimo, embora houvesse mais — talvez graças a ela é que se lembrara das orquídeas de Sarah murchando na geladeira. E, de todo modo, ela *era* simpática, tão agradável quanto qualquer outra mulher que ele já conhecera, só que mais estranha. Pensou em se valer do tempo, mas o tempo não ajudou: havia menos nuvens, o sol estava

completamente visível. “Esfriou”, ele observou, esfregando as mãos. “Pode ser que chova.”

“Sr. Belli. Agora vou fazer uma pergunta bem pessoal”, ela disse, enunciando cada palavra com decisão. “Porque não quero que pense que vivo convidando qualquer um para jantar. Minhas intenções são...”, seus olhos vagaram, a voz hesitou, como se aquela maneira direta tivesse sido uma simulação e ela não conseguisse sustentá-la. “Então vou fazer uma pergunta bem pessoal. Já pensou em casar de novo?”

Ele sussurrou, como um rádio esquentando antes de falar; quando falou, foi pura estática. “Oh, na *minha* idade. Nem um cachorro eu quero. Basta uma tv. Umas cervejas. Pôquer uma vez por semana. Loucura. Quem seria louca de me querer?”, disse; e, com uma pontada, lembrou-se da sogra de Rebecca, dra. Pauline Krakower, esposa de A. J. Krakower, Sr., uma dentista (aposentada) que havia sido protagonista audaciosa de certa trama de família. E quanto à melhor amiga de Sarah, a persistente “Brownie” Pollock? Estranho, mas, enquanto Sarah vivia, ele usufruiu, às vezes até se aproveitou, da admiração de “Brownie”; depois — enfim — *pediu* que ela parasse de lhe telefonar (e ela berrou: “Tudo o que Sarah disse, tinha razão, ela. Seu gorducho *peludo* pequeno canalha”). Depois; e depois teve a srta. Jackson. Apesar das desconfianças de Sarah, na verdade sua convicção séria, nada de inconveniente, de muito inconveniente, transpirara entre ele e a agradável Esther, cujo hobby era boliche. Mas ele sempre suspeitara, e nos últimos meses soubera, que, se um dia sugerisse drinques, jantar, uma ida a algum boliche... Disse: “*Fui* casado. Por vinte e sete anos. É o bastante para uma vida inteira”. Mas, ao dizê-lo, percebeu que, justo naquele momento, chegara a uma decisão, a saber: *iria* convidar Esther para jantar, iria levá-la ao boliche e compraria uma orquídea para ela, uma púrpura de gala com um laço de fita lavanda. E onde, perguntou-se, os casais passam a lua-de-mel em abril? No final de abril. Miami? Bermudas? Bermudas! “Não, nunca me passou pela cabeça. Casar de novo.”

Seria de supor, com base na postura atenta de Mary O’Meaghan, que ela estivesse ouvindo, arrebatada, o sr. Belli — só que seus olhos estavam ausentes, perambulavam como se ela estivesse à caça, numa festa, de um rosto diferente, mais promissor. Seu próprio rosto perdera a cor; e com ela fora embora todo o seu encanto sadio. Ela tossiu.

Ele tossiu. Erguendo o chapéu, disse: “Foi um prazer conhecê-la, srta. O’Meaghan”.

“O prazer foi meu”, ela disse, e levantou-se. “Importa-se se eu for com você até o portão?”

Ele se importava, sim; pois queria perambular sozinho, devorando o azedinho daquele tempo ensolarado de primavera, ideal para uma parada, estar a sós com seus muitos pensamentos de Esther, seu humor esperançoso,



entusiasmado, de quem vai viver para sempre. “Um prazer”, disse, ajustando os passos largos ao ritmo mais lento dela e às ligeiras guinadas causadas por sua perna rígida.

“Mas *pareceu* uma idéia sensata”, ela argumentou. “E havia a velha Annie Austin: a prova viva. Bem, ninguém teve uma idéia *melhor*. Quer dizer, todo mundo ficou me importunando: Case-se. Desde o dia em que papai morreu, minha irmã e todos diziam: Pobre Mary, que será dela? Uma moça que não sabe datilografar. Nem taquigrafia. Com aquela perna e tudo; não pode nem trabalhar de garçõnete. O que acontece com uma moça — uma *mulher-feita* — que não sabe nada, nunca fez nada? A não ser cozinhar e cuidar do pai. Tudo o que eu ouvia era: Mary, você tem de se casar.”

“Então. Por que resistir? Uma pessoa encantadora como você devia estar casada. Você faria algum sujeito muito feliz.”

“Com certeza faria. Mas *quem*?” Ela estendeu os braços, apontou com uma das mãos para Manhattan, para o país, para os continentes além. “Ora, eu procurei; não sou preguiçosa por natureza. Mas honestamente, francamente, como é que alguém acha um marido? Se não for muito, muito bonita, e não dançar muito bem. Se for... só normal. Como eu.”

“Não, não, de jeito nenhum”, o sr. Belli murmurou. “Normal coisa nenhuma. Você não poderia explorar seu talento? Sua voz?”

Ela parou, ficou apertando e soltando a bolsa. “Fale sério. Por favor. Minha vida está em jogo.” E insistiu: “*Sou* normal. Assim como a velha Annie Austin. E ela diz que o lugar para eu encontrar um marido — um homem decente, adequado — é a seção de obituário”.

Para um homem que se acreditava uma bússola humana, o sr. Belli teve a sensação desagradável de ter se perdido. Aliviado, viu os portões do cemitério uns cem metros à frente. “Ela diz? Ela diz isso? A velha Annie Austin?”

“Sim. E ela é uma mulher bem prática. Alimenta seis bocas com apenas cinquenta e oito dólares e setenta e cinco centavos semanais: comida, roupas, tudo. E, da forma como ela explicou isso, *parecia* bem lógico. Porque os obituários estão cheios de homens solteiros. Viúvos. É só ir ao funeral e meio que se apresentar: compadecer-se. Ou ao cemitério: venha aqui num dia bonito, ou vá a Woodlawn, tem sempre viúvos circulando. Sujeitos pensando na falta que faz uma vida caseira e talvez desejando estar casados de novo.”

Quando o sr. Belli entendeu que ela falava a sério, ficou apavorado. Mas também se divertiu: riu, enfiou as mãos nos bolsos e atirou a cabeça para trás. Ela se juntou a ele, deu uma risada que lhe restaurou a cor e que, num estilo travesso, a fez oscilar de encontro a ele. “Até eu...”, disse, agarrando seu braço, “até *eu* consigo ver a graça.” Porém, não foi uma visão duradoura; subitamente solene, ela disse: “Mas foi assim que Annie conheceu seus maridos. Os dois: o sr.

Cruikshank e depois o sr. Austin. Por isso *deve* ser uma idéia viável. Não acha?”.

“Acho, sim.”

Ela deu de ombros. “Mas não tem funcionado muito bem. Nós, por exemplo. *Nós* parecíamos ter tanto em comum.”

“Um dia”, ele disse, apressando o passo. “Com um sujeito mais alegre.”

“Não sei. Conheci algumas pessoas ótimas. Mas o negócio sempre acaba assim. Como agora...”, ela se queixou, e omitiu o resto, que um novo peregrino, transpondo os portões do cemitério, havia despertado seu interesse: um homenzinho cheio de vida, assobiando contente, e com muita vitalidade no jeito de andar. O sr. Belli notou-o, também, observou a faixa preta costurada em volta da manga da jaqueta de tweed verde-clara do visitante, e comentou: “Boa sorte, srta. O’Meaghan. Obrigada pelos amendoins”.

[1960]

*Tradução de Ivo Korytowski*

---

1- “Don’t ever leave me”, de Oscar Hammerstein ii e Jerome Kern, do musical *Sweet Adeline*, de 1929. “Jamais me deixe, agora que você está aqui! Aqui é o seu lugar. Tudo parece tão bem com você por perto. Quando você está longe, tudo fica ruim.” (N. T.)

2- “Sou tão dependente. Quando preciso de ajuda, sempre corro pra você. Jamais me deixe! Pois, se o fizer, não terei ninguém pra me socorrer.” (N. T.)

Em matéria de maldade, Odd Henderson foi a pior criatura humana de toda a minha experiência.

E estou falando de um menino de doze anos, não de um adulto que houvesse tido o tempo de amadurecer uma disposição naturalmente malévola. Pelo menos Odd tinha doze anos em 1932, quando estávamos os dois na segunda série de uma escola de cidade pequena no interior do Alabama.

Alto para a idade, um menino ossudo com cabelos ruivos cor de barro e apertados olhos amarelos, ele era um gigante entre os colegas de turma — o que teria sido de qualquer maneira, pois o resto de nós tinha entre sete e oito anos. Odd repetira duas vezes a primeira série, e agora cumpria sua segunda sentença na segunda. Esse triste desempenho não se devia à burrice — Odd era inteligente, talvez *matreiro* seja uma palavra melhor —, mas ele puxara ao resto dos Henderson. Todos os membros da família (dez no total, sem contar Dad Henderson, que era contrabandista de bebidas e vivia preso, todos amontoados numa casa de quatro aposentos ao lado de uma igreja dos negros) eram desagradáveis e mal-humorados, sempre prontos a lhe fazer algum mal; Odd nem era o pior deles, e podem acreditar que isso não é dizer pouco.

Muitas das crianças da nossa escola vinham de famílias mais pobres ainda que os Henderson; Odd tinha um par de sapatos, enquanto alguns meninos, e meninas também, viam-se obrigados a ir à escola descalços mesmo com tempo muito ruim — a Depressão chegou a esse ponto no Alabama. Mas ninguém, fosse quem fosse, tinha um ar mais descuidado que Odd — um espantalho magro e coberto de sardas, vestindo um macacão surrado e suarento que teria sido um traje humilhante para um condenado a trabalhos forçados. Seria até caso de sentir dó, se ele não fosse tão detestável. Todas as crianças tinham medo dele, não só nós, os menores, mas também os meninos da sua idade e até mais velhos.

Ninguém jamais brigou com ele, só uma menina chamada Ann “Jumbo” Finchburg, por acaso a outra valentona da cidade. Jumbo, uma garota baixa mas compacta com jeito de menino, dona de uma técnica de luta em que valia absolutamente tudo, pulou nas costas de Odd durante o recreio num dia morno, e três professoras, cada uma das quais deve ter desejado que os combatentes

matassem um ao outro, precisaram de muito tempo para separá-los. E o resultado final foi uma espécie de empate: Jumbo perdeu um dente, metade dos cabelos, e desenvolveu uma mancha cinzenta fosca no olho esquerdo (e nunca mais tornou a enxergar com clareza); entre as baixas de Odd figuram um polegar quebrado, e mais algumas cicatrizes, que devem acompanhá-lo até o dia em que fecharem seu caixão. Pelos meses seguintes, Odd fez de tudo para provocar Jumbo a aceitar uma revanche; mas Jumbo já tinha apanhado o bastante, e procurava manter-se à distância. Como, aliás, eu teria feito, caso ele deixasse; infelizmente, eu era o objeto da implacável atenção de Odd.

Considerando-se a época e o local, eu era razoavelmente próspero — morando, como morava, num antigo casarão rural de pé-direito alto situado no ponto onde a cidade terminava e começavam os campos e florestas. A casa pertencia a parentes distantes, primos mais velhos, e esses primos, três solteironas e um irmão também solteiro, acolheram-me sob seu teto em virtude de uma perturbação ocorrida em minha família mais imediata, uma batalha por custódia que, por motivos complexos, me fizera ir parar naquele lar um tanto excêntrico do Alabama. Não que eu fosse infeliz; na verdade, alguns momentos desses poucos anos acabaram por se revelar a parte mais feliz de uma infância de resto muito penosa, sobretudo porque a mais jovem dessas primas, com seus sessenta e poucos anos, transformou-se na minha melhor amiga. Como ela própria era uma criança (e muita gente achava que era menos ainda que isso, murmurando a seu respeito como se ela fosse a irmã gêmea do pobre e doce Lester Tucker, que vagava pelas ruas da cidade em mansa confusão), compreendia as crianças, e me compreendia inteiramente.

Talvez fosse estranho para um garoto ter como melhor amiga uma solteirona envelhecida, mas nenhum de nós dois tinha uma visão das coisas normal nem antecedentes normais, de maneira que foi inevitável, em nossa solidão isolada, que partilhássemos essa amizade singular. Sem contar as horas que eu passava na escola, nós três — eu, a velha Queenie, nossa terrier muito agressiva, e a srta. Sook, como todo mundo chamava minha amiga — estávamos quase sempre juntos. Catávamos ervas nos bosques, pescávamos em rios distantes (usando talos secos de cana como varas de pesca) e coletávamos samambaias e plantas incomuns, que transplantávamos e cultivávamos com exuberância em baldes de lata e em urinóis. A maior parte da nossa vida, porém, acontecia na cozinha — uma cozinha de fazenda, dominada por um imenso fogão a lenha preto, que estava quase sempre escura e ensolarada ao mesmo tempo.

A srta. Sook, sensível como uma planta dormideira, uma reclusa que jamais ultrapassara as divisas do condado, era totalmente diferente de seu irmão e das irmãs, mulheres sensatas e vagamente masculinas que administravam uma mercearia e vários outros negócios. O irmão, tio B., era dono de uma série de

plantações de algodão na área; por se recusar a dirigir máquinas móveis ou a manter qualquer contato com elas, andava a cavalo, correndo todo dia de uma propriedade a outra. Era um bom homem, embora muito calado: grunhia sim ou não, e só abria de fato a boca para enchê-la de comida. Em todas as refeições, tinha o apetite de um urso-cinzento do Alasca no fim da hibernação, e era à srta. Sook que cabia a tarefa de alimentá-lo.

O café-da-manhã era nossa principal refeição; tanto o almoço, exceto aos domingos, como o jantar constavam de cardápios mais leves, quase sempre compostos de restos da manhã. Mas os cafés-da-manhã, servidos pontualmente às cinco e meia, eram de inchar qualquer estômago. Até hoje conservo uma fome nostálgica desses repastos matinais de presunto e galinha frita, costeletas de porco fritas, peixe frito, esquilo frito (na estação), ovos fritos, canjica de milho com molho de carne, feijão-fradinho, couve enopada com bolo de milho para misturar no caldo, bolinhos, bolo caseiro, panquecas com melaço, mel no favo, geléias e compotas feitas em casa, leite, leiteiro, café aromatizado com chicória e quente como o Hades.

A cozinheira, acompanhada de seus assistentes, Queenie e eu, acordava todo dia às quatro para acender o fogão, pôr a mesa e preparar tudo. Acordar a essa hora não era a provação que pode parecer; estávamos acostumados, e de qualquer maneira sempre íamos deitar assim que o sol se punha e os passarinhos se acomodavam nas árvores. E minha amiga também não era tão frágil quanto parecia; embora houvesse sido uma criança enfermiça e tivesse os ombros curvados, tinha mãos fortes e pernas robustas. Era capaz de se deslocar com uma velocidade ágil e determinada, os tênis surrados que invariavelmente usava guinchando no piso encerado da cozinha, e seu rosto inconfundível, com traços delicadamente desajeitados e olhos lindos e muito jovens, irradiava uma força que sugeria antes o prêmio por um brilho espiritual interior do que a superfície visível de uma mera saúde de mortal.

Ainda assim, dependendo da estação e do número de empregados nas plantações do tio B., às vezes chegava a haver quinze pessoas sentadas à mesa desses banquetes do alvorecer; os empregados tinham direito a uma refeição quente por dia — era parte de seu salário. Em princípio, uma negra vinha ajudar a lavar os pratos, arrumar as camas, limpar a casa e lavar a roupa. Era preguiçosa e indigna de confiança, mas sempre fora amiga da srta. Sook — o que significava que minha amiga nem sequer cogitava de substituí-la e simplesmente fazia ela própria todo o trabalho. Rachava lenha, cuidava de uma vasta criação de galinhas, perus e porcos, esfregava, espanava, remendava todas as nossas roupas; mesmo assim, quando eu voltava da escola, estava sempre disposta a passar algum tempo comigo — disputar um jogo de cartas chamado Rook, sair à cata de cogumelos, travar uma guerra de travesseiros ou, sentada a meu lado à luz difusa do entardecer na cozinha, me ajudar com meus deveres de casa.

Ela adorava percorrer meus livros escolares, especialmente o atlas geográfico (“Ah, Buddy”, dizia, porque me chamava de Buddy, “imagine só — um lago chamado Titicaca. Que existe de verdade em algum lugar do mundo”). E meus estudos também eram os estudos dela. Em virtude da doença de sua infância, ela quase não freqüentara a escola; sua letra era uma série de erupções irregulares, sua ortografia uma interpretação altamente fonética e pessoal. Eu já sabia ler e escrever com muito mais segurança e facilidade do que ela era capaz de fazer (embora ela conseguisse “estudar” um capítulo da Bíblia por dia e nunca perdesse *A Pequena Órfã* ou *Os Sobrinhos do Capitão*, tiras diárias de quadrinhos publicadas pelo jornal de Mobile). Ficava muito orgulhosa com “nossos” boletins (“Caramba, Buddy! Cinco As. Até mesmo em matemática. Nunca achei que a gente fosse tirar um A em matemática”). Era um mistério para ela a razão por que eu odiava a escola, a razão por que certas manhãs eu chorava e suplicava ao tio B., a voz decisiva da família, que me deixasse ficar em casa.

Claro que não era a escola que eu odiava; quem eu odiava era Odd Henderson. Os tormentos que ele concebia! Por exemplo, costumava ficar à minha espera debaixo de um carvalho que sombreava um dos cantos do terreno da escola; na mão guardava um saco de papel repleto de carrapichos pontiagudos coletados no caminho. Não adiantava tentar correr mais que ele, porque ele era mais rápido que uma cobra enrodilhada; e como uma cascavel ele dava o bote, me derrubava pregado no chão e, os olhos pequenos cheios de alegria, esfregava os carrapichos na minha cabeça. Geralmente um círculo de meninos se formava ao nosso redor para rir, ou fingir que riam; na verdade não achavam graça; mas Odd os deixava nervosos e ansiosos por agradá-lo. Em seguida, escondido num dos cubículos do banheiro dos meninos, eu removia os carrapichos emaranhados em nós do meu cabelo; o que levava horas, e sempre me fazia perder o sinal para a primeira aula.

Nossa professora da segunda série, a srta. Armstrong, mostrava-se compassiva, pois desconfiava do que estava acontecendo; mas finalmente, exasperada por meus atrasos constantes, acabou ralhando comigo na frente da turma toda: “Senhorzinho dos suspensórios grandes. Que cabeça imensa, a dele. Entra na sala, dançando, vinte minutos depois do sinal. Ou meia hora”. Isso me fez perder o controle; aponteí para Odd Henderson e gritei: “Pois devia brigar com ele. A culpa é desse filho-da-puta”.

Eu sabia muitos palavões, mas mesmo assim até eu fiquei chocado quando ouvi minhas palavras ecoando em meio a um silêncio apavorante, e a srta. Armstrong, avançando para mim com uma régua pesada na mão, disse: “Estenda as mãos, rapaz. Com as palmas viradas para cima”. E então, enquanto Odd Henderson observava com um sorrisinho cítrico, ela cobriu de bolhas as palmas das minhas mãos com sua régua reforçada de metal, até a sala ficar borrada.

Eu precisaria de uma página inteira em letra bem miúda para relacionar todos os criativos maus-tratos que Odd me infligia, mas o que mais me enfurecia e fazia sofrer era a sensação de expectativa implacável que ele produzia em mim. Uma vez, depois de ele me imprensar na parede, perguntei-lhe diretamente o que eu tinha feito para ele sentir tanta raiva de mim; de repente ele relaxou, me soltou e disse: “Você é um maricas; estou só dando um jeito em você”. Ele estava certo, eu era mesmo uma espécie de maricas, e, no momento em que ele disse isso, percebi que não havia nada que eu pudesse fazer para mudar sua opinião, a não ser me fortalecer para aceitar e contestar esse fato.

Assim que me vi de volta na paz da cozinha quente, onde Queenie poderia estar roendo um velho osso desencavado e minha amiga ajeitando a massa para cobrir uma torta, o peso de Odd Henderson, bem-aventuradamente, escorria dos meus ombros. Mas muitas vezes, à noite, aqueles olhos apertados de leão assomavam em meus sonhos enquanto sua voz aguda e rouca, pronunciando promessas cruéis, siblava nos meus ouvidos.

O quarto da minha amiga ficava ao lado do meu; ocasionalmente, ela era despertada pelos gritos que eu emitia no tumulto dos pesadelos; nesses momentos ela vinha e me sacudia para me tirar de um dos comas causados por Odd Henderson. “Escute”, dizia, acendendo um lampião, “você está deixando Queenie com medo. Ela está tremendo.” E: “Será febre? Você está encharcado. Talvez a gente devesse ligar para o dr. Stone”. Mas ela sabia que não era febre, sabia que era por causa dos meus problemas na escola, porque eu lhe contara e tornara a contar a maneira como Odd Henderson me tratava.

Mas ultimamente eu tinha parado de falar a respeito, nunca mais tocara no assunto, porque ela se recusava a admitir que um ser humano pudesse ser tão mau como eu dizia que ele era. A inocência, preservada pela falta de experiência que sempre isolara a srta. Sook, tornava-a incapaz de conceber um mal tão completo.

“Ah”, podia ela dizer, esfregando calor nas minhas mãos geladas, “ele só implica com você por inveja. Ele não é tão inteligente ou bonito como você.” Ou, num tom menos bem-humorado: “O que você precisa lembrar sempre, Buddy, é que esse menino não consegue deixar de fazer essas coisas feias; ele não conhece outro jeito. Tudo foi sempre muito duro para os meninos da família Henderson. E a culpa é do Dad Henderson. Nem gosto de dizer essas coisas, mas aquele homem nunca passou de um encrenqueiro idiota. Você sabia que uma vez o tio B. deu uma surra de chicote nele? Pegou Dad batendo num cachorro e desceu-lhe o chicote na mesma hora. A melhor coisa que já aconteceu foi quando ele foi preso na prisão-fazenda do estado. Mas eu me lembro de Molly Henderson antes dela se casar com Dad. Tinha só uns quinze ou dezesseis anos, recém-chegada de algum lugar do outro lado do rio. Trabalhava para Sade Danvers mais adiante, aprendendo corte e costura. Costumava passar por aqui e

me via regar o jardim — uma moça muito bem-educada, com lindos cabelos ruivos, e tão agradecida por tudo; às vezes eu dava a ela um punhado de ervilhas ou uma camélia, e ela sempre agradecia tanto. Então ela começou a passear de braço com Dad Henderson — ele tão mais velho e um completo patife, bêbado ou sóbrio. Bem, o Senhor deve ter lá as Suas razões. Mas é uma pena; Molly não pode ter mais de trinta e cinco anos, e está lá sem nenhum dente na boca e nem um tostão na casa. Só um bando de crianças para dar de comer. Você precisa levar isso em conta, Buddy, e ter paciência”.

Paciência! De que adiantava discutir? Finalmente, porém, minha amiga entendeu a seriedade do meu desespero. A compreensão chegou em silêncio e não foi resultado dos pesadelos que me faziam despertar no meio da noite, nem das cenas de súplica ao tio B. Aconteceu num fim de tarde chuvoso de novembro, quando estávamos sentados a sós na cozinha, perto do fogão quase apagado; tínhamos acabado de jantar, os pratos estavam empilhados, e Queenie roncava enrodilhada numa cadeira de balanço. Eu ouvia a voz sussurrada da minha amiga, quase abafada pelo ruído da chuva no telhado, mas minha mente estava nas minhas inquietações e eu não prestava a menor atenção nela, embora percebesse que falava do Dia de Ação de Graças, dali a uma semana.

Meus primos nunca se casaram (o tio B. *quase* tinha se casado, mas sua prometida lhe devolvera o anel de noivado ao ver que no acerto estava incluído compartilhar o comando da casa com três solteironas muito singulares); ainda assim, gabavam-se de vastas conexões familiares por todos os arredores: muitíssimos primos, e uma tia, a sra. Mary Taylor Wheelwright, que tinha cento e três anos de idade. Como nossa casa era a maior e sua localização a mais conveniente, era tradição todos esses parentes se reunirem ali todo ano no Dia de Ação de Graças; embora raramente houvesse menos que trinta comensais, não era uma festa onerosa, porque nós só entrávamos com a casa e com uma farta quantidade de perus recheados.

Os convidados traziam os acompanhamentos, cada um contribuindo com sua especialidade: uma prima em terceiro grau, Harriet Parker, de Flomaton, fazia uma ambrosia perfeita — tiras transparentes de laranja combinadas com coco recém-ralado; a irmã de Harriet, Alice, geralmente chegava carregando um prato de batatas-doces batidas com passas; a tribo Conklin, o sr. e a sra. Bill Conklin e seu quarteto de lindas filhas, sempre trazia uma deliciosa variedade de frutas e legumes enlatados ao longo do verão. Meu prato favorito era um pudim frio de banana — receita da tia anciã que, apesar de sua longevidade, ainda dava mostras de grande energia doméstica; para nossa tristeza, ela levou o segredo consigo quando morreu em 1934, aos cento e cinco anos (e não foi a idade quem baixou o pano; ela foi atacada e morta por um touro num pasto).

A srta. Sook ruminava essas questões enquanto minha mente vagava por um labirinto tão desolador quanto aquele crepúsculo chuvoso. De repente, ouvi o



som dos nós dos seus dedos batendo na mesa da cozinha: “Buddy!”.

“Quê?”

“Você não ouviu nada do que eu disse.”

“Desculpe.”

“Acho que vamos precisar de cinco perus desta vez. Quando fui falar com o tio B., ele disse que queria que você matasse os bichos. E arrancasse as penas também.”

“Mas *por quê?*”

“Ele disse que os garotos precisam aprender essas coisas.”

A matança era tarefa do tio B. Para mim era um sacrifício ver quando ele matava um porco ou mesmo quando torcia o pescoço de um frango. Minha amiga sentia a mesma coisa; nem eu nem ela conseguíamos suportar nenhuma violência mais sangrenta do que matar moscas, de maneira que fiquei pasmo com seu tom casual ao me transmitir aquela ordem.

“Pois eu não vou.”

Então ela sorriu. “Claro que não. Vou chamar Bubber ou algum outro rapaz de cor. Basta pagar cinco centavos. Mas”, disse, num tom conspiratoriamente mais baixo, “vamos deixar o tio B. achar que foi você. Assim ele fica satisfeito e vai parar de dizer que é tão ruim.”

“O que é tão ruim?”

“Nós dois estarmos sempre juntos. Ele disse que você devia ter outros amigos, garotos da sua idade. E tem razão.”

“Eu não quero nenhum outro amigo.”

“Quieto, Buddy. Fique quieto. Você me trata muito bem. Não sei o que eu faria sem você. Ia só virar uma velha doente. Mas eu quero que você seja feliz, Buddy. Forte, capaz de sair para o mundo. E você nunca vai conseguir enquanto não der um jeito de lidar com pessoas como Odd Henderson e aprender a transformar gente assim em amigos.”

“Ele? É o último amigo que eu quero no mundo!”

“Por favor, Buddy — convide esse garoto para vir aqui no Dia de Ação de Graças.”

Embora eu e ela às vezes nos desentendêssemos, nunca chegamos a brigar. Num primeiro momento, não consegui acreditar que aquele seu pedido fosse mais que uma amostra de piada de mau gosto; mas depois, quando vi que ela falava sério, percebi, muito espantado, que estávamos no caminho da ruptura.

“Achei que você era minha *amiga*.”

“E eu sou, Buddy. De verdade.”

“Se fosse, nunca iria pensar numa coisa dessas. Odd Henderson me odeia. Ele é meu *inimigo*.”

“Ele não pode odiá-lo. Ele nem conhece você.”

“Pois eu o odeio.”

“Porque não o conhece. É só isso que eu peço. Uma oportunidade para vocês se conhecerem um pouco. Aí eu acho que esses problemas iam acabar. E talvez você tenha razão, Buddy, talvez vocês dois nunca fiquem amigos. Mas duvido que ele continue a implicar com você.”

“Você não entende. Você nunca odiou uma pessoa.”

“Não, nunca odiei. Só temos pouco tempo nesta Terra, e eu não ia querer que o Senhor me visse desperdiçando o meu dessa maneira.”

“Não vou convidar. Ele ia achar que fiquei maluco. E eu ia ter ficado mesmo.”

A chuva tinha acalmado, deixando um silêncio que se prolongou com grande infelicidade. Os olhos claros da minha amiga me contemplavam como se eu fosse uma carta de Rook que ela estivesse decidindo como jogar; ela afastou da testa um cacho grisalho de cabelo e suspirou. “Então convido *eu*. Amanhã”, disse. “Vou pôr o chapéu e fazer uma visita a Molly Henderson.” Essa declaração era prova do quanto ela estava determinada, pois eu jamais vira a srta. Sook planejar uma visita à casa de quem quer que fosse, não só porque ela não tinha nenhum traquejo social, como também porque era modesta demais para supor que seria bem recebida. “Acho que não vai haver muita festa de Ação de Graças na casa deles. E Molly deve ficar satisfeita só de saber que Odd vai comer conosco. Ah, eu sei que o tio B. nunca iria permitir, mas o certo mesmo era convidar todos eles.”

Minha risada acordou Queenie; e depois de um momento de surpresa minha amiga riu também. Suas bochechas ficaram coradas, e uma luz cintilou em seus olhos; levantando-se, ela me deu um abraço e disse: “Oh, Buddy, eu sabia que você iria me perdoar e entender que minha idéia fazia algum sentido”.

Mas ela estava enganada. Minha hilaridade tinha outras origens. Duas. A primeira era a imagem do tio B. fatiando o peru para aquele bando de encenqueiros da família Henderson. E a segunda: ocorreu-me que não havia motivo para alarme; a srta. Sook podia fazer o convite, e a mãe de Odd até podia aceitar em nome dele; mas Odd não iria aparecer nem em um milhão de anos.

O orgulho não deixaria. Por exemplo, ao longo de todos os anos da Depressão, nossa escola distribuía leite e sanduíches de graça a todas as crianças cujas famílias fossem pobres demais para mandar um almoço para os meninos. Mas Odd, por mais emaciado que estivesse, sempre se recusava a aceitar esses donativos; saía andando sozinho, devorava um punhado de amendoins ou roía um nabo cru. Esse tipo de orgulho era característico da raça dos Henderson: eles podiam roubar e até arrancar o ouro dos dentes de um morto, mas nunca aceitariam nada que lhes fosse oferecido abertamente, porque viam como ofensa qualquer coisa que lembrasse caridade. Odd haveria de ver no convite da

srta. Sook um gesto de caridade; ou — e não sem alguma razão — uma forma de pagamento destinada a aliviar o tratamento que ele me dava.

Fui dormir com o coração leve naquela noite, porque estava convencido de que meu Dia de Ação de Graças jamais seria prejudicado pela presença de um visitante tão inadequado.

No dia seguinte acordei com um resfriado forte, o que foi ótimo; significava que podia faltar à escola. Significava também que iriam acender a lareira do meu quarto, que eu poderia tomar creme de tomate e ficar horas sozinho com o sr. Micawber e David Copperfield: a mais feliz das maneiras de passar um dia na cama. Tinha voltado a chover; mas, cumprindo sua palavra, minha amiga pôs o chapéu, um adorno de palha de abas largas enfeitado com rosas de veludo desbotadas, e seguiu para a casa dos Henderson. “Só vou me demorar um minuto”, disse. Na verdade, foram quase duas horas. Eu não conseguia imaginar que a srta. Sook fosse capaz de manter uma conversa tão longa com outra pessoa além de mim ou dela mesma (falava sempre sozinha, um hábito das pessoas equilibradas de natureza solitária); e, quando ela voltou, parecia esgotada.

Ainda de chapéu e com uma velha e folgada capa de chuva, ela enfiou o termômetro na minha boca e depois sentou ao pé da cama. “Eu gosto dela”, disse com firmeza. “Sempre gostei de Molly Henderson. Ela faz o que pode, e a casa estava limpa feito as unhas de Bob Spencer” — que era um pastor batista famoso por sua aura de higiene — “mas muito fria. Com o telhado de zinco, o vento entrando pela sala e nem uma lasca de lenha para queimar. Ela me perguntou se eu queria alguma coisa, e bem que eu teria adorado uma xícara de café, mas disse que não. Porque acho que não havia café nenhum na casa. Nem açúcar.

“Fiquei com vergonha, Buddy. Dói lá no fundo ver alguém lutando como Molly. Sem nunca conseguir ver um dia bonito. Não digo que as pessoas devam conseguir tudo o que querem. Apesar de que, pensando bem, não vejo qual o problema disso. Você devia ter uma bicicleta, e por que Queenie não podia ganhar um belo osso de boi todo dia? Pois é, agora me ocorreu, e agora eu entendi: na verdade, todo mundo devia conseguir tudo o que quer. Aposto com você como é essa a vontade do Senhor. E, quando em toda a nossa volta vemos gente que não consegue satisfazer as necessidades mais simples, eu fico com vergonha. Ah, não por mim, porque eu sou quem eu sou, uma velha insignificante que nunca possuiu nada; se eu não tivesse uma família para me sustentar, teria morrido de fome ou ido parar no asilo do condado. A vergonha que eu sinto é por todos nós, que temos alguma coisa a mais quando outros não têm nada.

“Eu disse a Molly que aqui em casa estavam sobrando cobertas — temos um baú de colchas de retalhos velhas no sótão, as que eu fiz quando era moça e não podia sair muito de casa. Mas ela nem me deixou terminar, disse que a

família Henderson estava indo muito bem, obrigada, e que a única coisa que queriam era que Dad fosse solto e pudesse voltar para casa. ‘Srta. Sook’, ela disse, ‘Dad é um bom marido, apesar de tudo o mais que ele possa ser.’ Enquanto isso, ela precisa cuidar dos filhos.

“E, Buddy, você deve estar enganado sobre esse menino, Odd. Pelo menos em parte. Molly me contou que ele ajuda muito em casa e é um grande consolo para ela. Nunca se queixa, por mais que ela arrume coisas para ele fazer. Contou que ele canta tão bem quanto um cantor de rádio e que, quando as crianças mais novas começam a fazer um tumulto muito grande, ele consegue acalmar todas só cantando para elas. O triste”, deplorou ela, retirando o termômetro, “é que a gente só pode ajudar pessoas como Molly respeitando-as e lembrando delas em nossas orações.”

O termômetro me impedira de falar; mas agora eu perguntei: “E o convite?”.

“Às vezes”, disse ela, fazendo uma careta para a linha vermelha dentro do vidro, “acho que meus olhos estão se acabando. Na minha idade, a pessoa começa a ter de olhar em volta muito de perto. Para poder lembrar como é uma teia de aranha. Mas, respondendo a sua pergunta, Molly ficou feliz de saber que você lembrou de convidar Odd para o Dia de Ação de Graças. E”, continuou, ignorando meu grunhido, “disse que sabia que ele ia ficar louco para vir. A sua temperatura está quase chegando aos trinta e oito. Acho que você vai continuar em casa amanhã. E devia estar feliz! Dê um sorriso para mim, Buddy.”

E no fim das contas eu pude sorrir muito durante os dias seguintes antes da grande festa, porque meu resfriado se transformou em crupe e fiquei todo esse período sem ir à escola. Não tive nenhum contato com Odd Henderson, e, portanto, não tinha como avaliar diretamente sua reação ao convite; mas imaginava que primeiro ele havia dado risada, e depois uma cusparada de lado. A perspectiva de que ele pudesse aceitar não me preocupava; era uma possibilidade tão remota quanto Queenie rosnar para mim ou a srta. Sook trair minha confiança.

Ainda assim, Odd permanecia uma presença, uma sombra ruiva toldando minha alegria. Fiquei fascinado com a descrição que a mãe dele nos fornecera; perguntei-me se era mesmo verdade que ele tinha outro lado, que em algum ponto debaixo de todo aquele mal existia uma fagulha de empatia humana. Mas era impossível! Para acreditar naquilo, só alguém que deixasse a casa destrancada quando os ciganos chegavam na cidade. Bastava olhar para ele.

A srta. Sooksabia que meu crupe não era tão sério quanto eu dava a crer, e assim, toda manhã, depois que os outros se ausentavam — o tio B. para suas plantações e as irmãs para sua mercearia —, ela me deixava sair da cama e até permitia que eu ajudasse na limpeza completa, igual à da chegada da primavera, que sempre antecedia a reunião do Dia de Ação de Graças. Era muita coisa para

fazer, o bastante para uma dúzia de pessoas. Lustramos os móveis da sala, o piano, a estantezinha preta (que só continha um fragmento da famosa Stone Mountain que as irmãs haviam trazido de uma viagem de negócios a Atlanta), as cadeiras de balanço formais de nogueira e os móveis adornados em estilo mais austero — esfregamos cada um com cera aromatizada com limão até o lugar ficar brilhante como casca de limão e com o cheiro de um pomar florido de frutas cítricas. As cortinas foram lavadas e penduradas de volta nas janelas, as almofadas, sovas, os tapetes, batidos; por toda parte, grãos microscópicos de poeira e plumas minúsculas pairavam em meio à luz clara de novembro, flutuando nos aposentos de pé-direito altíssimo. A pobre Queenie ficou confinada na cozinha, por medo de que pudesse soltar algum pêlo, ou talvez até uma pulga, nas áreas mais nobres da casa.

A tarefa mais delicada era a preparação dos guardanapos e das toalhas de mesa que iriam ser usados na sala de jantar. Tudo pertencera à mãe da minha amiga, que ganhara o enxoval de presente de casamento; embora só fossem utilizados uma ou duas vezes por ano, digamos duzentas vezes nos últimos oitenta anos, ainda assim tinham oitenta anos de idade, e apresentavam remendos, manchas e áreas desbotadas. É provável que já de início o material não fosse muito bom, mas a srta. Sook tratava aquelas peças como se tivessem sido tecidas por mãos de ouro nos teares celestiais: “Minha mãe sempre dizia: ‘Ainda pode chegar o dia em que tudo o que poderemos oferecer será água do poço e bolo de milho frio, mas pelo menos a comida vai ser servida numa mesa posta com uma boa toalha e os guardanapos certos’”.

À noite, depois de todo o trabalho do dia e quando o resto da casa se apagava, um lampião fraco ardia até mais tarde enquanto minha amiga, sentada na cama com uma pilha de guardanapos no colo, consertava pequenos danos com agulha e linha, a testa franzida, os olhos cruelmente apertados mas iluminados pelo enlevo exausto de um peregrino que se aproxima do altar no ponto de destino de sua jornada.

Hora atrás de hora, quando as badaladas enfraquecidas do distante relógio do tribunal batiam as dez e as onze e as doze, eu acordava, via seu lampião ainda aceso e entrava sonolento no quarto dela para reclamar: “Você devia estar dormindo!”.

“Daqui a um minuto, Buddy. Agora não posso. Quando penso em quanta gente virá, fico assustada. Minha cabeça começa a girar”, dizia ela, parando de coser e esfregando os olhos. “A girar e a ver estrelas.”

Crisântemos: alguns deles imensos, do tamanho da cabeça de um bebê. Ramos com folhas cor de cobre e nuances fugidias de lavanda. “Os crisântemos”, comentou minha amiga enquanto andávamos pelo jardim procurando as flores mais espetaculares para colher com tesouras decapitantes, “são como leões. Dotados de realeza. Eu sempre acho que a qualquer momento

eles podem *pular* em cima de mim. E me atacar, rosnando e rugindo.”

Era o tipo de comentário que fazia as pessoas olharem para a srta. Sook com ar de dúvida, mas só percebo isso agora, porque eu sempre entendia exatamente o que ela queria dizer, e nesse caso a idéia toda, a noção de que íamos reunir aqueles belos leões raivosos, rosnadores e rugentes, trazendo-os para dentro de casa enjaulados em vasos baratos (nosso ato decorativo final na véspera do Dia de Ação de Graças), nos fez rir tanto que quase perdemos o fôlego, e ficamos tontos e apatetados.

“Olhe só para a Queenie”, disse minha amiga, gaguejando de tanto rir. “Olhe as orelhas dela, Buddy. Espetadas para cima. Ela está pensando: Que gente maluca é essa com quem eu fui me meter? Ah, Queenie. Venha cá, meu bem. Vou dar um bolinho molhado no café quente para você.”

Muito cambiante, aquele Dia de Ação de Graças. Cambiante, com chuvaradas que se alternavam bruscamente com momentos de céu limpo, atravessados por raios crus do sol e súbitos ventos incontroláveis que carregavam as últimas folhas ainda deixadas pelo outono.

Os sons da casa também eram maravilhosos: panelas, potes e a voz pouco usada e enferrujada do tio B., postado no corredor em seu impecável terno dominical, cumprimentando os convidados que chegavam. Alguns vinham a cavalo ou em carroças puxadas por mula, a maioria em caminhonetes muito polidas ou em calhambeques maltratados. O sr. e a sra. Conklin com suas quatro lindas filhas chegaram num Chevrolet 1932 verde-menta (o sr. Conklin estava bem de vida; era dono de várias traineiras de pesca que operavam a partir do porto de Mobile), objeto que despertou a animada curiosidade dos homens presentes; estudaram o carro e mexeram nele com tanto interesse que quase o desmontaram.

Os primeiros convidados a chegar foram a sra. Mary Taylor Wheelwright, escoltada por seus guardiães, um neto e a mulher. Era a coisinha mais linda, a sra. Wheelwright; carregava sua idade como se esta tivesse a leveza do minúsculo chapéu vermelho que, como uma cereja em cima de um sundae de baunilha, se equilibrava no alto de seus cabelos cor de leite. “Querido Bobby”, disse ela, abraçando o tio B., “sei que estamos um pouquinho adiantados, mas você sabe como eu sou, sempre preocupada em ser absolutamente pontual.” O que era um pedido justo de desculpas, porque ainda nem eram nove da manhã e ninguém esperava convidado algum antes do meio-dia.

Ainda assim, *todo mundo* chegou mais cedo que o esperado — menos a família Perk McCloud, que teve dois pneus furados numa viagem de cerca de cinquenta quilômetros e veio tão mal-humorada, especialmente o sr. McCloud, que chegamos a temer pela porcelana. A maioria daquelas pessoas passava o ano inteiro em lugares solitários dos quais era difícil se afastar: fazendas isoladas, encruzilhadas e paradas do trem, ermas cidadezinhas à beira do rio ou

comunidades de lenhadores no fundo das florestas de pinheiros; de maneira que era a ansiedade, claro, que as fazia chegar mais cedo, sequiosas por um encontro afetuoso e memorável.

E assim era. Pouco tempo atrás, recebi uma carta de uma das irmãs Conklin, hoje casada com um comandante da Marinha e morando em San Diego; ela escreveu: “Penso muito em você nesta época do ano, acho que por causa do que aconteceu num daqueles nossos Dias de Ação de Graças do Alabama. Foi poucos anos antes da morte da srta. Sook — teria sido em 1933? Meu Deus, jamais vou esquecer aquele domingo”.

Em torno do meio-dia, não havia mais lugar na sala, uma colméia que zumbia com a conversa das mulheres e os perfumes femininos: a sra. Wheelwright cheirava a água de lilás, e Annabel Conklin, a gerânios depois da chuva. O aroma do tabaco se espalhava a partir da varanda, onde a maioria dos homens se reunira, apesar do tempo variável, da alternância de pancadas de chuva com rajadas de vento ensolarado. O tabaco era uma substância estranha àquele cenário; é verdade que a srta. Sook de vez em quando usava rapé, gosto que havia adquirido por influência desconhecida e que ela se recusava a discutir; suas irmãs ficariam horrorizadas se suspeitassem daquilo, e o tio B. também, pois tinha uma postura rigorosa em relação a todos os estimulantes, que condenava do ponto de vista médico e moral.

O odor viril dos charutos, a queima pungente do fumo de cachimbo, as riquezas aromáticas de casco de tartaruga que evocavam, toda hora me atraíam da sala para a varanda, embora eu preferisse a sala, por causa da presença das irmãs Conklin, que se revezavam no nosso piano desafinado, o qual tocavam com uma falta de pose bem-humorada e talentosa. £“Indian love call” fazia parte de seu repertório, e também uma balada de guerra de 1918, o lamento de uma criança que discutia com o ladrão que entrava em sua casa, intitulada “Don’t steal Daddy’s medals, he won them for bravery”. Annabel tocava e cantava; era a mais velha das irmãs e também a mais bonita, embora fosse muito difícil escolher entre elas, porque pareciam quadrigêmeas de alturas desiguais. Lembravam maçãs, compactas e saborosas, doces mas com um toque ácido de sidra; seus cabelos, frouxamente trançados, tinham o lustro azulado de um cavalo de corrida negro escovado a fundo, e certos traços, as sobrancelhas, o nariz, os lábios quando sorriam, apresentavam uma expressão e um estilo originais que acrescentavam humor a seus encantos. E o melhor de tudo é que ainda eram um pouco rechonchudas: “agradavelmente rechonchudas” seria uma descrição precisa.

Foi enquanto eu ouvia Annabel no piano, e me apaixonava por ela, que senti a chegada de Odd Henderson. Digo *senti* porque percebi sua presença antes

de vê-lo: o que me alertou foi a sensação de perigo que avisa, por exemplo, um mateiro experiente do encontro com uma cascavel ou com um gato-do-mato.

Virei-me, e lá estava ele, postado na entrada da sala, metade para dentro, metade para fora. Para os outros devia ser apenas um menino comprido e meio sujo de doze anos, que fizera algum esforço para ficar à altura do acontecimento repartindo e alisando seu cabelo difícil que ainda exibia os sulcos úmidos e intactos do pente. Mas para mim ele era tão inesperado e sinistro quanto um gênio saído de uma garrafa. Que imbecil eu tinha sido de achar que ele não iria aparecer! Só um cretino não teria adivinhado que ele viria por puro despeito: pela alegria de estragar para mim aquele dia tão aguardado.

No entanto, Odd ainda não me vira: Annabel, cujos dedos firmes e acrobáticos faziam cabriolas nas teclas desalinhasdas do piano, atraía sua atenção, porque ele só olhava para ela, com a boca aberta e os olhos apertados, como se a tivesse surpreendido sem roupa refrescando-se no rio local. Era como se contemplasse uma visão havia muito desejada; suas orelhas, normalmente já coradas, estavam da cor de pimentões. A cena o deixou num tal transe, que eu pude passar direto por ele e enveredar em velocidade pelo corredor a caminho da cozinha. “Ele veio!”

Minha amiga já completara seu trabalho horas antes; além disso, tinha duas mulheres de cor para ajudá-la. Ainda assim, escondia-se na cozinha desde o início da nossa festa, a pretexto de fazer companhia à desterrada Queenie. Na verdade, tinha medo de se misturar a qualquer grupo, mesmo que composto apenas de parentes, razão por que, malgrado sua confiança na Bíblia e em seu Herói, ela raramente ia à igreja. E, embora adorasse todas as crianças e ficasse à vontade com elas, não era aceitável como criança, mas tampouco era capaz de aceitar-se como igual dos adultos, e num aglomerado deles comportava-se como uma jovem constrangida, calada e atônita. Mas vibrava com a *idéia* de uma festa; pena que não pudesse participar delas invisivelmente, porque nesse caso haveria de sentir-se muito festiva.

Notei que as mãos da minha amiga tremiam; as minhas também. Seu traje habitual consistia em vestidos de chita, sapatos-tênis e nos suéteres que o tio B. não queria mais; ela não tinha roupas adequadas para ocasiões engomadas como aquela. Hoje estava perdida no interior de alguma coisa que uma de suas irmãs mais corpulentas lhe emprestara, um horrendo vestido azul-marinho que a dona usara em todos os funerais do condado desde tempos imemoriais.

“Ele veio”, informei-lhe pela terceira vez. “Odd Henderson.”

“Então por que não está com ele?”, perguntou ela em tom recriminatório. “Que falta de educação, Buddy. Ele é seu convidado particular. Você tem de ir lá, providenciar para que ele fique conhecendo todo mundo e aproveite a festa.”

“*Não posso. Não vou conseguir falar com ele.*”

Queenie estava enrodilhada no colo dela, sendo acariciada na cabeça;



minha amiga se levantou e, deixando Queenie cair e revelando uma extensão de tecido azul-marinho salpicada de pêlos de cachorro, disse: “*Buddy*. Vai me dizer que não falou com o menino?”. Minha grosseria eliminou sua timidez, tomando-me pela mão, ela me conduziu até a sala.

Mas ela não precisava se incomodar com o bem-estar de Odd. Os encantos de Annabel Conklin o haviam atraído para junto do piano. Na verdade, ele estava sentado ao lado dela no banco do piano, estudando seu perfil fascinante, com os olhos opacos como as órbitas da baleia empalhada que eu tinha visto no verão anterior, quando uma feira ambulante passara pela cidade (ela era anunciada como *A Moby Dick Original*, e custava cinco centavos contemplar aqueles restos — que bando de vigaristas!). Quanto a Annabel, ela seria capaz de flertar com qualquer criatura que andasse na terra ou rastejasse pelo chão — não, injustiça minha, porque na verdade aquilo era uma forma de generosidade, de simplesmente estar viva. Ainda assim, causava-me uma certa dor vê-la tão irresistível ao lado daquele tropeiro.

Empurrando-me para a frente, minha amiga apresentou-se a ele: “*Buddy* e eu estamos muito felizes por você ter podido vir”. Odd tinha a cortesia de um bode jovem: não se levantou nem estendeu a mão, mal olhou para ela e, para mim, nem dirigiu o olhar. Desanimada mas impassível, minha amiga disse: “Talvez Odd possa cantar uma música para nós. Eu sei que ele canta; a mãe dele me contou. Annabel, querida, toque alguma coisa que Odd saiba cantar”.

Lendo o que escrevi, noto que não descrevi com detalhes as orelhas de Odd Henderson — omissão fundamental, porque eram uma dupla irresistível, como as do personagem Alfalfa do seriado *Our Gang*. Agora, diante da lisonjeira receptividade de Annabel ao pedido da minha amiga, suas orelhas adquiriram um fulgor de beterraba, tão intenso que chegava a ofuscar os olhos. Ele murmurou algo e balançou a cabeça com ar humilhado; mas Annabel perguntou: “Você sabe cantar ‘I have seen the light’?”. Ele não sabia, mas a sugestão seguinte foi recebida com um sorriso de reconhecimento; até o maior dos idiotas haveria de afirmar que sua modéstia era totalmente fingida.

Dando uma risadinha, Annabel tocou um acorde, e Odd, numa voz precocemente masculina, cantou: “*When the red, red robin comes bob, bob, bobbin’ along*”.<sup>1</sup> O pomo-de-adão pulava em seu pescoço tenso; o entusiasmo de Annabel se acelerou; o cacarejo agudo das mulheres foi ficando abafado quando elas perceberam a diversão. Odd cantava bem, sabia mesmo cantar, e a inveja que senti correr dentro de mim tinha voltagem suficiente para eletrocutar um assassino. E homicídio era justamente o que me ocorria; eu teria sido capaz de matá-lo com a mesma facilidade com que esmagava um mosquito. Com mais facilidade ainda.

Mais uma vez, sem ser visto sequer pela minha amiga, absorta nos números musicais, escapei da sala e saí em busca da Ilha. Eu tinha dado esse

nome a um lugar da casa onde sempre me refugiava quando ficava triste ou me sentia inexplicavelmente exuberante, ou simplesmente quando queria pensar nas coisas. Era um grande armário embutido, uma espécie de despensa ligada ao nosso único banheiro; o próprio banheiro, não fossem os aparelhos sanitários, parecia um acolhedor jardim-de-inverno, com um sofá de couro, tapetes espalhados, uma cômoda, uma lareira e reproduções emolduradas de *Visita do médico*, *Manhã de setembro*, *O lago dos cisnes*, e um punhado de calendários.

Havia duas janelinhas com vitrais naquele armário; padrões em forma de losango de luz rosa, âmbar e verde atravessavam as janelas, que davam para o banheiro propriamente dito. Aqui e ali, pedaços dos vitrais tinham descolorido ou quebrado; aplicando o olho a uma dessas aberturas, era possível identificar os freqüentadores do banheiro. Depois de ter passado um tempo ali dentro, ruminando o sucesso de meu inimigo, ouvi passos entrando: era a sra. Mary Taylor Wheelwright, que se postou diante de um espelho, salpicou o rosto com uma esponja de pó-de-arroz, passou ruge nas faces arcaicas e então, estudando o efeito, declarou: “Muito bom, Mary. Mesmo que quem diga isso seja a própria Mary”.

Todo mundo sabe que as mulheres sobrevivem aos homens; será apenas uma vaidade superior o que as mantém vivas por mais tempo? De qualquer maneira, a sra. Wheelwright adoçou meu humor, e, quando, logo depois da partida dela, um sino tocado com vontade ressoou por toda a casa anunciando o almoço, decidi abandonar meu refúgio e aproveitar o banquete, com Odd Henderson e tudo.

Mas nesse exato momento tornei a ouvir passos. E *ele* apareceu, com o ar menos ameaçador que eu jamais tinha visto. Saltitante. Assobiando. Desabotoando as calças e deixando escapar um jorro ruidoso, continuava a assobiar, satisfeito como um gaio num campo de girassóis. Quando ele estava saindo, uma caixa aberta em cima da cômoda atraiu sua atenção. Era uma caixa de charutos em que minha amiga guardava as receitas que recortava dos jornais e outras bobagens, bem como o broche de camafeu que seu pai lhe dera muito tempo antes. Além do valor sentimental, a imaginação dela conferira àquele objeto uma rara preciosidade; sempre que tínhamos algum motivo de grave queixa contra suas irmãs ou o tio B., ela me dizia: “Deixe estar, Buddy. Vamos vender meu camafeu e ir embora. Vamos tomar o ônibus para Nova Orleans”. Embora nunca discutíssemos o que iríamos fazer em Nova Orleans, nem como nos sustentaríamos depois que acabasse o dinheiro do camafeu, nós dois cultivávamos essa fantasia. Talvez os dois soubéssemos em segredo que o broche era apenas uma bijuteria vendida pela Sears Roebuck; ainda assim, para nós ele funcionava como talismã dotado de um verdadeiro poder mágico, que, porém, nunca era posto à prova: um amuleto que nos prometia a liberdade, caso de fato decidíssemos tentar a sorte em paragens fabulosas. De maneira que minha

amiga jamais usava o broche, pois se tratava de um tesouro precioso demais para que ela corresse o risco de perdê-lo ou danificá-lo.

Então eu vi os dedos sacrílegos de Odd aproximando-se dele, vi-o sopesar o objeto na palma da mão, devolvê-lo à caixa e depois virar-se para ir embora. E depois voltar. Dessa vez ele pegou rapidamente o camafeu e o enfiou no bolso. Minha reação instintiva imediata foi sair correndo do armário do banheiro e acusá-lo; naquele momento, acredito que eu teria sido capaz de derrubar e imobilizar Odd. *Mas* — Lembrem que, em tempos menos confusos, os autores de histórias em quadrinhos ilustravam o surgimento de uma idéia desenhando uma lâmpada incandescente acima da cabeça de Mutt, Jeff ou qualquer outro? Pois foi assim comigo: uma lâmpada luminosa acendeu-se subitamente no meu cérebro. O choque e o brilho de sua luz me queimaram e me fizeram estremecer — e também rir. Odd acabara de pôr em minhas mãos um instrumento ideal de vingança, capaz de compensar com sobras todos os carrapichos.

Na sala de jantar, mesas compridas tinham sido reunidas formando um T. O tio B. ocupava o centro da parte superior, com a sra. Mary Taylor Wheelwright à direita e a sra. Conklin à esquerda. Odd estava sentado entre duas das irmãs Conklin, uma delas Annabel, cujas gentilezas o mantinham no auge da forma. Minha amiga se alojara ao fundo da mesa, em meio às crianças mais novas; segundo ela, escolhera aquela posição porque lhe dava acesso mais rápido à cozinha, mas claro que era ali que preferia ficar. Queenie, que de algum modo se soltara, estava debaixo da mesa — tremendo e oscilando de êxtase enquanto se esgueirava entre as colunas de pernas —, mas ninguém parecia se importar, provavelmente porque estavam todos hipnotizados pelos perus inteiros, saborosos e luzídios, e pelos aromas excelentes que se erguiam das travessas de quiabo e milho, de rodelas de cebola à milanesa e empadas quentes.

E minha própria boca também estaria cheia de água se não tivesse ficado totalmente seca com a perspectiva de uma vingança total. Por um segundo, olhando para o rosto muito corado de Odd Henderson, experimentei um fragmento de remorso, mas no fim das contas não tive dó nem piedade.

O tio B. recitou a oração de agradecimento. Com a cabeça inclinada, os olhos fechados, as mãos calosas unidas em prece, entoou: “Bendito sejas, Senhor, pela abundância da nossa mesa, pelos frutos variados que podemos Te agradecer no Dia de Ação de Graças deste ano difícil” — e sua voz, tão raramente ouvida, soava quebrada pelas ocas imperfeições de um velho órgão numa igreja abandonada. “Amém.”

E então, enquanto se ajustavam as cadeiras e os guardanapos farfalhavam, a pausa por que eu vinha esperando enfim chegou. “Alguém aqui é ladrão”, disse claramente, e repeti a acusação em tom mais contundente ainda: “Odd Henderson é um ladrão. Roubou o camafeu da srta. Sook”.

Os guardanapos cintilavam em mãos suspensas, imóveis. Homens

tossiram, as irmãs Conklin aspiraram ruidosamente em quádruplo uníssono, e o pequeno Perk McCloud Jr. começou a soluçar, como acontece com as crianças pequenas quando tomam um susto.

Minha amiga, numa voz que hesitava entre a repreensão e a angústia, disse: “Não foi isso que Buddy quis dizer. É brincadeira dele”.

“Não, é verdade mesmo. Se não acredita, pode ir olhar na sua caixa. O camafeu não está mais lá. Está no bolso de Odd Henderson.”

“Buddy teve um crupe muito forte”, murmurou ela. “Não é culpa dele, Odd. Ele não sabe o que está dizendo.”

E eu disse: “Pode ir olhar na sua caixa. Eu vi quando ele pegou”.

O tio B., olhando para mim com uma alarmante frieza invernal, assumiu o comando. “Talvez seja melhor você ir ver logo”, disse à srta. Sook “E o assunto fica resolvido.”

Não era comum minha amiga desobedecer ao irmão; e não foi dessa vez que desacatou uma ordem dele. Mas sua palidez, a curvatura mortificada dos ombros, revelavam com quanto desgosto o fazia. Ela levou só um minuto, mas sua ausência pareceu durar uma eternidade. A hostilidade brotava e circulava em torno da mesa como uma trepadeira cheia de espinhos que florescesse com uma velocidade fora do comum — e a vítima enredada por seus talos não era o acusado, mas o acusador. Fui assolado por uma dor de estômago; Odd, por outro lado, ostentava a frieza de um morto.

A srta. Sook voltou, sorrindo. “Que vergonha, Buddy”, ralhou, sacudindo um dedo. “Brincar assim com essas coisas. Meu camafeu estava exatamente onde o deixei.”

O tio B. disse: “Buddy, quero ouvi-lo pedir desculpas ao nosso convidado”.

“Não, ele não precisa pedir desculpas”, disse Odd Henderson, levantando-se. “É verdade.” Enfiou a mão no bolso e pôs o camafeu na mesa. “Quem me dera ter uma boa desculpa. Mas não tenho.” Tomando o rumo da porta, disse: “A senhora deve ser muito especial, srta. Sook, para mentir desse jeito por mim”. E então, maldita seja a alma dele, foi-se embora.

E eu também. Só que eu fui correndo. Empurrei a cadeira para trás, derrubando-a. A queda assustou Queenie, que saiu em disparada de debaixo da mesa, latindo e mostrando os dentes para mim. E a srta. Sook, quando passei por ela, ainda tentou me deter: “Buddy!”. Mas eu não queria saber dela *nem* de Queenie. Aquela cachorra tinha rosnado para mim, e minha amiga havia ficado do lado de Odd Henderson, havia mentido para salvar a pele dele, traído nossa amizade, o meu amor: coisas que, a meu ver, jamais poderiam ter acontecido.

O pasto do Simpson ficava atrás da casa, uma campina que brilhava com os tons de ouro e ferrugem do capim no auge de novembro. À beira do pasto

havia um celeiro cinzento, um chiqueiro, um galinheiro cercado e um defumadouro. E foi no defumadouro que eu me refugiei, uma câmara escura onde fazia frio mesmo nos dias mais quentes do verão. Tinha um piso de terra batida, e um fumeiro que recendia a cinzas de madeira de nogueira e a creosoto; fileiras de presuntos pendiam das vigas do teto. Era um lugar que eu sempre evitava, mas naquele momento sua escuridão me pareceu acolhedora. Atirei-me no chão, as costelas em espasmos como as guelras de um peixe fora d'água; e nem me incomodei de estar destruindo minha melhor roupa, o terno de calças compridas, ao me estender no meio daquela mistura pegajosa de terra, cinzas e banha de porco.

Uma coisa eu sabia: ia embora daquela casa, daquela cidade, naquela mesma noite. Ia sair pela estrada. Embarcar clandestinamente num trem de carga e ir para a Califórnia. Ganhar a vida engraxando sapatos em Hollywood. Os sapatos de Fred Astaire. De Clark Gable. Ou então — talvez eu próprio me transformasse em artista de cinema. Veja Jackie Cooper, por exemplo. Ah, aí eles haviam de se arrepender. Quando eu fosse rico e famoso e me recusasse a responder suas cartas e até mesmo telegramas, provavelmente.

Num dado momento, ocorreu-me algo que podia deixá-los ainda mais arrependidos. A porta do depósito estava aberta, e uma lâmina de sol expunha uma prateleira em que se enfileiravam vários frascos. Frascos empoeirados com rótulos ostentando caveiras e ossos cruzados. Se eu bebesse de um daqueles frascos, toda a gente reunida na sala de jantar, todo aquele bando de comilões que se empanturravam, iria aprender o que era arrependimento. Valeria a pena, nem que fosse só para ver o remorso do tio B. quando eles me encontrassem frio e duro no chão do defumadouro; valeria a pena ouvir o pranto das pessoas e os uivos de Queenie quando meu caixão fosse baixado para as profundezas do cemitério.

O único problema era que eu na verdade não seria capaz de ver ou ouvir nada daquilo: e como poderia ver ou ouvir, estando morto? E, a menos que a pessoa pudesse observar a culpa e o remorso dos presentes ao enterro, certamente não havia nada de satisfatório na morte.

O tio B. deve ter proibido a srta. Sook de procurar por mim antes que o último convidado tivesse deixado a mesa. Já era o fim da tarde quando ouvi a voz dela fluando acima do pasto; chamava baixinho meu nome, com o abandono melancólico de uma pomba enlutada. Fiquei onde estava e não respondi.

Foi Queenie quem me achou; ela veio farejando em torno do defumadouro e soltou um latido quando sentiu meu cheiro, depois entrou, arrastou-se até onde eu estava e me lambeu a mão, uma orelha e o rosto; sabia que tinha me tratado mal.

Em seguida, a porta se abriu, e a luz se alargou. Minha amiga disse: “Venha cá, Buddy”. E eu fui ao seu encontro. Quando ela me viu, caiu na risada.

“Minha nossa, rapaz. Parece que você mergulhou no alcatrão e já está prontinho para as penas.” Mas não fez nenhuma recriminação ou referência ao meu terno arruinado.

Queenie saiu trotando para perseguir as vacas; e, seguindo sua trilha pelo pasto, sentamo-nos num toco de árvore. “Guardei uma coxa da asa para você”, disse ela, entregando-me um pacote embrulhado em papel-manteiga. “E sua parte favorita do peru. O miolo do peito.”

A fome que as sensações mais intensas tinham amortecido me atingiu então como um soco na barriga. Roi a coxa da asa até deixá-la sem carne alguma, depois devorei o miolo do peito, a parte macia do peru em torno do osso da sorte.

Enquanto eu comia, a srta. Sook passou o braço pelos meus ombros. “Só quero lhe dizer uma coisa, Buddy. Um erro nunca justifica outro. Foi errado ele pegar o camafeu. Mas a gente não sabe por que ele pegou. Seja pela razão que for, não foi uma coisa calculada. E é por isso que o que você fez foi pior: você *planejou* a humilhação dele. Foi uma coisa deliberada. E me escute bem, Buddy: só existe um pecado imperdoável — *a crueldade deliberada*. Dá para perdoar qualquer outra coisa. Mas isso nunca. Entendeu, Buddy?”

Entendi, vagamente, e o tempo me ensinou que ela estava certa. Mas naquele momento eu compreendia apenas que, como minha vingança não tinha dado certo, meu método só podia estar errado. Odd Henderson havia saído da situação — como? por quê? — como uma pessoa melhor que eu, até mesmo mais honesta.

“E então, Buddy? Entendeu?”

“Mais ou menos. Puxe”, disse eu, oferecendo-lhe uma das pontas do osso da sorte.

Puxamos até quebrar; fiquei com a parte maior, o que me dava direito a um desejo. Ela quis saber o que eu tinha desejado.

“Que você continue a ser minha amiga.”

“Bobão”, disse ela, e me abraçou.

“Para sempre?”

“Não vou ficar aqui para sempre, Buddy. Nem você.” A voz dela baixou tanto quanto o sol no horizonte do pasto, calou-se por alguns segundos e depois se reergueu com a força de um novo sol. “Mas sim, para sempre. Se o Senhor quiser, você ainda vai ficar por aqui muito tempo depois que eu for embora. E, enquanto você se lembrar de mim, vamos estar sempre juntos...”

Depois disso, Odd Henderson me deixou em paz. Começou a engalfinhar-se com um garoto da mesma idade que ele, Squirrel McMillan. E no ano seguinte, por causa de suas notas péssimas e do mau comportamento como um todo, a diretora da nossa escola não o deixou mais vir às aulas, de maneira que ele passou o inverno trabalhando como ajudante numa fazenda de vacas leiteiras.

A última vez que o vi foi pouco antes de ele partir de carona para Mobile, entrar para a Marinha Mercante e desaparecer. Deve ter sido um ano antes de me enviarem para uma horrível temporada num colégio militar, e dois anos antes da morte da minha amiga. O que nos deixa no outono de 1934.

A srta. Sook me convocara para o jardim; tinha transplantado um florido arbusto de crisântemos para uma tina esmaltada, e precisava de ajuda para carregá-la escada acima até a varanda da frente da casa, onde haveria de ficar linda. Só que a tina pesava mais que quarenta piratas gordos, e, enquanto lutávamos com ela sem conseguir resultado algum, Odd Henderson passou pela estrada. Parou no portão do jardim, que abriu em seguida, dizendo: “Deixe que eu levanto isso para a senhora”. A vida na fazenda lhe fizera muito bem; ele tinha encorpado, seus braços estavam musculosos, e sua cor rosada havia escurecido até se transformar num bronzeado saudável. Sem grande esforço, ele ergueu a tina imensa e a pousou no chão da varanda.

Minha amiga disse: “Muito obrigada ao senhor. Foi um gesto de bom vizinho”.

“Por nada”, respondeu ele, ainda me ignorando.

A srta. Sook partiu os talos de suas flores mais bonitas. “Leve para sua mãe”, disse a Odd, entregando-lhe o buquê. “Com lembranças minhas.”

“Obrigado. Pode deixar.”

“Ah, e Odd”, chamou ela, depois que ele já retornara para a estrada, “tome cuidado! Na verdade são leões, sabia?” Mas ele já estava fora do alcance de sua voz. Ficamos olhando até ele dobrar uma esquina, ignorando a ameaça que carregava, os crisântemos que queimavam, rugiam e rosnavam contra um sombrio crepúsculo verde.

[1967]

*Tradução de Sergio Flaksman*

---

1- “Quando o sabiá, sabiá vermelho vem bambolê, bambolê, bamboleando.” (N. T.)

Às cinco horas daquela tarde de inverno ela ia ter um encontro com o dr. Bentsen, anteriormente seu psicanalista, atualmente seu amante. Quando o relacionamento deles mudara do analítico para o emocional, ele insistiu, por motivos éticos, que ela deixasse de ser sua paciente. Não que aquilo importasse. Ele não vinha sendo de muita ajuda como analista, e como amante — bem, certa vez ela o observara correndo para pegar um ônibus, cento e dez quilos do tipo Intelectual de Manhattan, baixinho, beirando os cinqüenta, cabelo crespo, quadris grandes, míope, e dera risada: como era possível que amasse um homem tão mal-humorado, tão feio, quanto Ezra Bentsen? A resposta era que não o amava; na verdade, não gostava dele. Mas pelo menos não o associava com resignação e desespero. Tinha medo do marido; não tinha medo do dr. Bentsen. No entanto, era o marido que ela amava.

Ela era rica; de qualquer forma, recebia uma excelente mesada do marido, que era rico, e assim podia se dar ao luxo de ter um apartamento-estúdio, um refúgio onde encontrava o amante quem sabe uma vez por semana, às vezes duas, nunca mais que isso. Também podia comprar presentes que aparentemente ele esperava receber nessas ocasiões. Não que ele apreciasse a qualidade dos presentes: abotoaduras Verdura, cigarreiras clássicas Paul Flato, o indefectível relógio Cartier, e (algo mais objetivo) ocasionais quantias específicas em dinheiro que ele pedia “emprestadas”.

Ela nunca dera a *ela* um único presente. Bem, dera um: um pente espanhol de madreperla que ele afirmava ser herança, um dos tesouros de sua mãe. É claro, não era nada que ela pudesse usar, pois ela usava o cabelo, macio e cor de tabaco, como uma auréola infantil rodeando-lhe o rosto jovial e enganadoramente ingênuo. Graças a dietas, exercícios particulares com Joseph Pilates e os cuidados dermatológicos do dr. Orentreich, aparentava ter vinte e poucos anos; tinha trinta e seis.

O pente espanhol. Seu cabelo. Isso a fez lembrar de Jaime Sánchez e de algo que acontecera ontem. Jaime Sánchez era seu cabeleireiro, e, embora tivessem se conhecido menos de um ano antes, eram, à maneira deles, amigos. Ela confidenciava algumas coisas a ele; ele confidenciava muito mais coisas a ela. Até pouco tempo ela julgava que Jaime era um jovem feliz, totalmente bem-sucedido. Ele dividia um apartamento com um amante atraente, um jovem dentista chamado Carlos. Jaime e Carlos haviam sido colegas de escola em San



Juan; haviam saído juntos de Porto Rico, estabelecendo-se primeiro em Nova Orleans, depois em Nova York, e foi Jaime, trabalhando como esteticista, bastante talentoso, que conseguiu que Carlos cursasse a faculdade de odontologia. Agora Carlos tinha seu próprio consultório e uma próspera clientela de portorriquenhos e negros.

No entanto, durante as últimas visitas a ele, ela havia reparado que os olhos normalmente desanuviados de Jaime Sánchez estavam sombrios, amarelados, como se ele estivesse de ressaca, e suas mãos experientes e hábeis, em geral tão calmas e capazes, tremiam um pouco.

Ontem, enquanto cortava as pontas do cabelo dela, ele ficara ofegante, ofegante — não como se estivesse precisando de ar, mas como se lutasse para não dar um grito.

Ela dissera: “Que é? Está tudo bem com você?”.

“Não.”

Ele foi até uma pia e jogou água fria no rosto. Enquanto se secava, disse: “Vou matar o Carlos”. E aguardou, como se esperasse que ela perguntasse por quê; quando ela simplesmente continuou olhando para a frente, ele prosseguiu: “Não adianta mais conversar. Ele não entende. Minhas palavras não significam nada. A única maneira de me comunicar com ele é matando-o. Aí ele vai entender”.

“Não sei se *eu* entendo, Jaime.”

“Eu já contei a você sobre Angelita? Minha prima Angelita? Veio para cá há seis meses. Ela sempre foi apaixonada por Carlos. Desde que tinha, ah, doze anos. E agora Carlos está apaixonado por ela. Quer casar com ela e ter uma família com filhos.”

Ela se sentiu tão constrangida que tudo o que conseguiu pensar para perguntar foi: “Ela é simpática?”.

“Simpática demais.” Ele pegara a tesoura e voltara a cortar o cabelo dela. “Não, estou falando sério. Ela é uma garota excelente, muito pequenina, como um papagaio bonitinho, e simpática demais; a bondade dela se torna cruel. Embora ela não entenda que está sendo cruel. Por exemplo...” Ela olhou de relance para o rosto de Jaime movendo-se no espelho acima da pia; não era o rosto alegre que várias vezes a divertira, mas o reflexo exato de dor e perplexidade. “Angelita e Carlos querem que eu more com eles depois que se casarem, todos nós juntos num apartamento. Foi idéia dela, mas Carlos diz sim! sim!, temos de ficar todos juntos, e de agora em diante ele e eu vamos viver como irmãos. Esse é o motivo por que eu tenho de matá-lo. Ele nunca poderia ter me amado, não se foi capaz de ignorar o quanto eu tenho tolerado esse inferno. Ele diz: ‘Sim, eu te amo, Jaime; mas a Angelita — é diferente’. Não tem diferença. Você ama ou não. Você destrói ou não. Mas Carlos não vai entender isso nunca. Nada o atinge, nada pode atingi-lo — só uma bala ou uma navalha.”

Ela queria rir; ao mesmo tempo não podia, porque percebeu que ele falava sério e também porque sabia muito bem como era verdade que determinadas pessoas só conseguiam reconhecer a verdade, só conseguiam *entender*, sendo submetidas a extrema punição.

Mesmo assim, riu, mas de uma maneira que Jaime não interpretaria como risada de verdade. Era algo comparável a um compassivo dar de ombros. “Você nunca conseguiria matar ninguém, Jaime.”

Ele começou a pentear-lhe o cabelo; os puxões não eram delicados, mas ela sabia que a raiva contida era contra ele mesmo, não contra ela. “Merda!” E em seguida: “Não. E essa é a razão da maioria dos suicídios. Alguém tortura você. Você quer matá-los, mas não pode. Toda a dor é porque você os ama, e não pode matá-los porque os ama. Então você se mata”.

Ao sair, ela pensou em dar um beijo no rosto dele, mas optou por apertar-lhe a mão. “Eu sei como isto vai soar banal, Jaime. E, no momento, certamente não vai ajudar nem um pouco. Mas lembre-se: sempre há outra pessoa. É só não procurar a mesma pessoa, só isso.”

O apartamento de encontros ficava na rua 65 Leste; hoje ela andou de sua casa, uma casinha em Beekman Place, até lá. Estava ventando, havia restos de neve pela calçada e uma promessa de mais neve no ar, mas ela estava confortável no casaco que o marido lhe dera no Natal — um casaco de camurça com gola de zibelina.

Um primo havia alugado o apartamento para ela no nome dele. O primo, que era casado com uma megera e morava em Greenwich Village, às vezes visitava o apartamento com sua secretária, uma japonesa gorda que se encharcava de quantidades insuportáveis de Mitsouko. Naquela tarde o apartamento recendia o perfume daquela senhora, o que a levou a deduzir que o primo andara namorando por lá recentemente. Isso significava que ela teria de trocar os lençóis.

Ela fez isso, depois se preparou. Numa mesa ao lado da cama pôs uma caixinha embrulhada num papel azulado brilhante; continha um palito de ouro que ela comprara na Tiffany, um presente para o dr. Bentsen, porque um de seus hábitos desagradáveis era ficar cutucando os dentes, e, além disso, cutucando-os com uma série interminável de fósforos. Ela pensou que o palito de ouro poderia tornar todo o processo um pouco menos detestável. Colocou uma pilha de discos de Lee Wiley e Fred Astaire numa vitrola, serviu-se de vinho branco gelado, tirou toda a roupa, lubrificou-se e estendeu-se na cama, cantarolando, cantando junto com o divino Fred e prestando atenção para ouvir o barulho da chave do amante na porta.

A julgar pelas aparências, orgasmos eram eventos cheios de agonia na

vida de Ezra Bentsen: ele fazia caretas, rilhava a dentadura, choramingava como um vira-lata assustado. É claro, ela sempre se sentia aliviada quando ouvia o choramingo; significava que em breve a carcaça agitada iria sair rolando de cima dela, porque não era do feitio dele deixar-se ficar, sussurrando palavras carinhosas: ele simplesmente rolava para o lado. E hoje, depois de fazer isso, ele estendeu avidamente a mão para pegar a caixinha azulada, sabendo que era um presente para ele. Depois de abrir o pacote, grunhiu.

Ela explicou: “É um palito de ouro”.

Ele riu, um gesto incomum vindo dele, pois seu senso de humor era escasso. “É bonitinho”, disse, e se pôs a cutucar os dentes. “Sabe o que aconteceu ontem à noite? Dei um tapa em Thelma. Para valer. E um murro no estômago também.”

Thelma era a mulher dele; uma psiquiatra infantil, e, por reputação, muito boa.

“O problema com Thelma é que não dá para conversar com ela. Ela não entende. Às vezes essa é a única maneira de passar uma mensagem. Enfiar a mão na cara dela.”

Ela pensou em Jaime Sánchez.

“Você conhece uma tal de sra. Roger Rhinelander?”, perguntou o dr. Bentsen.

“Mary Rhinelander? O pai dela era o melhor amigo do meu pai. Eles tinham um estábulo de cavalos de corrida juntos. Um dos cavalos dela venceu o Kentucky Derby. Pobre Mary. Casou-se com um verdadeiro desgraçado.”

“Foi isso que ela me disse.”

“Ah? A sra. Rhinelander é uma nova paciente?”

“Novinha. Engraçado. Ela veio até mim mais ou menos pela mesma razão específica que trouxe você; a situação dela é quase idêntica.”

Razão específica? Na verdade, uma série de problemas havia contribuído para que ela acabasse sendo seduzida no divã do dr. Bentsen, sendo o principal deles o fato de ela não ser capaz de se relacionar sexualmente com o marido desde o nascimento do segundo filho. Ela se casara com vinte e quatro anos; o marido era quinze anos mais velho. Embora eles tivessem brigado bastante, e sentissem ciúmes um do outro, os primeiros cinco anos de casamento permaneciam na lembrança dela como uma paisagem sem manchas. A dificuldade começou quando ele lhe pediu um filho; se não estivesse tão apaixonada, nunca teria consentido — tinha medo de crianças até na própria infância, e a companhia de uma criança ainda a deixava pouco à vontade. Mas ela lhe dera um filho, e a experiência da gravidez a traumatizara: quando de fato não estava sofrendo, ela imaginava que estava, e depois do parto entrou numa depressão que se prolongou por mais de um ano. Todo dia dormia catorze horas à base de Seconal; quanto às outras dez, ficava acordada com anfetaminas. O

segundo filho, outro menino, fora um acidente de embriaguez — embora ela desconfiasse que, na verdade, o marido a enganara. No instante em que ela soube que estava grávida de novo, insistiu em fazer um aborto; ele lhe disse que, se ela fizesse isso, pediria o divórcio. A criança nascera prematura de dois meses, quase morrera, e ela também, em virtude de uma violenta hemorragia interna; ambos pairaram sobre um abismo durante meses de tratamento intensivo. Desde essa época, ela nunca mais dormiu com o marido; queria, mas não conseguia, pois a presença nua dele, o pensamento do seu corpo dentro dela, evocavam terrores intoleráveis.

O dr. Bentsen usava meias pretas grossas com ligas e nunca as tirava quando “fazia amor”; agora, enquanto enfiava as pernas com ligas em calças de sarja azuis com os fundilhos brilhantes pelo uso, disse: “Vamos ver. Amanhã é terça-feira. Quarta é nosso aniversário...”.

“Nosso aniversário?”

“Meu e de Thelma! É o vigésimo. Quero levá-la a... Qual é o melhor restaurante daqui atualmente?”

“Que diferença faz? É bem pequeno e muito elegante, e o proprietário nunca lhe daria uma mesa.”

Sua falta de humor se manifestou: “Que coisa mais estranha para dizer. O que você quer dizer com ‘ele não iria me dar uma mesa?’”.

“Exatamente o que eu disse. É só ele dar uma olhada para você, e vai saber que tem calcanhares peludos. Há *algumas* pessoas que não servem gente com calcanhares peludos. Ele é uma delas.”

O dr. Bentsen estava acostumado com o hábito dela de introduzir linguagem estranha na conversa, e havia aprendido a fingir que sabia o que significava; ele ignorava o ambiente dela tanto quanto ela o dele, mas a instabilidade de seu caráter não permitia que ele admitisse isso.

“Bom, então”, disse ele, “vai ser sexta-feira, certo? Lá pelas cinco?”

Ela disse: “Não, obrigada”. Ele estava dando o nó na gravata e se deteve; ela ainda estava deitada na cama, descoberta, nua. Fred cantava “By myself”. “Não, obrigada, querido dr. B. Acho que não vamos mais nos encontrar.”

Ela pôde ver que ele estava assustado. É claro que ele sentiria sua falta — ela era bonita, atenciosa, nunca se importava quando ele lhe pedia dinheiro. Ele ajoelhou ao lado da cama e acariciou-lhe o seio. Ela notou um bigodinho de suor que se formara sobre o lábio superior dele. “Que é isso? Drogas? Bebida?”

Ela riu e disse: “Tudo o que eu bebo é vinho branco, e não muito. Não, meu amigo. É simplesmente porque você tem calcanhares peludos”.

Como muitos analistas, o dr. Bentsen pensava de maneira muito literal; por um segundo ela achou que ele iria tirar as meias e examinar os pés. Mal-educado, como uma criança, ele disse: “Eu *não* tenho calcanhares peludos”.

“Ah, tem, sim. Como um cavalo. Todos os cavalos comuns têm

calcanhares peludos. Os puros-sangues, não. Os calcanhares de um cavalo de boa raça são lisos e brilhantes. Dê lembranças minhas a Thelma.”

“Sabichona. Sexta?”

O disco de Astaire terminou. Ela tomou o último gole de vinho.

“Talvez Eu telefono”, disse.

Acontece que ela nunca telefonou e nunca mais voltou a vê-lo — a não ser uma vez, um ano depois, quando sentou num banquinho ao lado dele no La Grenouille; ele almoçava com Mary Rhinelande, e ela se divertiu ao ver que a sra. Rhinelande pagou a conta.

A neve prometida chegara na hora em que ela voltou, novamente a pé, para a casa em Beekman Place. A porta da frente era pintada de amarelo-claro e tinha uma maçaneta de metal no formato da pata de um leão. Anna, uma das quatro irlandesas que cuidavam da casa, atendeu a porta e relatou que as crianças, exaustas por uma tarde de patinação no gelo no Rockefeller Center, já haviam jantado e ido para a cama.

Graças a Deus. Agora ela não teria de passar pela meia hora de brincadeiras, histórias e beijos de boa-noite que costumava encerrar o dia dos filhos. Ela podia não ser uma mãe afetuosa, mas era zelosa — da mesma maneira que sua própria mãe tinha sido. Eram sete horas, e o marido ligara para dizer que estaria em casa às sete e meia; às oito eles deveriam ir a um banquete com os Sylvester Hales, amigos de San Francisco. Ela tomou banho, perfumou-se para remover as lembranças do dr. Bentsen, refez a maquiagem, que ela usava em pouca quantidade, e vestiu uma túnica de seda cinza e chinelos de seda cinza com fivelas de pérola.

Fazia uma pose perto da lareira da biblioteca no segundo andar quando ouviu os passos do marido na escada. Era uma pose graciosa, convidativa como o próprio ambiente, uma sala octogonal incomum, com paredes de cinamomo laqueadas, piso laqueado amarelo, estantes de metal (idéia emprestada de Billy Baldwin), dois enormes ramos de orquídeas marrons abrigados em vasos chineses amarelos, um cavalo de Marino Marini num dos cantos, um Gauguin com temática dos mares do Sul sobre o consolo, e um fogo delicado tremulando na lareira. Janelas francesas ofereciam uma vista para um jardim às escuras, neve suspensa pelo vento e rebocadores iluminados flutuando como lanternas sobre o East River. Um sofá luxuoso, estofado de camurça aveludada, estava posicionado de frente para a lareira, e diante dele, numa mesa laqueada no mesmo amarelo do assoalho, havia um balde de prata repleto de gelo; encaixada no balde, uma garrafa cheia de vodca russa vermelha aromatizada com pimenta.

O marido hesitou na porta, e balançou a cabeça em sinal de aprovação: era um daqueles homens que realmente reparavam na aparência de uma

mulher, percebeu com um olhar a atmosfera toda. Valia a pena se vestir para ele, e essa era uma das menores razões para amá-lo. Uma razão mais importante era que ele se parecia com o pai dela, um homem que fora, e sempre seria, o homem de sua vida; seu pai havia se matado, embora ninguém jamais tivesse ficado sabendo o motivo, porque ele era um cavalheiro de uma circunspeção quase anormal. Antes de isso acontecer, ela terminara três noivados, mas, dois meses após a morte do pai, conheceu George, e casou-se com ele, porque tanto na aparência como no comportamento ele se assemelhava a seu grande amor perdido.

Ela atravessou a sala para encontrar o marido a meio caminho. Beijou-lhe o rosto, e a carne contra seus lábios pareceu tão fria quanto os flocos de neve na janela. Ele era um homem robusto, irlandês, de cabelos negros e olhos verdes, bonito ainda que nos últimos tempos tivesse aumentado consideravelmente de peso e também criado um pouco de papada. Projetava uma vitalidade superficial; só por isso atraía homens e mulheres. Observando-o de perto, no entanto, podia-se perceber uma fadiga oculta, uma falta de qualquer otimismo real. Sua mulher estava bem consciente disso, e por que não estaria? Ela era a principal causa.

Ela disse: “O tempo está tão ruim lá fora, e você parece tão cansado. Vamos ficar em casa e jantar perto da lareira”.

“Tem certeza, querida — você não se importaria? Parece uma coisa desagradável de fazer com os Hales. Mesmo ela sendo uma puta.”

“George! Não use essa palavra. Você sabe que eu a odeio.”

“Sinto muito”, disse ele; e era verdade. Ele sempre tinha o cuidado de não magoá-la, e ela também tinha o mesmo cuidado com ele: uma consequência do silêncio que simultaneamente os unia e os mantinha afastados.

“Vou telefonar e dizer que você chegou gripado.”

“Bom, não vai ser mentira. Acho que estou mesmo.”

\* \* \*

Enquanto ela ligava para os Hales e pedia a Anna que preparasse uma sopa e um suflê para dali a uma hora, ele tomou com goles barulhentos uma dose da vodca escarlata e sentiu-a acender uma fogueira no estômago; antes que sua mulher voltasse, serviu-se de uma dose respeitável e estendeu o corpo no sofá. Ela ajoelhou no chão, tirou-lhe os sapatos e começou a massagear seus pés: Deus sabe que *ele* não tinha calcanhares peludos.

Ele gemeu. “Hum. Que delícia.”

“Eu te amo, George.”

“Eu também te amo.”

Ela pensou em pôr um disco, mas não, o som do fogo era tudo de que o

ambiente precisava.

“George?”

“Sim, querida.”

“Em que está pensando?”

“Numa mulher chamada Ivory Hunter.”

“E você realmente conhece uma pessoa chamada Ivory Hunter?”

“Pois é. Esse era seu nome artístico. Ela foi uma dançarina de show de variedades.”

Ela riu. “Que é isso, algum pedaço de suas aventuras do tempo da faculdade?”

“Eu nunca a encontrei. Só ouvi falar nela uma vez. Foi no verão depois que saí de Yale.”

Ele fechou os olhos e tomou a vodka de um trago. “Aquele verão em que eu fui de carona até o Novo México e a Califórnia. Lembra? Foi quando quebrei o nariz. Numa briga de bar em Needles, na Califórnia.” Ela gostava do seu nariz quebrado, contrabalançava a extrema suavidade do rosto; certa vez ele falara em consertá-lo, mas ela o convencera a desistir da idéia. “Foi no começo de setembro, e essa é sempre a época mais quente do ano no sul da Califórnia; uns quarenta graus quase todo dia. Eu devia ter comprado uma passagem de ônibus, pelo menos para atravessar o deserto. Mas lá estava eu como um tonto, no meio do Mojave, carregando uma mochila de mais de vinte quilos e suando até já não ter suor no corpo. Juro que à sombra devia estar uns sessenta graus. Só que não havia sombra nenhuma. Nada além de areia e algarobeiras e aquele céu azul fervente. Uma hora um caminhão enorme passou por mim, mas não parou. Tudo o que fez foi matar uma cascavel que atravessava a estrada.

“Eu ficava pensando que alguma coisa estava prestes a aparecer em algum lugar. Um posto de gasolina. De vez em quando passavam uns carros, mas era como se eu estivesse invisível. Comecei a sentir pena de mim mesmo, a entender o que significa estar desamparado, e a entender por que é uma boa coisa os budistas mandarem seus jovens monges mendigar. É purificador. Arranca aquela última camada de gordura da infância.

“E então eu encontrei o sr. Schmidt. Pensei que talvez fosse uma miragem. Um velho de cabelos brancos a cerca de quatrocentos metros de distância. Ele estava em pé na estrada, com as ondas de calor se agitando a seu redor. Quando me aproximei, vi que carregava uma bengala e usava óculos bem escuros, e estava vestido como se para ir à igreja: terno branco, camisa branca, gravata preta, sapatos pretos.

“Sem olhar para mim, e a certa distância, ele disse em voz alta: ‘Meu nome é George Schmidt’.

“Eu disse: ‘Certo. Boa tarde, senhor’.

“Ele perguntou: ‘Já é de tarde?’.

“Passa das três.’

“Então eu devo estar aqui há duas horas ou mais. Poderia me dizer onde estou?”

“No deserto de Mojave. Em torno de vinte e oito quilômetros a oeste de Needles.’

“Imagine só!’, disse ele. ‘Deixar um cego de setenta anos abandonado sozinho no deserto. Tenho dez dólares no bolso e mais nada de valor neste mundo. As mulheres são como moscas: pousam no açúcar ou na merda. Não estou dizendo que eu seja açúcar, mas ela com certeza está pousada na merda agora. Meu nome é George Schmidt.’

“Eu disse: ‘Certo, o senhor já disse. Eu sou George Whitelaw’. Ele quis saber para onde eu estava indo, o que ia fazer, e, quando respondi que viajava de carona, em direção a Nova York, perguntou se eu poderia lhe dar a mão e levá-lo junto por um tempo, talvez até conseguirmos um transporte. Esqueci de mencionar que ele tinha sotaque alemão e era extremamente corpulento, quase gordo; parecia que tinha passado a vida toda numa rede. Mas, quando peguei em sua mão, senti a aspereza dela, sua força imensa. Você não iria querer aquele par de mãos em volta da garganta. Ele disse: ‘É, eu tenho mãos fortes. Trabalhei como massagista durante cinquenta anos, os últimos doze em Palm Springs. Você tem água?’. Eu lhe dei meu cantil, que ainda estava pela metade. E ele disse: ‘Ela me deixou aqui sem nem sequer uma gota de água. Tudo o que aconteceu me pegou de surpresa. Embora eu não possa dizer que estranhe isso, conhecendo Ivory como conheço. É minha mulher. Ivory Hunter era o nome dela. Uma stripper; ela fez a Feira Mundial de Chicago, em 1932, e teria sido uma estrela não fosse aquela Sally Rand. Ivory inventou aquele negócio de dança do leque, e a tal da Rand roubou dela. Isso foi o que Ivory disse. Provavelmente era só mais uma de suas besteiras. Epa, cuidado com a cascavel, está por aqui, em algum lugar, posso ouvi-la cantar de verdade. Tenho medo de duas coisas. De cobras e de mulheres. As duas têm muito em comum. Uma coisa que elas têm em comum é: a última coisa que morre nelas é o rabo.’

“Alguns carros passaram, e eu estendi o polegar, e o velho tentou acenar para eles com a bengala, mas acho que nós tínhamos uma aparência muito peculiar — um garoto sujo de macacão de brim e um cego gorducho em seu melhor terno. Acho que ainda estaríamos por lá, não fosse um caminhoneiro. Um mexicano. Ele estava parado na estrada, consertando um pneu furado. Só sabia falar umas cinco palavras misturando inglês e espanhol, todas elas palavrões, mas eu ainda lembrava bem do espanhol, do verão com tio Alvin em Cuba. Então o mexicano nos disse que estava indo para El Paso e que, se fosse nosso caminho, éramos bem-vindos a bordo.

“Mas o sr. Schmidt não estava muito entusiasmado. Eu tive praticamente de arrastá-lo para a boléia. ‘Odeio mexicanos. Nunca conheci um mexicano de



quem gostasse. Se não fosse um mexicano... Ele só com dezenove anos, e ela, eu diria pela aparência da pele, eu diria que Ivory era uma mulher com mais de sessenta. Quando me casei com ela há alguns anos atrás, ela disse que tinha cinqüenta e dois. Sabe, eu estava morando numa área de acampamento cheia de trailers perto da Rota 111. Uma daquelas áreas de acampamento entre Palm Springs e Cathedral City. Cathedral City! Que belo nome para um depósito de lixo cheio de cabarés, salões de bilhar e bares de bichas. A única coisa que se pode dizer sobre aquele lugar é que Bing Crosby mora lá. Se é que isso significa alguma coisa. Muito bem, ao meu lado, em outro trailer, mora minha amiga Hulga. Desde que minha mulher morreu — ela morreu no mesmo dia em que morreu Hitler —, Hulga me leva de carro para o trabalho; trabalha como garçõnete no mesmo clube judeu onde eu sou massagista. Todos os garçons e garçõnetes do clube são alemães grandalhões. Os judeus gostam disso; eles realmente os mantêm ocupados. Então um dia Hulga me conta que uma prima vem visitá-la. Ivory Hunter. Não lembro do seu nome verdadeiro, estava na certidão de casamento, mas eu esqueço. Ela tivera uns três maridos antes; provavelmente não lembrava com que nome havia nascido. Muito bem, Hulga me diz que aquela prima dela, Ivory, era uma dançarina famosa mas agora acabara de sair do hospital e tinha perdido o último marido por ter ficado um ano internada com tuberculose. Foi por isso que Hulga a chamou para ir a Palm Springs. Por causa do ar. Também, ela não tinha mais para onde ir. Na primeira noite da prima lá, Hulga me convidou, e eu gostei dela imediatamente; nós não conversamos muito, escutamos rádio a maior parte do tempo, mas eu gostei dela. Ivory tinha uma voz realmente agradável, pausada e mansa, falava como as enfermeiras deveriam falar; disse que não bebia nem fumava e que era membro da Igreja de Deus, igual a mim. Depois disso, eu ia para o trailer de Hulga quase toda noite.”

George acendeu um cigarro, e sua mulher serviu-lhe mais uma dose de vodca. Para sua própria surpresa, serviu também uma dose para si. Diversas coisas acerca da narrativa do marido aceleraram sua ansiedade, sempre presente mas controlada com Librium; ela não podia imaginar para onde as lembranças dele estavam conduzindo, mas sabia que havia algum destino, pois George raramente divagava. Ele fora o terceiro em sua turma na Faculdade de Direito de Yale, mas nunca exercera a profissão, continuando os estudos e tornando-se o primeiro da turma na Escola de Administração em Harvard; na última década tinha recebido do presidente a oferta de um posto ministerial, e de uma embaixada na Inglaterra, na França ou no lugar que desejasse. No entanto, o que a levava a sentir a necessidade da vodca vermelha, o cetro rubi de um bufão brilhando à luz do fogo, era a maneira inquietante como George Whitelaw

havia se transformado no sr. Schmidt. Ele sabia imitar alguns dos seus amigos com perfeição exasperadora. Mas aquilo não era uma mímica casual; ele parecia em transe, um homem preso à mente de outro.

“Eu tinha um velho Chevy que ninguém havia dirigido desde que minha mulher morrera. Mas Ivory mandou arrumá-lo, e em pouco tempo não era Hulga quem me levava para o trabalho e me trazia de carro para casa, e sim Ivory. Olhando para trás, posso ver que tudo foi um complô entre Hulga e Ivory, mas na época não percebi isso. Todo mundo na área de trailers, e todo mundo que a conhecia, vivia dizendo que mulher encantadora ela era, grandes olhos azuis, lindas pernas. Eu achava que era apenas bondade, a Igreja de Deus — achava que era por isso que ela passava as noites fazendo jantar e cuidando da casa de um velho cego. Certa noite ouvíamos o programa *Hit Parade* no rádio, e ela me beijou e esfregou a mão pela minha perna. Em pouco tempo estávamos dando duas por dia — uma antes do café-da-manhã e outra depois do jantar, e eu com sessenta e nove. Mas parecia que ela estava tão louca pelo meu pau quanto eu pela boceta dela...”

Ela atirou sua vodca na lareira, um esguicho que fez sibilar e aumentar as chamas; mas era um protesto inútil: o sr. Schmidt não ia ser repreendido.

“Sim, senhor, Ivory era só boceta. Passou exatamente um mês do dia que a conheci até o dia em que me casei com ela. Ela não mudou muito, me alimentava direito, estava sempre interessada em ouvir as histórias dos judeus do clube, e fui eu que dei uma diminuída no sexo — uma *boa* diminuída, tinha o problema da minha pressão e tudo o mais. Mas ela nunca reclamou. Líamos a Bíblia juntos, e noite após noite ela lia revistas em voz alta, boas revistas como a *Reader's Digest* e *The Saturday Evening Post*, até eu dormir. Vivia dizendo que esperava morrer antes de mim, porque ficaria inconsolável e desamparada. Era verdade que eu não tinha muita coisa para deixar. Não tinha seguro, só uma poupança que transformei em conta conjunta, e pus o trailer no nome dela. Não, não posso dizer que tenha havido uma única palavra áspera entre nós até que ela teve a grande briga com Hulga.

“Por muito tempo eu não soube por que elas tinham brigado. Tudo o que eu sabia é que não se falavam mais, e, quando perguntei a Ivory o que estava acontecendo, ela disse: “Nada”. No que lhe dizia respeito, ela não tivera nenhuma desavença com Hulga: “Mas você sabe o quanto ela bebe”. Isso era verdade. Bom, como já contei, Hulga era garçonzete no clube, e certo dia entrou sem pedir licença na sala de massagens. Eu estava com um cliente na mesa, estava com ele completamente pelado ali, mas ela não deu a mínima — seu cheiro era igual ao da fábrica do bourbon Four Roses. Ela mal se agüentava em pé. Contou que tinha acabado de ser despedida, e de repente começou a xingar e

a mijar. Gritava comigo e mijava no chão. Disse que todo mundo na área dos trailers estava rindo de mim. Disse que Ivory era uma puta velha que havia se agarrado em mim porque estava na pior e não conseguia nada melhor. E perguntou que tipo de estúpido eu era. Não sabia que minha mulher estava trepando até não poder mais com Freddy Feo, sabe Deus desde quando?

“Ora, veja, Freddy Feo era um garoto meio americano, meio mexicano, viajante — acabara de sair da cadeia em algum lugar, e o gerente da área de trailers pegou-o em algum daqueles bares de bichas em Cat City e o pôs para trabalhar como ajudante. E não acho que ele fosse cem por cento bicha, porque estava fazendo valer a pena o dinheiro que arranjava com as velhas garotas. Uma delas era Hulga. Ela estava doidinha por ele. Nas noites quentes, ele e Hulga costumavam ficar sentados do lado de fora do trailer dela, bebendo tequila pura, sem limão, e ele tocava violão e cantava aquelas músicas horríveis dos mexicanos. Ivory descreveu para mim, era um violão verde com o nome dele escrito com contas de vidro. Vou dizer uma coisa para você, aquele mexicano sabia cantar. Mas Ivory sempre disse que não o suportava; dizia que ele era um mexicano safado que ia tirar cada centavo de Hulga. Quanto a mim, não lembro de ter trocado dez palavras com o sujeito, mas não gostava dele por causa do cheiro. Tenho um nariz igual ao de um sabujo, e conseguia sentir o cheiro dele a uns cem metros de distância, ele usava tanta brilhantina no cabelo, e mais alguma coisa que Ivory disse que se chamava Noite em Paris.

“Ivory jurou de pés juntos que não era nada daquilo. Ela? Ela, deixar um macaco mestiço como Freddy Feo botar um dedo nela? Disse que aquilo tudo aconteceu porque aquele garoto tinha dado um pé na bunda de Hulga e ela estava louca e com ciúme e achava que ele estava trepando com todas as mulheres entre Cat City e Indio. Disse que se sentia insultada por eu dar ouvidos àquelas mentiras, embora devesse ter mais pena que raiva de Hulga. E tirou o anel de casamento que eu havia lhe dado — pertencera à minha primeira mulher, mas ela disse que não fazia diferença alguma, porque sabia que eu tinha amado Hedda e aquilo tornava as coisas melhores —, e me devolveu, e disse que, se eu não acreditava nela, então ali estava o anel e ela pegaria o próximo ônibus para qualquer lugar. Então eu coloquei o anel de volta no dedo dela, e nós nos ajoelhamos e rezamos juntos.

“Eu acreditei nela; pelo menos achei que sim; mas de alguma maneira era como uma gangorra na minha cabeça — sim, não, sim, não. E Ivory havia perdido seu jeito solto; antes tinha uma tranquilidade no corpo, que era igual à tranquilidade na voz. Mas agora estava toda elétrica — tensa, como aqueles judeus do clube, que ficam choramingando e resmungando porque você não consegue esfregar todas as preocupações deles até desaparecerem. Hulga arrumou um emprego no Miramar, mas na área de trailers eu sempre me desviava quando sentia o cheiro dela se aproximando. Uma vez ela meio que

cochichou do meu lado: “Você sabia que a sua doce esposa deu um par de brincos de ouro para o mexicano? Mas o namorado dele não deixa que ele use”. Não sei. Ivory rezava toda noite comigo, pedindo ao Senhor que nos mantivesse juntos, saudáveis de corpo e mente. Mas eu reparei... Bom, naquelas noites de verão mais quentes, quando Freddy Feo estaria em algum lugar no escuro, cantando, ela desligava o rádio no meio do programa do Bob Hope ou do Edgar Bergen ou de quem quer que fosse, e ia sentar lá fora para escutar. Dizia que estava olhando as estrelas: “Aposto que não tem lugar no mundo onde a gente enxergue as estrelas como aqui”. Mas de repente descobriu-se que ela odiava Cat City e Springs. Todo o deserto, as tempestades de areia, os verões com temperaturas acima de cinquenta graus, e nada para fazer se não se fosse rico e sócio do Racquet Club. Ela simplesmente anunciou isso certa manhã. Disse que ia pegar o trailer e levá-lo para qualquer lugar onde o ar fosse mais fresco. Wisconsin. Michigan. Eu gostei da idéia; fez minha mente ficar descansada quanto ao que poderia estar acontecendo entre ela e Freddy Feo.

“Bom, eu tinha um cliente lá no clube, um sujeito de Detroit, e ele disse que poderia me colocar como massagista no Detroit Athletic Club; nada muito certo, apenas uma daquelas conversas com *talvez* no meio. Mas aquilo foi o bastante para Ivory. “Vamos dar no pé”, e ela mandou levantar o trailer, plantado ali havia quinze anos, o Chevy pronto para partir, e todas as nossas economias transformadas em cheques de viagem. Na última noite ela me esfregou da testa aos pés e passou xampu no meu cabelo, e de manhã nós partimos pouco depois de amanhecer.

“Percebi que alguma coisa estava errada, e teria sabido o que era se não tivesse pegado no sono assim que entramos na estrada. Ela deve ter botado comprimidos para dormir no meu café.

“Mas, quando acordei, senti o cheiro dele. A brilhantina e o perfume barato. Ele estava escondido no trailer. Encolhido lá atrás como uma cobra. O que eu pensei foi: Ivory e o garoto vão me matar e me deixar aqui para os abutres. Ela disse: “Você está acordado, George”. O jeito como ela disse isso, meio com medo, dava para perceber que ela sabia o que estava passando na minha cabeça. Que eu tinha adivinhado tudo. Eu disse a ela: *Pare o carro*. Ela quis saber o motivo. Porque eu tenho de mijar. Ela parou o carro, e eu pude ouvir que ela estava chorando. Quando eu saí, ela disse: “Você tem sido bom para mim, George, mas eu não sabia mais o que fazer. E você tem uma profissão. Sempre vai haver um emprego para você em algum lugar”.

“Eu saí do carro e realmente fui mijar, e, enquanto estava parado lá, ela deu a partida e foi embora. Eu não sabia onde estava até que o senhor apareceu, sr....?”

“George Whitelaw.’ E eu lhe disse: ‘Meu Deus, isso é igual a assassinato. Deixar um cego indefeso no meio do nada. Quando chegarmos a El Paso, vamos

à delegacia’.

“Ele disse: ‘Não, que diabo. Ela já tem problemas suficientes sem a polícia. Ela escolheu a merda — que se vire. É Ivory quem está no meio do nada. Além disso, eu a amo. Uma mulher pode fazer uma coisa dessas para você, e você continua a amá-la.’”

George voltou a se servir de vodca; ela pôs um pequeno pedaço de lenha na lareira, e o novo ímpeto das chamas foi apenas um pouco mais brilhante que o furioso rubor que tomou conta de seu rosto.

“Isso *as mulheres fazem*”, disse ela, o tom de voz agressivo, desafiador. “Só uma pessoa louca... Você acha que eu poderia fazer algo assim?”

A expressão nos olhos dele, um certo silêncio visual, chocou-a e a levou a desviar os olhos, esquecendo a pergunta. “Bem, e o que aconteceu com ele?”

“Com o sr. Schmidt?”

“Com o sr. Schmidt.”

Ele deu de ombros. “A última vez que o vi, estava tomando um copo de leite num restaurante, uma parada de caminhoneiros perto de El Paso. Eu tive sorte; consegui uma carona com um caminhoneiro até Newark. Acabei esquecendo isso. Mas nos últimos meses me peguei pensando em Ivory Hunter e George Schmidt. Deve ser a idade; estou começando a me sentir velho.”

Ela ajoelhou ao lado dele novamente; pegou em sua mão, entrelaçando os dedos aos dele. “Cinqüenta e dois? E se sente *velho*?”

Ele havia se recolhido; quando falou, ouviu-se o murmúrio de divagação de um homem dirigindo-se a si mesmo. “Eu sempre tive tanta segurança. Só de andar na rua, já sentia que tinha tanta *presença*. Podia sentir as pessoas olhando para mim — na rua, num restaurante, numa festa —, me invejando, perguntando quem é aquele sujeito. Sempre que eu entrava numa festa, sabia que poderia ter metade das mulheres do salão se quisesse. Mas isso tudo passou. É como se o velho George Whitelaw tivesse se tornado o homem invisível. Nenhuma cabeça se vira. Liguei para Mimi Stewart duas vezes na semana passada, e ela não me ligou de volta. Não contei a você, mas ontem dei uma passada na casa de Buddy Wilson, ele organizou um coquetel. Devia haver vinte garotas razoavelmente atraentes, e nenhuma me deu bola; para elas, eu era um velho cansado que sorria demais.”

Ela disse: “Mas eu pensei que você ainda estivesse saindo com Christine”.

“Vou lhe contar um segredo. Christine está noiva de Rutherford, aquele rapaz da Filadélfia. Não a vejo desde novembro. Ele é bom para ela; ela está feliz, e eu estou feliz por ela.”

“Christine! Qual dos Rutherford? Kenyon ou Paul?”

“O mais velho.”

“É Kenyon. Você sabia disso e não me contou?”

“Tem tanta coisa que não contei para você, querida.”

Mas aquilo não era inteiramente verdade. Pois, quando pararam de dormir juntos, eles começaram a discutir juntos os casos dele — na verdade, a colaborar em cada um dos casos dele. Alice Kent: cinco meses; terminou porque ela exigia que ele se divorciasse e casasse com ela. Sister Jones: terminou depois de um ano, quando o marido dela descobriu tudo. Pat Simpson: uma modelo da *Vogue* que foi para Hollywood, prometeu voltar e nunca voltou. Adele O'Hara: linda, alcoólatra, turbulenta criadora de casos; ele mesmo terminou com ela. Mary Campbell, Mary Chester, Jane Vere-Jones. Outras. E agora Christine.

Algumas, ele mesmo descobrira; a maioria eram “romances” que ela mesma planejava, amigas que havia lhe apresentado, confidentes em quem tinha confiado para proporcionar a ele uma válvula de escape, mas sem passar do limite.

“Bom”, suspirou ela. “Acho que não podemos culpar Christine. Kenyon Rutherford é um excelente partido.” No entanto, sua mente estava trabalhando, em processo de busca, como as chamas que tremiam em meio à lenha: um nome para preencher o vácuo. Alice Combs: disponível, mas muito burra. Charlotte Finch: rica demais, e George se sentia emasculado por mulheres — ou homens, também — mais ricas que ele. Talvez a mulher de Ellison? A elegante sra. Harold Ellison, que estava no Haiti arranjando um divórcio rápido...

Ele disse: “Pare de franzir a testa”.

“Não estou franzindo a testa.”

“Isso só significa mais silicone, mais contas de Orentreich. Eu prefiro ver as rugas humanas. Não importa de quem é a culpa. Todos nós, às vezes, deixamos o outro lá fora, sob o céu, e nunca entendemos por quê.”

Um eco, cavernas ressoando: Jaime Sánchez e Carlos e Angelita; Hulga e Freddy Feo e Ivory Hunter e o sr. Schmidt; o dr. Bentsen e George, George e ela, o dr. Bentsen e Mary Rhinelander...

Ele aplicou uma leve pressão nos dedos entrelaçados, e, com a outra mão, ergueu-lhe o queixo e insistiu no encontro de seus olhos. Puxou a mão dela para os lábios e beijou-lhe a palma.

“Eu te amo, Sarah.”

“Eu também te amo.”

Mas o toque dos lábios dele, a ameaça insinuada, deixou-a tensa. Lá embaixo, ela ouviu o ruído da prata sobre as bandejas: Anna e Margaret estavam subindo com a ceia.

“Eu também te amo”, repetiu ela, fingindo sonolência, e com uma languidez dissimulada foi fechar as cortinas da janela. Fechadas as cortinas, a seda pesada escondeu o rio à noite e os barcos iluminados, cobertos de tal forma pela névoa que estavam silenciosos como o desenho num pergaminho japonês de

uma noite de inverno.

“George?” Um apelo urgente antes que as criadas irlandesas chegassem com a ceia, equilibrando com perícia suas oferendas: “*Por favor*, querido. Nós vamos pensar em alguém”.

[1975]

*Tradução de Alvaro Hattnher*

Primeiro, um breve prólogo autobiográfico. Minha mãe, que era excepcionalmente inteligente, era a moça mais bonita do Alabama. Todo mundo dizia isso, e era verdade; e, quando estava com dezesseis anos, casou com um negociante de vinte e oito que pertencia a uma boa família de Nova Orleans. O casamento durou um ano. Minha mãe era jovem demais para ser mãe ou esposa; também era ambiciosa demais — queria ir para a faculdade e ter uma profissão. Assim, deixou o marido; e, quanto ao que fazer comigo, entregou-me aos cuidados de sua vasta família do Alabama.

Ao longo dos anos, raramente vi meus pais. Meu pai estava ocupado em Nova Orleans, e minha mãe, depois de se formar na faculdade, foi perseguir o sucesso em Nova York. Para mim, não era uma situação desagradável. Eu era feliz onde estava. Tinha muitos parentes amorosos, tios e tias e primos, em especial uma prima, uma velha de cabelo branco, ligeiramente entrevada, chamada Sook Srta. Sook Faulk. Eu tinha outros amigos, mas ela era, de longe, minha melhor amiga.

Foi Sook quem me falou do Papai Noel, de sua barba esvoaçante, sua roupa vermelha, seu trenó tilintante, cheio de presentes, e eu acreditava nela, assim como acreditava que tudo era vontade de Deus, ou do Senhor, como Sook sempre O chamava. Se eu dava um tropeção, ou caía do cavalo, ou pescava no riacho um peixe alentado — bom ou mau, tudo era vontade do Senhor. E foi o que Sook disse quando recebeu a assustadora notícia de Nova Orleans: meu pai queria que eu fosse passar o Natal com ele.

Chorei. Não queria ir. Nunca havia deixado aquela remota cidadezinha do Alabama, cercada de florestas e fazendas e rios. Nunca dormi sem Sook passando os dedos por meu cabelo e dando-me um beijo de boa-noite. E, além do mais, eu tinha medo de estranhos, e meu pai era um estranho. Eu o tinha visto várias vezes, porém a lembrança era vaga; eu não fazia idéia de como ele era. Mas, como Sook disse: “É a vontade do Senhor. E quem sabe, Buddy, pode ser que você veja neve”.

Neve! Até eu aprender a ler, Sook leu muitas histórias para mim, e parecia que em quase todas havia muita neve. Flocos de contos de fadas, flutuando no vento, deslumbrantes. Era algo com que eu sonhava; algo mágico e misterioso



que eu queria ver e sentir e tocar. Naturalmente nunca vi, Sook tampouco; como haveríamos de ver, morando num lugar quente como o Alabama? Não sei por que ela pensou que eu veria neve em Nova Orleans, pois Nova Orleans é mais quente ainda. Não importa. Ela só estava tentando me encorajar a fazer a viagem.

Ganhei um terno novo. Tinha um cartão preso na lapela com meu nome e endereço. Para o caso de me perder. Sabe, eu ia viajar sozinho. De ônibus. Bom, todo mundo achava que eu ficaria seguro com a etiqueta. Todo mundo, menos eu. Eu estava morrendo de medo; e furioso. Furioso com meu pai, aquele estranho que estava me obrigando a deixar minha casa e me afastar de Sook na época do Natal.

Era um trajeto de seiscentos e quarenta quilômetros, algo assim. A primeira parada era em Mobile. Fiz baldeação lá e rodei sem parar em meio a terras alagadiças e ao longo do litoral até chegar a uma cidade barulhenta, repleta de bondes e de gente perigosa com cara de estrangeiro.

Era Nova Orleans.

E de repente, quando descí do ônibus, um homem me tomou nos braços, me tirou o fôlego; e ria, e chorava — um homem alto, bonito, rindo e chorando. E perguntou: “Não está me conhecendo? Não está conhecendo o seu papai?”

Perdi a fala. Não disse uma palavra até que, já no táxi, finalmente perguntei: “Onde é?”

“A nossa casa? Não é longe...”

“Não a casa. A neve.”

“Que neve?”

“Eu achei que tinha um monte de neve.”

Ele me olhou de um jeito esquisito, mas riu. “Nunca nevou em Nova Orleans. Não que eu saiba. Mas escute. Está ouvindo esse trovão? Com certeza vai chover!”

Não sei o que me assustou mais, o trovão, os ziguezagues sibilantes que se sucederam — ou meu pai. Nessa noite, quando me deitei, ainda chovia. Fiz minhas orações e rezei para logo estar em casa, com Sook. Não sei como conseguiria pegar no sono, sem Sook para me dar o beijo de boa-noite. O fato é que não consegui dormir, então comeci a imaginar o que o Papai Noel haveria de me trazer. Eu queria uma faca com cabo de madrepérola. E uma vasta coleção de quebra-cabeças. Um chapéu de caubói com laço combinando. E uma espingarda de chumbinho para matar pardal. (Anos depois, quando realmente ganhei uma espingarda de chumbinho, matei um tordo-dos-remédios e uma codorniz e não vou esquecer nunca o remorso que senti, a dor; nunca mais matei, e cada peixe que pesco jogo de novo na água.) E eu queria uma caixa de creions. E, principalmente, um rádio, mas sabia que era impossível: eu não conhecia dez pessoas que tivessem rádio. Lembre, era a Depressão, e no Sul eram raras as

casas com rádio ou geladeira.

Meu pai tinha os dois. Parece que tinha tudo — inclusive uma baratinha, para não falar numa casinha no bairro francês, linda, antiga, cor-de-rosa, com sacadas de ferro rendilhado e um jardim secreto nos fundos, pintalgado de flores e refrescado por uma fonte em forma de sereia. Também tinha uma meia dúzia, eu diria uma dúzia inteira, de amigas. Como minha mãe, ele não se casou novamente; mas ambos tinham admiradores decididos e, querendo ou não, acabaram tomando o caminho do altar — na verdade, meu pai o tomou seis vezes.

Portanto, você já percebeu que ele tinha lá seu encanto; e, de fato, parecia encantar a maioria das pessoas — todo mundo, menos eu. Isso porque me constrangia demais, sempre me arrastando para conhecer seus amigos, todo mundo, do banqueiro ao barbeiro que o barbeava diariamente. E, claro, todas as suas amigas. E a pior parte: ele me abraçava e me beijava e se gabava de mim o tempo todo. Eu ficava com muita vergonha. Para começo de conversa, não havia de que se gabar. Eu era um autêntico interiorano. Acreditava em Jesus e rezava fielmente. Sabia que o Papai Noel existia. E em casa, no Alabama, nunca usava sapato, a não ser para ir à igreja; inverno ou verão.

Era pura tortura ser arrastado pelas ruas de Nova Orleans naqueles sapatos amarrados firmemente, quentes como o inferno, pesados como chumbo. Não sei o que era pior — os sapatos ou a comida. Em casa, eu estava acostumado com frango frito e couve e feijão-manteiga e broa de milho e outras coisas reconfortantes. Mas aqueles restaurantes de Nova Orleans! Jamais vou esquecer minha primeira ostra, foi como um sonho ruim escorregando goela abaixo; décadas se passaram até eu engolir outra. Quanto a toda aquela condimentada culinária crioula — só de pensar me dava azia. Não, senhor, eu suspirava por biscoitos tirados do forno e leite fresco da vaca e melaço caseiro direto do tacho.

Meu pobre pai não tinha idéia de meu sofrimento, em parte porque eu nunca o demonstrei, com certeza nunca lhe contei; e em parte porque, apesar do protesto de minha mãe, ele obtivera minha custódia legal para aquele feriado de Natal.

Ele dizia: “Fala a verdade. Você não quer vir morar comigo, aqui, em Nova Orleans?”.

“Não posso.”

“Como assim, não pode?”

“Eu sinto falta da Sook. Sinto falta da Queenie; a gente tem uma terrierzinha rateira, uma coisinha engraçada. Mas nós dois a amamos.”

Ele perguntou: “Você não me ama?”.

Eu respondi: “Sim”. Mas a verdade era que, com exceção de Sook e Queenie e uns poucos primos e um retrato de minha linda mãe ao lado de minha cama, eu não tinha nenhuma idéia real do que significava amar.

Logo descobri. Na véspera do Natal, caminhávamos pela rua Canal, e de repente parei, mesmerizado por um objeto mágico que avistei na vitrine de uma grande loja de brinquedos. Era um avião de tamanho suficiente para eu sentar dentro dele e pedalar, como na bicicleta. Era verde e tinha um propulsor vermelho. Eu estava convencido de que, pedalando bem rápido, poderia decolar e voar! Não seria fantástico? Imaginei meus primos, plantados no chão, enquanto eu voava por entre as nuvens. O avião verde, eles verdes de inveja: haja verde! E ri; e ri, e ri. Foi a primeira coisa que fiz que deixou meu pai com um ar confiante, embora ele não soubesse o que eu achava tão engraçado.

Nessa noite, rezei para o Papai Noel me trazer o avião.

Meu pai já tinha comprado uma árvore de Natal, e passamos um tempão numa loja de artigos populares, comprando uma porção de coisas para enfeitá-la. Então cometi um erro. Pus um retrato de minha mãe embaixo da árvore. Assim que o viu, meu pai ficou branco e se pôs a tremer. Eu não sabia o que fazer. Mas ele sabia. Foi até um armário e tirou um copo alto e uma garrafa. Reconheci a garrafa, porque todos os meus tios do Alabama tinham muitas iguazinhas àquela. Driblando a Lei Seca. Ele encheu o copo alto e bebeu praticamente de um só fôlego. Depois, foi como se o retrato desaparecesse.

E assim aguardei a noite de Natal e o advento, sempre empolgante, do gordo Papai Noel. É óbvio que eu nunca tinha visto um gigante pesado, tilintante, barrigudo despencar chaminé abaixo e alegremente distribuir suas dádivas sob uma árvore de Natal. Meu primo Billy Bob, que era um tampinha enfezado, com um punho de ferro no lugar do cérebro, disse que era um monte de besteiras, que tal criatura não existia.

“Claro que não!”, assegurou. “Quem acredita em Papai Noel também acha que mula é cavalo.” Essa discussão ocorreu na pracinha do tribunal. Rebatí: *“O Papai Noel existe, porque o que ele faz é a vontade do Senhor, e tudo o que é a vontade do Senhor é a verdade”*. E Billy Bob, cuspidando no chão, afastou-se: *“Parece que a gente arrumou mais um pregador”*.

Sempre jurei que nunca dormiria na véspera do Natal, eu queria ouvir a dança saltitante das renas no telhado e estar bem ali, ao pé da chaminé, para apertar a mão do Papai Noel. E, nessa véspera de Natal em especial, parecia-me que nada seria mais fácil que ficar acordado.

A casa de meu pai tinha três andares e sete cômodos, alguns deles imensos, sobretudo os três que davam para o jardim dos fundos: uma sala de visitas, uma sala de jantar e uma sala “musical”, para quem gostava de dança e carteadado. Os dois andares superiores tinham sacadas de ferro rendilhado, verde-escuro, em cujos meandros delicadamente se entrelaçavam buganvílias e ondulantes orquídeas-aranhas escarlates — uma trepadeira que lembra lagartos agitando suas línguas vermelhas. Era o tipo de casa que melhor se revelava nos assoalhos reluzentes e num vime aqui, num veludo lá. Podia ser confundida com

a casa de um homem rico, mas era o lar de um homem faminto de elegância. Como ele conseguia satisfazer essa fome era um mistério para um menino pobre (mas feliz) e descalço do Alabama.

Contudo, não era mistério para minha mãe, que, tendo se formado na faculdade, usava todos os seus encantos sulinos para encontrar em Nova York um noivo realmente adequado, que pudesse lhe dar apartamentos na Sutton Place<sup>1</sup> e casacos de zibelina. Não, ela sabia dos recursos de meu pai, embora só fosse tocar no assunto anos mais tarde, muito depois de adquirir cordões de pérolas para resplender no pescoço envolto em zibelina.

Ela foi me visitar num internato esnobe da Nova Inglaterra (onde seu rico e generoso marido custeava meus estudos) e, furiosa com alguma coisa que eu disse, gritou: “Então, você não sabe como é que ele vive tão bem? Como é que ele freta iates e faz cruzeiros pelas ilhas gregas? *As esposas!* Pense em toda a longa fila delas. Todas viúvas. Todas ricas. *Muito* ricas. E todas muito mais velhas que ele. Velhas demais para casar com qualquer rapaz em seu juízo perfeito. É por isso que você é o único filho dele. E é por isso que eu nunca mais vou ter outro filho... Eu era jovem demais para ter filhos, mas ele era uma besta, ele me destruiu, me arruinou...”

*Apenas um gigolô, em todo lugar aonde eu vou, as pessoas param e olham para mim... Lua, lua sobre Miami... Este é meu primeiro caso, por favor, seja bondosa... Ei, moço, pode me dar dez centavos?... Apenas um gigolô, em todo lugar aonde eu vou, as pessoas param e olham para mim...*

Enquanto ela falava (e eu tentava não ouvir, porque, ao declarar que meu nascimento a destruiria, ela estava destruindo *a mim*), essas músicas, ou músicas parecidas, me passavam pela cabeça. Ajudavam-me a não escutá-la e me lembravam da festa estranha e inesquecível que meu pai organizou em Nova Orleans naquela véspera de Natal.

O quintal estava repleto de velas, bem como os três cômodos que davam para o jardim dos fundos. A maioria dos convidados se reuniu na sala de visitas, onde o fogo suave da lareira fazia a árvore de Natal cintilar; muitos, porém, dançavam na sala de música e no quintal ao som de uma vitrola de corda. Tendo sido apresentado aos convidados e muito enaltecido, recebi ordem de subir; no entanto, do terraço de meu quarto pude observar toda a festa, ver todos os pares dançando. Vi meu pai valsar com uma dama graciosa ao redor do tanque que cercava a fonte de sereia. Ela *era* graciosa e usava um vaporoso vestido prateado que brilhava à luz das velas; mas era velha — no mínimo dez anos mais velha que meu pai, que estava então com trinta e cinco.

De repente me dei conta de que meu pai era, de longe, a pessoa mais jovem de sua festa. Nenhuma das senhoras, por encantadora que fosse, era mais jovem que a esguia valsista no esvoaçante vestido prateado. A mesma coisa se repetia com os homens, muitos dos quais fumavam havanas de cheiro adocicado;

mais da metade tinha idade suficiente para ser pai de meu pai.

Então eu vi uma coisa que me fez pestanejar. Meu pai e sua ágil parceira tinham dançado até um nicho sombreado por orquídeas-aranhas escarlates; e estavam se abraçando, se beijando. Fiquei tão perplexo, fiquei tão *irado*, que corri para o quarto, pulei na cama e puxei as cobertas até a cabeça. O que meu pai, bonito, jovem, haveria de querer com uma velha daquelas! E por que toda aquela gente que estava lá embaixo não ia embora, para que o Papai Noel pudesse vir? Permaneci acordado durante horas, ouvindo-os partir, e, quando meu pai disse adeus pela última vez, escutei-o subir a escada e abrir minha porta para me espiar; mas fingi que estava dormindo.

Aconteceram várias coisas que me mantiveram acordado a noite inteira. Primeiro, os passos, o barulho de meu pai subindo e descendo a escada, respirando pesadamente. Eu tinha de ver o que ele estava fazendo. Assim, me escondi no terraço, entre as buganvílias. Dali eu tinha uma visão completa da sala de visitas e da árvore de Natal e da lareira, onde ainda ardia um fogo pálido. Além do mais, eu podia ver meu pai. Ele engatinhava embaixo da árvore, arranjando uma pirâmide de pacotes. Embrulhados em papel púrpura, e vermelho e dourado e branco e azul, farfalhavam quando ele os manuseava. Fiquei zozno, pois o que vi me obrigava a reconsiderar tudo. Se aqueles presentes eram para mim, então obviamente não foram encomendados pelo Senhor e entregues pelo Papai Noel; não, eram presentes comprados e embrulhados por meu pai. O que significava que meu terrível priminho Billy Bob e outros garotos terríveis como ele não mentiram quando riram de mim e disseram que o Papai Noel não existia. O pior pensamento foi: será que Sook sabia a verdade e mentiu para mim? Não, Sook nunca mentiria para mim. Ela *acreditava*. Só que — bom, embora ela tivesse sessenta e tantos anos, em alguns aspectos era no mínimo tão criança quanto eu.

Fiquei olhando até meu pai terminar seus afazeres e apagar as poucas velas que ainda ardiam. Esperei até ter certeza de que ele estava na cama e dormia profundamente. Então desci para a sala de visitas, que ainda recendia a gardênia e Havana.

Sentei lá, pensando: agora eu vou ter de contar a verdade para Sook. Uma raiva, uma estranha maldade espiralava dentro de mim: não se dirigia a meu pai, embora ele acabasse sendo sua vítima.

Quando amanheceu, examinei os cartões presos nos pacotes. Todos diziam: “Para Buddy”. Todos, menos um, que dizia: “Para Evangeline”. Evangeline era uma velha de cor que tomava Coca-Cola o dia inteiro e pesava uns cento e trinta quilos; ela era a empregada de meu pai — e uma mãe para ele. Decidi abrir os pacotes: era manhã de Natal, eu estava acordado, por que não? Não vou me dar o trabalho de descrever o que continham: só camisas e suéteres e outras chatices desse tipo. A única coisa de que eu gostei foi um vistoso

revólver de espoleta. Imaginei que seria divertido acordar meu pai com uns disparos. E assim fiz. Bang. Bang. Bang.

Ele saiu correndo do quarto, o olhar desvairado.

Bang. Bang. Bang.

“Buddy... que diabos você acha que está fazendo?”

Bang. Bang. Bang.

“Pare com isso!”

Eu ri. “Veja, papai. Veja todas as maravilhas que o Papai Noel trouxe para mim.”

Já calmo, ele entrou na sala e me abraçou. “Você gostou do que o Papai Noel trouxe para você?”

Sorri para ele. Ele sorriu para mim. Houve um longo momento de ternura, que se rompeu quando eu disse: “Gostei. Mas o que é que *você* vai me dar, papai?”. Seu sorriso se evaporou. Os olhos se apertaram, desconfiados — dava para ver que ele achava que eu estava aprontando alguma tramóia. Mas então corou, como que envergonhado de pensar o que pensava. Acariciou-me a cabeça, tossiu e disse: “Bom, eu pretendia esperar e deixar você escolher o que quisesse. Você quer alguma coisa em especial?”

Lembrei-o do avião que vimos na loja de brinquedos da rua Canal. Ele ficou de queixo caído. Ah, sim, lembrava-se do avião e de como era caro. Mesmo assim, no dia seguinte eu estava sentado naquele avião, sonhando que voava para o céu, enquanto meu pai preenchia um cheque para um vendedor feliz. Houve alguma discussão sobre despachar o avião para o Alabama, mas fui inflexível — insisti em levá-lo comigo no ônibus das duas, que eu ia tomar naquela tarde. O vendedor pôs fim ao impasse, ligando para a empresa de ônibus, que declarou que podia cuidar disso facilmente.

Mas eu ainda não estava livre de Nova Orleans. O problema era uma garrafa de prata com bebida clandestina; talvez por causa de minha partida, meu pai passou o dia bebendo; e, no caminho da rodoviária, assustou-me ao agarrar meu pulso e murmurar, a voz rouca: “Eu não vou deixar você ir embora. Não posso deixar você voltar para aquela família maluca naquela casa velha maluca. Veja só o que fizeram com você. Um menino de seis anos, quase sete, falando em Papai Noel! É tudo culpa deles, todas aquelas solteironas azedas com suas Bíblias e suas agulhas de tricô, aqueles tios bêbados. *Escute*, Buddy. Deus não existe! Papai Noel não *existe*”. Ele apertava meu pulso de tal modo que doía. “Às vezes, oh, Deus, eu acho que sua mãe e eu, nós dois, devíamos nos matar por ter deixado isso acontecer...”. (Ele nunca se matou, mas minha mãe sim: enveredou pela rota do Seconal, trinta anos atrás.) “Me dê um beijo. Por favor. Por favor. Me dê um beijo. Diga para o seu papai que você o ama.” Mas eu não pude falar. Estava com muito medo de perder o ônibus. E estava preocupado com o avião, amarrado em cima do táxi. “Diga: ‘eu te amo’. Diga. Por favor. Buddy. Diga.”

Sorte minha que o taxista era um homem de bom coração. Porque, se não fosse a ajuda dele, e a ajuda de uns carregadores eficientes e de um policial amável, não sei o que teria acontecido quando chegamos à rodoviária. Meu pai tremia tanto que mal conseguia andar, porém o policial conversou com ele, acalmou-o, ajudou-o a se aprumar, e o taxista prometeu levá-lo para casa são e salvo. Mas meu pai só foi embora depois de ver os carregadores me colocarem no ônibus.

Uma vez no ônibus, afundei na poltrona e fechei os olhos. Senti uma dor esquisitíssima. Uma dor esmagadora, presente em toda parte. Pensei que, se tirasse meus pesados sapatos urbanos, aqueles monstros cruciantes, o sofrimento diminuiria. Tirei-os, mas a dor misteriosa não me deixou. De certo modo, nunca deixou; nunca deixará.

Doze horas depois, eu estava em casa, na cama. O quarto estava escuro. À minha cabeceira, Sook se balançava numa cadeira de balanço, produzindo um ruído tão tranquilizador quanto as ondas do mar. Eu tentara lhe contar tudo o que havia acontecido, e só parei quando fiquei rouco como um cão ululante. Ela passou os dedos por meu cabelo e explicou: “Claro que o Papai Noel existe. Só que uma única pessoa não poderia fazer tudo o que ele tem para fazer. Então o Senhor dividiu a tarefa entre todos nós. Por isso é que todo mundo é Papai Noel. Eu sou. Você é. Até o seu primo Billy Bob é. Agora durma. Conte estrelas. Pense na coisa mais silenciosa. Como a neve. Pena que você não viu a neve. Mas agora ela está caindo através das estrelas...”. As estrelas cintilavam, a neve rodopiava em minha cabeça; a última coisa que lembrei foi da voz serena do Senhor dizendo-me algo que eu precisava fazer. E no dia seguinte eu fiz. Fui com Sook até o correio e comprei um postal de um centavo. Esse postal existe até hoje. Foi encontrado no cofre de meu pai, quando ele morreu, ano passado. Eis o que escrevi: “Olá pápi espero que você esteja bem eu estou e estou aprendendo a pedalar o meu avião tão rápido que logo vou estar no céu por isso fique de olho aberto e sim eu te amo Buddy”.

[1982]

*Tradução de Hildegard Feist*

Truman Capote nasceu Truman Streckfus Persons, em 30 de setembro de 1924, em Nova Orleans. Seus primeiros anos foram abalados por uma vida familiar instável. Ele foi deixado aos cuidados da família da mãe em Monroeville, no Alabama; o pai foi preso por fraude; os pais se divorciaram e depois travaram uma dura batalha pela guarda de Truman. Por fim, ele se mudou para a cidade de Nova York para viver com a mãe e o segundo marido dela, um homem de negócios cubano cujo sobrenome Truman adotou. O jovem Capote conseguiu um emprego de contínuo na *New Yorker* no começo dos anos 40, mas foi demitido por ofender inadvertidamente Robert Frost. A publicação de suas primeiras histórias na Harper's Bazaar estabeleceu sua reputação literária quando ele tinha vinte e poucos anos, e *Other voices, other rooms* (1948), romance de formação gótico que Capote descreveu como “uma tentativa de exorcizar demônios”, e a novela *The grass harp* (1951), fantasia mais branda enraizada nos anos que ele passou no Alabama, consolidaram sua fama precoce.

Desde o início da carreira Capote se associou a uma ampla gama de escritores e artistas, figuras da alta sociedade e celebridades internacionais, ganhando atenção freqüente da mídia em virtude de sua vida social exuberante. Reuniu suas histórias em *A tree of night* [A árvore da noite] (1949) e publicou a novela *Bonequinha de luxo* (1958), mas dedicou cada vez mais suas energias ao palco — adaptou *The grass harp* e escreveu o musical *House of flowers* (1954) — e ao jornalismo, cujos primeiros exemplos foram “Cor local” (1950) e “As musas são ouvidas” (1956). Também fez uma investida no cinema para escrever o roteiro de *O diabo riu por último* (1954), de John Huston.

O interesse de Capote no assassinato de uma família no Kansas levou-o a uma prolongada investigação que forneceu a base para *A sangue frio* (1966), seu livro mais aclamado e de maior sucesso. Ao “tratar um acontecimento real com técnicas ficcionais”, Capote pretendia criar uma nova síntese: algo que fosse ao mesmo tempo “imaculadamente factual” e uma obra de arte. Por mais que seu gênero estivesse definido, desde o momento em que começou a aparecer em forma de série na *New Yorker* o livro exerceu um fascínio num público leitor mais amplo, que jamais se sentira atraído pelos escritos de Capote. O divulgadíssimo baile de máscaras no hotel Plaza com que ele celebrou a conclusão de *A sangue frio* foi um acontecimento icônico dos anos 60, e durante



algum tempo Capote foi presença constante na televisão e nas revistas, chegando até a tentar uma atuação no cinema, em *Assassinato por morte*.

Ele trabalhou por muitos anos em *Answered prayers*, romance inacabado que pretendia ser uma destilação de tudo o que observara vivendo entre os ricos e famosos; um excerto da obra publicado na *Esquire* em 1975 deixou estarrecidos muitos dos amigos ricos de Capote por revelar segredos íntimos, e ele se viu excluído do mundo que antes dominava. Em seus últimos anos publicou duas coletâneas de ficção e ensaios, *Os cães ladram* (1973) e *Música para camaleões* (1980). Truman Capote morreu em 25 de agosto de 1984, após anos de problemas com drogas e álcool.

Reynolds Price nasceu em Macon, na Carolina do Norte, em 1933. Formado na Universidade Duke e, como pesquisador Rhodes, na Universidade de Merton, Universidade de Oxford, ensina em Duke desde 1958 e é catedrático James B. Duke de inglês. Seu primeiro romance, *A long and happy life* [Uma vida longa e feliz], foi publicado em 1962 e ganhou o William Faulkner Award. Seu sexto romance, *Kate Vaiden*, foi publicado em 1986 e ganhou o National Book Critics Circle Award. *Noble Norfleet* [Nobre Norfleet], seu 12º romance, foi publicado em 2002. No total, ele publicou 32 volumes de ficção, poesia, peças de teatro, ensaios e traduções. Price é membro da Academia Americana de Artes e Letras, e sua obra foi traduzida para dezessete línguas.

*Tradução de Otacílio Nunes Jr.*

## Créditos

- “The walls are cold” [As paredes são frias] © 1943 by Truman Capote
- “A mink of one’s own” [Um vison próprio] © 1944 by Truman Capote
- “The shape of things” [A forma das coisas] © 1944 by Truman Capote
- “Jug of silver” [O jarro de prata] © 1945, 1973 by Truman Capote
- “Miriam” © 1945 by Truman Capote
- “My side of the matter” [Meu lado da questão] © 1945, 1973 by Truman Capote
- “Preacher’s legend” [A lenda do Pregador] © 1945 by Truman Capote
- “A tree of night” [Uma árvore da noite] © 1945, 1973 by Truman Capote
- “The headless hawk” [O falcão sem cabeça] © 1946, 1973 by Truman Capote
- “Shut a final door” [Fechar a última porta] © 1947, 1974 by Truman Capote
- “Children on their birthdays” [Crianças em seus aniversários] © 1948, 1976 by Truman Capote
- “Master Misery” [Senhor Desgraça] © 1949, 1976 by Truman Capote
- “The bargain” [A pechincha] © 2004 by the Truman Capote Literary Trust
- “A diamond guitar” [Um violão de diamantes] © 1950, 1977 by Truman Capote
- “House of flowers” [Uma casa de flores] © 1951, 1979 by Truman Capote
- “A Christmas memory” [Memória de Natal] © by 1956, 1984 by Truman Capote
- “Among the paths to Eden” [Entre os caminhos para o Éden] © 1960 by Truman Capote; © 1988 by Alan U. Schwartz
- “The Thanksgiving visitor” [O convidado do Dia de Ação de Graças] © 1967 by Truman Capote; © 1995 by Alan U. Schwartz
- “Mojave” © 1975 by Truman Capote; © 2003 by Alan U. Schwartz
- “One Christmas” [Um Natal] © 1982, 1983 by Truman Capote

Copyright da compilação © 2004 by Truman Capote Literary Trust  
Copyright da nota biográfica © 1993 by Random House, Inc.  
Copyright da tradução © 2004 by Reynolds Price

*Título original*

The complete stories of Truman Capote

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Arlete Sousa

Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-8086-455-7

*Esta tradução foi publicada mediante acordo com a Random House, um selo da Random House Publishing Group, divisão da Random House, Inc.*

Todos os direitos desta edição reservados à editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

Rosto	3
Sumário	4
Introdução	5
As paredes são frias	11
Um vison próprio	16
A forma das coisas	21
O jarro de prata	25
Miriam	38
Meu lado da questão	49
A lenda do Pregador	58

Uma árvore da noite	69
O falcão sem cabeça	79
Fechar a última porta	100
Crianças em seus aniversários	114
Senhor Desgraça	130
A pechincha	147
Um violão de diamante	153
Uma casa de flores	162
Memória de Natal	173
Entre os caminhos para o Éden	184
O convidado do Dia de	195

Ação de Graças	
Mojave	216
Um Natal	232
Sobre o autor e o organizador	240
Créditos	242